

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

NATHALIA LUIZ DE FREITAS

REGULARIDADES LINGUÍSTICAS, PRAGMÁTICAS E DISCURSIVAS NA INTERPRETAÇÃO DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS POR INDIVÍDUOS COM AFASIA E DOENÇA DE ALZHEIMER

CAMPINAS,
2019

NATHALIA LUIZ DE FREITAS

REGULARIDADES LINGUÍSTICAS, PRAGMÁTICAS E DISCURSIVAS NA INTERPRETAÇÃO DE EXPRESSÕES METAFÓRICAS POR INDIVÍDUOS COM AFASIA E DOENÇA DE ALZHEIMER

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Nathalia Luiz de Freitas e orientada pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato.

CAMPINAS,
2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

F884r

Freitas, Nathália Luiz de, 1985-
Regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas na interpretação de expressões metafóricas por indivíduos com Afasia e Doença de Alzheimer / Nathália Luiz de Freitas. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Edwiges Maria Morato.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Afasia. 2. Alzheimer, Doença de. 3. Metáfora. 4. Provérbios. I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Linguistic, pragmatic and discursive regularities in the interpretation of metaphorical expressions by individuals with Aphasia and Alzheimer disease
Palavras-chave em inglês:
Aphasia
Alzheimer's disease
Metaphor
Proverbs
Área de concentração: Linguística
Titulação: Doutora em Linguística
Banca examinadora:
Edwiges Maria Morato [Orientador]
Augusto Soares da Silva
Paulo Roberto Gonçalves Segundo
Elisandra Villela Gasparetto Sé
Heronides Maurílio de Melo Moura
Data de defesa: 28-08-2019
Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0001-8958-5313
- Currículo Lattes do autor: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visu

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato

Augusto Soares da Silva

Paulo Roberto Gonçalves Segundo

Elisandra Villela Gasparetto Sé

Heronides Maurílio de Melo Moura

IEL/UNICAMP
2019

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

“O conhecimento nos faz responsáveis.”

Che Guevara

AGRADECIMENTOS

À querida professora e estimada orientadora Dra. Edwiges Maria Morato, pelo profissionalismo e humanidade tão típicos. Pela confiança que depositou em mim. Pelo exemplo de pessoa, docente e pesquisadora que tanto me inspiram. Pela diligência e paciência com que conduz as nossas interações acadêmicas. Por me ensinar tanto não só sobre a Linguística e a Neurolinguística, mas sobre a vida. Por ser tolerante com minhas imaturidades científicas. Pelos bate papos que nunca foram furados. Por tudo o que esta tese representa para mim. Merci d'être!

Ao supervisor de estágio doutoral professor Dr. Augusto Soares da Silva, por ter me recebido na Universidade Católica Portuguesa, em Braga, Portugal, para a etapa "sanduíche" do meu doutoramento. Agradeço pela confiança e dedicação com que me acolheu, além das orientações e sugestões para o desenvolvimento deste trabalho. Também sou grata pelo aceite em participar da banca de defesa da tese.

À professora Dra. Anna Christina Bentes, pela prestimosa orientação no trabalho de qualificação de área. Por ser sempre tão atenciosa, gentil e amistosa. Por aceitar participar da banca suplente.

Ao professor Dr. Paulo Roberto Gonçalves Segundo e ao professor Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, pelo aceite em participarem do exame de qualificação e da banca de defesa de tese. Pelas valorosas contribuições apresentadas por ocasião do exame de qualificação.

À professora Dra. Elisandra Villela Gasparetto Sé, por aceitar participar da banca de defesa da tese. Pelas muitas ideias trocadas e trabalhos feitos conjuntamente durante o meu doutoramento.

Ao professor Dr. Erik Fernando Miletta Martins e à professora Dra. Maity Simone Guerreiro Siqueira, pelo aceite em participarem da banca suplente.

Aos funcionários do IEL, em especial, Cláudio, Miguel e Rose, pelo suporte e atendimento impecáveis.

Ao IFSULDEMINAS *campus* Poços de Caldas, pela concessão do afastamento integral de minhas atividades docentes.

Aos participantes da pesquisa MN, LM, MR, DG, MC, MF, AB, MT, RP e BN.

Aos colegas dos grupos de pesquisa Cogites (Cognição, Interação e Significação) e Margens (Práticas de linguagem(ns), confluências de culturas), pela compartilha.

Aos companheiros do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), pela interação e aprendizagem.

À sub-regional Campinas/SP da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz), pelo acolhimento e participação de suas reuniões.

A Rafahel, Natália, Rafaely, Cláudio e Íria, pela amizade e companheirismo.

À minha família. Ao meu pai e à minha avó Rose, pelos cuidados e encorajamentos às suas maneiras. Aos manos Patrícia, José e Jeff, por insistirem e por estarem sempre comigo. Ao meu Thomas, pelo amor.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar e investigar quais são e como atuam as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas envolvidas no cálculo metafórico realizado para interpretar a metaforicidade em expressões metafóricas por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer. Temos por base uma perspectiva teórico-metodológica sociocognitiva de cunho interacionista (MORATO, 1996; 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011) e a concepção de que a metaforicidade, fundamental à cognição (LAKOFF; JOHNSON, 1980), é linguística, sociocognitiva e pragmática, emergindo no discurso, em situações de interação, nas quais a interpretação é negociada e construída conjuntamente pelos falantes (CAMERON, 2007). O *corpus* é constituído pela transcrição de trechos relativos aos procedimentos de i) explicações de sentidos e ii) indicação de situações de uso de provérbios, idiomáticos e metáforas, constantes no Protocolo de Expressões Metafóricas, fornecidas por pessoas com afasia, Doença de Alzheimer e por participantes sem comprometimento neuropsicolinguístico, que constituem o grupo Controle. As análises desenvolvidas são qualitativas e comparativas, considerando variáveis que abrangem: i) as configurações linguístico-cognitivas das expressões e os procedimentos que constituem o Protocolo; ii) as respostas interpretativas atribuídas pelos participantes ao Protocolo; e iii) as características bem como especificidades das interações desenvolvidas entre a pesquisadora e os indivíduos nas entrevistas. Os nossos resultados sugerem a emergência de regularidades quanto às expressões metafóricas que compõem o Protocolo – grau de idiomaticidade, grau de metaforicidade, ambiguidade/não ambiguidade, explicitude/implicitude do tópico e veículo, grau de transparência e nível de composicionalidade – e com relação às respostas atribuídas pelos participantes – familiaridade, contexto, formulaicidade, co-construção de significados, processos inferenciais e processos meta. Essas regularidades atuam com ênfases variadas nos diferentes tipos de expressões metafóricas e quanto ao desempenho interpretativo dos participantes dos grupos. Embora o grupo Controle tenha fornecido um maior número de respostas centralmente relevantes às expressões metafóricas do que os grupos clínicos, os nossos dados indicam que as alterações metalinguísticas que incidem sobre as afasias e as instabilidades neurocognitivas que caracterizam a Doença de Alzheimer não impossibilitam o funcionamento dos diversos processos linguísticos, pragmáticos e discursivos atinentes à interpretação metafórica.

ABSTRACT

This research aims to identify and investigate what are and how operate the linguistic, pragmatic and discursive regularities involved in the metaphorical calculation performed to interpret metaphoric expressions by aphasics and people with Alzheimer's disease. We are based on a socio-cognitive theoretical-methodological perspective of order interactionist (MORATO, 1996; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011) and the conception that metaphoricity, fundamental to cognition (LAKOFF, JOHNSON, 1980), is linguistic, sociocognitive and pragmatic, emerging in discourse, in situations of interaction, in which interpretation is negotiated and constructed jointly by the speakers (CAMERON, 2007). The corpus is constituted by the transcription of excerpts related to the procedures of i) explanations of meanings and ii) indication of use situations of proverbs, idioms and metaphors, included in the Protocol of Metaphorical Expressions, provided by people with aphasia, Alzheimer's disease and participants without neuropsycholinguistic impairment, who constitute the Control group. The analyzes developed are qualitative and comparative, considering variables that include: i) the linguistic-cognitive configurations of the expressions and procedures that constitute the Protocol; (ii) the interpretative responses given by participants to the Protocol; and iii) the characteristics as well as specificities of the interactions developed between the researcher and the individuals in the interviews. Our results suggest the emergence of regularities regarding the metaphorical expressions that make up the Protocol – degree of idiomaticity, degree of metaphoricity, ambiguity /nonambiguity, explicitness /clarity of the topic and vehicle, degree of transparency and level of compositionality – and with respect to the answers attributed to the participants - familiarity, context, formulaicity, co-construction of meanings, inferential processes and meta processes. These regularities act with varying emphases on the different types of metaphorical expressions and on the interpretative performance of the participants of the groups. Although the Control group provided a greater number of centrally relevant responses to metaphorical expressions than the clinical groups, our data indicate that the metalinguistic alterations that affect aphasia and the neurocognitive instabilities that characterize Alzheimer's disease do not prevent the functioning of the linguistic, pragmatic and discursive processes related to the metaphorical interpretation.

RÉSUMÉ

Cette recherche vise à identifier et à étudier ce que sont et comment fonctionnent les régularités linguistiques, pragmatiques et discursives impliquées dans le calcul métaphorique des interpretations des expressions métaphoriques par des aphasiques et des personnes atteintes de la maladie d'Alzheimer. Nous avons pour base une perspective théorique et méthodologique sociocognitive et interactionniste (MORATO, 1996; 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011) et une conception selon laquelle la métaphoricité, fondamentale pour la cognition (LAKOFF, JOHNSON, 1980), est linguistique, sociocognitive et pragmatique, émergeant dans le discours dans des situations d'interaction dans lesquels l'interprétation est négociée et construite conjointement par les orateurs (CAMERON, 2007). Le corpus est constitué par la transcription d'extraits liés aux procédures de i) explications de significations et ii) d'indications de situations d'utilisation de proverbes, idiomes et métaphores inclus dans le Protocole d'Expressions Métaphoriques; ces indications sont fournies par des aphasiques, des personnes atteintes de la maladie d'Alzheimer et participants sans altération neuropsycholinguistique, qui constituent le groupe témoin. Les analyses développées sont qualitatives et comparatives, en tenant compte de variables telles que: i) les configurations linguistiques et cognitives des expressions et procédures constituant le protocole; ii) les réponses interprétatives données par les participants au Protocole; et iii) les caractéristiques ainsi que les spécificités des interactions développées entre le chercheur et les personnes interrogées. Nos résultats suggèrent l'émergence des régularités concernant les expressions métaphoriques composant le Protocole – niveau de idiomaticité, niveau de métaphoricité, ambiguïté / non ambiguïté, caractère explicite du sujet et du véhicule, niveau de transparence et niveau de compositionnalité – et en ce qui concerne les réponses attribuées par les participants – familiarité, contexte, formularité, co-construction de significations, processus inférentiels et méta-processus. Ces régularités agissent avec une importance variable sur les différents types d'expressions métaphoriques et sur les performances interprétatives des participants des groupes. Bien que le groupe témoin ait fourni un plus grand nombre de réponses centralemente pertinentes aux expressions métaphoriques que les groupes cliniques, nos données indiquent que les changements métalinguistiques qui affectent l'aphasie et les instabilités neurocognitives qui caractérisent la maladie d'Alzheimer n'empêchent pas le fonctionnement des divers processus linguistiques, pragmatiques et discursifs liés à l'interprétation métaphorique.

Lista de Quadros

Quadro 1: Versão Final do Protocolo de Expressões Metafóricas.....118
Quadro 2: Expectativa de interpretação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo.....121
Quadro 3: Dados sociodemográficos dos participantes que constituem os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado.....142
Quadro 4: Dados sociodemográficos dos participantes que constituem o grupo Afasia.....143
Quadro 5: Dados sociodemográficos dos participantes que constituem o grupo Controle.....143
Quadro 6: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com o seu grau de metaforicidade.....153
Quadro 7: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com a explicitude/implicitude de seus tópicos e veículos.....155
Quadro 8: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com a sua configuração metafórica – corporificada/cultural.....158
Quadro 9: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com a ambiguidade/não-ambiguidade presente em sua configuração.....160
Quadro 10: Classificação dos idiomáticos que constituem o Protocolo de acordo com o seu grau de transparência.....162
Quadro 11: Desempenho interpretativo geral dos participantes do grupo Controle de acordo com expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....177
Quadro 12: Desempenho interpretativo geral dos participantes dos grupos clínicos de acordo com expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....181
Quadro 13: Desempenho interpretativo geral dos grupos clínicos de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....189
Quadro 14: Desempenho interpretativo geral do grupo Controle de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....192
Quadro 15: Comparativo do desempenho interpretativo geral do grupo Doença de Alzheimer estágio leve de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....193
Quadro 16: Comparativo do desempenho interpretativo geral do grupo Doença de Alzheimer estágio moderado de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....194
Quadro 17: Comparativo do desempenho interpretativo geral do grupo Afasia de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.....195

Quadro 18: Comparativo do desempenho interpretativo geral dos grupos clínicos e do grupo Controle de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....197
Quadro 19: Comparativo do desempenho interpretativo geral dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....198
Quadro 20: Síntese comparativa do desempenho interpretativo geral dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....203
Quadro 21: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões metafóricas com e sem metonímias de acordo com os procedimentos do Protocolo.....205
Quadro 22: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões mais metafóricas de acordo com os tipos de expressão e procedimentos do Protocolo.....207
Quadro 23: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões menos metafóricas de acordo com os tipos de expressão e procedimentos do Protocolo.....209
Quadro 24: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões mais metafóricas e menos metafóricas de acordo com os tipos de expressão e procedimentos do Protocolo.....211
Quadro 25: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões com tópicos e veículos explícitos de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....215
Quadro 26: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões com tópicos implícitos e veículos explícitos de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....217
Quadro 27: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões com tópicos e veículos explícitos e nas expressões com tópicos implícitos e veículos explícitos de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....219
Quadro 28: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões constituídas predominantemente por metáforas corporificadas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....222

Quadro 29: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões constituídas predominantemente por metáforas culturais de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....224
Quadro 30: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões constituídas predominantemente por metáforas corporificadas e nas expressões constituídas predominantemente por metáforas culturais de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....226
Quadro 31: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões não-ambíguas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....229
Quadro 32: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões ambíguas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....231
Quadro 33: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões não-ambíguas e nas expressões ambíguas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.....232
Quadro 34: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nos idiomáticos mais transparentes de acordo com os procedimentos do Protocolo.....234
Quadro 35: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nos idiomáticos menos transparentes de acordo com os procedimentos do Protocolo.....236
Quadro 36: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nos idiomáticos menos transparentes e nos idiomáticos mais transparentes de acordo com os procedimentos do Protocolo.....237
Quadro 37: Exemplares dos processos linguístico-discursivos presentes nas respostas dos participantes de acordo com o procedimento do Protocolo.....245

Sumário

Introdução.....19

0.1. Apresentação do problema teórico.....19

0.2. Objetivos e justificativa.....22

0.3. Pressupostos e hipóteses teórica e empírica.....24

0.4. Estrutura da tese.....27

CAPÍTULO 1: O Fenômeno metafórico.....27

1.1. Um fenômeno, diferentes perspectivas.....27

1.1.1. Metaforicidade: um fenômeno linguístico.....30

1.1.2. Metaforicidade: um fenômeno cognitivo.....32

1.1.3. Metaforicidade: um fenômeno cognitivo-discursivo.....40

1.1.4. Discussão: metaforicidade como fenômeno sociocognitivo e linguístico.....46

1.2. Aspectos neuropsicológicos da metaforicidade.....48

1.2.1. Notas sobre a relação linguagem/cérebro/cognição.....49

1.2.2. Literal e Figurativo: processamento neurocognitivo do fenômeno metafórico.....52

1.3. Um processo, distintas teses sobre processamento.....54

1.4. Discussão: literalidade como uma metáfora para o processamento linguístico-cognitivo de menor complexidade.....60

CAPÍTULO 2: Expressões metafóricas: metáforas, provérbios e idiomáticos.....62

2.1. Expressões metafóricas.....62

2.1.1. Provérbios.....67

2.1.2. Idiomáticos.....71

2.1.3. Metáforas.....74

2.2. Discussão: a pertinência das configurações linguísticas, conceptuais e pragmáticas para a interpretação das expressões metafóricas.....78

CAPÍTULO 3: A investigação da metaforicidade nas Afasias e na Doença de Alzheimer...……..…….83

3.1. As Afasias, a Doença de Alzheimer e os estudos sobre metaforicidade.....83

3.2. Definição e caracterização das Afasias.....85

3.3. Estudos sobre metaforicidade nas Afasias.....….....91

3.4. Definição e caracterização da Doença de Alzheimer...…….....96

3.5. Estudos sobre metaforicidade na Doença de Alzheimer…….……..104

3.6. A competência meta nas afasias e na Doença de Alzheimer.....108

3.7. Discussão: a dicotomia linguagem/cognição, a metaforicidade e a testagem neuropsicolinguística.....111

CAPÍTULO 4: Metodologia.....113

4.1. Constituição do *corpus* da pesquisa.....115

4.1.1. Constituição do Protocolo de Expressões Metafóricas.....115

4.1.2. Expectativa de Interpretação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo.....119

4.1.3. Seleção e descrição dos participantes.....140

4.1.3.1. Seleção dos participantes.....140

4.1.3.2. Descrição de dados sociodemográficos, atividades sociocognitivas e funcionais, e condições de saúde dos participantes.....141

4.1.3.3. Breve descrição clínica e neurolinguística dos indivíduos afásicos e dos indivíduos com Doença de Alzheimer..……....144

4.1.4. Procedimentos de coleta e transcrição de dados……..……...146

4.1.5. Categorias e procedimentos de análises de dados...……...146

4.1.5.1. Categorias de análises de dados…….…….....147

4.1.5.1.1. Relevância das respostas obtidas.....150

4.1.5.1.2. Grau de metaforicidade das expressões.....151

4.1.5.1.3. Explicitude/Implicitude dos tópicos e dos veículos das expressões.....155

4.1.5.1.4. Configuração metafórica – corporificada/cultural.....157

4.1.5.1.5. Ambiguidade/não-ambiguidade das expressões.....159

4.1.5.1.6. Grau de transparência das expressões.....161

4.1.5.1.7. Plano enunciativo da menção e do uso.....162

4.1.5.1.8. Atuação do interlocutor (pesquisadora).....163

4.1.5.1.9. Estratégias dos participantes.....164

4.1.5.2. Procedimentos de análises de dados.....166

CAPÍTULO 5. Resultados e Análises.....168

5.1. Apresentação e discussão dos dados da pesquisa.....168

5.1.1. Desempenho geral dos participantes de acordo com indivíduo, expressão metafórica e procedimento.....176

5.1.2. Desempenho geral dos participantes de acordo com indivíduo, tipo de expressão metafórica e procedimento.....189

5.1.3. Desempenho geral dos participantes de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento.....191

5.1.4. Desempenho dos participantes considerando o grau de metaforicidade de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento.....206

5.1.5. Desempenho dos participantes considerando a explicitude/implicitude dos tópicos e veículos de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento.....214

5.1.6. Desempenho dos participantes considerando a configuração metafórica – corporificada/cultural – de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento.....221

5.1.7. Desempenho dos participantes considerando a ambiguidade/não ambiguidade das expressões de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento.....228

5.1.8. Desempenho dos participantes considerando o grau de transparência das expressões metafóricas de acordo com grupo e procedimento.....234

5.1.9. Desempenho dos participantes considerando a atuação do interlocutor (a pesquisadora) na interação.....238

5.1.10. Estratégias dos participantes.....244

5.1.10.1. Processos linguístico-discursivos presentes nas respostas.....244

5.1.10.2. Processos de ordem meta presentes nas respostas.....251

5.2. Discussão teórica dos resultados.....264

5.2.1. Desempenho geral dos participantes.....264

5.2.2. Desempenho de acordo com o grau de metaforicidade das expressões metafóricas.....269

5.2.3. Desempenho de acordo com a explicitude/implicitude de tópico e veículo das expressões metafóricas.....273

5.2.4. Desempenho de acordo com a configuração metafórica – corporificada/cultural – das expressões metafóricas.....274

5.2.5. Desempenho de acordo com a ambiguidade/não-ambiguidade das expressões metafóricas.....276

5.2.6. Desempenho de acordo com o grau de transparência das expressões.....278

5.2.7. Desempenho de acordo com a atuação do interlocutor (a pesquisadora).....279

5.2.8. Estratégias usadas pelos participantes.....286

Conclusões.....292

Referências.....312
Anexos.....336

Introdução

0.1. Apresentação do problema teórico

O fenômeno metafórico não é um objeto de estudo novo nas áreas que se dedicam às relações entre linguagem e outras formas de ser da cognição. Sob variadas vertentes teórico-metodológicas, muito já se discutiu e ainda se investiga sobre a metaforicidade, sobretudo, após o advento da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), que a concebe como um mecanismo experiencial, corporificado e social, responsável por boa parte da nossa conceptualização.

Embora as pesquisas sobre a metáfora tenham se expandido, levando ao desdobramento de perspectivas que consideram a linguagem metafórica em uso (por exemplo: CHATERIS-BLACK, 2005; CAMERON, 2007; SEMINO, 2008; VEREZA, 2007; 2012; 2016), uma série de questões ainda se coloca, sustentando a relevância de estudos sobre o fenômeno. A configuração da metaforicidade requer processos de ordem linguística, sociocognitiva, pragmática e discursiva, características estas que a tornam um interessante expediente para compreendermos o funcionamento da linguagem e a sua relação com outros processos cognitivos nas práticas interacionais as mais diversas.

Nessa ótica, o fenômeno metafórico consiste em terreno fértil para a investigação da conceptualização nas afasias e na Doença de Alzheimer, definidas pela literatura neurolinguística tradicional respectivamente como: sequela neurológica que provoca alterações essencialmente (meta)linguísticas, isto é, relativas ao sistema linguístico (JAKOBSON, 1981; LEBRUN, 1983); e neurodegenerescência de caráter fundamentalmente psicológico, (meta)cognitivo, ou seja, não linguístico (HERRERA, 1998; APA, 2013). Tais concepções têm alicerçado a investigação da interpretação de provérbios, idiomáticos e metáforas nesses contextos por perspectivas de natureza conceptualista e psicológica da cognição, cuja base metodológica é o emprego de experimentos sociocognitivamente descontextualizados ou baterias de testes-padrão (MORATO, 2012a).

Em ambas as condições clínicas, a competência de realizar operações de natureza meta, concernente à atividade reflexiva (recursiva, reguladora) que permite aos indivíduos voltarem-se sobre suas ações e processos cognitivos, está no centro das explicações neuropsicológicas para as dificuldades linguístico-cognitivas comumemte apresentadas pelos indivíduos. O que se coloca, então, é que, por diferentes razões, nas afasias e na Doença de Alzheimer, em variados graus e de distintas formas, tais capacidades estariam prejudicadas ou mesmo perdidas.

Ao identificar problemas linguístico-cognitivos de acordo com as sintomatologias dos quadros nosológicos em foco, esse posicionamento suscita duas importantes questões. Primeiro, tal perspectiva minimiza a importância da função reguladora da linguagem (VYGOTSKY, 1987) quanto ao seu papel constitutivo e estruturante em relação a outros processos cognitivos, já que a cognição linguística atua na mediação necessariamente simbólica entre as referências do mundo social e do mundo biológico (MORATO, 1996). Em segundo lugar, essa ótica desconsidera que a metaforicidade é um processo sociocognitivo e discursivo que se configura no uso, de modo a empregar as expressões metafóricas como um mero instrumento avaliativo, representacional, do estado linguístico-cognitivo nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Os estudos que se baseiam em modelos fortemente biomédicos de explicação das doenças, em geral, tratam o fenômeno metafórico nas afasias em termos de metalinguagem *stricto sensu*, então reduzida à função metalinguística, desconsiderando outras propriedades meta que vão para além do sistema linguístico – metaenunciativas, metadiscursivas, metaformulativas, metacomunicativas (MORATO, 2008a; 2012a). Na Doença de Alzheimer, tais pesquisas tomam a metaforicidade em termos de funções neuropsicológicas, metacognitivas – relativas à metaconsciência, metamemória, meta-atenção, metapercepção etc..

Por outro lado, entende-se, a partir de modelos explicativos psicossociais, de ordem socionteracional, que a linguagem e a interação influenciam significativamente o percurso do declínio cognitivo na Doença de Alzheimer (CRUZ, 2008; DIAS, 2012; MORATO, 2008a; 2012a). Do mesmo modo, na semiologia afásica, a linguagem, direta ou indiretamente, concerne a outros processos cognitivos que interatuam na construção do sentido (MORATO et al., 2010; MORATO, 2012a).

Esta pesquisa abrange aspectos referentes às semelhanças e diferenças quanto à interpretação de idiomáticos, provérbios e metáforas nas afasias e na de Doença de Alzheimer. Dadas a complexidade do fenômeno metafórico, as concepções que subjazem à nosologia biomédica das afasias e Doença de Alzheimer e o papel das competências linguísticas e cognitivas nessas condições clínicas, esta pesquisa engloba questões relativas às – ainda vigentes – dicotomias linguagem/cognição, biológico/cultural, literal/figurado, convencional/novo, além de aspectos concernentes a distinções categóricas, como cognição/metacognição e linguagem/metalinguagem.

A partir do estabelecimento de interfaces entre a Neurolinguística, a Linguística Cogntiva e a Semântica, nosso empreendimento aqui consiste em identificar e caracterizar as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas, que – se não determinam – contribuem para a restrição e a saliência de sentidos esperados das expressões metafóricas. Tal investigação tem potencial para contribuir com a compreensão: i) do fenômeno metafórico, especialmente com relação ao papel da linguagem, assim como verificação de semelhanças e diferenças entre as expressões; ii) do envolvimento da linguagem e de outros processos cognitivos nas afasias e na Doença de Alzheimer, com ênfase não só no que estaria comprometido, mas, principalmente, em aspectos preservados ou que se reconfigurariam em situações de uso; e iii) do estatuto e do papel dos processos meta na interpretação metafórica e na configuração linguístico-cognitiva dessas condições.

Assim, as questões que direcionam a pesquisa são: i) a investigação da metaforicidade poderia ser um índice do funcionamento linguístico-cognitivo em pessoas afásicas e em indivíduos com Doença de Alzheimer?; ii) considerando a interpretação metafórica, poderíamos dizer que a afasia é, de fato, um problema essencialmente de ordem (meta)linguística, enquanto a Doença de Alzheimer afeta essencialmente aquilo que é (meta)cognitivo (não linguístico)?; e iii) quais as semelhanças e as diferenças relativas ao processamento da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer?.

Para respondê-las, constituímos o nosso *corpus* a partir da utilização de um protocolo de expressões metafóricas – elaborado e previamente testado pela pesquisadora – em entrevistas realizadas com pessoas afásicas e com Doença de Alzheimer. Baseado em uma perspectiva sociocognitiva interacionista (MORATO, 1996; 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011), o desenho experimental da pesquisa teve

por interesse não apenas eliciar a produção de conteúdos semânticos relativos à significação e aos contextos de uso das construções figurativas, mas também identificar e analisar os processos (meta)enunciativos e discursivos de que os interlocutores lançam mão no decurso interpretativo, com ênfase para as variadas estratégias utilizadas por eles.

Portanto, ainda que empreguemos um instrumento metodológico comum a abordagens biomédicas – um teste de explicação verbal de expressões metafóricas –, o nosso enquadramento epistemológico não está nas atividades de processamento do conhecimento em nível individual. Por outro lado, em consonância ao que assinala Marcuschi (2002), esta pesquisa preocupa-se com as atividades de construção do conhecimento que são levadas a cabo nas interações sociais, em atividades linguísticas situadas, das quais emergem as significações de estruturas conceptuais complexas, como as metáforas. Essas práticas interacionais de co-construção dos sentidos envolvem necessariamente uma série de processos e estratégias linguísticas, discursivas, contextuais e multimodais, que, nas afasias e na Doença de Alzheimer, podem ainda evidenciar alternativas eficientes de contornar as suas dificuldades provenientes dos comprometimentos linguístico-cognitivos.

0.2. Objetivos e Justificativa

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar e investigar quais são e de que formas atuam as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas envolvidas no cálculo metafórico realizado para interpretar a metaforicidade em idiomáticos, provérbios e metáforas por dois indivíduos afásicos, três pessoas com Doença de Alzheimer – duas em fase leve e uma em fase moderada – e três participantes sem comprometimento neurocognitivo e linguístico. De cunho qualitativo e orientado teórica e metodologicamente por uma abordagem sociocognitiva e discursiva, o presente estudo empregou um protocolo de expressões metafóricas para a obtenção dos dados analisados.

Elencamos três fatores que justificam o desenvolvimento desta investigação: i) a relevância científica e social da temática para o campo da Neurolinguística; ii) a

possibilidade de entendimento e cotejo do funcionamento linguístico-cognitivo da conceptualização metafórica em contextos de afasia e de Doença de Alzheimer e em contextos de ausência de comprometimento neurológico; e iii) a potencialidade de compreensão da (inter)atuação de processos linguístico-pragmáticos e sociocognitivos na metaforicidade, de uma maneira geral, e nos três tipos de expressões focalizadas nesta pesquisa, especificamente.

Fator i) Em termos gerais, o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se tanto pela relevância da temática no terreno dos estudos (neuro)linguísticos, em torno da qual várias questões de natureza sociocognitiva ainda se colocam, quanto por sua relevância social, ao abordar aspectos tangentes a duas condições patológicas prevalentes e de grande importância para a saúde pública, dada a sua alta incidência entre as doenças neurológicas e o seu alto índice de estigmatização. Ainda que se trate de um recorte dos fenômenos linguístico-cognitivos desses contextos clínicos, a investigação proposta pode contribuir para o próprio entendimento das dimensões afásicas e da Doença de Alzheimer, de forma direta, e para futuras intervenções terapêuticas de diferentes ordens, indiretamente.

Fator ii) Mesmo que se refiram a contextos etiológicos e nosológicos distintos, as dificuldades de linguagem derivadas da Doença de Alzheimer e das afasias possibilitam entrever uma série de semelhanças semiológicas e modos parecidos de enfrentamento dos problemas linguísticos. Entre as semelhanças semiológicas, podemos listar: dificuldades de acesso e de processamento lexical, parafasias de diversas naturezas, intrusões, alterações gramaticais (estruturais e funcionais), repetições e perserverações, circunlóquios, uso abundante de dêiticos, pausas longas ou hesitações. Tais dificuldades podem ocorrer na presença de alteração de outras funções neuropsicológicas, como as apraxias, as discalculias e as agnosias Entre as formas parecidas de contornar os problemas linguísticos, podemos elencar: reformulações, correções auto e heteroiniciadas, tentativas aproximativas de encontrar palavras ou proceder à atividade referencial, expressiva evocação de semioses não verbais, repetições, pausas etc.. Assim, a comparação mais consistente de dados provenientes da manipulação figurativa na Doença de Alzheimer e nas afasias permite uma inspeção mais profunda sobre a especificidade e a generalidade dos processos de significação construídos por indivíduos com ou sem patologias cognitivas (MORATO, 2008a).

Fator iii) A natureza linguística, sociocognitiva e pragmática da metaforicidade a torna um interessante expediente para compreendermos melhor o funcionamento da linguagem e a sua relação com outras cognições, já que idiomáticos, provérbios e metáforas mobilizam variados processos de diferentes ordens. Tais propriedades são passíveis de auxiliar no entendimento de como a figuratividade é processada nas afasias e Doença de Alzheimer. Portanto, investigar as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas que atuam na interpretação da metaforicidade tem potencial exploratório para contribuir com a compreensão tanto desse fenômeno, quanto do envolvimento da linguagem e de outros processos cognitivos nessas condições clínicas.

0.3. Pressupostos e hipóteses teórica e empírica

A partir de uma perspectiva teórico-metodológica sociocognitiva da linguagem de cunho interacionista (MORATO, 1996; 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011), temos por pressupostos que:

i) a metaforicidade emerge da dinâmica da linguagem e da cognição, sendo, a um só tempo, conceptual e linguística (CAMERON; DEIGNAN, 2006), bem como pragmática (MÜLLER, 2008);

ii) construídas em uma dinâmica funcional, expressões metafóricas se apropriam de relações semânticas já presentes no sistema lexical da língua (MOURA, 2008) e de operações sintáticas possibilitadas por suas construções. Ambos os tipos de propriedades são atualizados nos contextos de uso; e

iii) embora atinentes a etiologias e quadros nosológicos distintos, afasia e Doença de Alzheimer partilham de características linguístico-cognitivas comuns, mas, não idênticas, quanto à interpretação de expressões metafóricas, a qual seria possível, mesmo que diante de dificuldades, evidenciando uma competência pragmático-discursiva ainda existente nessas patologias (MORATO, 2008a);

Partindo desses pressupostos, uma investigação sociocognitiva das regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas que concorrem para a interpretação da metaforicidade em expressões idiomáticas, provérbios e metáforas por

afásicos e por pessoas diagnosticadas com Doença de Alzheimer fornece subsídios para verificarmos as seguintes hipóteses:

Hipóteses teóricas

A tradição semiológica e nosológica caracteriza as alterações linguístico-cognitivas relativas às afasias e à Doença de Alzheimer como sendo de ordem essencialmente metalinguística e metacognitiva, respectivamente, tornando dicotômicas as propriedades sociocognitivas típicas dessas condições, de modo que enquanto naquela é o sistema linguístico que está prejudicado, nesta os déficits concernem, em especial, aos circuitos executivos de memória e atenção, além dos níveis de consciência – dicotomia linguagem/cognição.

Nossa hipótese, no entanto, é de que tais propriedades tanto perfazem um *continuum* quanto são inter-relacionadas, de forma que seus constituintes atuam de acordo com uma série de variáveis, tais como: i) qualidade interativa, interesse comunicativo, práticas linguísticas pregressas à condição, bem como conhecimento, contexto, relevância, saliência e significância (em termos de afetividade) informacional. Considerando que a metaforicidade é um fenômeno linguístico, sociocognitivo, pragmático e discursivo, a sua interpretação estará sujeita à atuação desse conjunto de variáveis.

Assim, a díade linguagem/cognição e seus desdobramentos, tais como sistema linguístico/sistema de memória, metalinguagem/metacognição e verbal/não-verbal, definem muito menos as características de linguagem – aspectos alterados e aspectos preservados – nas afasias e na Doença de Alzheimer do que as práticas linguísticas dos indivíduos. Linguagem, memória, atenção, percepção e raciocínio não são domínios cognitivos estanques, mas consistem em formas de ser da cognição que se interconstituem no decurso de diferentes processos semióticos.

Além disso, temos como hipótese que a competência pragmático-discursiva, fundamental para a caracterização semiológica nas afasias e na Doença de Alzheimer, embora possa sofrer algum tipo de alteração, não está perdida. Morato (2008a, p. 172) discorre sobre essa questão ponderando que, em seu percurso sociocognitivo, a função organizadora e mediadora da linguagem exerce papel crucial na "identificação e na reconstituição da metaforicidade", tendo em vista a "emergência, consolidação ou

reorganização de uma competência lingüístico-interacional, sociocognitiva, essencial para o trabalho com e sobre o sentido" nesses dois contexos clínicos.

O problema que se coloca é o estatuto geralmente atribuído às competências concernentes à metacognição e à metalinguagem, então entendidas como faculdades que operam interna e isoladamente, em um nível individual. Entendemos, por outro lado, que a dimensão meta funciona de modo integrado e constitutivo aos domínios linguístico e cognitivo, de maneira que os seus processos fundam-se e se articulam no uso que fazemos dessas cognições, que são sociais.

Hipóteses empíricas

i) Os indivíduos sem comprometimento neurocognitivo e linguístico, que constituem o grupo Controle do estudo, exibem desempenhos interpretativos mais relevantes do que as pessoas com afasia e Doença de Alzheimer em todas as expressões metafóricas e procedimentos do Protocolo.

ii) Embora apresentem similaridades sociocognitivas gerais, afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer apresentam diferenças relacionadas ao trabalho interpretativo requerido pelas expressões metafóricas.

iii) Concebidos como configurações conceptuais, linguísticas e pragmáticas distintas, provérbios, idiomáticos e metáforas direcionam a relevância interpretativa das expressões metafóricas.

iv) A interpretação metafórica pode ser facilitada diante da contextualização de potenciais circunstâncias de usos das expressões.

v) Regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas atuam de forma relativamente heterogênea na interpretação figurativa a depender da configuração das expressões metafóricas e das condições clínicas dos participantes.

0.4. Estrutura da Tese

A tese está organizada em cinco capítulos, seguidos pelas conclusões, referências e anexos. No primeiro capítulo, apresentamos e discutimos o fenômeno metafórico, considerando as diferentes concepções, teorizações neuropsicolinguísticas e teses acerca de seu processamento. No capítulo dois, tratamos da definição e caracterização linguística, conceptual e pragmática dos provérbios, idiomáticos e metáforas. No terceiro capítulo, caracterizamos o processamento neuropsicolinguístico da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer, assim como abordamos os estudos sobre o fenômeno metafórico nessas condições. No capítulo quatro, descrevemos a metodologia empregada na pesquisa. No quinto capítulo, desenvolvemos e discutimos as análises dos dados. Ao final, tecemos as conclusões relativas à pesquisa.

CAPÍTULO 1: O Fenômeno metafórico

1.1. Um fenômeno, diferentes perspectivas

Não é de hoje que a metaforicidade está sob os holofotes no cenário acadêmico. Seja como ornamento do discurso (ARISTÓTELES, 1959), concepção que perdurou durante longo período, seja como atributo fundamental da cognição humana (LAKOFF; JONHSON, 1980), perspectiva que adveio mais recentemente, o fenômeno metafórico tem recebido atenção de uma gama de estudiosos, filiados às mais diversas áreas científicas e linhas de pesquisa. Tal interesse é tributário, pelo menos em parte, da presença constante da metáfora na linguagem – em construções discursivas, como tropo ou em idiomáticos e provérbios, por exemplo.

No terreno da Linguística, notadamente em sua vertente (sócio)cognitiva, o fenômeno metafórico é de grande interesse por estar diretamente associado aos processos de conceptualização, categorização e referenciação. Compreender as formas

por meio das quais conceptualizamos, atribuímos categorias e referenciamos o mundo – real, possível ou imaginado – e os entes que pertencem a ele, é fundamental para entendermos de que maneiras criamos e organizamos o conhecimento, bem como qual a participação da linguagem em todos esses processos.

As discussões relativas à dicotomia linguagem/cognição também se servem da metaforicidade para serem levadas a cabo (MORATO, 2008a). Uma vez que o fenômeno metafórico requer, para a sua produção/interpretação, uma série de processos de natureza linguística, sociocognitiva e pragmática (PIRES DE OLIVEIRA, 1997; MORATO, 2008a; MOURA, 2003), o estudo da metaforicidade torna-se um interessante expediente para compreendermos não só o funcionamento da linguagem, mas também a sua relação com outras cognições, de modo a problematizar a díade em questão.

Tanto no âmbito da Linguística Cognitiva, como no da Neurolinguística, ou mesmo em áreas do conhecimento fora da Ciência da Linguagem, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Pedagogia e as Neurociências, os estudos sobre metaforicidade vêm possibilitando, além do entendimento do próprio fenômeno, a compreensão de aspectos relativos a outros fatores – de magnitude macro e micro – de caráter humano, social e cultural.

No que se refere aos estudos linguísticos, de modo geral, e neurolinguísticos, particularmente, as pesquisas cujo objeto de interesse é o fenômeno metafórico têm potencial para ajudar a lançar luz sobre uma série de fatores associados ao funcionamento da linguagem humana. Entre eles, podemos elencar as regularidades linguísticas e conceptuais envolvidas no processamento sintático/semântico/pragmático do discurso, os elementos bem como processos preservados e alterados nas condições em que haja alterações, como as neurodegenerescências e os quadros afásicos, além da compreensão dos limites e das continuidades existentes entre “o normal” e “o patológico” (CANGUILHEM, 1995).

Assim, considerando tanto a relevância do fenômeno metafórico para o estudo da linguagem, de outras cognições e de práticas humanas, sociais e culturais, quanto o estudo da metáfora por variadas áreas do conhecimento, especialmente os estudos linguísticos e neurolinguísticos, a presente tese assume uma perspectiva teórico-metodológica sociocognitiva de cunho interacionista (MORATO, 1996; 2011; KOCH;

CUNHA-LIMA, 2011) e discursivo. Isso significa que a questão de pesquisa – anunciada a seguir – embora reconheça a importância de outras óticas sobre o fenômeno metafórico, o concebe e o analisa levando em conta a participação de diferentes cognições, as práticas sociais e os usos envolvidos na constituição e no funcionamento linguístico-cognitivo da metaforicidade.

Buscamos, neste empreendimento, investigar de que formas atuam as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas na interpretação de expressões metafóricas (idiomáticos, provérbios e metáforas) por afásicos e pessoas com diagnóstico de Doença de Alzheimer em estágio inicial e moderado, de modo a caracterizar a dimensão linguístico-cognitiva da figuratividade no contexto dessa sequela neurológica e neurodegenerescência, respectivamente. Comparar ambas as entidades nosológicas se mostra importante tendo em vista serem as relações tangentes à linguagem nas patologias cerebrais ainda controversas, principalmente, quando observadas as definições desses quadros pela literatura biomédica, baseadas em dicotomias de diversos tipos.

Mesmo que o campo de estudos sobre o fenômeno metafórico tenha crescido substancialmente e venha se expandindo, muitas questões estão por se resolver, o que torna necessário o desenvolvimento de pesquisas na área, especialmente, a partir de óticas mais funcionalistas e sociocognitivas sobre o fenômeno. Além disso, ao assumirmos que a metaforicidade é, a um só tempo, um fenômeno cognitivo, linguístico e discursivo-pragmático com criação, recriação e, por vezes, cristalização no uso, reafirmamos o "oceano de motivações" (SALOMÃO, 2010) de que é constituída a linguagem e, por conseguinte, a linguagem metafórica.

No entanto, a perspectiva aqui tomada, que assume que o fenômeno metafórico é estrutural e funcionalmente híbrido, não é consensual. Ao longo do percurso dos estudos sobre metaforicidade, esta vem sendo associada a diferentes "*locus*" (VEREZA, 2010) e vetores epistemológicos durante o seu desenvolvimento: o cérebro, a mente, a língua, a cognição, a cultura, o discurso – e suas interfaces. É sobre essas diferentes ênfases relativas à constituição e ao funcionamento do fenômeno metafórico que trataremos, ainda que brevemente e sem a pretensão de esgotar a questão, nas subseções seguintes, abordagem feita com a finalidade de chegarmos ao que

entendemos por metaforicidade como sendo, a um só tempo, de ordem cognitiva, linguística e discursivo-pragmática.

1.1.1. Metaforicidade: um fenômeno linguístico

É na e pela linguagem que a metaforicidade se constitui e engendra, tendo esse fenômeno o *status* ora de recurso destinado à ornamentação da língua, ora de desvio a certo tipo de norma estilística ou de verdade entre a palavra e o mundo que rege a comunicação objetiva e inequívoca. Há uma transposição de significados entre o que está sendo analogicamente comparado em uma expressão metafórica. Em termos bem gerais, essas seriam premissas básicas de perspectivas que consideram a metaforicidade um fenômeno de natureza predominantemente linguística.

A ótica sobre a metaforicidade cujo *locus* reside na linguagem (VEREZA, 2010) deriva de sua visão tradicional (KOVECSES, 2002), a qual, ainda que indiretamente, associa-se à discussão aristotélica posta em *A Arte Poética*, embora o filósofo não tenha, de fato, produzido uma teorização sobre o fenômeno metafórico. Tal visão tradicional de linguagem confere à metáfora o estatuto de figura, na qual um termo – que não é legítimo ou próprio à denotação, portanto, figurativo – é utilizado no lugar de outro – que é verdadeiro, claro e objetivo, logo, literal.

Nessa perspectiva, a metaforicidade consiste em uma transferência de sentido de um termo para outro. Segundo Aristóteles (1959, p. 33), "a metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia". Trata-se de uma figura que, como tal, não tem função fulcral na significação, mas, se usada com moderação, pode produzir efeitos desejáveis à elocução. No entanto, o uso figurativo pode ofuscar a verdade, conforme sugere Aristóteles:

> A vulgaridade e a trivialidade serão evitadas por meio do termo dialetal, da metáfora, do vocábulo ornamental e das demais formas anteriormente indicadas; mas o termo próprio é o que dá clareza ao discurso. [...] De fato, servir-se com exagero de metáforas, de termos dialetais, de formas análogas, é o mesmo que provocar o riso de propósito. [...] Se, em vez destes vocábulos estranhos, das metáforas e de outras figuras de palavras, usarmos palavras correntes, ver-se-á que dizemos a verdade (p. 36).

Esse cuidado para o qual atenta Aristóteles no que respeita ao uso de metáforas provém do fato de que, nessa concepção, o termo figurado não estabelece relação direta entre o mundo real e a expressão produzida, processo que seria típico da literalidade. A metáfora, por outro, lado provoca determinadas distorções, uma vez que, na transposição feita, a expressão figurada carrega suas conotações específicas, que não condizem com o que se pretende significar, o que faz com que o tropo seja tanto supérfluo, quanto anômalo.

Vale salientar que, segundo assinala Vereza (2010) – motivo por que indicamos que a ótica em foco remete de forma indireta a Aristóteles –, a perspectiva da metáfora como sendo de caráter ornamental resulta de um processo reducionista pelo qual passou a retórica. Baseando-se em Genette (1975), a linguista argumenta que das dimensões aristotélicas *inventio*, *dispositio* e *elocutio*, criadas pelo filósofo para caracterizar a retórica, somente a última delas recebeu interesse, a qual, por sua vez, abrange o uso do léxico e das figuras da linguagem, em detrimento das outras duas, que englobam fatores lógico-discursivos.[1]

Assim, para Vereza (2010), a retórica reduzida é a dos tropos, condição que levou a metáfora a também se reduzir, no caso, ao seu nível estritamente linguístico e de ornamentação, sem qualquer efeito cognitivo. Esse percurso, no entanto, parece ter sido fundamental para fixar ao fenômeno metafórico ao *locus* da linguagem, que já estava presente, ainda que sem teorização sistemática ou pretensão de conceituação de metáfora, nos escritos aristotélicos.

Nessa abordagem, a língua serve apenas para exteriorizar o que é da ordem do pensamento, de forma a espelhá-lo, o que contribui para demarcar a separação entre aquilo que está no domínio da cognição e aquilo que está no domínio da linguagem. Na atualidade, os avanços de estudos neuropsicolinguísticos de diferentes filiações teóricas

[1] Cumpre enfatizar que a questão levantada está longe de ser consensual. O que queremos destacar, no entanto, é que a tradição retórica, em geral, concebia a figuratividade, em termos abrangentes, como um fator relativo à dimensão *elocutio*, concernente à produção do texto em seu caráter semiótico, e, em especial, à relação dessa materialidade textual com a prova do *pathos*.

demonstram a incompatibilidade das teses brevemente esboçadas com as evidências empíricas do processamento da metaforicidade.

1.1.2. Metaforicidade: um fenômeno cognitivo

A metaforicidade é um tipo de processamento mental/cognitivo, que está associado diretamente à forma como pensamos, ao modo como perspectivamos, conceptualizamos, categorizamos e nos referimos por meio da linguagem. Mais do que uma transposição de significados, ocorre a reorganização dos traços de sentido pertencentes aos termos que participam da metaforização, de modo a haver a criação de novos conceitos. Esses são alguns dos pontos essenciais de abordagens que consideram a metaforicidade como sendo de ordem fundamentalmente cognitiva.

A concepção de que o fenômeno metafórico pode não apenas servir como adorno poético ou recurso destinado a fins retóricos, mas, participar ativamente do processo de significação é afirmada por diferentes estudiosos no decorrer do século XX. Podemos subdividir essa perspectiva entre aqueles que veem a metaforicidade como um processo cognitivo, posição de Richards (1936) e Black (1968;1993), e os que a entendem como sendo responsável por parte significativa da cognição, conforme Lakoff e Johnson (1980), bem como uma série de outros pesquisadores cujos estudos advêm de desdobramentos, principalmente, da Teoria da Metáfora Conceptual, a ser esboçada ao longo desta subseção.

Como propõe Vereza (2010, p. 204), ao estar no *locus* do pensamento, a metáfora consiste em

> um importante recurso cognitivo usado, não só para se "referir" a algo por meio de outro termo mais indireto, mas, de fato, construir esse algo cognitivamente, a partir da interação com um outro domínio da experiência. Dessa forma, a metáfora não seria apenas "uma maneira de falar", mas sim de pensar (ou até mesmo de "ver") o real de uma determinada forma e não de outra.

Partindo dessa ótica, embora também constitua a poesia e possa fazer parte de técnicas retóricas, o fenômeno metafórico está presente na linguagem ordinária. No

entanto, as abordagens iniciais que identificam a metáfora como sendo uma figura de pensamento estão inscritas no âmbito da Teoria da Literatura (RICHARDS, 1936) e da Filosofia Analítica (BLACK, 1968). Essas primeiras teorizações concebem que tal fenômeno é um modo de pensar, de maneira que a capacidade de produzir/interpretar metáforas é uma característica da cognição humana (MOURA, 2008).

De acordo com Richards (1936), em sua Teoria da Interação, numa metáfora, estão presentes, ao mesmo tempo, dois pensamentos, os quais, ao interagirem, resultam em uma nova significação. Para o autor, há um processamento conceptual: "quando usamos uma metáfora, nós temos dois pensamentos de duas coisas ativas diferentes juntas, e sustentadas por uma única palavra, ou frase, cujo sentido é resultado de sua interação" (p. 93).

Assim, não se trata de uma transferência de significados que vai do literal para o metafórico e tem como escopo a palavra, mas, de um processamento discursivo. Segundo Richards, não existe sentido denotativo ou conotativo, pois a significação depende do contexto, de forma que a metáfora surge no uso, o qual, por sua vez, é direcionado pelo pensamento. A linguagem, por si mesma, não é capaz de definir a forma e o significado de uma expressão metafórica.

A perspectiva de Richards se afasta da língua e se aproxima do discurso, tendo, para isso, como principal ferramenta a cognição. Conforme o estudioso, "a metáfora é um empréstimo entre [pensamentos] e um intercurso de pensamentos, uma transação entre contextos. O pensamento é metafórico, e procede por comparação, e as metáforas da linguagem derivam daí" (p. 94). Richards ainda especificou o caráter binário do fenômeno metafórico, decompondo esse tipo de enunciado em teor e veículo, os dois conceitos que compõem a metáfora.

É importante ressaltar, contudo, que, embora Richards reconheça a metaforicidade como um modo de pensar que faz parte da linguagem ordinária e situe o fenômeno metafórico em um nível discursivo-contextual, a sua perspectiva realça a interação e a comparação. Esse enfoque recobre apenas parcialmente a metaforicidade, já que a comparação é apenas uma das operações cognitivas que produzem a metaforização e a interação não se dá entre dois pensamentos em sua totalidade, mas, entre alguns de seus traços, uma vez que ocorre necessariamente uma seleção dos elementos que constituirão o conceito metafórico derivado.

Black (1968) parte de alguns dos pressupostos de Richards para postular que a metáfora consiste em um instrumento cognitivo que possibilita conhecer o mundo de uma maneira específica. Em sua ótica, a figuratividade permite que sejam construídas perspectivas cognitivas, de modo que as palavras são apenas as condutoras dos conceitos construídos. Portanto, para o autor, o fenômeno metafórico tanto cria novos sentidos, como é responsável por diferentes formas de conhecer a realidade.

Nos estudos desenvolvidos pelo estudioso, a metáfora tem ainda mais importância no processamento cognitivo. Segundo Black (1993), na produção metafórica, não estamos meramente comparando A com B ou pensando em A sob a forma de B. Há bem mais que isso: aquele que elabora a metáfora produz um "flash of insight" quando percebe A e B. Além disso, certas expressões metafóricas nos permitem visualizar aspectos da realidade que elas próprias ajudam a construir.

De acordo com Black (1993), as metáforas criam similaridades na mente, de modo que as expressões explicitam essas criações. Ele sugere que "o enunciado metafórico não é um substituto para a comparação formal ou qualquer tipo de enunciado literal, mas tem suas capacidades distintivas e suas realizações" (p. 37). Observa-se, portanto, a sua perspectiva interativa sobre o fenômeno metafórico, a qual se associa à ideia de indeterminação, uma vez que a mesma expressão figurativa pode ter diferentes e até conflitantes interpretações.

A partir de suas pesquisas, Black (1993) propôs uma classificação das metáforas em três tipos: as substitutivas, as comparativas, ambas parafraseáveis literalmente – e, por isso com perda cognitiva, e as interativas, não passíveis de paráfrases. As metáforas comparativas são aquelas utilizadas no lugar de uma expressão literal equivalente, ao passo que as metáforas comparativas são símiles condensados ou elípticos. As metáforas interativas são aquelas que mesclam conceitos diferentes, conforme a proposição de Richards (1936), e exigem operações intelectuais distintas para serem processadas, pressupondo um sistema de implicações.

Ainda que Black identifique o poder criativo da metáfora, que é capaz de propiciar diferentes modos de conceptualizar a realidade, e a sua indeterminação, que permite a produção de múltiplos sentidos, na perspectiva do autor, o fenômeno metafórico é mental, sendo a língua apenas o canal condutor dos conceitos produzidos. Essa abordagem desconsidera a via de mão dupla entre cognição e discurso que

caracteriza a metaforicidade, já que a concebe como um processo unidirecional, e ignora a natureza social do pensamento humano.

A virada paradigmática nos estudos da metáfora (ZANOTTO et. al., 2002) sob o viés predominantemente cognitivo ocorre a partir do advento da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), doravante TMC, publicada em *Metaphors we live by*, obra cuja abordagem passou a considerar a metáfora como processo integrante do nosso sistema conceptual, isto é, um modelo cognitivo que conduz a compreensão humana sobre o mundo. De acordo com a teoria, esse sistema conceptual humano é, em grande parte, metafórico por natureza, de forma que a metáfora, evidente na língua, está presente na percepção de mundo e no processo interpretativo. Nosso sistema conceptual consiste em um produto do tipo de seres que somos e das formas como interagimos com nossos ambientes físico e natural (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Os conceitos metafóricos, isto é, as metáforas conceptuais, podem ser concebidas como componentes de um inconsciente cognitivo coletivo, de maneira que os usos de linguagem metafórica, observados nas marcas linguísticas são licenciados por seus tipos, subjacentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Assim, uma metáfora conceptual não é verbalizada, realizando-se no discurso através de metáforas linguísticas, ou expressões metafóricas, realização esta denominada de licenciamento, na medida em que a atividade verbal vincula-se à representação mental da metáfora.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), à metáfora linguística subjaz uma metáfora conceptual que faz o mapeamento entre dois domínios distintos, resultando em um conceito metafórico específico. Por exemplo, na metáfora conceptual VIDA É VIAGEM, tem-se uma ligação entre o domínio de vida e o domínio de viagem, da qual advém o conceito metafórico de vida, responsável pela produção e compreensão de metáforas linguísticas como “ele está sem direção na vida” e “a sua vida está passando muito rápido” (KOVECSES, 2006). Segundo Lakoff e Johnson (1980), metáforas linguísticas, como as indicadas, não necessariamente evidenciam um conceito metafórico subjacente de vida, no caso, consistindo em modos convencionais de se expressar sobre a vida. No entanto, sua metaforicidade torna-se patente em virtude de elas realizarem mapeamentos sistemáticos entre os domínios vida e viagem, havendo

diversas expressões que relacionam os dois de modo semelhante. A metáfora é, pois, um conjunto de mapeamentos entre domínios (KOVECSES, 2005).

Assim, tanto “ele está sem direção na vida” quanto “a sua vida está passando muito rápido” fazem mapeamentos sistemáticos entre os domínios vida e viagem, mapeamentos estes que são implícitos e subconscientes, propiciando o entendimento de que tais expressões não são literais. Através dessas metáforas linguísticas, observa-se que diversos aspectos comuns da vida são conceptualizados como elementos típicos de uma viagem.

Podemos identificar diversas correspondências: o viajante é a pessoa que está vivendo; o movimento da viagem (em direção a um destino) é a ação de levar a vida (com um objetivo); o destino da viagem é o propósito de vida; os obstáculos na trajetória de movimento são as dificuldades na vida; a distância percorrida na viagem é o progresso feito na vida; o curso da viagem é o modo de vida; e as opções de rota de viagem são as escolhas feitas na vida.

Na análise das metáforas conceptuais, há a distinção entre um domínio fonte, mais concreto, aquele do qual são mobilizadas as informações para entender o domínio alvo, e um domínio alvo, geralmente um conceito abstrato (LAKOFF; JOHNSON, 1980). No caso de VIDA É VIAGEM, o domínio fonte é viagem, e o domínio alvo é vida. As metáforas linguísticas, cujo interesse pela TMC foi escasso, são analisadas a partir das categorias veículo, isto é, expressão linguística que predica algo sobre o tópico, e tópico, que consiste na entidade da qual se fala na metáfora (CAMERON, 2003).

Grande atenção foi dada pela TMC às metáforas conceptuais, que consistem em conjuntos de correspondências obtidas entre um domínio-fonte e um domínio-alvo. Contudo, somente determinados aspectos do domínio-fonte ou do domínio-alvo participam do processo metafórico, de maneira que, ao sugerirmos que uma metáfora conceptual pode ser formalizada como A é B, apenas certos traços dos conceitos são selecionados e estão envolvidos. Assim, há mecanismos de destaque e de ocultação na focalização seletiva dos aspectos do domínio-alvo, bem como de uso na seleção de traços de um domínio-fonte (KOVECSES, 2005).

Partindo do pressuposto de que as metáforas nos permitem entender um domínio da experiência em termos de outro, a TMC elenca a existência de três tipos de conceitos metafóricos, ou seja, áreas de experiência básicas que nos permitem compreender outras experiências em seus termos. São tipos naturais de experiência. Tratam-se das metáforas: i) estruturais, em que um conceito está parcial e metaforicamente estruturado em termos de outro conceito; ii) orientacionais, nas quais há a organização de todo um sistema de conceitos em relação a outro, com expressões que remetem à orientação espacial; e iii) ontológicas, que se referem às nossas experiências com objetos reais, físicos, de modo que consideremos acontecimentos, atividades, sentimentos, emoções como se fossem entidades ou substâncias.

O arcabouço teórico-filosófico da TMC motivou o desenvolvimento de muitas pesquisas sobre a metáfora, as quais compõem a área de estudos chamada de "metaforologia" (STEEN, 1994), que, embora se caracterize por objetos de diversas naturezas, reúne investigações cujo pressuposto básico reside na máxima de que as expressões metafóricas que ocorrem na linguagem evidenciam as metáforas conceptuais que as licenciam (VEREZA, 2010). Tendo por centralidade a cognição no processamento metafórico, pesquisadores de vertentes da Linguística Cognitiva, principalmente, e da Psicologia passaram a empreender estudos sobre diferentes aspectos relativos à metaforicidade.

Grady (1997) faz parte desse grupo de estudiosos ao propor a Teoria da Metáfora Primária, doravante TMP, cuja premissa fundamental é de que as metáforas conceptuais não figuram como o nível mais básico de mapeamento, havendo, por outro lado, uma sólida correlação de experiências corpóreas rotineiras que gera as metáforas primárias, ou primitivas. Segundo o autor, esse tipo de metáfora provém de correlações entre distintas e básicas dimensões de experiências corpóreas recorrentes e co-ocorrentes, as quais associam-se às nossas interações com o mundo, bem como independem de influências culturais e, por isso, devem estar presentes em todas as línguas.

De acordo com a TMP, os mapeamentos básicos são feitos a partir de isomorfismos percebidos entre elementos de experiências próximas no que se refere a tempo e espaço, denominados de cenas primárias, a base do processamento metafórico. A cena primária configura-se como uma representação cognitiva de uma experiência

recorrente que envolve a correlação entre o domínio-fonte – de conteúdo sensorial, um esquema de imagem – e o domínio-alvo – abstrato e que abrange respostas ao input sensorial. Os domínios fonte de uma metáfora primária referem-se necessariamente a aspectos universais da experiência humana, contrariamente ao que propôs a TMC, cuja concepção era de que a criação de metáforas resultava do fato de alguns domínios serem muito abstratos, o que exigiria o uso de domínios físicos para expressá-los, não havendo relevância significativa da experiência sensorial[2] e nem especificações sobre interferências culturais.

Conforme a perspectiva de Grady (1997), as expressões metafóricas podem basear-se em metáforas conceptuais de diferentes tipos ou de metáforas criadas a partir de correlações entre experiências corpóreas de níveis distintos e de metáforas que abrangem outros mecanismos cognitivos, como as metáforas de semelhança, de nível genérico e de imagem. Há também a metáfora composta, que consiste em um complexo constituído de, pelo menos, duas metáforas primárias. Assim, haveria metáforas primárias, como MUDANÇA É MOVIMENTO (ela ainda vai chega à fase adulta) e IMPORTÂNCIA É TAMANHO (ontem foi um grande dia), e metáforas compostas, como TEORIAS E ARGUMENTOS SÃO CONSTRUÇÕES (a linha argumentativa do advogado não se sustenta). As expressões metafóricas são licenciadas pelo mapeamento das cenas primárias, e não mais a partir do mapeamento entre domínios, ocasionado pela metáfora subjacente, como na TMC.

Lakoff e Johnson (1999) integraram a TMP à TMC, de modo a justificarem o princípio de motivação experiencial, e consequentemente, o princípio de corporização do pensamento e da linguagem, apontando que todas as metáforas primárias tendem a estar relacionadas à experiência, o que não ocorre com as metáforas complexas. Ao discutirem a aquisição metafórica, os autores advogam que, inicialmente, as crianças pequenas não são capazes de distinguir experiências sensório-motoras de experiências

[2] O fato de a TMC não atribuir relevância significativa à experiência sensorial no processo de metaforização conceptual não indica que essa abordagem teórica desconsidera a corporeidade – inclusive, em sua tipologia metafórica, a própria perspectiva estabelece as metáforas orientacionais como sendo tributárias da relação do homem com a sua orientação espacial. O que estamos salientando é que a TMC atribui à necessidade de tornar mais concretos alguns domínios muito abstratos a origem das metáforas conceptuais.

subjetivas, de forma a construírem automaticamente associações entre domínios, o que constitui a base para a aprendizagem das metáforas primárias.

A Teoria dos Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; HAMPE, 2005; GIBBS, 2006) complementa a integração das perspectivas da TMP e da TMC. Segundo tal visão, são os esquemas imagéticos, ou seja, os padrões de nossos movimentos espaciais, das manipulações que efetuamos de objetos e de interações perceptuais – ambos os três emergentes da experiência básica, como EM CIMA/EM BAIXO, CAMINHO, e de variados esquemas, como FORÇA – a natureza sensório-motora das metáforas. Quando processamos uma expressão metafórica, projetamos construções advindas de nossa experienciação sociocognitiva, o que leva ao acionamento de domínios cognitivos baseados em esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987).

A Teoria da Metáfora Conceptual e os seus desdobramentos, tais como a Teoria da Metáfora Primária e a Teoria dos Esquemas Imagéticos, agregaram avanços significativos para os estudos sobre a metaforicidade em uma perspectiva cognitivista, sobretudo quando essas teorizações são comparadas às feitas por Richards e Black. A natureza figurativa do sistema cognitivo, a sistematicidade das metáforas conceptuais, assim como as propriedades sensoriais, perceptuais e corpóreas da metaforicidade são algumas das principais contribuições. No entanto, ao tentarem explicar a natureza e o funcionamento do fenômeno metafórico, as referidas perspectivas apresentaram determinadas inconsistências teórico-metodológicas que inviabilizaram a compreensão do processo de metaforização.

Entre essas inadequações, podemos destacar a concepção de que o corpo constitui uma instância individualizada, de modo que a metaforização se engendra em um nível subjetivo, em vez de emergir na interação entre os indivíduos que fazem parte de uma coletividade social. Além disso, a primazia da cognição, tomada apenas como pensamento em nível interno, sobre a linguagem e as práticas textual-discursivas desconsideram as relações interconstitutivas e a natureza social que caracterizam os processos cognitivos. Nessas abordagens, a língua(gem), tal qual para Black, não tem responsabilidade direta sobre o processo de metaforização, consistindo apenas no meio de sua produção.

A teorização sobre a existência necessária de metáforas conceptuais que são atualizadas em metáforas linguísticas também é problemática. Como já salientamos, a TMC sugere que, ao se tratarem de esquemas abstratos que realizam mapeamentos sistemáticos, parciais e unidirecionais, as metáforas conceptuais manifestam-se por meio de metáforas linguísticas, de forma que "as metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48). Contudo, um número significativo de expressões metafóricas recorrentes em nosso cotidiano não evidencia a subjacência de metáforas conceptuais, o que põe em xeque essa unidirecionalidade do pensamento para a língua e indica que muitas construções figurativas são produzidas de forma situada a partir de outros mecanismos que não só as estruturas abstratas.

1.1.3. Metaforicidade: um fenômeno cognitivo-discursivo

O fenômeno metafórico é fruto de uma articulação entre língua, cognição e discurso, instância esta em que se dá a sua criação, organização, reestruturação e mesmo convencionalização. É no uso da língua, em situações discursivas as mais variadas, que a metaforicidade emerge, estando diretamente associada a contingências pragmáticas, sociais e culturais, bem como à multidimensionalidade da significação, as quais caracterizam o funcionamento da linguagem. Tais parâmetros norteiam as perspectivas que concebem a metáfora como sendo de ordem cognitivo-discursiva.

De modo geral, as abordagens discursivas, também denominadas de "pesquisa de metáforas do mundo real" (LOW et. al., 2010) provêm das constantes problematizações por que vem passando a TMC. Discutida sob o enfoque filosófico, psicológico e linguístico, como destacam Silva e Leite (2015), as teorizações de Lakoff e Jonhson (1980; 1999) receberam diversas críticas, principalmente, no que diz respeito às limitações descritivas e explicativas da abordagem, que se ateve à hipotetização de suas formulações, já que as evidências para sustentá-las careciam de ocorrências empíricas (CAMERON, 1999; SEMINO et al., 2004; DEIGNAN, 2005).

Aliadas a tal ponderação, segundo Deignan (2005), podem ser colocadas as seguintes questões atinentes à visão da metaforicidade como uma rede sistemática de

conexões realizadas na língua em uma relação unidirecional: i) por que as metáforas linguísticas estão sujeitas a medidas gramaticais e restrições lexicais?; ii) se as metáforas linguísticas são a expressão de um amplo mapeamento conceptual, qual a razão de serem tão desiguais e inconsistentemente distribuídas?; e iii) por que diferentes línguas e culturas fazem uso de diferentes domínios fonte? Trata-se de problemas evidenciados a partir do desenvolvimento de pesquisas empíricas, que refletem a perspectiva da TMC, na qual o estudo da linguagem consiste em um meio para um fim, já que as metáforas linguísticas são apenas as evidências de mapeamentos no nível conceptual (DEIGNAN et. al., 2013).

Os estudos desenvolvidos com base na TMC abordam a linguagem como um todo indiferenciado, não fornecendo explicações ou dados sobre o uso metafórico na comunicação (DEIGNAN et. al., 2013). Uma decorrência de tal perspectiva trabalhar essencialmente com exemplos criados e descontextualizados configurou-se nas críticas quanto a sua não consideração da variabilidade, dinamicidade e regulação sócio-cognitivo-discursiva típicas da linguagem em uso. Sobre isso Steen (2007) alerta que qualquer uso que fazemos da língua é regulado pelo gênero, de modo que a usamos em ocasiões específicas, em configurações particulares e a partir de determinadas expectativas. Conjuntamente a essa observação, estudos evidenciam que a forma, a função e a frequência de uso das metáforas sofrem variação a depender, de modo geral, do contexto comunicativo, e, especificamente, do gênero e do registro (STEEN et. al., 2010).

A partir das diversas críticas tecidas, em um primeiro momento, passou-se ao desenvolvimento de estudos que visavam à identificação de metáforas conceptuais em *corpora* autênticos (GIBBS, 1999; SARDINHA, 2011; RITCHIE, 2003; CAMERON, 2003; SEMINO, 2005; CHATERIS-BLACK, 2004). Em seguida, com base na observação de que o discurso não consiste somente no *locus* de manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, mas também de articulações cognitivas e pragmáticas, assim como da emergência de novas metáforas conceptuais, os metaforemas (CAMERON; DEIGNAN, 2006; DEIGNAN; CAMERON, 2013), uma abordagem em que a metáfora é investigada no processo de significação do discurso on-line teve início (CAMERON, 2003; 2008; CAMERON; DEIGNAN, 2006; CHATERIS-BLACK, 2005; SEMINO, 2008; CAMERON et. al., 2009; CAMERON; MASLEN, 2010; VEREZA, 2007; 2010; 2013).

Esse novo paradigma de pesquisa tem explorado formas pelas quais a linguagem figurativa é usada em situações comunicativas autênticas, em domínios da política, educação, medicina, negócios etc., tendo em vista as diferentes funções desempenhadas, como avaliar, explicar, persuadir, apoiar ideologias, entreter (CAMERON, 2003; KOLLER, 2004; MUSOLFF, 2004; CHATERIS-BLACK, 2005; SEMINO, 2008). Os *corpora* utilizados nos diversos estudos filiados às abordagens discursivas da metáfora reúnem diferentes modalidades da língua e gêneros de texto, de modo a terem como núcleo de intersecção a premissa de que a linguagem, com todas as suas complexidades e indeterminações, é o principal objeto de investigação.

Observa-se um corte epistemológico significativo, já que uma metáfora não é vista mais como um mapeamento fixo e estático, segundo sugere a TMC, mas, como uma estabilidade temporária, que provém de atividades desenvolvidas nos sistemas interligados de usos cognitivo e social (CAMERON et. al., 2009). Assim, a metáfora, tanto a conceptual como a linguística, passa a ser processual, emergente e aberta a mudanças (CAMERON et. al., 2009, p. 10):

> Na abordagem da dinâmica do discurso, a conexão entre metáfora linguística e metáfora conceptual não é mais apenas uma "instanciação" de cima para baixo do pensamento para a língua (por exemplo, Kövecses, 2005; Lakoff & Johnson, 1980), mas sim uma interação entre linguagem e pensamento. O que é dito reflete e afeta o pensamento. Uma perspectiva dinâmica sobre a relação entre pensamento e fala nos leva a ver as palavras que as pessoas dizem como verbalizações fluidas e tentativas de ideias que elas mesmas podem ser. As ideias e as atitudes são influenciadas pelas circunstâncias do discurso em que os falantes estão envolvidos, incluindo outros participantes, e pela língua que está sendo usada (Cameron, 2003, 2004; Slobin, 1996; Spivey, 2007).[3]

Cameron e Deignan (2006) propõem que a relação entre linguagem e cognição é estabelecida por uma interação bidirecional no interior de um único sistema complexo, do que resulta ser a metáfora um fenômeno conceptual e linguístico, a um só tempo. Segundo as autoras, o processamento do conteúdo ideacional de uma metáfora não

[3] Tradução nossa de "In the discourse dynamics approach, the connection between linguistic metaphor and conceptual metaphor is no longer just one of top-down 'instantiation' from thought to language (e.g. Kövecses, 2005; Lakoff & Johnson, 1980) but instead is one of interaction between language and thinking. What is said both reflects and affects thinking. A dynamic perspective on the relation between thinking and speaking leads us to see the words that people speak as fluid, tentative verbalizations of ideas that themselves may be fluid and tentative. Ideas and attitudes are influenced by the circumstances of the discourse that speakers are involved in, including other participants, and by the language being used (Cameron, 2003, 2004; Slobin, 1996; Spivey, 2007)."

ocorre apartado de sua forma linguística, sendo ambos aprendidos, armazenados e produzidos juntos no discurso on-line. Seguindo essa proposição, a linguagem metafórica e o pensamento metafórico são interdependentes, com influência mútua. Trata-se de uma abordagem que demanda a noção de correlação incorporada e experiencial (GRADY, 1999), o componente sócio-cultural (GIBBS, 1999) e o postulado de que o desenvolvimento da metáfora – em termos de indivíduos e de comunidades discursivas – ocorre na dinâmica do uso situado da linguagem.

Parte-se, nesse enfoque, do pressuposto de que, no discurso, são constituídos repertórios culturalmente compartilhados de metáforas, os quais são possíveis também por um tipo de cognição incorporada que permite o conhecimento e o entendimento do mundo através de experiências que envolvem percepção e afetividade (CAMERON; SEU, 2012). A chamada perspectiva emergentista da metáfora (CAMERON; DEIGNAN, 2006) reúne aspectos socioculturais, conceptuais e linguísticos no uso para analisar o fenômeno metafórico.

Cameron e Deignan (2006) empregam algumas propriedades da noção de sistemas dinâmicos complexos para tratar de sua visão emergentista. De acordo com as pesquisadoras, tal construto diz respeito a sistemas de elementos conectados e interativos que estão em constante fluxo. Neles, tanto os elementos, quanto as suas relações se modificam com o passar do tempo, o que os configura como não-lineares. Os sistemas complexos abrangem cérebro/cognição, linguagem e recursos conceituais, os quais operam em múltiplos níveis e tempos (CAMERON, 2003), sendo, pois, conjuntos de estruturas e processos dos quais resultam o discurso.

Nessa ótica, ao serem constituintes de um sistema dinâmico complexo, linguagem e pensamento interconectam-se e atuam na emergência de estabilidades, como as que são características de expressões metafóricas semi-fixadas, como *pagar um preço alto* e *bagagem emocional*, tipificação cuja fixação e frequência produzem estabilização (DEIGNAN; CAMERON, 2013). Estabilidades como essas são denominadas de metaforema, ou seja, "um pacote de padrões relativamente estáveis de uso da linguagem"[4] (CAMERON; DEIGNAN, 2006, p. 686). Os metaforemas consistem no surgimento de determinadas estabilidades formais, conteudísticas e pragmáticas, sendo possibilitados pelo caráter dinâmico, adaptativo e evolutivo que tem

[4] Tradução nossa de “a bundle of relatively stable patterns of language use.”

o fenômeno metafórico no uso da linguagem entre os falantes (CAMERON; DEIGNAN, 2006).

De acordo com Deignan e Cameron (2013), o processamento figurativo faz parte de uma estrutura complexa de sistemas dinâmicos nos quais as metáforas conceptuais agem como uma força que, ao lado de outras forças de natureza linguística e pragmática, por exemplo, contribui para a emergência de metaforemas. Cameron e colaboradores (2009, p. 9) assinalam o caráter interacional e fluído do fenômeno metafórico:

> As metáforas linguísticas, ou melhor, os "metaforemas" (Cameron & Deignan, 2006), se estabilizam como formas idiomáticas ou preferenciais e características pragmáticas e semânticas associadas que emergem da interação. Dependendo da atividade comunicativa, eles podem continuar a mudar ou podem permanecer na forma estabilizada por um longo período de tempo (Bowdle & Gentner, 2005). […] A metáfora conceptual e a metáfora primária, como fenômenos cognitivos emergentes, também se estabilizam através da interação social e linguística ao longo do tempo e permanecem abertas para mudança contínua (Barr, 2004; Gibbs & Cameron, 2008).[5]

Segundo tal perspectiva, em situações de interação, as metáforas são negociadas e construídas conjuntamente pelos falantes (CAMERON, 2007). Para dar conta da complexidade de tal fenômeno, além dos metaforemas, outras unidades de análise foram elaboradas, como a metáfora sistemática, a metáfora situada e o nicho metafórico. A metáfora sistemática (CAMERON, 2008) consiste em uma metáfora cognitiva subjacente ao discurso, localizada em textos específicos, e evidenciada por marcas linguísticas metafóricas. Já a metáfora situada (VEREZA, 2013) e o nicho metafórico (VEREZA, 2007; 2010) contribuem para a compreensão da metaforicidade textualmente tecida, com base em desdobramentos textuais de uma ou mais metáforas locais e episódicas.

De acordo com Vereza (2013), a metáfora situada guia, em termos cognitivos e discursivos, todo um desdobramento, ou mapeamento textual, on-line, episódico, de

[5] Tradução nossa de "Linguistic metaphors, or rather 'metaphoremes' (Cameron & Deignan, 2006), stabilize as idiomatic or preferred forms and associated pragmatic and semantic features that emerge from interaction. Depending on communicative activity, they may continue to change or they may remain in the stabilized form for a long period of time (Bowdle & Gentner, 2005). […] Conceptual metaphor and primary metaphor, as emergent cognitive phenomena, also stabilize through social and linguistic interaction over time, and remain open to continuing change (Barr, 2004; Gibbs & Cameron, 2008)."

forma a construir um determinado objeto de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003), ou um ponto de vista, deliberadamente. Assim, a metáfora situada não tem caráter discursivo somente em razão de estar presente, ainda que apenas no nível cognitivo, na linguagem em uso, mas tal fenômeno está na interface entre cognição e pragmática. Enfocando a figuratividade como um recurso organizacional do discurso, o nicho metafórico (VEREZA, 2007; 2010) cria, cognitivamente, redes de sentido cuja função é primordialmente argumentativa, remetendo a um desdobramento metafórico tecido em uma unidade semântico-discursiva, do que podem resultar ou uma metáfora textualmente específica de base, ou articulações com metáforas conceptuais de natureza mais universal.

Considerando as características linguísticas, cognitivas, pragmáticas e socioculturais da metáfora, bem como a natureza multimodal da linguagem (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001), um desdobramento importante das perspectivas não estritamente cognitivistas é a abordagem metafórica nos diferentes modos de organização discursiva. Forceville (1996; 2009) vem caracterizando o fenômeno metafórico em variadas modalidades semióticas, de maneira a demonstrar a complexidade das metáforas não-verbais, bem como as formas de sobreposição dos modos nos processos de produção e interpretação figurativa.

A partir do advento da concepção de que a linguagem em uso, ou o discurso, não figura apenas como o universo de manifestações linguísticas de metáforas conceptuais, mas, como o espaço privilegiado de articulações cognitivas e pragmáticas e até mesmo de emergência de novas metáforas conceptuais ("metaforemas", segundo CAMERON; DEIGNAN, 2006) é que a linguagem recuperou, pelo menos parcialmente, o seu estatuto de *lócus* da metáfora.

Teórica e empiricamente vantajosa, a perspectiva de que a metaforicidade é um fenômeno cognitivo-discursivo-pragmático rompe com a ideia de que o processamento metafórico tem caráter unidirecional, ou seja, vai do pensamento para a linguagem, já que evidencia que as práticas discursivas são o espaço de excelência para a emergência de metáforas. Essa abordagem ainda explicita a natureza processual, emergente e suscetível a modificações do fenômeno metafórico, o qual deixa de ser concebido como um conjunto de mapeamentos conceptuais sistemáticos e fixos, passando a ser

compreendido como uma estabilidade momentânea resultante de práticas sociocognitivas sistêmicas.

1.1.4. Discussão: metaforicidade como fenômeno sociocognitivo e linguístico

As distintas e muitas vezes complementares visões apresentadas nas subseções anteriores assinalam, cada qual, determinados fatores e mecanismos que consideram ser cruciais à significação metafórica. Por seu caráter relacional, dinâmico e interativo, as abordagens que entendem a metáfora como sendo um fenômeno cognitivo-discursivo preenchem de maneira mais satisfatória as lacunas explicativas deixadas pelas propostas de ordem estritamente linguística ou fundamentalmente cognitiva.

Se a linguagem figurativa, na qual se enquadra a metaforicidade, é multidimensional, convocando, para a sua realização, elementos e processos de domínios diversos, ainda que necessariamente interconectados – como o que ocorre com as dimensões cognitiva, linguística, discursiva e pragmática –, importa entender como cada um deles funciona e que tipo de relação mantêm entre si. Essa tarefa inclui identificar e especificar o estatuto da metaforicidade, considerada em termos da "possibilidade de uma metáfora ser reconhecida como tal" (DIENSTBACH, 2017, p. 1769), e o que o fenômeno metafórico requer para ser produzido/interpretado.

Pires de Oliveira (1997) enfatiza a natureza multiconstitutiva e relacional da linguagem figurativa, bem como alguns dos aspectos requeridos para que possa ser interpretada:

> O julgamento de literalidade ou metaforicidade, assim como a própria interpretação, é guiado pela combinação de uma série de parâmetros: o conhecimento da língua, o conhecimento de mundo, a referência a um tópico conversacional, o conhecimento sobre as condições da enunciação, o conhecimento mútuo entre os interlocutores [...] Um intérprete atribui a outro intérprete toda uma gama de crenças e conhecimentos.

A metaforicidade ancora-se, portanto, em dimensões linguísticas, conceptuais, pragmáticas e textual-discursivas, que, por sua vez, envolvem variados elementos e

processos, demandando outras cognições além da linguagem e práticas socioculturais. Ainda que saibamos da impossibilidade real de isolar uns dos outros os fatores, as instâncias e as operações linguísticas, cognitivas/conceptuais, pragmáticas e discursivas, o faremos apenas a fim de esquematizar a discussão a que nos propomos.

Na dimensão linguística, podemos elencar: seleção de traços semânticos pertinentes, reconhecimento de estruturas morfossintáticas – fixas ou não –, associação semântico-lexical e realização de operações metalinguísticas *stricto sensu*. Já na dimensão cognitiva podemos elencar: reconhecimento de intenções, atribuição de relevância, perspectivação conceptual, associação entre categorias empregadas e (re)categorização do mundo. Fazem parte da dimensão pragmática: realização de inferência, contextualização, invocação de enquadres ou esquemas de ação (contextuais, situacionais) e reconhecimento de convenções de uso da linguagem. E, na dimensão textual-discursiva, temos: identificação do gênero e do registro em que se dá a produção, conhecimento sobre o interlocutor e sobre as condições de enunciação, bem como referência a um tópico conversacional.

Considerando o funcionamento integrado desses domínios na constituição do sentido, além de características próprias dos diferentes tipos de expressões metafóricas segundo o seu reconhecimento como tal – se novas/convencionais (KOVECSES, 2002), por exemplo – a metaforicidade, sobretudo na linguagem em uso, é um fenômeno de abordagem complexa. Nessa perspectiva, determinar como os diferentes elementos e processos metafóricos funcionam no discurso é fundamental para entender como a produção/interpretação da metaforicidade ocorre.

Também é preciso que se considere a articulação necessária entre os planos nos quais as metáforas se realizam: o do sistema, que é descontextualizado, off-line e social, bem como o do uso, que é situado, on-line e individual (STEEN, 2006). Portanto, numa abordagem discursiva da metaforicidade, a configuração de uma metáfora mobiliza tanto os elementos pertencentes ao sistema linguístico-conceptual, quanto ao uso, instância esta que é indissociável de fatores e regularidades pragmáticas e discursivas, que cada indivíduo faz do sistema.

Além disso, tendo em vista o objetivo, os pressupostos e as hipóteses que desenvolvemos nesta tese, precisamos alinhar a nossa perspectiva teórica sobre o fenômeno metafórico com a concepção assumida sobre o funcionamento linguístico-

cognitivo da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer. Desde já, anunciamos que a nossa visão acerca dessas circunstâncias patológicas tem caráter dinâmico, inter-relacional, sendo baseada na possibilidade de reconfigurações diante de dificuldades neurolinguísticas, uma vez que a nossa cognição é social, dinâmica e plástica.

Portanto, somente uma abordagem que concebe a metaforicidade como sendo um fenômeno cognitivo, linguístico e discursivo-pragmático, isto é, não uma propriedade especificamente linguística ou majoritariamente cognitiva, torna-se capaz de corresponder ao nosso frame de pesquisa. Ademais, tratar o fenômeno metafórico como de natureza e funcionamento multifatorial permite que ofereçamos respostas mais plausíveis do ponto de vista teórico-metodológico às nossas questões de pesquisa.

1.2. Aspectos neuropsicológicos da metaforicidade

Para abordar os aspectos neuropsicológicos da metaforicidade em um estudo que tem como objetivo investigar regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas no trabalho interpretativo levado a cabo por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer, precisamos considerar o que subjaz a esta pesquisa quanto à concepção de: i) linguagem; ii) fenômeno metafórico; iii) nosologia e semiologia das afasias e da Doença de Alzheimer; iv) cognição; e v) atividade cerebral.

No que se refere à linguagem, embora não a tenhamos definido formalmente, com base em nossa hipótese teórica de trabalho, é possível depreender que se trata de uma atividade sociocognitiva multifuncional que, a um só tempo, é constituída e se relaciona a uma série de outros domínios e processos sociais, cognitivos, pragmáticos, históricos etc.. Já o fenômeno metafórico consiste em uma forma de conceptualização que resulta da articulação entre língua, cognição e discurso, como já apontamos ao longo deste capítulo. Quanto à nosologia e à semiologia das afasias e da Doença de Alzheimer, ainda que só façamos a sua abordagem no capítulo três, a partir do que problematizamos na seção de introdução, torna-se necessário já afirmar que são vistas não a partir de uma ótica dual e dicotômica de normalidade *versus* patologia, mas, sob a lógica de um *continuum,* não apenas de ruptura entre essas duas condições. Assim,

mesmo que existam alterações linguísticas e cognitivas nas afasias e na Doença de Alzheimer, há regularidades, reorganizações, adaptações e compensações, como já preconizavam Freud (1891), Luria (1981) e Jakobson (1981).

Logo, precisamos de uma concepção de cérebro e de uma concepção de cognição que estejam em consonância às perspectivas que sustentamos sobre linguagem e sobre fenômeno metafórico. Na sequência, a propósito, tratamos da relação entre linguagem, cérebro e cognição.

1.2.1. Notas sobre a relação linguagem/cérebro/cognição

As estruturas e os processos neuropsicológicos que subjazem à linguagem vêm sendo estudados de forma contínua desde que as áreas atribuídas a essa modalidade da cognição passaram a ser sistematicamente descritas[6], especificamente a partir dos estudos de Broca e Wernicke (MORATO, 2012b). Desde então, foram propostos diferentes modelos neuropsicolinguísticos, sendo os primeiros deles caracterizados de modo predominantemente neuroanatômico, e os posteriores configurados em termos neurofuncionais e cognitivos (GAZZANIGA et. al., 2006).

Abordagens localizacionistas, holísticas e funcionalistas podem ser apontadas como os três grandes conjuntos epistemológicos e teórico-metodológicos responsáveis pelo desenvolvimento de estudos sobre cérebro, cognição e linguagem. Enquanto as concepções localizacionistas compreendem as cognições como propriedades agrupadas em regiões específicas do cérebro (CAIXETA et. al., 2012), tendo a linguagem um módulo particular localmente situado, as visões holísticas postulam que o cérebro funciona como um todo para desempenhar as funções cognitivas (AHLSÉN, 2006).

Estão em entre as perspectivas funcionalistas, cujos pressupostos são adotados neste empreendimento, a abordagem conexionista e a de localização dinâmica da

[6] É importante salientar que, de acordo com Morato (2012b), desde a Antiguidade Clássica, o cérebro e as funções associadas a ele eram objeto de interesse investigativo; no entanto, apenas no século XIX é que seu estudo passou a ter estatuto científico, em conformidade à corrente positivista fortemente vigente à época.

função. Segundo Ahlsén (2006), no conexionismo[7], as funções superiores dependem das conexões entre diferentes centros do córtex, ao passo que, na visão de localização dinâmica da função, as várias subfunções estão localizadas em diferentes locais do cérebro, devendo ser combinadas para que sejam constituídas funções mais complexas que podem atuar conjuntamente de distintos modos.

Desenvolvida por Luria (1976), a perspectiva de que o cérebro humano é um sistema funcional complexo considera que a função, em suas formas complexas, não pode ser atribuída a um único tecido ou órgão. O autor propõe que as formas complexas de cognição, tais como a linguagem, funcionam de maneira sistêmica, com distintas áreas cerebrais operando conjuntamente para a sua consecução. De acordo com Luria:

> As funções mentais, como sistemas funcionais complexos, não podem ser localizadas em zonas estreitas do córtex ou em agrupamentos celulares isolados, mas, devem ser *organizadas em sistemas de zonas funcionando em concerto, desempenhando cada uma dessas zonas o seu papel em um sistema funcional complexo,* podendo cada um desses territórios estar localizado em áreas do cérebro completamente diferentes e frequentemente bastante distintas uma da outra (LURIA, 1981, p. 16).

A noção de sistema proposta por Luria sugere um alto grau de plasticidade, haja vista a sua potencialidade de reorganização funcional, e considera os aspectos culturais como participantes cruciais da configuração cognitivo-cerebral do ser humano, à semelhança do que admite Tomasello (2003). Partindo do princípio de organização extracortical das funções complexas, postulado por Vygotsky (1960), Luria (1981) afirma que a atividade do cérebro humano é, em grande medida, determinada por fatores historicamente criados para a organização do nosso comportamento.

A teorização de Luria tem sido corroborada por estudos neurocientíficos contemporâneos que, por meio de técnicas de neuroimagem funcional, principalmente, indicam que, embora haja a especialização funcional de regiões cerebrais, as funções complexas só são capazes de emergir a partir da interação entre áreas (MOGRABI et. al., 2014).

---

[7] Cabe ressaltar que embora muito comum em pesquisas sobre inteligência artificial – sendo, inclusive, nessas abordagens denominado de neoconexionismo –, o conexionismo é uma perspectiva teórica que embasa inúmeros estudos neuropsicolinguísticos (GAZZANIGA et. al., 2006).

No terreno da Neurolinguística, Morato (2012b, p. 169-170) discute o funcionamento linguístico-cognitivo de um ponto de vista sistêmico e que relaciona necessariamente aspectos biológicos, sociais e culturais nos processos de pensamento/ação/interação/significação humana:

> Linguagem e cérebro, assim, funcionariam como um sistema dinâmico e flexível, cujas regularades e estabilidades não são determinadas *a priori* (ou seja, não são fixadas ou pré-determinadas biologicamente; não obedecem a padrões estáticos e homogêneos de existência). Antes, dependem e são constituídos por diferentes fatores de ordem sociocognitiva (cultural, pragmática, contextual, interacional).

Assim, ao assumirmos a perspectiva luriana de que o cérebro humano é um sistema funcional complexo, admitimos que a cognição, em seus distintos, porém, imbricados modos de ser – como a linguagem, a memória a atenção e o raciocínio, por exemplo –, opera também em concerto. Dessa admissão resulta que cada um dos tipos de cognição recruta diferentes áreas ou campos cerebrais durante os seus processos de funcionamento e requer o acionamento de conhecimentos socioculturais, pragmáticos e históricos, assim como a interação dos indivíduos com os seus co-específicos.

Comungando com a teorização neuropsociológica de base sociocultural e funcionalista de Luria (1981), também chamada de neoconexionista, assumimos, como Morato (2016, p. 578), elementos da perspectiva construtivista de Tomasello (2003) para definir a cognição como "um conjunto de processos altamente motivados com os quais atuamos num mundo multissemioticamente constituído, resultantes de nossas múltiplas experiências psicossociais – portanto, contingenciadas de forma intersubjetiva e perspectivada". Cérebro, cognição e linguagem são, pois, sistemas funcionais complexos regulados externa e internamente, completamente interativos entre si, dinâmicos e plásticos.

Uma vez sintetizada a perspectiva neurofuncional de caráter sociobiológico e cultural da linguagem – que se estende a outras cognições humanas –, na qual nos baseamos, a seguir, apontamos fatores relevantes sobre o processamento neurocognitivo da literalidade e da figuratividade para a nossa pesquisa.

1.2.2. Literal e Figurativo: processamento neurocognitivo do fenômeno metafórico

As relações entre linguagem, cérebro e cognição têm sido vistas de diferentes formas pelos estudos que buscam compreender as semelhanças e as diferenças entre o processamento das expressões linguísticas literais e das figurativas. Em termos gerais, é possível afirmar a existência de modelos teóricos baseados em perspectivas holísticas, localizacionistas e funcionalistas – especialmente as duas últimas –, para os quais o papel dos hemisférios cerebrais é preponderante.

Podemos assumir que a atenção conferida aos hemisférios cerebrais no que se refere ao processamento neurocognitivo da linguagem literal e da linguagem figurativa está associada a determinados achados de estudos neuropsicolinguísticos localizacionistas, segundo os quais caberia a cada uma dessas duas estruturas a responsabilidade por determinadas operações linguísticas. Por seu turno, essa associação deriva da atribuição dicotômica da subjacência neurobiológica relativa ao controle da fala, comando da escrita e compreensão da leitura ao hemisfério esquerdo, enquanto o direito seria responsável pela prosódia e percepção de sons musicais, por exemplo (LENT, 2001).

Trata-se do conceito de dominância cerebral, de acordo com o qual a linguagem está localizada – no que respeita a maior parte das suas funções, incluindo as mais importantes – no hemisfério esquerdo, o dominante, sendo o hemisfério direito o dominado, de menor relevância (CASTRO-CALDAS, 1999). No entanto, como pondera Morato (2014), um grande número de neurocientistas tem optado pela noção de especialização – em vez de dominância – de áreas cerebrais, ou mesmo, na esteira dos trabalhos de Luria, por "localização dinâmica" (p. 306) das funções cognitivas. A autora assinala que essa postura estaria em conformidade a perspectivas funcionalistas sobre as estruturas e o modo de funcionamento do cérebro, além de já ter sido anteriormente assumida por Luria (1981) ao estabelecer uma relação não localizacionista, direta e causal entre sintoma, lesão e localização em sua obra "The Working Brain", de 1949.

A especificação de cada um dos dois hemisférios cerebrais como sendo o substrato neuropsicológico para as construções linguísticas literais e as figurativas

deriva também da distinção polarizada desses dois tipos de linguagem. De acordo com Gibbs e Colston (2012), a tentativa tradicional de identificar os sentidos literais de expressões linguísticas é realizada com a finalidade de estabelecer um significado padrão, do qual, presumivelmente, os sentidos figurativos partem. Ou seja, se considerarmos as discussões sobre metaforicidade feitas no decorrer deste capítulo, trata-se de uma diferenciação que concebe a literalidade como normal e a figuratividade como desviante.

Assim, um número significativo de estudos – sobretudo no período inicial desse campo de investigação – atribuiu ao hemisfério direito maior envolvimento no processamento de material linguístico não denotativo, como metáforas, expressões idiomáticas, provérbios, ironias e atos de fala indiretos (BURGESS; CHIARELLO, 1996). De modo geral, essas pesquisas baseiam-se na testagem neuropsicolinguística de indivíduos acometidos por algum tipo de dano hemisférico, sendo muitas delas questionadas por evidências empíricas posteriores, mais recentes.

Winner e Gardner (1977) foram os pioneiros a formularem que o hemisfério direito estaria diretamente associado à linguagem figurativa, asseverando que pessoas com lesões nessa estrutura cerebral exibiram prejuízos na compreensão de expressões como *coração pesado*. Corroborando essa hipótese, outros estudos clínicos demonstraram que também a compreensão de provérbios e expressões idiomáticas metafóricas é danificada em indivíduos com tal comprometimento, comparativamente aos seus controles (MYERS; LINEBAUGH, 1981; DRONKERS, 1984; VAN LANCKER; KEMPLER, 1987, KEMPLER; VAN LANCKER, 1989).

Mais recentemente, estudos neuroimagéticos e eletrofisiológicos têm indicado que ambos os hemisférios cerebrais estão envolvidos no tratamento – produção e compreensão – da metaforicidade por pessoas que não apresentam patologias córtico-cognitivas (BOTTINI et al., 1994; PAPAGNO, 2001). Em quadros patológicos de tal ordem, resultados de pesquisas sobre a compreensão de metáforas por indivíduos com o hemisfério direito lesionado sugerem que, embora apresentem menor desempenho quando comparados a grupos controles, essas pessoas são capazes de realizar corretamente as tarefas que envolvem interpretação metafórica (RINALDI; MARANGOLO; BALDASSARRI, 2002; FACHINI, 2007).

Paralelamente, investigações acerca da compreensão metafórica por indivíduos afásicos, isto é, que sofreram lesões no hemisfério esquerdo, indicam haver comprometimento no processamento figurativo (PAPAGNO; OLIVERI; ROMERO, 2002; PAPAGNO et al., 2004; MANCOPES; SCHULTZ, 2008; MORAWSKI, 2009; CIÉSLICKA; RATAJ; JAWORSKA, 2011).

Além disso, uma série de outras pesquisas não forneceu suporte favorável à hipótese do hemisfério direito para a linguagem figurativa, já que indicou a presença de déficits na compreensão metafórica em pessoas com danos no hemisfério direito e no hemisfério esquerdo (ZAIDEL et. al., 2002; NOCENTINI et. al., 2006; RAPP et. al., 2004; STRINGARIS et. al., 2007.). Zaidel e colaboradores, por exemplo, aplicaram testes a partir da Bateria de Comunicação do Hemisfério Direito a um grupo de indivíduos com lesão cerebral esquerda e outro com lesão cerebral direita, não encontrando diferenças de desempenho entre eles. Nocentini e colaboradores (2006) também não verificaram discrepâncias entre pessoas com danos no hemisfério direito e pessoas com lesões no hemisfério esquerdo no que se refere à compreensão de sentidos literais e figurativos de palavras polissêmicas.

1.3. Um processo, distintas teses sobre processamento

As teses sobre processamento da metaforicidade também são tributárias da distinção entre linguagem literal e linguagem figurativa. Assim, como assinalam Gibbs e Colston (2012), o termo linguagem figurativa, em geral, é usado para se referir às construções linguísticas por meio das quais os usuários da língua significam algo diferente do que elas literalmente dizem. Os modelos teóricos formulados para explicar o processamento dos significados metafóricos refletem não só o modo como a metaforicidade é concebida, mas também como ela se relaciona com aspectos semânticos, cognitivos e pragmáticos relativos à significação.

Entre as teorizações que buscam explicar a maneira como ocorre o processamento metafórico em relação ao processamento dito literal, podemos elencar três perspectivas principais: a que postula que o processamento da informação literal ocorre anteriormente ao processamento da metáfora percebida (SEARLE, 1979); a que

defende que o processamento da metáfora se dá independentemente da percepção do literal (GIBBS, 1994a; 2002; KINTSCH, 1998; KINTSCH; BOWLES, 2002; GLUCKSBERG; KEYSAR, 1990; GLUCKSBERG, 2003); e iii) a que preconiza que o processamento figurativo pode ocorrer tanto direta quanto indiretamente a depender de aspectos sociocognitivos e pragmáticos (GIORA, 1997; BOWDLE; GENTNER, 2005).

Pertencente à primeira vertente está o modelo pragmático padrão da compreensão de metáforas (SEARLE, 1979), cujo alicerce é a concepção de que a metáfora representa um afastamento do normal, isto é, do literal, sendo, assim, do domínio da pragmática, uma vez que está ligada ao uso. Baseada na perspectiva griceana[8], o modelo possui três estágios: o primeiro implica a percepção do sentido literal do enunciado; no segundo, há a verificação da interpretação do sentido literal dentro do contexto da enunciação; havendo percepção de incoerência, no terceiro estágio, ocorre a busca por um sentido alternativo não literal, com base em informações pragmáticas. Nessa perspectiva, inicialmente, a metáfora é reconhecida como uma asserção categórica falsa, devendo ser convertida em uma asserção categórica verdadeira através de comparação ou símile, o que levaria o processamento literal a ser mais fácil e rápido do que o processamento da linguagem metafórica.

A pertinência explicativa desse modelo é bastante questionável por duas principais razões: o pressuposto de que literalidade e figuratividade são fenômenos distintos, com primazia do primeiro sobre o segundo, e a concepção de que, para ser desenvolvido, o processamento metafórico envolve necessariamente a refutação do sentido literal por meio da identificação de sua incompatibilidade. Ao consideramos a metaforicidade em termos de processo integrante do nosso sistema conceptual e cuja configuração é moldada no uso, variáveis como convencionalidade, familiaridade e contexto são fundamentais para definir características de processamento de significados ditos literais e sentidos metafóricos.

A perspectiva que advoga pelo acesso direto ou paralelo (GIBBS, 1994a; 2002; KINTSCH, 1998; KINTSCH; BOWLES, 2002; GLUCKSBERG; KEYSAR, 1990; GLUCKSBERG, 2003) assume que há interação entre a informação contextual e os

[8] De acordo com Grice (1975), a metáfora consiste em uma implicatura conversacional resultante da desconsideração intencional da primeira máxima da qualidade. Contudo, Grice faz uma ressalva: "apesar de alguma máxima ter sido violada no nível do que é dito, o ouvinte é levado a assumir que aquela máxima, ou pelo menos o Princípio geral da Cooperação, é observado no nível do que é implicado" (1975, p. 52).

processos lexicais nos estágios iniciais de compreensão, de modo que sentidos contextualmente compatíveis seriam acessados desde o início do processo. Logo, não existiria diferença entre o processamento de enunciados literais e figurados, do que resulta o mesmo empenho cognitivo para a compreensão da metáfora e dos sentidos denotativos. Entretanto, no caso de metáforas não familiares, o processamento pode levar mais tempo do que o demandado no sentido literal, já que haveria dificuldade de integração da linguagem figurada com o contexto (GIBBS, 2002).

Com base na hipótese do processamento direto da linguagem figurativa, Glucksberg (2003) propõe um modelo de compreensão metafórica fundamentado na noção de inclusão de classe. Segundo o autor, as metáforas não são comparações implícitas ou indiretas, mas consistem em declarações categóricas de inclusão de classe que vão muito além da similaridade. Assim, as expressões metafóricas são processadas diretamente, uma vez que, de acordo com essa abordagem teórica, compreendemos as construções figurativas como literalmente falsas, a partir de uma rota interpretativa direta.

Ao contrário da abordagem searleana, a perspectiva de acesso direto ou paralelo entende que o significado metafórico pode ser acessado independentemente do sentido literal, processo este que está associado à disponibilidade de informações contextuais durante o percurso interpretativo e ao quanto as expressões são familiares aos falantes. No entanto, entendemos que contexto e familiaridade são variáveis que, integradas, atuam na configuração da saliência das construções figurativas, fator este que seria crucial ao processamento metafórico. Assim, a questão que se coloca não é quais aspectos levam à compreensão literal ou metafórica de uma expressão figurativa, mas quais as variáveis que atuam para conferir proeminência a um determinado significado.

Fazem parte do terceiro tipo de abordagem a hipótese da trajetória da metáfora e a hipótese do grau de saliência. Desenvolvida por Bowdle e Gentner (2005), a hipótese de trajetória da metáfora considera que o tipo de processamento figurativo – se direto ou indireto – depende do grau de convencionalização. Dessa maneira, quando as construções metafóricas são novas, a sua interpretação é feita indiretamente, como comparações implícitas, e, se já forem convencionalizadas, a compreensão é processada diretamente, por meio de uma operação de categorização, configurando, assim, um espectro de progressão das expressões metafóricas.

A hipótese do grau de saliência (GIORA, 1997) sugere que sentidos proeminentes são processados em primeiro plano, podendo, imediatamente, o contexto interferir na compreensão, embora não seja eficaz no bloqueio de sentidos salientes, mas, incompatíveis. São salientes os sentidos de palavras ou frases codificados no léxico mental em razão da convencionalidade, frequência, familiaridade ou prototipicidade. A compreensão dessas expressões ocorreria automaticamente, antes de qualquer inferência contextual, sendo os graus de saliência determinados pela frequência de exposição e pela familiaridade com o sentido em foco. Em contextos similares, enunciados literais e metafóricos envolveriam o mesmo processo inicial, desde que eles fossem igualmente salientes.

Esse modelo é interessante porque em vez de assentir a distinção entre significado literal e significado figurativo, sugere a existência de sentidos mais e menos salientes. Segundo Giora (1997), a compreensão da linguagem, de modo geral, seria mais plausivelmente explicada a partir de um princípio geral de saliência dos significados, de modo que sentidos mais salientes, frequentes, familiares, convencionalizados e permitidos por um contexto prévio seriam processados direta e prioritariamente. Por outro lado, os sentidos de menor saliência seriam processados de forma indireta, enquanto significados igualmente salientes teriam processamento em paralelo.

Outro aspecto positivo da hipótese do grau de saliência é a especificação do funcionamento dos fatores de familiaridade, convencionalidade, frequência, prototipicalidade e contexto. Giora (1997) sugere que a maior parte das palavras apresenta mais de um sentido, cuja variação ocorre em termos da sua saliência relativa, de modo que se um significado metafórico é altamente saliente, será acessado primeiro e a metaforicidade rapidamente compreendida, enquanto que se ele for pouco saliente será compreendido mais lentamente. A determinação do grau de saliência de uma palavra ou expressão se daria em função da sua convencionalidade, familiaridade, frequência e prototipicalidade, ou seja, se uma construção linguística possui dois significados recuperáveis do léxico, o que for mais popular, comum, regular, conhecido, será o mais saliente.

Além disso, o significado ativado pelo contexto prévio, isto é, aquele dotado de maior previsibilidade, terá condições de ser o mais saliente se combinado com os

outros fatores determinantes (GIORA, 1997), mencionados acima. Portanto, de acordo com esse modelo, é preciso haver uma combinação de elementos e processos de ordem linguística, sociocognitiva e pragmática para que o grau de saliência de uma construção linguística seja estabelecido, e, em consequência disso, sua metaforicidade seja compreendida.

A principal vantagem desse modelo explicativo para o processamento metafórico está em admitir um gatilho ativador da construção do significado, que é a saliência. Nessa perspectiva, a discussão deixa de ser a primazia do acesso – se o literal, o figurativo ou ambos paralelamente – e passa a englobar os fatores que concorrem para o estabelecimento dessa proeminência, os quais, consequentemente, devem estar relacionados à construção da significação em termos gerais, isto é, metafórica ou não. A hipótese do grau de saliência insere a metaforicidade e a literalidade em um *continuum* cuja demarcação de grau é tributária da atuação de diferentes variáveis.

Ao compararmos os apontamentos sintéticos feitos sobre as perspectivas de processamento metafórico, verificamos que ambos admitem a onipresença de, pelo menos, dois sentidos possíveis a partir de uma estrutura linguística e a necessidade de suprimir um deles durante o processo interpretativo. A tese do modelo pragmático padrão supõe que a supressão do significado literal só é feita quando há a percepção de uma incongruência contextual, ao passo que a concepção de acesso direto ou paralelo, a hipótese da trajetória da metáfora e a hipótese do grau de saliência preveem que o sentido contextualmente incompatível ou não saliente é suprimido instantaneamente.

Ambas as teses concebem os dados contextuais como elementos fundamentais à interpretação figurativa, mas, concedem papéis diferentes a eles. Enquanto o modelo pragmático padrão atribui ao contexto uma função externa, de adequação de interpretação em conformidade a um padrão de compatibilidade, a perspectiva de acesso direto ou paralelo admite que as informações contextuais estão integradas aos processos semânticos já no início da interpretação da construção linguística. A hipótese da trajetória da metáfora confere ao contexto uma função cognitiva que atua no mecanismo de convencionalização. Já na hipótese do grau de saliência, o contexto é decisivo para a especificação de aspectos relativos à frequência, convencionalidade, prototipicalidade e familiaridade.

A partir do emprego de tarefas que contrastam potenciais evocados relacionados a eventos (ERPs) – método não invasivo de investigação cerebral – de metáforas familiares e não familiares, Pynte e colaboradores (1996) testaram a validade de hipóteses sobre o processamento metafórico, observando que, ao contrário do modelo pragmático padrão da compreensão da metáfora, significados metafóricos estão disponíveis já no início do processamento. Verificaram ainda que a técnica eletrofisiológica não indicou a existência de diferenças qualitativas na atividade cerebral associada à compreensão da linguagem figurativa e literal, assim como apontou a irrelevância da familiaridade metafórica para o desempenho na interpretação.

Coulson (2007) buscou traçar um panorama de estudos experimentais da atividade cerebral de construções complexas, entre elas a metáfora, realizados principalmente por meio de métodos não invasivos, tais como ERPs, ressonância magnética funcional e eletroencefalograma. Ao analisar a metáfora com base em investigações que empregam ERPs, Coulson identificou que diferenças descritas quanto a tempo de reação em tarefas de interpretação têm sido associadas à complexidade envolvida no sentido metafórico, podendo haver, conforme a sua análise, tempos de processamento de sentido literal e de sentido metafórico semelhantes.

De acordo com Coulson (2007), diferentemente do que postulam teorias clássicas sobre a figuratividade, como o modelo pragmático padrão, o sentido metafórico não seria resultante do sentido literal, de modo que as diferenças observadas entre a interpretação do sentido literal e do sentido metafórico seriam derivadas da complexidade deste, que demandaria um maior número de recursos para o processamento neural.

O emprego de técnicas eletrofisiológicas para avaliar o processamento em tempo real de metáforas sugere que, embora a compreensão de metáforas frequentemente demande aumento dos recursos de processamento, o processo é influenciado por muitas das mesmas variáveis implicadas na compreensão da linguagem literal (COULSON, 2007).

1.4. Discussão: literalidade como uma metáfora para o processamento linguístico-cognitivo de menor complexidade

Nas subseções anteriores, buscamos abordar questões importantes para a compreensão do funcionamento neurocognitivo da metaforicidade. Para isso, fizemos algumas ponderações sobre as concepções de cérebro e cognição – tomados em relação e considerando a sua natureza plástica –, tendo em vista a linguagem. Ponderamos ainda sobre as noções de dominância e especialização hemisférica, especialmente quanto à literalidade e à figuratividade, e apresentamos sucintamente os aspectos mais relevantes das principais teses de processamento sobre o fenômeno metafórico.

A partir do que apresentamos, admitimos a existência e a atuação de um sistema funcional complexo, no sentido luriano da expressão, o qual não diz respeito apenas à caracterização e à explicação das estruturas e dos modos de funcionamento neurocognitivo, mas também pode se referir à linguagem, de modo geral, e à linguagem metafórica, especificamente. Ou seja, trata-se de pensar a metaforicidade como um fenômeno altamente complexo, para o qual concorre uma série de variáveis de natureza linguística, sociocognitiva, cultural e pragmática, cuja operação, em concerto, requer um processamento neurocognitivo que engloba, de forma inter-relacionada, todos os elementos e processos necessários à configuração da figuratividade.

Essa analogia é totalmente possível quando ponderamos sobre os resultados de pesquisas neurocientíficas sobre o processamento de metáforas. Como destaca Coulson (2007), mesmo que a compreensão metafórica em tempo real comumente eleve os recursos de processamento, nela, há a atuação de grande parte das variáveis implicadas na interpretação literal. Esses achados conflitam com a hipótese de que a compreensão da metáfora recruta áreas cerebrais do hemisfério direito não utilizadas no processamento da linguagem literal, uma vez que o hemisfério esquerdo estaria associado com o processamento de linguagem tradicionalmente interpretado como linguístico, ou seja, fonológico, morfológico, sintático e semântico, enquanto o hemisfério direito seria responsável pelo processamento normalmente concebido como pragmático, ou extralinguístico (FACHINI, 2007).

Resultados como esses, assim como os que foram apontados no decorrer dessas subseções, colocam em xeque não só a pertinência explicativa da dominância hemisférica, perspectiva contra a qual a concepção de especialização hemisférica vem se opondo, como a própria distinção entre literal e metafórico. Se admitirmos os pressupostos da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002), a metaforicidade está presente na conceptualização, de forma que o conteúdo metafórico torna-se mesmo o sentido literal, criado e estabelecido a partir de diferentes experiências corporais, culturais, sociais e linguísticas que envolvem algum tipo de figuratividade.

Além disso, Gibbs e Colston (2012) afirmam que os processos envolvidos na compreensão do que se denomina de linguagem figurativa são os mesmos que estão presentes na interpretação de qualquer instância da linguagem humana. Os autores argumentam que estabelecer um princípio de distinção entre significado literal e significado figurativo que possa ser aplicado a todas as facetas da linguagem é provavelmente impossível, assinalando que distintos tipos de expressões figurativas refletem diferentes relações entre o que é dito e o que é comunicado.

Papagno e Romero Lauro (2010), por seu turno, também questionam a distinção entre linguagem figurativa e linguagem não-figurativa, sugerindo que os diversos tipos de expressões figurativas tendem a exigir variados processos de compreensão. Segundo as autoras, o envolvimento específico das estruturas dos hemisférios cerebrais direito e esquerdo em todos esses processos ainda está longe de ser estabelecido, elucidado.

Embora afirmem que a distinção entre literalidade e figuratividade não desempenhe um papel crucial para a teorização linguística, Coulson e Oakley (2005) admitem a existência de diferenças importantes entre esses tipos de significados, aos quais atribuem uma relação sistemática. Os estudiosos sugerem que a sistematicidade dessa relação pode ser observada na forma como o significado literal – compreendido como os significados codificados e salientes (ARIEL, 2002 *apud* MULLER, 2008) – é usado para criar redes de integração conceptual para significados figurativos.

Podemos, assim, abordar a metaforicidade como uma questão de *continuum*, no qual haveria expressões que exigiriam um menor esforço de processamento para que sejam compreendidas, enquanto outras demandariam um contingente maior. A quantidade de esforço demandado estaria diretamente relacionada ao grau de saliência

do significado, que, por sua vez, dependeria da atuação de variáveis como convencionalidade, frequência, familiaridade, prototipicalidade e contexto.

A noção de literalidade seria muito mais uma espécie de metáfora para o processamento linguístico-cognitivo de menor complexidade do que uma categoria de funcionamento da linguagem. Essa menor complexidade estaria associada tanto com a ideia de codificação e saliência, apontada acima, quanto com as diversas inter-relações constitutivas que a linguagem mantém com as outras cognições, conhecimentos enciclopédicos, práticas socioculturais e esquemas interacionais.

A noção de saliência, ou "estar em primeiro lugar na mente" (GIORA, 2003), também está em consonância com a perspectiva integrativa que assumimos sobre cérebro e cognição. Assim, a saliência de um significado é a ponta do iceberg neuropsicolinguístico, de cuja estruturação e funcionamento faz parte um conjunto indissociável de elementos, operações, processos e práticas de natureza sociocognitiva, linguística, cultural, histórica, pragmática e discursiva.

CAPÍTULO 2: Expressões metafóricas: provérbios, idiomáticos e metáforas

2.1. Expressões metafóricas

A investigação de regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas envolvidas no cálculo realizado para interpretar a metaforicidade por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer foi feita a partir da manipulação enunciativo-discursiva de expressões metafóricas pelos participantes da pesquisa. Depois de discutido o fenômeno metafórico no capítulo anterior, cabe entendermos como são configuradas – em termos sociocognitivos, linguísticos pragmáticos e discursivos – e o que requerem para serem compreendidas e interpretadas.

Entendemos as expressões metafóricas como construções linguísticas que envolvem algum tipo de cálculo da metaforicidade para que possam ser apropriadamente interpretadas. Utilizamos o termo *apropriadamente* para especificar

que a interpretação deve estar em conformidade ao propósito comunicativo do interlocutor – comunicar um sentido linguístico de natureza metafórica – e aspectos situacionais – elementos que enquadrem a significação metafórica –, sendo, portanto, adequada, pertinente, relevante.

Em termos sociocognitivos, as expressões metafóricas são asserções categoriais (GLUCKSBERG, 2001) que realizam categorizações (MOURA, 2007). Como já explicitamos ao longo do capítulo precedente, no mapeamento metafórico, há a inclusão de uma entidade, o tópico (entidade da qual se fala na metáfora), em uma categoria, o veículo (expressão linguística que predica algo sobre o tópico). O modo como interagem tópico e veículo – se de forma explícita ou implícita na superfície linguística – varia de acordo com a expressão.

Assim, por exemplo, na metáfora *a enciclopédia é uma mina de ouro*, tanto o tópico *a enciclopédia* quanto o veículo *uma mina de ouro* estão explícitos na construção. Já, no idiomático *achar pelo em ovo*, apenas o seu veículo *achar pelo em ovo* fica explícito na forma linguística, ao passo que o seu tópico, que poderíamos sintetizar como *procurar algo onde não há*, está implícito. É possível admitirmos que enquanto, na maioria das construções, o veículo estará explícito, pois será o elemento linguístico responsável pela veiculação e identificação da expressão, o tópico será muito variável quanto à sua explicitude, que dependerá de mecanismos de mapeamento e de operações de convencionalização.

A interação entre tópico e veículo seria regida pela combinação de tipos semânticos que preenchem as posições desses dois elementos constituintes das expressões metafóricas, o que permitiria explicar a seleção de determinadas dimensões relevantes do tópico, enquanto outras são descartadas conforme o uso metafórico específico (MOURA, 2005). Dessa maneira, no provérbio *vaso ruim não quebra*, por exemplo, teríamos o tópico ser humano, implícito na expressão, e o veículo composto por um artefato e uma de suas propriedades. De acordo com Moura (2005), estão entre as combinações de tipos semânticos: i) tópico (instituição/lugar) e veículo (instituição/lugar), ii) tópico (artefato) e veículo (propriedade humana), iii) tópico (ser humano) e veículo (propriedade de substância) e iii) tópico (ser humano) e veículo (propriedade ou nome de artefato).

Outra variável importante que envolve as expressões metafóricas é a aptidão, que pode ser entendida em termos de dimensões relevantes (MOURA, 2007). Ela diz respeito às propriedades salientes ativadas pelo tópico e veículo das expressões, consistindo especificamente como um reflexo do grau em que o veículo capta propriedades salientes do tópico (MCCABE, 1983; CHIAPPE et. al., 2003); Assim, a expressão é mais apta quando o veículo capta muitas propriedades do tópico. De acordo com Moura (2007) entre as metáforas *o genoma é um mapa*, *o genoma é uma linguagem*, *esse cirurgião plástico é um açougueiro* e *o genoma é um psicólogo*, a última parece ser menos apta, já que a dimensão relevante do seu veículo – o tipo de atividade desempenhada pelo psicólogo – não corresponde a qualquer dimensão relevante do tópico – *o genoma*.

Também podemos considerar a estruturação das expressões metafóricas a partir de tipologias de metáforas constituintes. Entre as diferentes possibilidades de compreender a sua organização temos as classificações em metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais (LAKOFF; JOHNSON, 1980), metáforas primárias e compostas (GRADY, 1997), metáforas primárias e metáforas congruentes (KOVECSES, 2005), bem como esquemas propositivos, esquemas de imagem e esquemas de eventos (SILVA et. al., 2017). Optamos pela divisão entre metáforas corporificadas, cujos mapeamentos são baseados mais enfaticamente em esquemas imagéticos e corpóreos, e metáforas culturais, nas quais os mapeamentos configuram-se de forma mais acentuada a partir de práticas socioculturais. O idiomático *dar a volta por cima* envolve predominantemente o primeiro tipo, enquanto o provérbio *vaso ruim não quebra*, o segundo.

As expressões metafóricas são usadas em configurações comunicativas específicas – em gêneros discursivo-textuais e situações interacionais particulares –, de forma que a relação entre os significados básicos dos seus veículos e os seus tópicos é calculada por meio de uma "transferência de significados no contexto”[9] (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 102). Assim, as metáforas conceptuais e os seus mapeamentos consistem em uma potencial influência sobre o processo de significação das expressões metafóricas, bem como o são as influências linguísticas, culturais, sociais, pragmáticas etc. (GIBBS; CAMERON, 2008). Considerando esse aspecto, no idiomático *estar na*

[9] Tradução nossa de “transfer of meaning in context”.

fossa, por exemplo, temos um mapeamento genérico das metáforas conceptuais RUIM É PARA BAIXO e ESTADO É LUGAR que, por si só, não explicam a significação idiomática da expressão, que, por sua vez, requer, entre outros fatores, o conhecimento semântico-pragmático das propriedades de *fossa* e sua relação com o estado de tristeza/depressão.

Além disso, as expressões metafóricas têm diferentes graus de metaforicidade, ou seja, são variáveis com relação ao nível de ativação do significado figurativo, que, por sua vez, será reconhecido pelo interlocutor (MULLER, 2008). Essa gradação metafórica envolve a atuação de operações e elementos conceptuais, semânticos, pragmáticos e textuais, estando diretamente associada à configuração linguístico-cognitiva da construção figurativa e a processos de convencionalização. Assim, no que se refere à metaforicidade, as expressões fazem parte de um *continuun*, em que são mais ou menos metafóricas. Na expressão *cortei o dedo com a coroa do abacaxi*, por exemplo, temos um baixo grau de metaforicidade, já que se trata de uma metáfora adormecida, de significado transparente e altamente convencionalizado.

Outro fator relevante na configuração das expressões metafóricas é a familiaridade, que diz respeito ao (re)conhecimento do significado (BLASKO; BRIHL, 1997; THIBODEAU; DURGIN, 2011). Essa variável interage com outras formas de alcançar o sentido figurativo, entre os quais está a saliência (GIORA, 2007), referente ao nível de ativação de um significado. Giora (2007) argumenta que ambos os significados – comumente denominados de literal e figurativo –, quando disponíveis, competem durante a compreensão, de maneira que o significado com o mais alto nível de saliência será o escolhido. Assim, o efeito de familiaridade torna o sentido metafórico mais saliente, fazendo com que a posterior recuperação desse significado seja mais fácil.

A convencionalidade é também fundamental para a significação metafórica, concernindo ao grau de cristalização de um uso figurativo. Dessa maneira, uma expressão metafórica é convencional, ou tem alta convencionalidade, quando já está tão arraigada à forma de pensar sobre determinado domínio abstrato, que os veículos não geram mais estranhamento no processo interpretativo, tratando-se, pois, de uma forma clichê de falar sobre certo domínio abstrato (KOVECSES, 2010). A convencionalização é um processo que evidencia usos difusos e formas comuns de conceptualização, não podendo ser plausivelmente dicotomizada na existência de

expressões metafóricas mortas – totalmente cristalizadas e sem qualquer figuratividade – e vivas – entrincheiradas ou novas e criativas, mas, constituindo um *continnun* que funciona no uso metafórico (MULLER, 2008).

As expressões metafóricas compreendidas nesta pesquisa são os provérbios, os idiomáticos e as metáforas – ditas copulativas ou isoladas –, ambos os tipos considerados como sintagmas metafóricos, em "sentido amplo", nos termos de Lakoff (1997). Há entre esses três tipos de locuções especificidades estruturais, linguístico-cognitivas e sociopragmáticas que requerem diferentes percursos interpretativos, sobre os quais discorreremos nas subseções seguintes.

De acordo com Cacciari e Papagno (2012), essas expressões figurativas têm diferentes representações cognitivas e substratos neurais que modulam os processos de produção e compreensão de modos potencialmente diferentes. Cacciari (2014, p. 269) aborda algumas das principais diferenças entre idiomáticos, metáforas e provérbios:

> As expressões idiomáticas são diferentes das metáforas […] uma vez que os idiomáticos têm um significado convencionalizado que pode ser especializado, mas não modificado pelo contexto. Em contraste, uma mesma metáfora [...] pode transmitir diferentes significados dependendo do contexto. Não podemos recuperar e combinar de maneira produtiva palavras on-line para criar uma expressão idiomática (Konopka & Bock, 2009), pois a idiomatização é um processo: para alcançar o status de idiomático, uma expressão deve ser convencionalizada (Cacciari, 1993). […] Podemos criar uma metáfora na hora. Metáforas nominais (por exemplo, o advogado é um tubarão) podem produzir novas categorias (indivíduos que são agressivos, têm comportamentos predatórios, atacam repentinamente, etc.) (Glucksberg, 2001), enquanto os idiomáticos não podem. Finalmente os idiomáticos diferem dos provérbios, que […] são sentenças completas […], temporariamente indefinidas, sinalizadas por padrões gramaticais, fonéticos e/ou retóricos específicos. ou por uma estrutura binária (tema/comentário) (Ferretti, Schwint, & Katz, 2007).[10]

[10] Tradução nossa de "Idioms are different from metaphors [...], since idioms have a conventionalized meaning that can be specialized but not changed by context. In contrast, a same metaphor […] can convey different meanings depending on context. We cannot retrieve and productively combine words online to create an idiomatic expression (Konopka & Bock, 2009) since idiomatization is a process: for reaching the status of idiom, an expression must be conventionalized (Cacciari, 1993). […] we can create a metaphor on the fly. Nominal metaphors (e.g., That lawyer is a shark) can produce new categories (individuals who are aggressive, have predatory behaviors, attack suddenly, etc.) (Glucksberg, 2001), while idioms cannot. Finally idioms differ from proverbs [...] that are full sentences (generally true statements, both literally and figuratively), temporarily undefined, signaled by specific grammatical, phonetic and/or rhetorical patterns or by a binary structure (theme/comment) (Ferretti, Schwint, & Katz, 2007)."

É importante destacar a questão da formulaicidade na configuração das expressões metafóricas. De acordo com Stein (2004 *apud* GLENK, 2007), o termo fórmula refere-se a todas as cristalizações linguísticas que apresentam fixidez pragmática, sem necessariamente constituírem fraseologismos, de forma que são formulaicas as estruturas pré-formatadas que possibilitam aos interlocutores uma ação linguística apropriada às normas comunicativas. Nesse sentido, tanto provérbios quanto idiomáticos podem ser formulaicos cujo grau de formulaicidade, diretamente associado à fixidez sintático-semântica e à cristalização social, varia consideravelmente entre as expressões.

No capítulo quatro, que trata da metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, abordaremos mais detalhadamente as seguintes questões relativas às expressões metafóricas: relevância – pertinência – das interpretações atribuídas; grau de metaforicidade; explicitude e implicitude do tópico e do veículo; configuração metafórica – corporificada/cultural; ambiguidade/não-ambiguidade e grau de transparência. Esses pontos serão abordados na seção destinada aos procedimentos metodológicos por consistirem em categorias relevantes para a elaboração do Protocolo de Expressões Metafóricas e também para a análise de dados. Nas subseções a seguir, a fim de definir e caracterizar esses tipos de expressões figurativas, abordaremos os provérbios, os idiomáticos e as metáforas.

2.1.1. Provérbios

Provérbios fazem parte das nossas práticas de linguagem cotidiana, além de serem comumente utilizados como um dos índices do estado linguístico-cognitivo de indivíduos em circunstâncias patológicas nos procedimentos clínicos de avaliação. Embora a sua definição esteja longe de ser um consenso entre os estudiosos das diversas áreas que se ocupam desse formato enunciativo, adotamos a noção abaixo, a fim de explorá-la e apontar aspectos relevantes para a nossa tese:

> provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e, consagrada por determinada comunidade lingüística, que recolhe experiências vivenciadas em comum e as formula como um enunciado conotativo, sucinto e completo,

> empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar (XATARA; SUCCI, 2008).

Portanto, uma das principais características dos provérbios é o fato de serem construções de natureza formulaica, ou seja, sequências de elementos em que o significado é pré-fabricado, armazenado e recuperado a partir da memória (WRAY; PERKINS, 2000). Tratam-se de "estereótipos linguísticos" (AMOSSY; PIERROT, 1997), através dos quais atuamos retórica, performativa e argumentativamente, que têm o percurso sociocognitivo assegurado pela forma analógica, alusiva e figurada com que manipulamos a relação entre língua e realidade (MORATO, 2008a).

Outra característica da proverbialidade é que as suas expressões denotam situações genéricas, não ancoradas no espaço e no tempo e centradas no homem, consistindo em sequências de itens cujo significado convencional, em geral, não é composicionalmente construído e cuja fixidez formal é de base semântico-referencial (KLEIBER, 2000). Logo, é possível depreender a existência de algumas características semânticas, lexicais e sintáticas em sua configuração, como as afirmações categóricas – *quanto maior a altura, maior o tombo* –, os termos (pronominais ou nominais) indefinidos – *quem semeia vento colhe tempestade* – os verbos no presente do indicativo – *a união faz a força.* São comuns provérbios com organização rítmica – *água mole em pedra dura tanto bate até que fura* – e estrutura sintática binária (paranomásia) – *quem não chora, não mama*.

Entre os aspectos considerados por Xatara e Succi (2008) como sendo os caracterizadores do provérbio, destacamos os seguintes: i) frequência; ii) lexicalização – na qual a opacidade do significado não corresponde necessariamente à sua não-composicionalidade; iii) origem na coletividade; iv) cristalização que remonta o passado; v) tradição; vi) universalidade; vii) função de eufemismo; viii) autoridade; ix) polifonia; x) ideologia; xi) contexto e intertextualidade; xii) humor, criatividade e crença; e xiii) moral da história.

Existem os provérbios em que a metaforicidade está ausente, como em *quem tudo quer nada tem*, e aqueles nos quais ela é o seu vetor constitutivo, como em *águas passadas não movem moinhos* – que veicula a ideia de irreversibilidade de fatos em razão da sequencialidade temporal (SÉ, 2011). Nessa perspectiva, os provérbios metafóricos são construções linguísticas em que ocorrem mapeamentos entre domínios

que instanciam metáforas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980). De acordo com Siqueira e colaboradores (2017a, p. 161), "as situações específicas mencionadas nos provérbios veiculam uma ideia genérica que pode ser aplicada em diferentes contextos e situações. O fenômeno das metáforas, portanto, é um fenômeno intrínseco ao dos provérbios."

No entanto, o mapeamento metafórico que ocorre no provérbio e, seu consequente significado, vai muito além das relações entre os domínios conceptuais envolvidos, abarcando a própria função sociopragmática desse tipo de expressão. Isso acontece porque, em geral, um provérbio faz referência a uma situação vivenciada e comprovada no cotidiano, de rápida compreensão e apresentada como sendo previsível para outras situações de maior complexidade e com entendimento menos imediato. Nessa ótica, "um provérbio em vez de ter uma metáfora passa a ser uma metáfora" (TEIXEIRA, 2016, p. 217).

Teixeira (2016) parte do pressuposto básico da Teoria da Relevância e utiliza o provérbio *o sol quando nasce é para todos* com a finalidade de explicar como se configura o fenômeno metafórico na proverbialidade. De acordo com o autor, o uso dessa expressão não pretende veicular uma informação óbvia e conhecida, de modo que o interlocutor, ao reconhecer isso, parte do enunciado irrelevante – *o sol quando nasce é para todos* – e busca engatilhar um outro sentido que a asserção pode ter naquele contexto. Nessa ótica, segundo Teixeira, o provérbio apresenta "como domínio Fonte da metáfora, não um objeto simples, mas uma situação envolvendo várias componentes que pretendem demonstrar, uma a uma, que o Alvo que se quer atingir se pode compreender a partir do que se passa com a Fonte" (2016, p. 218).

Essa ponderação é importante porque tanto evidencia a complexidade do mapeamento metafórico nos provérbios que, em geral, tratam de situações que envolvem diferentes elementos e relações, quanto aponta a importância da função comunicativa desse formulaico no estabelecimento de sua metaforicidade. No entanto, boa parte dos provérbios não veicula informações "literalmente irrelevantes", mas, chama a atenção para algum atributo do alvo (tópico) por meio do que é proposicionado no veículo (fonte). Esse é o caso do provérbio *o amor é cego*, em que o veículo, constituído pela própria expressão, torna saliente a propriedade de desconhecimento associada a um estado sentimental, ativando o mapeamento das metáforas conceptuais VER É SABER e SENTIMENTO É SER HUMANO.

Embora os mapeamentos sejam fundamentais para a significação apropriada de um provérbio, eles não são o bastante. Para além das características estritamente conceptuais do enunciado proverbial importa, tendo em vista a definição feita por Xatara e Succi (2008), considerar o seu caráter cristalizador de experiências coletivas de falantes de uma comunidade linguística e a sua função injuntiva-argumentativa, por meio da qual um provérbio aconselha, ensina, adverte, consola etc., em uma determinada situação discursiva. De acordo com Morato (2008a, p. 162-163), essa cristalização linguístico-cognitiva:

> que pode ser entendida como provisória dada sua contingência histórica, depende também de várias formas de funcionamento da memória (histórica, social, discursiva, semântica, pessoal). O caráter formulaico dessas expressões é garantido em especial pela força da tradição cultural e pela remissão a representações, pressupostos ou pré-construídos reconhecidos, compartilhados ou renovados pelos falantes em situações socialmente situadas (cf. MARCUSCHI, 2003).

Portanto, um provérbio constitui-se também de uma série de processos enunciativos, reflexivos, organizados a partir de uma relação complexa com outros discursos, "pré-construídos" (AUTHIER-RÉVUZ, 1998). A proverbialidade faz parte do que Morato (2012a, p. 46) denomina de "realidade heterogênea da instanciação enunciativa", na qual emergem "diferentes e variados processos meta (metalinguísticos, metaenunciativos, metaformulativos, metacomunicativos, etc.) no curso da enunciação". Trata-se de processos que indicam a natureza reflexiva da linguagem, a qual, por sua vez, reflete-se qualitativamente nas integrações entre operações linguístico-cognitivas e pragmáticas.

Dessa maneira, ao ser uma forma metaenunciativa, o provérbio instancia, a um só tempo, marcas de reflexividade e subjetividade na apropriação socicognitiva da linguagem. Na configuração do enunciado proverbial, podem ser observados diversos processos sociocognitivos e enunciativos em ação, como os, já citados – mas, não apenas –, mapeamentos metafóricos, uso de sistemas de memória e operações de caráter meta, os quais evidenciam a exigência de uma competência pragmático-discursiva. Na subseção 2.2., em conjunto às expressões idiomáticas e às metáforas, trataremos do papel desses e de outros processos para o percurso interpretativo relevante dos provérbios.

2.1.2. Idiomáticos

Assim como os provérbios, os idiomáticos têm natureza formulaica e constituem o nosso repertório de práticas linguísticas rotineiras por meio das quais atuamos de forma performativa, retórica e argumentativa. No que se refere à sua definição, há muitos dissensos, especialmente entre as perspectivas fraseológicas, mais tradicionais[11], e as concepções sociocognitivas, que, entre outros aspectos, consideram de maneiras distintas a questão da composicionalidade. Para fins operacionais, adotamos a seguinte definição de expressões idiomáticas:

> como construções figuradas convencionalizadas, consideravelmente fixas com duas ou mais palavras, que têm uma função primariamente discursiva e que podem apresentar idiossincrasias (LANGLOTZ, 2006). Ainda que tal definição seja um tanto vaga, nos parece mais completa do que a definição tradicional, uma vez que vai além dos aspectos sintáticos e semânticos e inclui a função discursiva, pragmática, e suas idiossincrasias, o que de certa forma dá conta da multiplicidade de aspectos que caracterizam uma EI (SIQUEIRA, et. al., 2017b, p. 392)

Enquanto nas abordagens de caráter fraseológico, o arranjo estrutural do significado dos idiomáticos é entendido como definitivamente não composicional, o que torna esse tipo de construção totalmente fixo e cristalizado, nas perspectivas sociocognitivas, a configuração que leva ao seu sentido é concebida como variável. Contudo, o significado dessas expressões não pode ser previsto com base nas regras que especificam o sentido de suas partes constituintes quando usadas isoladamente.

Ainda que os idiomáticos sejam extremamente convencionais (GIBBS, 1999), a relação entre a sua forma e o seu significado varia de acordo com a sua: i) composicionalidade – em que medida a interpretação idiomática pode ser mapeada em elementos constituintes individuais (GIBBS; NAYAK; CUTTING, 1989); ii) fixidez – o quanto são passíveis de transformação sintática mantendo o significado idiomático (GIBBS; GONZALES, 1985); iii) transparência ou opacidade semântica – facilidade de recuperação da sua motivação estrutural (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994); e iv)

[11] Uma definição que ilustra essas perspectivas é a de Xatara (1998, p. 170): "expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponivel, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural".

ambiguidade ou não-ambiguidade – possibilidade de receber uma interpretação não-figurativa plausível.

Nessa perspectiva, o idiomático *descascar o abacaxi* (resolver o problema) seria mais composicional que *dar a volta por cima* (superar uma situação difícil), uma vez que, naquele, os constituintes podem ser correspondentemente mapeados em descascar/resolver o/o abacaxi/problema. Já a expressão *nem que a vaca tussa* seria mais fixa do que *fazer tempestade em copo d´água*, pois, a primeira não admite qualquer tipo de transformação sintática, porém, a segunda possibilita diferentes números e pessoas verbais bem como a inserção de modificadores, por exemplo (foi feita/ fiz/fizeram/fizemos/vou fazer uma – grande/enorme – tempestade em copo d' água).

O idiomático *as paredes têm ouvido* seria mais transparente, pois haveria uma relação observável entre o sentido metafórico e o literal, enquanto *não ser flor que se cheire* seria menos transparente ou opaca, já que o seu sentido não pode ser derivado dos significados dos termos constituintes ou da imagem evocada. Há ambiguidade em *lavar a roupa suja* (expressão que refere uma atividade "literal", plausível fora da figuratividade), mas, não em *cair na real*.

Considerando a atuação dessas diferentes variáveis, podemos admitir que as expressões idiomáticas estão em um *continnum* constituído tanto por polos periféricos quanto por áreas mais centrais com relação à composicionalidade, fixidez e transparência, além de poder ou não estar presente a ambiguidade. Esses fatores são combinados de modos diferentes em cada idiomático, tornando esse tipo de locução uma classe de construções figurativas heterogênea e complexa.

Os modos de conceber a natureza das configurações estruturais dos idiomáticos refletem diferentes modelos teóricos sobre a compreensão desse tipo de expressão. Podemos identificar três principais perspectivas que buscaram explicar o funcionamento linguístico-cognitivo de tal formulaico. As primeiras delas, da qual faz parte a hipótese de lista idiomática, consideram os idiomáticos como expressões fixas e postulam a prioridade do significado literal, de modo que apenas quando se conseguia atribuir sentido a uma construção linguística em determinado contexto, buscava-se outro significado em uma lista de idiomáticos (BOBROW; BELL, 1973).

Uma segunda abordagem, baseada em resultados de testes de decisão lexical, supõe que os idiomáticos se comportam como palavras longas de estruturação morfológica complexa que são armazenadas no léxico mental em conjunto a outros elementos léxicos (SWINNEY; CUTLER, 1979). Na hipótese de representação lexical, o processamento linguístico da cadeia e a recuperação do significado idiomático ocorreriam em paralelo, sendo este procedimento mais rápido do que aquele. Uma versão mais radical desse modelo afirma que não há qualquer análise linguística durante a interpretação de um idiomático, cujo significado literal é totalmente ignorado (GIBBS, 1994a).

A terceira perspectiva, hipótese da configuração (CACCIARI; TABOSSI, 1988), sugere que os idiomáticos consistem em configurações de palavras que são analisadas linguisticamente – sintática e morfologicamente, por exemplo –, tal como outros itens linguísticos, até determinado ponto do processo interpretativo. Quando são acumuladas informações suficientes para levar ao reconhecimento da natureza idiomática da expressão, ocorre a ativação do seu significado figurativo relacionado.

Podemos assumir que as duas primeiras abordagens estão mais associadas com a visão tradicional de expressões idiomáticas, ao passo que a terceira se alinha com maior coerência à perspectiva sociocognitiva. Assim, temos o idiomático, de um lado como uma expressão que funciona morfossintática e semanticamente à semelhança de uma palavra invariável, e de outro, enquanto uma construção linguística que, embora seja marcada por traços relevantes de idiomaticidade, incluindo certas restrições de composicionalidade, sofre a influência de uma série de variáveis.

Além de evidenciar a variabilidade configuracional inerente aos idiomáticos, as abordagens de caráter sociocognitivo atribuem relevância à função linguístico-cognitiva e discursivo-pragmática dessas expressões. Tal qual os provérbios, uma característica elementar dos idiomáticos é a sua cristalização em uma determinada comunidade linguística, a qual, por sua vez, além de variável, está relacionada à convencionalidade, isto é, a consagração por meio do uso. Uma vez que as expressões idiomáticas são formulaicas, elas pertencem à herança cultural e – logo – linguística de uma certa coletividade, de forma a cristalizarem na língua experiências e modos de conceptualização do mundo.

Partindo dessa ótica, um idiomático é muito mais do que uma construção linguística cujo significado é estruturado de maneira peculiar com relação à

contribuição semântica de suas partes, constituindo-se mesmo com base no nosso sistema conceptual (KOVECSES, 2010). Tendo em vista que grande parte das nossas conceptualizações é feita metaforicamente, de acordo com Kovecses (2010), frequentemente, os idiomáticos têm os seus significados motivados por mapeamentos metafóricos, o que os tornam não apenas expressões linguísticas, mas também expressões conceptuais. O autor exemplifica o seu raciocínio com a expressão idiomática *cuspir fogo* (ficar bravo, furioso), que seria motivada pela metáfora conceptual RAIVA É FOGO.

Gibbs (1994b) reforça o caráter propulsor da metaforicidade na configuração dos idiomáticos ao afirmar que as metáforas conceptuais são, provavelmente, a principal ligação entre um grande número de expressões idiomáticas e seus significados figurativos. Portanto, as expressões idiomáticas consistem no resultado de um processo metafórico de criação, que acabou por se enraizar em uma comunidade linguística, tornando-se elocuções figurativas pré-construídas, marcadas por usos polifônicos.

Os idiomáticos ecoam um discurso previamente criado, sendo considerados formas metaenunciativas, já que realizam o "jogo de produção de sentido" (MAINGUENEAU, 1989) e articulam a metalinguagem e a enunciação, duas dimensões da heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-RÉVUZ, 1998). No entanto, diferentemente dos provérbios que, por meio da atividade metaenunciativa, em geral, aconselham, advertem, julgam, ensinam chamam a atenção, as expressões idiomáticas atuam mais diretamente na categorização e referenciação de eventos, ações, estados e seres.

2.1.3. Metáforas

A metaforicidade é constitutiva do nosso sistema conceptual, de modo que tanto quanto os provérbios e os idiomáticos, a metáfora está presente em nossas práticas linguísticas diárias, nos modos como entendemos o mundo, comunicamos e interagimos. Assim, podemos afirmar que uma metáfora desempenha funções cognitivas semelhantes as dos idiomáticos e provérbios, mas, com a diferença básica de não estar totalmente convencionalizada por determinada coletividade social. É também

difícil atribuir um conceito único e preciso à metáfora, de modo que, tomadas em conjunto, as definições que utilizamos a seguir nos parecem ser úteis.

> A metáfora é um mecanismo cognitivo por meio do qual um domínio experencial é parcialmente "mapeado", isto é, projetado, para um domínio experencial diferente, de forma que o segundo domínio é parcialmente compreendido em termos do primeiro. […] Ambos os domínios devem pertencer a diferentes domínios superordenados (BARCELONA, 2003, p. 3).[12]

> A metáfora é um recurso que as pessoas usam enquanto estão falando e pensando em situações comunicativas específicas (CAMERON, 2010, p. 88).[13]

> A metáfora não é só linguística e conceptual. Uma característica principal da metáfora é que ela pode frequentemente ocorrer na prática físico-social da sociedade. Metáforas podem tornar-se corporificadas/enraizadas na prática cultural (KOVECSES, 2006, p. 135).[14]

Juntas, essas três definições captam traços relevantes das dimensões que consideramos fundamentais para compreender a natureza e o funcionamento da metáfora: linguagem, cognição e uso. Também nos ajudam a conceber a metáfora não apenas como um princípio (sócio)cognitivo geral, à maneira da Teoria da Metáfora Conceptual, mas, como um tipo de expressão linguística, na qual, além da metaforicidade, operam outros fatores responsáveis pela produção de significados.

Baseada na perspectiva da Teoria da Metáfora Conceptual, Barcelona (2003) aponta o papel geral dos elementos macroestruturais que atuam na metaforização, ou seja, os domínios. Como já explicitamos no capítulo 1, ocorrem mapeamentos sistemáticos entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, dos quais resulta uma metáfora cujo significado é uma nova conceptualização. De acordo com Kovecses (2006), a motivação combinatória desses domínios tem duas principais origens: a

---

[12] Tradução nossa de "Metaphor is the cognitive mechanisme whereby one experiential domain is partially 'mapped', i. e. projected, onto a different experiential domain, só that the second domain is partially understood in terms of the first one. […] Both domains have to belong to different superordinate domain."

[13] Tradução nossa de "Metaphor is a resource that people use while 'talking-and-thinking' in specific communicative settings."

[14] Tradução nossa de "Metaphor is not only linguistic e conceptual; a chief of metaphor is that it can actually occur in the social-physical practice of a society. Metaphor can thus become embodied in cultural practice."

similaridade entre traços conceptuais dos domínios projetados e a correlação na experiência corporal.

Assim, em uma metáfora como *minha sogra é uma serpente*, temos a metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL, que se constitui pelo domínio-alvo *ser humano* e pelo domínio-fonte *animal.* Considerando se tratar de uma expressão linguística metafórica, temos o tópico *minha sogra* e o veículo *uma serpente* como os seus constituintes. Parece ser a similaridade entre o traço comportamental estereotipicamente marcado de sogra e de serpentes, este que também se baseia em atributos etológicos, a saber, a característica de ser traiçoeiro, a motivação conceptual dessa metaforização. Também por similaridade ocorrem outros mapeamentos que envolvem esses domínios e criam, por exemplo, a metáfora *minha sogra é venenosa*.

Além da projeção entre domínios, no processo de metaforização, haverá a seleção de traços relevantes para o mapeamento, os quais farão parte da nova conceptualização. Dessa maneira, na metáfora *minha sogra é uma serpente*, apenas alguns elementos são mapeados do domínio-fonte, especialmente, aqueles atribuídos ao comportamento da serpente, que, por sua vez, são associados ao comportamento da sogra. Por outro lado, demais traços, como o formato do corpo e o modo de locomoção da serpente não são projetados, de forma a se tornarem irrelevantes no processo interpretativo.

Minha sogra é uma serpente consiste em um exemplar de metáforas copulativas, ou seja, metáforas construídas com o verbo *ser*, cuja predicação instaura ontologia e estabelece identidade (GONZÁLEZ FLORES, 2004). No entanto, as metáforas também podem ser criadas por meio de outras construções, como na expressão *a inflação corrói o nosso dinheiro*, em que é o verbo *corroer* que direciona a veiculação da metaforicidade, indicado uma propriedade da inflação que, por sua vez tem o mapeamento situado SITUAÇÃO ECONÔMICA É SUBSTÂNCIA ÁCIDA. Na metáfora *estou um pouco enferrujado hoje*, por outro lado, é o adjetivo *enferrujado* que instaura a metaforização, já que salienta um estado característico daquele que enuncia, cujo mapeamento é feito pela metáfora conceptual SER HUMANO É MÁQUINA.

Cameron (2010) concebe a metáfora como um recurso usado enquanto as pessoas estão falando e pensando em configurações comunicativas específicas, de modo que os significados básicos das expressões metafóricas e o tópico são calculados

por meio de uma "transferência de significados no contexto" (CAMERON; MASLEN, 2010, p. 102). Nessa visão, as metáforas conceptuais são consideradas somente como uma potencial influência sobre o que ocorre na conversa on-line e uma possível fonte de metáforas linguísticas, assim como o são as influências linguísticas, culturais, sociais, pragmáticas etc. (GIBBS; CAMERON, 2008). A metáfora consiste, portanto, em um fenômeno de linguagem e cognição, que é produzido de maneira dinâmica enquanto há fala/pensamento espontâneos (CAMERON, 2003).

Nessa ótica, existem diferentes variáveis envolvidas na metaforização, sendo as metáforas conceptuais uma delas. Outro fator importante para a estruturação e a interpretação de uma metáfora é a sua convencionalidade, a qual, se distribuí em níveis e indica a consolidação da expressão metafórica pela coletividade que a utiliza (KOVECSES, 2010)**.** Segundo Steen (2008), uma metáfora não é necessariamente percebida e tratada como tal por meio de uma mera relação inter domínio, envolvendo uma comparação entre traços de dois conceitos, mas, depende da sua regularidade e frequência.

De acordo com Steen (2008), o significado figurativo de *enciclopédias são minas de ouro* é gerado sem qualquer atenção às origens semânticas dessa proposição, pois, como uma metáfora convencional, ela tem uma definição específica em nossa mente devido à regularidade e à frequência com que é utilizada. Dessa maneira, metáforas mais convencionais demandariam reflexões cognitivas menos intensas, haja vista a sua recorrência de uso (NACEY, 2013). O grau de ativação de uma metáfora é, segundo essa perspectiva, uma propriedade do processamento cognitivo dos interlocutores em relação aos usos metafóricos e não da expressão metafórica em si.

Nesse mesmo prisma, Muller (2008), a partir da admissão de que a metaforicidade de uma expressão não é uma propriedade fixa da metáfora, mas há graus, sobretudo de ativação, que dependem do enunciador e do contexto de produção, propõe as noções de "metáforas adormecidas" e "metáforas despertas". De acordo com a autora, enquanto as do primeiro tipo parecem não ser ativadas ou têm um grau muito baixo de ativação, as do segundo tipo estão na outra extremidade do *continuun*, tendo um alto nível de ativação. A atividade cognitiva dos interlocutores e o contexto atuam diretamente na ativação de uma metáfora, de modo que ela não é produzida/percebida igualmente por todos em todos os momentos (STEEN, 2008).

2.2. Discussão: a pertinência das configurações linguísticas, conceptuais e pragmáticas para a interpretação das expressões metafóricas

Os nossos objetivos com o desenvolvimento das subseções precedentes foram o de definir e caracterizar as expressões metafóricas bem como o de especificar a natureza e os elementos envolvidos nos três tipos de construções que abordamos nesta tese – provérbios, idiomáticos e metáforas. Logo, ao apresentarmos separadamente essas expressões, evidenciamos que embora possam ter fatores em comum, a constituição e o funcionamento de cada uma delas diferem entre si.

Nessa perspectiva, enquanto nos provérbios e nos idiomáticos, a convencionalidade e a cristalização são fundamentais para a sua configuração, já que se tratam de expressões com diferentes graus de formulaicidade e cristalização, nas metáforas, há níveis de ativação que podem torná-las mais ou menos convencionais, mas não cristalizadas. Nos enunciados proverbiais e idiomáticos, locuções marcadas pela atividade metaenunciativa, atuam variáveis de ambiguidade, fixidez e composicionalidade. Por outro lado, o grau de metaforicidade em conjunto à explicitude/implicitude, o tipo de integração e a aptidão de tópico e veículo metafóricos são relevantes para os três tipos de expressões.

No entanto, para além das diferenças existentes entre provérbios, idiomáticos e metáforas, observamos que, em alguma medida, determinados elementos e processos são demandados para que essas construções sejam interpretadas de forma apropriada. Entre os fatores gerais que uma expressão metafórica requer para ser interpretada, podemos identificar: operações linguístico-cognitivas relacionadas ao grau de metaforicidade, processamento inferencial, modulação do contexto, relevância e convencionalidade.

As operações linguístico-cognitivas – sobretudo, relativas ao grau de metaforicidade das expressões – variam significativamente, uma vez que envolvem a combinação de diferentes fatores, como o tipo de mapeamento – se genérico ou específico –, o número de projeções e de metáforas conceptuais, assim como as relações estabelecidas entre tópicos e veículos. Essa variabilidade vai ao encontro da

ideia de um *continuum*, no qual uma construção pode ser mais ou menos metafórica. O grau de metaforicidade de uma expressão parece ser tributário de uma articulação entre aspectos linguísticos, cognitivos, contextuais e discursivos, que se dá necessariamente com base na intersubjetividade.

Tal variação intraindividual se estende ao modo como as expressões metafóricas são processadas no discurso, segundo assinalam Steen e Gibbs (1999). De acordo com os autores, os locutores podem exibir várias operações linguístico-cognitivas – desambiguação polissêmica, recuperação de uma projeção metafórica pré-armazenada e construção on-line de um mapeamento metafórico (STEEN, 1994) – relativas ao processamento metafórico em distintos graus. Esse processamento, cujos mecanismos são passíveis de demandar cadeias cognitivo-operacionais de diferentes extensões, tende a ocorrer em variados níveis de profundidade e de detalhamento semântico (STEEN, 2001).

Uma das características básicas das expressões metafóricas é que o seu significado não está explícito na sua forma linguística. Para se chegar até ele, é necessário realizar cálculos, os quais se dão por meio de processos inferenciais cuja complexidade dependerá, em grande medida, do grau de convencionalidade da construção figurativa e do nível de familiaridade que o falante tem com a expressão.

De acordo com Koch (2014), o processo inferencial constitui uma parte – essencial – do processo interpretativo e tem alta complexidade, como podemos verificar no trecho a seguir:

> O processamento se dá simultaneamente em diversos níveis (proposições atômicas, proposições complexas, coerência local, macroestrutura e superestrutura), ocorrendo, ainda, o processamento estratégico nos níveis estilístico, retórico e não-verbal. Além disso, o processamento se dá sobre pequenas porções da informação global disponível – a memória ativa (working memory) [a memória de trabalho], onde têm lugar os processos inferenciais. (KOCH, 2014, p. 144)

Portanto, interpretar uma expressão metafórica requer a realização de operações que recrutam diferentes habilidades cognitivas e variados tipos de conhecimentos, o que leva a crer que o processamento figurativo não estaria associado a uma espécie de competência metafórica responsável pela identificação da metaforicidade, mas a

processos linguístico-cognitivos comuns relativos à linguagem "literal". O fenômeno metafórico, para ser interpretado, demanda, então, o preenchimento de lacunas deixadas pela sua expressão linguística, que nada ou muito pouco refere sobre o seu significado figurativo.

O processamento inferencial que é desencadeado durante a interpretação de uma expressão metafórica gera inferências, ou seja, "aquilo que se usa para estabelecer uma relação, não explícita no texto, entre dois elementos desse texto" (KOCH; TRAVAGLIA, 2011). A inferência é ainda definida como "a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica dada em certo contexto" (RICKHEIT; STROHNER, 1985, P. 8 *apud* KOCH, 2014, p. 143). Assim, a construção de um significado metafórico requer que o interlocutor jogue as suas fichas para atribuir o sentido apropriado à expressão, usando as informações contextuais, os dados da interação em curso e os conhecimentos de diversas ordens de que dispõe.

De acordo com Koch (2014), o processo inferencial é perpassado pela relação entre texto e contexto, por meio da qual podemos diferenciar as inferências psicolinguísticas, altamente dependentes do contexto, das inferências lógicas, que se mantêm as mesmas seja quais forem as informações contextuais. Esses dois tipos de inferências, segundo a autora, estão relacionados a representações mentais, isto é, a estruturas cognitivas ativadas pelo texto que está sendo processado, das quais fazem parte traços de diversos níveis, como unidades proposicionais, elementos conceituais, modelos mentais e um nível superestrutural. Considerando que as informações desses níveis são apenas parcialmente explicitadas nos textos, as inferências constituem processos cognitivos por meio dos quais é possível construir novas representações semânticas com base em dados textuais explicitamente veiculados tendo em vista o contexto.

Nessa perspectiva, como ponderam Morato e colaboradores (2012, p. 716), as inferências requerem:

> não apenas conhecimento sobre a língua, mas também sobre o que motiva as pessoas em relação à produção e à compreensão do sentido, como estereótipos, normas sociais, práticas interacionais, pressupostos culturais, *etc*. Compartilhados e (re)construídos de forma *situada*, tais conhecimentos podem gerar inferências textuais (cotextuais e endofóricas, gramaticais, semânticas, *etc*.), pragmáticas (reconhecimento de intenção, manipulação de

> regras conversacionais e de enquadres sociointeracionais dos falantes, *etc*.), contextuais (relativas tanto à situação enunciativa, quanto à dimensão social mais ampla à qual ela se vincula).

Segundo Koch (2014), tendo em vista que o processamento interpretativo ocorre a partir de pequenas porções da informação global disponível, cujo gerenciamento é feito pela memória de trabalho, que, por sua vez, tem limitações, somente as inferências de maior importância podem ser realizadas em um determinado espaço de tempo. Supõem-se que, na memória de trabalho, ocorra a seleção macroestrutural da informação textual já processada e de informação nova relativa a, em geral, duas orações. Assim, as inferências, tanto em nível de coerência local como global, têm como base as informações velha e nova disponíveis.

No que se refere à modulação do contexto, Kovecses (2009) discorre sobre determinados fatores contextuais que desempenham funções na produção – que estendemos à interpretação – de metáforas no discurso, quais sejam: i) o próprio contexto linguístico imediato; ii) o que sabemos sobre as principais entidades que participam do discurso; iii) a configuração física; iv) a configuração social; e v) o contexto cultural imediato. O autor considera que, sendo o discurso composto por uma série de conceitos organizados de uma determinada forma, tais conceitos podem originar metáforas convencionais, metáforas não convencionais e metáforas linguísticas novas. O seu foco recai sobre os dois primeiros fatores contextuais.

Para explicar o contexto linguístico imediato, Kovecses (2009) utiliza, entre um dos seus exemplos, a manchete de jornal *A americanização da indústria automobilística do Japão muda para uma marcha mais alta*, a qual, segundo o estudioso, está relacionada à metáfora conceptual INTENSIDADE É VELOCIDADE, que tende a associar-se a expressões relativamente convencionais que dizem respeito ao aumento da intensidade de um processo, no caso, o progresso: *acelera*, *ganha impulso*, *move-se mais rápido,* as quais se baseiam no mapeamento convencional de nível genérico. No entanto, em termos da expressão analisada, o autor sugere que o uso da metáfora linguística pouco convencional *muda para uma marcha mais alta* provém de uma seleção influenciada pelo contexto linguístico imediato, relativo à indústria automobilística.

Na explicitação do segundo fator contextual, o conhecimento sobre as principais entidades do discurso, Kovecses (2009), menciona, entre outros exemplos, uma matéria de jornal na qual o redator usa uma metáfora tangente à luta de boxe para se referir ao comportamento político do presidente de um país vizinho, o qual já havia sido boxeador, aspecto que seria um motivador para a construção metafórica. O autor afirma que as entidades participantes do discurso que têm papel sobre as escolhas das metáforas são o tópico, ou ente/processo do qual falamos, o falante, ou conceituador, e o ouvinte, ou destinatário/conceitualizador.

Moura e colaboradores (2013, p. 178) também abordam a função do contexto juntamente a outros elementos – uns estáveis outros instáveis – como sendo constituintes fundamentais da configuração do sentido metafórico:

> A interpretação de uma metáfora não é inteiramente pré-determinada por fatores semânticos ou conceituais estabilizados, embora o significado da metáfora dependa, em parte, desses fatores mais estáveis, tais como as metáforas conceituais, os esquemas imagéticos e os frames. Uma metáfora específica não se reduz à instanciação de um esquema semântico determinado a priori. Ela resulta também de fatores muito mais instáveis. [..] Em suma, a enorme pressão que o contexto desempenha na metáfora resulta dessa instabilidade que é inerente a seu valor semântico e pragmático. Isso não quer dizer que a metáfora seja totalmente indisciplinada, do ponto de vista semântico e cognitivo, pois ela é também regida por esquemas cognitivos mais estabilizados. Assim, o contexto exerce uma dupla pressão no caso da metáfora: por um lado, esquemas cognitivos pré-determinados empurram um enunciado metafórico para uma interpretação relativamente padronizada; por outro, fatores de instabilidade (tais como a interação conceitual no nível da proposição, a situação discursiva e o gênero discursivo) dão contornos específicos a cada metáfora enunciada.

Em conjunto ao contexto, a relevância, enquanto princípio comunicativo e cognitivo (SPERBER; WILSON, 1995), figura como um fator crucial ao processamento da significação metafórica. Na perspectiva de Sperber e Wilson (2008), ao emergir do processo de comunicação verbal, a metáfora é compreendida à medida que o seu estímulo ostensivo é relevante o suficiente para ser processado, operação esta que demanda mais esforço cognitivo por estar no extremo do contínuo dos usos vagos das expressões. Dessa maneira, no cálculo da significação metafórica, os sentidos de maior saliência possibilitados pelas expressões em suas relações estabelecidas no discurso são também guiados pela relevância que têm na comunicação.

A ação de compreender uma expressão como sendo metafórica tem sido associada à convencionalidade que ela exibe, principalmente no sistema linguístico. Dessa forma, expressões demasiadamente opacas e que podem não ser reconhecidas como figurativas são consideradas mortas, ao passo que as que são transparentes, portanto, percebidas como metafóricas, são denominadas de vivas (BLACK, 1993[1969]). A classificação em metáforas convencionais e novas sugere que as primeiras estão estabelecidas e enraizadas na língua, enquanto as segundas são criativas (KOVECSES, 2002).

Dienstbach (2017) sugere que a convencionalização de uma expressão metafórica em um sistema não indica que ela seja, pelo menos o tempo todo, opaca ao reconhecimento de cada pessoa. Isso porque, conforme afirma o autor, o fato de a expressão ser mais ou menos metafórica é também determinado por outros fatores, como, por exemplo, a autopercepção do falante e o processamento metafórico individual. Dienstbach (2017) recorre a Pauwels (1995) para argumentar que as experiências dos indivíduos podem ser bem distintas, o que tende a acarretar diferentes saliências em uma mesma expressão metafórica para cada um deles. Assim, "metáforas que parecem 'muito metafóricas' para um certo falante, em um certo contexto, poderiam passar despercebidas por outro (ou pelo mesmo) falante, em outro contexto" (DIENSTBACH, 2017, p. 1770).

CAPÍTULO 3: A investigação da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer

3.1. As afasias, a Doença de Alzheimer e os estudos sobre metaforicidade

Neste capítulo, abordamos a investigação da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer, especialmente no campo da Neurolinguística e da Psicolinguística, de modo a especificar como a nossa pesquisa se insere neste cenário. Para tanto: i) definimos e caracterizamos as afasias e a Doença de Alzheimer tendo em vista o fenômeno metafórico; ii) apresentamos uma síntese relativa aos principais estudos sobre metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer; iii) ponderamos

sobre o papel da competência de realizar operações meta nessas condições clínicas; e iv) discutimos aspectos relativos à dicotomia linguagem/cognição, ao estatuto da metaforicidade e à testagem neuropsicolinguística a partir da investigação do fenômeno metafórico nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Antes de passarmos às subseções em que desenvolvemos este capítulo, vale a pena tecer algumas considerações acerca das perspectivas teórico-metodológicas mais gerais, ou seja, dos modelos, que subjazem às pesquisas referentes à metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer. Siman (2015) afirma que os modelos de concepção da Doença de Alzheimer – asserção que estendemos às afasias – consistem em conjuntos de ideias e posicionamentos mais relevantes que são discutidos e veiculados por variadas esferas do conhecimento e da cultura.

Em acordo com essa ótica, teríamos, pelo menos, dois modelos epistemológicos distintos – porém não necessariamente dicotômicos –, o biomédico e o social (CRUZ, 2008; SIMAN, 2015). Um aspecto fundamental que caracteriza esses modelos principais de explicação das doenças é que neles, segundo Cruz (2008, p. 24), "os fatores relacionados ao déficit partem de (e revelam ao mesmo tempo) uma teorização sobre o que está na base da constituição (e da perda) da cognição humana".

Assim, enquanto nos modelos biomédicos a patologia cerebral (especificamente, as afasias e a Doença de Alzheimer) é concebida como irreversível, afetando severamente a cognição – da qual faz parte a linguagem, nos modelos sociais é compreendida como resultante de um processo dialético entre prejuízos neurológicos e uma série de aspectos psicossociais (SIMAN, 2015). Não acreditamos que, isolados, os modelos biomédicos, baseados em biomarcadores e ancorados geralmente em testagens diagnósticas sumárias, possam explicar o funcionamento da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Como pondera Morato (2012a), a propósito da construção de uma conjugação de elementos integrantes de modelos biomédicos e sociais:

> Mais recentemente, os estudos dedicados às afasias e à Doença de Alzheimer que se desenvolvem no âmbito de modelos explicativos psicossociais (LYMAN, 1989; BALLENGER, 2006; BERRIOS, 1990; HOLSTEIN, 1997; BEACH,1987), que não levam em conta apenas biomarcadores como as placas senis ou o componente genético, têm admitido que a linguagem e a interação influenciam de maneira decisiva o ritmo e a intensidade do

> declínio cognitivo (LEIBING e COHEN, 2006; CRUZ, 2008; MORATO, 2010a, SÉ, 2011; DIAS, 2012), bem como têm admitido (SCHEGLOFF, 2003; KITA et al, 2003; KLIPPI, 2003; GOODWIN, 2004; OELSCHLAEGER E DAMICO, 2003; FERGUSON, 1996; MORATO et al., 2010b) que, na complexa semiologia das afasias, a linguagem sempre diz respeito, de maneira direta ou indireta, a vários outros processos cognitivos interatuantes na compreensão e produção de sentido. (p.183- 184)

Essa concepção integrativa é a que embasa a nossa abordagem sobre a interpretação de expressões metafóricas nas afasias e na Doença de Alzheimer. Na subseção a seguir, tratamos da definição e caracterização das afasias.

3.2. Definição e caracterização das afasias

As afasias, de modo geral, são compreendidas como uma alteração de linguagem oral e/ou escrita, tanto em sua produção quanto interpretação, ocasionada por uma lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central em decorrência de tumores, traumatismos crânio-encefálicos ou acidentes vasculares cerebrais (COUDRY, 1988; MORATO, 2002; MORATO, 2012b). Tanto um modelo, quanto o outro acolhem essa definição, ainda que o biomédico volta-se para o caráter neuropsicobiológico das alterações linguísticas e o social para a relação constitutiva que se estabelece entre aspectos psicossociais e neurológicos.

Tradicionalmente, segundo afirma Morato (2001a, p. 153), em uma perspectiva estruturalista, as afasias são divididas em dois grandes grupos: “não-fluentes e fluentes, anteriores e posteriores, motoras e sensoriais.” O primeiro tipo é caracterizado por problemas de expressão (estereotipias, alterações fonético-fonológicas, perseverações, parafasias – principalmente fonológicas –, disprosódias, agramatismo, fala telegráfica, falta de iniciativa verbal, alteração de linguagem escrita, apraxia bucolabiolingual) e são atribuídas a lesões adquiridas na porção anterior do córtex cerebral.

As afasias pertencentes ao segundo grupo, ocasionadas por lesões adquiridas na porção posterior do córtex cerebral, geram problemas de compreensão e alteração nos aspectos semânticos da linguagem (dificuldades para evocar ou selecionar palavras, anomias, dificuldades mais elevadas com a linguagem escrita, parafasias –

especialmente semânticas – confabulações e circunlóquios), não havendo déficits articulatórios. Os déficits perceptivos e gestuais têm mais frequência e prevalência nesse tipo de afasia (MORATO, 2001a). Observa-se, nesse quadro geral, a presença de alterações de diversas ordens a afetarem processos linguísticos os mais variados, em grau de complexidade também oscilantes.

As afasias do tipo não-fluente – anteriores/motoras – estão relacionadas a lesões nas áreas anteriores do hemisfério cerebral esquerdo. Reunem-se sob esse rótulo a afasia de Broca, a afasia transcortical motora e a afasia semântica, havendo entre elas o comprometimento comum de aspectos relativos à expressão da linguagem, estando fatores referentes à compreensão relativamente preservados (MORATO, 2001a).

No campo da Neurolinguística, a afasia tem sido definida como um problema atinente à metalinguagem, ou, mais especificamente, como a alteração na capacidade de "realizar operações metalinguísticas" (JAKOBSON, 1981; LEBRUN, 1983), cujo foco está no manejo dos conteúdos linguísticos internos de caráter cognitivo e no controle referencial, isto é, lógico-semântico, da linguagem (MORATO, 2003).

Os distúrbios afásicos, segundo Jakobson (1981), consistem na deterioração da faculdade de seleção e substituição ou da faculdade de combinação e contexto. No primeiro caso, haveria uma alteração da capacidade de realizar operações metalinguísticas propriamente ditas, enquanto no segundo haveria uma dificuldade maior quanto à hierarquia das unidades linguísticas (como nos casos de agramatismo, por exemplo). Segundo Jakobson (1981), os afásicos exibem dificuldades que tendem a interferir ou na sua capacidade de selecionar unidades linguísticas ou na sua capacidade de combiná-las, as quais refletem no funcionamento dos eixos sintagmático e paradigmático. No eixo paradigmático, os problemas afásicos ocorrem na seleção e substituição de elementos linguísticos, enquanto a sua combinação e o contexto verbal estão relativamente preservados. Nesse eixo, a compreensão limita-se a situações concretas, diminuindo a possibilidade de recombinações semânticas ou abstratas, metafóricas. Por outro lado, no eixo sintagmático, os déficits afásicos são desencadeados na combinação dos elementos e no contexto verbal, de modo que a seleção e a substituição de elementos linguísticos se mantêm relativamente estáveis. Em tal eixo, há dificuldades na capacidade de combinar as unidades linguísticas.

De acordo com Morato:

> Para ele [Jakobson], a metalinguagem é deficiente nos afásicos que apresentam uma desordem de similaridade; nesse caso, apesar das instruções, os sujeitos não podem responder à palavra estímulo do examinador com uma palavra ou uma expressão equivalente e carecem da capacidade de construir proposições equacionais. Então o contexto mostra-se decisivo neste tipo de distúrbio, pois o sujeito apoia-se na contiguidade para contornar seus problemas relativos ao processo de decodificação. A função metalinguística, aquela em que se usa a linguagem para falar sobre a linguagem (isto é, o código), seria da ordem da fala, e é concebida apenas como expressão externa de conteúdos internos ou do pensamento (MORATO, 2005, p. 260).

Assim, em termos jakobsonianos, podemos relacionar dificuldades no processamento metafórico (ou processo de metaforização) ao distúrbio da similaridade, e dificuldades no processamento metonímico ao distúrbio de contiguidade. Os quadros de afasia apresentados pelos participantes, como veremos, ainda que associados prioritariamente a um tipo e outro (participantes MN e LM, respectivamente), exibem, no entanto, elementos comuns aos "dois tipos de afasia" descritos na literatura neurolinguistica tradicional, a partir dos trabalhos pioneiros de Jakobson (MORATO, 2010).

De acordo com outro pioneiro dos estudos afasiológicos, Goldstein (1961), a afasia consiste em uma deterioração de natureza abstrata – concebida em termos de metalinguagem – que ocorre no caso de pessoas que sofrem determinadas lesões cerebrais. Segundo o autor, no contexto afásico, são comuns dificuldades para evocar palavras, bem como associar uma palavra a mais de um sentido e a mais de um objetivo; logo, o que está perdida é a capacidade de criar abstração. Nessa perspectiva, a conduta abstrata relativa à linguagem está diretamente associada a sua função representativa, portanto, de categorização mental.

Segundo tais concepções, o que estaria na base dos déficits linguísticos observados nos diferentes níveis da linguagem afásica seria a capacidade reflexiva concernente à língua, portanto, uma questão de competência (meta)linguística circunscrita a um domínio cognitivo. No entanto, a partir de uma perspectiva mais funcionalista, integrativa e sociodiscursiva, a afasia é concebida como uma questão de linguagem, ou seja, um problema de ordem essencialmente discursiva que não se reduz a níveis linguísticos, uma vez que abrange tanto a estrutura da linguagem quanto o uso que fazemos dela (MORATO, 2002).

Assim, segundo Morato (2005), nas afasias, tradicionalmente, e ainda hoje de forma predominante no campo dos estudos neurolinguísticos (ALSHÉN, 2006), os déficits de metalinguagem ou são atribuídos a problemas relativos ao pensamento abstrato, sob a perspectiva de Goldstein (1949), ou a alterações na capacidade de efetuar operações metalinguísticas, nos termos de Jakobson (1981).

Como observa Hebling (2009), o tratamento teórico focado na metalinguagem, não raras vezes circunscrita à função metalinguística (nos termos de Jakobson), reduz essa competência ao manejo meramente mental, o que estabelece uma forte distinção entre linguagem e metalinguagem.

Para entender o funcionamento da interpretação, especialmente a metafórica, no contexto das afasias, não podemos reduzi-la à habilidade metalinguística *stricto sensu*; o trabalho interpretativo diz respeito a uma competência pragmático-discursiva de atuar com e sobre a linguagem, a qual não estaria suprimida ou perdida no contexto afásico (MORATO, 2003; 2005).

A questão da metalinguagem é, de fato, fundamental para investigarmos a interpretação da metaforicidade, pois os fatores envolvidos na compreensão do fenômeno metafórico estão associados de forma direta à conceptualização e à referenciação. Quando interpretamos uma expressão metafórica, estamos relacionando conceitos distintos, mesclando diferentes categorias linguístico-cognitivas para construir uma outra, trabalhando com a linguagem em conjunto a outras cognições, indissociáveis a ela, processos contextuais, bem como bagagens de conhecimentos semânticos, pragmáticos, históricos e sociais de que dispomos. Para estabelecer as relações de significação necessárias entre referência e categoria, é fundamental a metalinguagem.

Como já salientamos, não atribuímos à metalinguagem apenas a sua dimensão metalinguística; de modo a expandí-la, tal qual Morato (2005), admitimos uma perspectiva discursiva do fenômeno, que o associa a uma "capacidade 'mais ou menos' consciente que os falantes têm sobre o uso que fazem da língua (e da linguagem)" (p. 248).

No que se refere às afasias, a forma como compreendemos a metalinguagem reflete o modo como entendemos e abordamos a competência relativamente à

linguagem nessa condição. O tipo de concepção de metalinguagem adotado deriva da dupla noção de *meta,* que, de acordo com Morato (2005, p. 246):

> vinculada primeiro a uma competência de natureza inata e cognitiva, em Linguística, a ideia de "meta," em geral, diz respeito tanto à atividade reflexiva da linguagem, isto é, a ação de tomar a si mesma como objeto, quanto ao caráter (psicotécnico, instrumental ou construtivo) de sua ação sobre outros domínios cognitivos, como a percepção, a memória ou os processos de julgamento.

A nossa concepção é de que o componente meta – que alude à metalinguagem, metacomunicação, metaformulação, metadiscurso, metaenunciação etc. – existe de modo integrado ao linguístico e à linguagem. Portanto, estando a reflexividade enunciativa vinculada aos processos de uso da linguagem, a metalinguagem desloca-se teoricamene "da esfera do mental para a esfera de diferentes e solidários processos de significação implicados nas numerosas práticas humanas" (MORATO, p. 252).

Nesse prisma, a metalinguagem, concebida em seu sentido forte (como estando integrada à linguagem e às suas circunstâncias discursivas e enunciativo-pragmática), atua de forma decisiva na constituição da metaforicidade. No que concerne ao presente estudo, essa atuação diz respeito tanto ao papel da metalinguagem na categorização e na construção referencial das expressões metafóricas, quanto na identificação e explicação dessas construções, haja vista a estruturação e o funcionamento do Protocolo por meio do qual coletamos os dados.

Ao considerarmos as formulações de Jakobson (1981), nas afasias, sobretudo as do tipo não-fluente ou anteriores/motoras, temos que as dificuldades para operar e selecionar unidades linguísticas comprometeriam as recombinações semânticas, abstratas, necessárias à referenciação metafórica, já que limitariam a compreensão a situações concretas.

No entanto, as expressões metafóricas variam com relação a sua configuração – algumas são mais convencionais, outras têm maior fixidez, há as que envolvem ambiguidade etc. – e, consequentemente, quanto a demandas de operações interpretativas. Se a hipótese de Jakobson estiver correta, pelo menos em termos sintáticos, a relativa preservação do eixo sintagmático deve influenciar o processamento metafórico.

Dessa maneira, se levarmos em conta que, do ponto de vista morfossintático, os provérbios são construções figurativas mais fixas, os idiomáticos intermediárias e as metáforas mais livres, poderíamos supor um *continnum* de desempenho interpretativo. Seguindo essa lógica, os afásicos teriam dificuldades maiores com os provérbios, medianas com os idiomáticos e menores com as metáforas. Já, em termos semântico-pragmáticos, podemos assumir que há uma estabilidade decrescente de sentidos entre idiomáticos, provérbios e metáforas, em que o primeiro tipo de expressão é mais estável, o segundo intermediário e o terceiro tem maior instabilidade. No entanto, a variabilidade sociocognitiva e pragmática dos tipos de expressões metafóricas associada ao caráter enunciativo da metalinguagem devem complexificar essas suposições.

Um outro aspecto da metalinguagem que estaria fortemente relacionado com a interpretação da metaforicidade é o tipo de manipulação dos elementos linguístico-semânticos constituintes de uma expressão metafórica, o qual seria importante para o funcionamento dos mecanismos de supressão[15]. Diante de uma construção figurativa, interpretações literal e figurativa poderiam ser ativadas paralelamente, sendo necessária a atuação do mecanismo de supressão para enfraquecer a ativação da interpretação irrelevante (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004). O mecanismo de supressão seria mediado por um sistema cognitivo executivo central (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004), um subsistema responsável pelo recrutamento, bem como gerenciamento da manipulação de informações e operações – inclusive linguísticas – com representações que ocorrem na memória de trabalho (BADDELEY, 1986).

Explicações vinculadas às condições neurocognitivas implicadas nas afasias sugerem que déficits no mecanismo de supressão levariam a prejuízos executivos para inibir a interpretação literal, de modo a dificultar ou inviabilizar a compreensão metafórica (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004; CACCIARI et. al., 2006). Isso ocorreria porque, nas afasias, recursos de processamento linguístico estariam alterados, o que demandaria maior envolvimento do sistema cognitivo executivo na realização de tarefas linguísticas, comprometendo mecanismos

[15]A supressão é um mecanismo cognitivo geral cuja finalidade é atenuar a interferência advinda da ativação de informações desnecessárias ou inapropriadas durante diversas operações cognitivas, inclusive a compreensão linguística.

atencionais e, frequentemente, impedindo a supressão adequada do significado literal (PAPAGNO et. al., 2004; CACCIARI et. al., 2006).

A transparência, a ambiguidade (PAPAGNO et. al., 2004; PAPAGNO; CAPORALI, 2007; CIÉSLICKA et. al., 2011) e a composicionalidade (PAPAGNO et. al.. 2004; MORAWSKI, 2009) incidiriam sobre a compreensão de expressões idiomáticas. A familiaridade influenciaria a interpretação de provérbios (ULATOWSKA et. al., 2000). A convencionalidade e a familiaridade repercutiriam na compreensão de metáforas (ULATOWSKA et. al., 2000).

3.3. Estudos sobre metaforicidade nas Afasias

O maior número de pesquisas sobre metaforicidade nas afasias concentra-se em expressões idiomáticas. De modo geral, esses estudos apontam que os afásicos interpretam expressões idiomáticas literalmente, mesmo quando a interpretação literal é implausível (PAPAGNO; GENONI, 2004; PAPAGNO et. al., 2004). Além disso, dimensões constituintes das expressões, tais como a transparência e a ambiguidade, parecem incidir sobre a capacidade de interpretação de idiomáticos por afásicos (PAPAGNO et. al., 2004;. PAPAGNO; CAPORALI, 2007).

Papagno e colaboradores (2004) procederam à investigação da compreensão de expressões idiomáticas não-ambíguas por 10 indivíduos afásicos com déficits semântico-lexicais através de uma tarefa de correspondência de imagem, posterior explicação oral das mesmas expressões e uma tarefa de compreensão de texto cujos estímulos foram as palavras seguintes ao verbo nas expressões idiomáticas. A compreensão das expressões idiomáticas foi severamente prejudicada, tendendo à interpretação literal. Poucos erros foram produzidos com palavras, tornando impossível estabelecer uma correlação entre a compreensão de expressões idiomáticas e de palavras individuais. As dificuldades na compreensão das expressões pareciam ser devido ao fato de que os participantes dependem inicialmente de uma estratégia literal, procedendo a uma interpretação figurada somente quando a análise linguística não produz resultados aceitáveis.

Papagno e Caporali (2007) investigaram a compreensão de diferentes tipos de expressões idiomáticas por 15 pessoas afásicas por meio das tarefas de correspondência de frase à imagem, correspondência de frase à palavra e de definição oral. Os resultados de todas as três tarefas indicaram que a compreensão dos afásicos foi prejudicada em comparação com a do grupo de controle, sendo significativamente afetada pelo tipo de tarefa e tipo de expressão idiomática. Embora o desempenho nas tarefas de definição oral e de correspondência entre frase e imagem tenha sido prejudicado de modo semelhante, os afásicos tiveram um desempenho significativamente melhor na tarefa de correspondência de frase à palavra. Os resultados confirmam a relevância da tarefa e do tipo de expressão idiomática diante de conclusões sobre a interpretação da linguagem figurativa em indivíduos com danos cerebrais.

Visando a testar os achados de Papagno e colaboradores (2004), Morawski (2009) investigou a compreensão de expressões idiomáticas de três afásicos por meio de duas tarefas de múltipla escolha em cujas alternativas constituídas por paráfrases havia a interpretação idiomática, a interpretação literal e uma interpretação não relacionada, mas, que continha a palavra central da expressão. Assim como no estudo de Papagno e colaboradores, os participantes exibiram uma inclinação para escolherem os significados literais.

Cacciari e colaboradores (2006) investigaram a capacidade de compreender expressões idiomáticas em 15 afásicos por meio de uma tarefa de múltipla escolha que envolve correspondência de palavra. Os participantes foram solicitados a escolher uma entre quatro alternativas: a palavra associada ao sentido figurado do idiomático, a palavra semanticamente associada ao último componente da sequência da expressão e duas palavras não relacionadas. Os resultados indicam que o desempenho do grupo afásico foi prejudicado em relação ao grupo de controle. Um número significativo de erros semanticamente associados foi produzido, o que sugere uma deficiência dos mecanismos de inibição e /ou de reconhecimento /ativação do significado idiomático. O estudo atribui duas possíveis explicações para os resultados: i) os afásicos poderiam ter déficits no reconhecimento do mecanismo da expressão idiomática, os quais impediriam o acesso à figuratividade; ou ii) haveria um bloqueio da recuperação do sentido figurado por uma incapacidade de inibição do significado literal. Contudo, os dados em análise não permitem a opção por uma das hipóteses.

Boldrini (2004) analisou a interpretação de idiomáticos na linguagem de indivíduos afásicos a partir de um protocolo de explicação verbal, cujos procedimentos envolvem a explicação e a indicação de uma situação de uso do idiomático. Observou que o processo interpretativo demandou dos participantes não apenas o manejo metalinguístico relacionado a propriedades semântico-linguísticas das expressões, mas também, e em especial, a evocação de contextos pragmáticos, nos quais seria coerente seu uso em determinadas cenas enunciativas. Verificou que os participantes afásicos, instados a interpretar e a usar contextualmente um conjunto de idiomáticos metafóricos, raramente se ativeram ao significado composicional das expressões, preferindo trabalhar com as construções figurativas cuja função predicativa era predominante no enunciado, de forma a não exibirem dificuldades interpretativas de relevância em termos do grau de metaforicidade das expressões.

Os resultados relativamente antagônicos que podemos verificar entre os quatro primeiros estudos referidos – PAPAGNO et. al., 2004; PAPAGNO; CAPORALI, 2007; MORAWSKI, 2009; CACCIARI et. al., 2006 – e a pesquisa de Boldrini (2004) podem ser atribuídos às diferenças de vetor epistemológico reservado ao uso social e contexualizado da linguagem, à orientação teórica, ao desenho experimental e metodológico e às categorias de análise empregadas. Tal qual o empreendimento desta tese, o estudo de Boldrini (2004) analisou não somente os conteúdos semânticos veiculados nas respostas dos afásicos com a finalidade de compreender a metaforicidade das expressões, mas, investigou as estratégias interacionais e pragmáticas, bem como os variados movimentos interpretativos que fazem parte das práticas de significação levados a cabo pelos indivíduos.

Ulatowska e colaboradores (2000), em uma abordagem chamada pelos autores de etnográfica, investigaram a competência acerca da compreensão de provérbios em afásicos através de testes e um questionário. Os testes foram elaborados para explorar as mudanças na forma e no significado proverbial resultantes da condição afásica, enquanto o questionário serviu ao propósito de verificar junto aos afásicos seus conhecimentos do uso dos provérbios. Os afásicos mantiveram as capacidades de compreender e de usar provérbios relativamente preservadas, embora houvesse problemas quanto ao contraste entre o pensamento abstrato e o concreto, à relação entre um provérbio familiar ao indivíduo e sua estratégia para a interpretação proverbial, à

diferença entre a compreensão dos provérbios no contexto e a compreensão de provérbios fora de contexto.

Cazelato (2003), com base no Protocolo de Provérbios Equivalentes, identificou que o percurso linguístico-cognitivo realizado pelos indivíduos afásicos na seleção de provérbios equivalentes sugere que o sentido depende tanto do sistema linguístico, quanto de outros processos cognitivos, discursivos e culturais. Assim, um provérbio só é compreendido se há a interpretação dos contextos socioculturais, discursivos e pragmáticos nos quais são produzidos. A autora observou que mesmo com as dificuldades advindas do quadro afásico, os indivíduos operam com a linguagem e com os processos discursivos, pragmáticos e inferenciais envolvidos na metáfora. Foram identificadas consistências e semelhanças nas respostas dos afásicos e não afásicos na escolha de provérbios quanto à equivalência semântico-pragmática com o provérbio alvo. A equivalência entre os provérbios apontada pelos afásicos foi realizada tanto entre provérbios mais metafóricos, quanto menos metafóricos, o que indica que o elemento metafórico por si mesmo não representou um impedimento linguístico-cognitivo para o estabelecimento de equivalência entre os significados.

Cazelato (2008) empregou uma tarefa de explicação verbal para a interpretação de provérbios parodiados por afásicos. Os resultados encontrados sugerem que esses indivíduos mantêm relativamente preservadas suas capacidades de compreender e usar provérbios, sendo, para tanto, imprescindível a consideração do contexto de uso da expressão. A compreensão dependeria tanto do sistema linguístico, quanto de outros processos – cognitivos, discursivos e culturais –, de modo que, mesmo com as alterações advindas do quadro afásico, como uma dificuldade nominativa, por exemplo, os indivíduos operam com a linguagem e com os processos discursivos, pragmáticos e inferenciais nela envolvidos, o que indica que um impedimento linguístico dessa ordem não é decisivo para a construção do sentido figurado ou para as ações interpretativas dos indivíduos afásicos. Ainda que apresentem dificuldades metalinguísticas, essas pessoas lançam mão de ações reflexivas relativas à linguagem.

Com a finalidade de construir um teste para averiguar o estado da linguagem figurada em afásicos, Ciéslicka et. al. (2011) procederam à testagem piloto de oito afásicos e de dez participantes controles. A bateria de teste consiste de quatro partes, cada uma das quais se concentra em um tropo figurativo diferente (expressões idiomáticas, metáforas, provérbios e símiles) e emprega uma tarefa de múltipla escolha

que exige a opção entre a paráfrase correta e alternativas literalmente relacionadas e não relacionadas. Há ainda uma tarefa em que os participantes devem completar o sentido de um provérbio e símile com sua última palavra da sequência. Os resultados sugerem que os afásicos tenderam a interpretar expressões idiomáticas e metáforas em sentido literal, em vez de figurativo. Por outro lado, eles exibiram um desempenho significativamente melhor nos provérbios e símiles. As metáforas convencionais foram mais facilmente compreendidas do que as novas, assim como as expressões idiomáticas opacas e inequívocas tiveram interpretação mais adequada que as transparentes e ambíguas. Assim, o tipo de construção figurativa afeta significativamente o desempenho de indivíduos com afasia.

Estudos sobre o processamento de metáforas em indivíduos afásicos indicam que a compreensão de metáforas novas envolve mais recursos e esforços cognitivos do que a interpretação de metáforas convencionais (FAUST; MASHAL, 2007; GAGNON et al., 2003; MASHAL et. al., 2005; MASHAL et. al., 2007; RAPP et. al., 2004, 2007; SCHMIDT et. al,. 2007; STRINGARIS et. al., 2006, 2007).

Mancopes e Schultz (2008) descreveram o processamento de metáforas e discutiram as relações inter-hemisféricas a ela atinentes em um caso de um indivíduo com afasia transcortical motora por meio da aplicação do subteste *Metaphor Comprehension Task* da Escala de Avaliação da Comunicação de Montreal, o qual envolveu a compreensão de metáforas segundo opções oferecidas e a compreensão de metáforas medidas por tempo de resposta e campo visual. Foi exibido um déficit de 50% em ambos os testes propostos na compreensão metafórica, evidenciando dependência linguística ao significado literal para o processamento de sentido figurado. As autoras concluem que o hemisfério esquerdo participa no processamento de sentidos figurados.

Morato (2008a) analisou aspectos linguístico-interacionais da interpretação de expressões idiomáticas e provérbios por pessoas com afasia e Doença de Alzheimer por meio de aplicação de protocolo em situações de entrevista semidiretiva. A autora sugere que de modo semelhante ao que ocorre em contextos não patológicos, nesses quadros, tanto afásicos, quanto indivíduos com Doença de Alzheimer em fase inicial são capazes de proceder a um tipo de "cálculo metafórico" da identificação do significado da expressão com base na situação de uso e a partir de normas pragmáticas

referentes a esas construções figurativas. Além disso, Morato afirma que a metaforicidade é apreendida por essas pessoas em conjunto a outros processos cognitivos e mediante expectativas interpretativas que esses indivíduos nutrem quanto às regularidades linguísticas que participam do cálculo metafórico.

Os estudos sobre provérbios e idiomáticos figurativos, bem como metáforas nas afasias são, em geral, desenvolvidos comparativamente a populações controle. Quando tomadas em sua totalidade, as investigações acerca da metaforicidade nesses três formatos de expressões empregam diferentes tipos de instrumentos, como tarefas de explicação verbal e de múltipla escolha com estímulos verbais e/ou pictóricos. As análises, em sua maioria, baseiam-se em medições estatísticas, sendo poucos os estudos de perspectiva qualitativa e com interesse em práticas interacionais.

Tendo em vista os diferentes interesses investigativos destes estudos, nossa pesquisa busca identificar e compreender a operação de fatores internos e externos à interpretação da metaforicidade nas afasias, assim como na Doença de Alzhimer, condição sobre a qual trataremos na sequência. Interessa-nos tanto as variáveis linguísticas, discursivas, cognitivas e sociais que são constitutivas dos provérbiosos, idiomáticos e metáforas, quanto os aspectos linguístico-interacionais envolvidos no processo interpretativo da figuratividade dessas construções.

3.4. Definição e caracterização da Doença de Alzheimer

A Doença de Alzheimer é clinicamente definida como o resultado de uma afecção cerebral de ordem neuropsiquiátrica e degenerativa irreversível (DÉFONTAINES, 2001), caracterizando-se por múltiplos déficits de curso progressivo que comprometem o funcionamento mental e social do indivíduo, acarretando incapacitação (HERRERA, 1998; CRUZ, 2008).

Em termos histopatológicos, essa neurodegenerescência é caracterizada por considerável perda sináptica e morte neuronal nas regiões cerebrais responsáveis pelas funções cognitivas (SERENIKI; VITAL, 2008). Seu decurso ocasiona severas alterações cognitivas e comportamentais que constituem uma síndrome demencial, de

modo a consistir no tipo mais comum entre as demências, já que atinge mais da metade das que são diagnosticadas (BERTOLUCCI, 2009; SERENIKI; VITAL, 2008).

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM V, são considerados provavelmente acometidos pela Doença de Alzheimer os indivíduos que apresentam deterioração cognitiva, necessariamente, da memória, além de alteração em, pelo menos, dois dos sintomas secundários, sendo elas: apraxia (alteração da atividade gestual simbólica), agnosia (alteração nas associações e sínteses de imagens sensoriais – tatéis, visuais e auditivas), transtornos das funções executivas e afasia (alteração da linguagem). O diagnóstico de Doença de Alzheimer é probabilístico, já que sua confirmação é realizada somente *post-mortem.*

Em termos gerais, de acordo com Morato (2016, p. 583-584):

> a Doença de Alzheimer se traduz por alterações cognitivas e comportamentais que constituem uma síndrome demencial associada à presença de lesões histológicas características. No campo dos estudos neurocognitivos, entende-se em linhas bem gerais que a Doença Alzheimer evolui em três fases: a forma leve, na qual os problemas mnésicos são constantes, assim como certa desorientação das funções executivas cotidianas (como as profissionais e as domésticas) e dificuldades sutis de processamento semântico e de manipulação das regras pragmáticas que presidem a utilização da linguagem; a forma moderada, na qual os problemas mnésicos passam a ser incapacitantes, seguidos de crescente desorientação temporal-espacial e de problemas de linguagem mais frequentes e prontamente perceptíveis; a forma severa, na qual a memória encontra-se gravemente alterada e a linguagem apresenta-se sensivelmente comprometida em todos os seus níveis de constituição.

Segundo Charchat et. al. (2001), o primeiro e também mais proeminente sintoma da Doença de Alzheimer é o déficit de memória episódica anterógrada, definida como recordação de eventos e fatos recentes marcados espacial e temporalmente (TULVING, 1995), os quais ocorreriam em razão de falhas na codificação de informações novas. Com a evolução neuropatológica da doença, inicialmente, há prejuízos na memória episódica associada ao sistema mnêmico de longo prazo, e, em um momento posterior, esse comprometimento passa a envolver a memória semântica (CARAMELLI et. al., 1998).

Desde o início da neurodegenerescência, ocorrem déficits de memória operacional, sistema que é subdividido nos subcomponentes executivo-central, alça

visuoespacial e alça fonológica (BADDELEY et. al., 1986). O subcomponente executivo-central controla o sistema atencional de acesso à memória de longo-prazo e estabelece conexão com os outros dois subcomponentes subordinados – visuoespecial e fonológico –, de modo a selecionar e coordenar a análise dos estímulos relevantes que advêm de diferentes fontes, sendo, portanto, essencial para executar qualquer tarefa cognitiva (MORRIS; BADDELEY, 1988). O déficit no controle do executivo-central é um dos principais marcadores cognitivos da Doença de Alzheimer (BECKER, 1988; MORRIS; BADDELEY, 1988).

De acordo com Morato (2018), além do comprometimento dos diferentes tipos de memória, a Doença de Alzheimer é tradicionalmente associada à perda da consciência e à alteração da faculdade crítica. Segundo a autora, dificuldades para reconhecer intenções comunicativas assim como para realizar inferências de modo relevante aos objetivos interacionais e discursivos, fala off topic e infração de regras pragmáticas que direcionam os atos comunicativos nas diversas circunstâncias de uso social da linguagem são algumas das características comumentes atribuídas a essa neurodegenerescência. Contudo, Morato (2016, p. 584) assim pondera sobre a questão do declínio cognitivo associado à evolução da Doença de Alzheimer:

> Como é possível observar nos mais variados contextos interacionais, a afecção cerebral difusa e progressiva não compromete apenas e isoladamente as funções cognitivas; seu impacto se observa também no declínio da vida psicossocial do doente, em função do declínio sociocognitivo que se observa na evolução dessa patologia, de modo a afetar todo o entorno social dos que com ela convivem. O declínio nela observado, pois, não pode ser reputado apenas ao que acontece na intimidade do cérebro do indivíduo com diagnóstico de Doença de Alzheimer; tem a ver também com os impactos da doença no entorno interpessoal, nas formas de recepção social da doença (algo que inclui as práticas diagnósticas e a interação do doente com seus próximos), bem como de seu enfrentamento no plano psicossocial, médico-terapêutico e familiar.

Para o presente estudo, serão analisados dados de indivíduos diagnosticados com Doença de Alzheimer em estágio leve e moderado. No estágio leve, em termos mnêmicos, são observados prejuízos quanto à memória recente e à memória de trabalho (BADDELEY, 1986; IZQUIERDO, 2002), principalmente, com relação a sua sobrecarga durante a manipulação de dados (MANSUR et. al., 2005) e na realização de tarefas que demandam sua alça fonológica (GRIMES, 1995). No que se refere à

linguagem, há alterações nos aspectos semântico-lexicais-pragmáticos (CHAPMAN et. al., 2002), bem como predominam dificuldades para a realização de inferências linguísticas e cognitivas com vistas à compreensão do significado de textos, bem como sua expressão (MANSUR et. al., 2005; CHAPMAN et. al., 2002). Ortiz e Bertolucci (2005) apontam a existência de dificuldades na compreensão discursiva, que decorrem do prejuízo na habilidade de interpretar subentendidos, assim como do comprometimento da capacidade para fazer inferência, pressupor e entender sentenças ambíguas.

Damasceno (2001) afirma que dados da literatura nacional e internacional indicam ocorrer, na fase leve, dificuldades semântico-discursivas durante a interpretação de sentidos figurados ou implícitos, como, por exemplo, provérbios, metáforas, moral de histórias e material humorístico, sendo que o avanço da doença acentua as referidas alterações. Quanto a aspectos preservados, Sé (2011) ressalta que, no estágio leve, o sujeito acometido pela Doença de Alzheimer, é capaz de manter a função epilinguística, ou organizadora, da linguagem, de forma a manter-se, de algum modo e em graus variados, consciente no que diz respeito aos seus erros ou à presença do interlocutor, conseguindo, por vezes, reformular, repetir ações ou equívocos que indicam, de algum modo, a existência de um processo reflexivo e automonitorado quanto à sua própria produção. Segundo Chapman e colaboradores (2002) há, nessa fase, uma relativa preservação dos aspectos fonológico-sintáticos.

De acordo com Azevedo et. al. (2010), no estágio moderado da Doença de Alzheimer, os déficits de sistemas de memória – de trabalho (operacional) e recente – prevalentes na fase leve são acentuados. Com relação à linguagem, as autoras relatam as seguintes características: embora haja fluência de fala, ela é menos coerente do que na fase leve, havendo tremores no sistema motor e a presença de cacoetes; em termos do seu conteúdo, a comunicação tende a ser desorganizada, com prejuízos que interferem na sua coerência; as construções sintáticas têm menor complexidade.

Bayles e Kasniak (1987) afirmam que, no estágio moderado, há comprometimento no processo de nomeação, na capacidade de autocorreção dos erros cometidos e na subordinação às leis conversacionais. Bayles (1982) relata prejuízos na atividade de recontar histórias, existência de frases sem sentido ou sem relevância, maior ocorrência de repetições, início de alterações fonológicas e sintáticas, bem como

agravamento de dificuldades semânticas. Nicholas et. al. (1985) apontam a produção acentuada de pronomes e conjunções sem antecedentes nominais, evidenciando problemas com a referenciação e a presença de parafasias.

Segundo Brandão e Parente (2011), nos primeiros estágios da Doença de Alzheimer – leve e moderado –, há problemas de coerência global, conceito que as autoras definem como sendo uma propriedade relativa à manutenção do tópico. Por outro lado, as relações semânticas estabelecidas entre as sentenças subsequentes, operações conceituadas pelas estudiosas como coerência local, parecem estar preservadas.

De acordo com Brandão e colaboradores (2010), no que se refere ao discurso, as habilidades de trocas de turnos se mantêm preservadas até o final do estágio moderado. Além disso, determinadas propriedades discursivas, antes concebidas como déficits, consistem em estratégias compensatórias que estão presentes nos estágios iniciais da doença. De acordo com as autoras, na medida em que a neurodegenerescência avança, ocorrem mudanças qualitativas no uso dessas estratégias – que dependem da memória explícita –, de modo que, inicialmente, os indivíduos as utilizam mais, já que preservam a consciência acerca das suas dificuldades de produção discursiva, o que não ocorre no curso mais avançado da patologia.

O funcionamento metacognitivo estaria, assim, no cerne da problemática neuropsicolinguística que caracteriza a Doença de Alzheimer, de modo a, por consequência, incidir sobre a interpretação da metaforicidade. Em razão de estarem potencialmente alterados, os processos metacognitivos, entre os quais estão a metapercepção, a meta-atenção, a metamemória, a metaconsciência e a própria metalinguagem, tenderiam a gerar desorganização em todo o funcionamento sociocognitivo do indivíduo, dificultando a emergência e a manutenção de operações de seletividade, acesso e integração informacional, avaliação e regulação das suas ações.

Essas dificuldades metacognitivas seriam passíveis de interferir no funcionamento linguístico-cognitivo das pessoas com Doença de Alzheimer, sobretudo, na medida em que a patologia avança. Vale ressaltar que, nessa ótica – de ordem neurocognitiva –, cognição e metacognição, tal qual linguagem e metalinguagem, são concebidas como fenômenos distintos. Assim, enquanto a cognição diz respeito tanto a

um tipo particular de representação de fatos e objetos, quanto a qualquer modalidade de representação da informação oriunda do meio (KUHL; KRASKA, 1989), a metacognição consiste na regulação, avaliação e organização dos próprios processos cognitivos, no conhecimento do próprio conhecimento e nas reflexões sobre as próprias ações, sendo, pois, cognições de segunda ordem (WEINERT, 1987).

No entanto, quando redimensionamos a perspectiva sobre a metacognição para um conjunto de processos sociocognitivos interatuantes que envolvem variados níveis de reflexividade, buscamos atenuar as diferenciações categóricas entre metacognição e cognição. Nessa perspectiva, o conhecimento sobre os próprios conhecimentos, os conhecimentos sobre os próprios processos cognitivos e os seus modos de operação, bem como a realização do controle executivo, no qual está envolvida a regulação cognitiva, consistem em ações metacognitivas (FLAVELL, 1981).

Com relação à Doença de Alzheimer, podemos admitir que o modo como concebemos a metacognição reflete a forma como compreendemos o funcionamento sociocognitivo nessa neurodegenerescência. Como já ponderamos para as afasias, especificamente no que se refere à metalinguagem, a noção de meta direciona a perspectiva de cognição, que, ao nosso ver, está integrada às suas diferentes formas de ser e de operar, as quais emergem e se moldam nas práticas sociais.

Nessa ótica, o que estaria alterado na Doença de Alzheimer não seria, portanto, simplesmente a emergência e o funcionamento de operações (meta)cognitivas heterogêneas que demandam controle e execução, mas os modos como os processos linguístico-cognitivos que participam das competências de várias ordens dos indivíduos são integrados à vida prática e às interações sociodiscursivas. Além de se manterem relativamente operantes nas patologias aqui focalizadas, pelo menos em fases leves e moderadas da Doença de Alzheimer e em quadros afásicos não incapacitantes, os variados processos meta contribuem para que as dificuldades de acesso, seleção, regulação e integração de informações sejam minimizadas ou enfrentadas de forma adaptativa e a significação possa ser construída.

Tal como é postulado para as afasias, na Doença de Alzheimer, uma vez comprometido o sistema executivo central (BADDELEY et. al., 1997) e danificado o mecanismo de supressão, haveria dificuldades para a inibição da interpretação literal (PAPAGNO et. al., 2003; RASSIGA et. al., 2009). A presença de déficits de memória

episódica verbal[16] explicaria dificuldades interpretativas de metáforas novas (BOTINNI et al., 1994). As desordens de memória semântica, precoces e consistentes na Doença de Alzheimer (MCKHANN et. al., 1984), estariam relacionadas a déficits interpretativos de expressões idiomáticas e provérbios. A convencionalidade (PAPAGNO, 2001; AMANZIO et. al., 2008;) e a ambiguidade influenciariam a capacidade de interpretação de idiomáticos (PAPAGNO, 2003; RASSIGA et. al., 2009). Os traços de familiaridade e de convencionalidade estariam impactados na compreensão proverbial (KEMPLER et. al., 1988; CHAPMAN et. al., 1997). A convencionalidade incidiria na compreensão de metáforas (PAPAGNO, 2001; AMANZIO et. al., 2008).

Podemos depreender que, segundo tais perspectivas biomédicas, o que estaria na base dos déficits cognitivos característicos da Doença de Alzheimer seria a deterioração do funcionamento dos sistemas de memória, especificamente da memória de trabalho, memória episódica e memória semântica, logo, uma questão relativa a um domínio cognitivo circunscrito. Além disso, os déficits do sistema cognitivo executivo central teriam papel importante nas operações de seletividade das informações, tendendo a gerar dificuldade com relação à atribuição de relevância. Contudo, a partir de uma concepção mais funcionalista integrativa e sociodiscursiva, a Doença de Alzheimer é compreendida como uma condição em que as cognições – memória, linguagem, atenção, raciocínio etc. – são indissociáveis umas das outras, de forma que aquilo que é mantido, prejudicado ou reorganizado resulta da interação entre os processos cognitivos e as práticas sociais.

Situamos esta tese em uma abordagem que compreende a Doença de Alzheimer em termos de integração, inter-relação, interconexão, que associa, a um só tempo, as funções cognitivas, a vida em sociedade, os sistemas neurocognitivos de memória, a memória enquanto construção coletiva e sócio-histórica. Para entender o funcionamento interpretativo, especialmente o metafórico, nessa neurodegenerescência, não podemos limitá-lo às operações mnêmicas de codificação e decodificação de informações, mas termos como pressuposto que a interpretação é uma atividade pragmático-discursiva perpassada totalmente pela linguagem.

[16] A memória episódica verbal, cumpre observar, é considerada um marcador neuropsicológico da Doença de Alzheimer (COLLIE; MARUFF, 2000).

A concepção de indissociabilidade entre linguagem, memória, atenção, competência pragmática, práticas sociais, bem como atividades interacionais e discursivas é essencial para a investigação da interpretação da metaforicidade, tendo em vista o que a compreensão do fenômeno metafórico requer, aspectos estes associados à conceptualização e à referenciação. Isso porque, ao interpretarmos uma expressão metafórica, relacionamos conceitos, mesclamos diferentes categorias linguístico-cognitivas para formar outra, trabalhamos com a linguagem junto a outras funções cognitivas, processos contextuais e variados tipos de conhecimento – históricos, sociais, pragmáticos, semânticos.

Nessa ótica, todos esses processos, operações e tipos de conhecimento atuam na constituição da metaforicidade. Contudo, o papel de cada um deles tenderá a ser diferente a depender da configuração da expressão metafórica, que varia em termos de fixidez, ambiguidade, convencionalidade etc., como já salientamos. Logo, é possível aventarmos que provérbios exigiriam menor grau de funcionamento das memórias operacional e episódica, enquanto as memórias semântica e coletiva, bem como os conhecimentos pragmáticos e sociais relativos ao uso de formulaicos seriam mais demandados. Já os idiomáticos demandariam os mesmos recursos que o provérbio, embora a memória operacional também sofreria maior sobrecarga, sobretudo, nas expressões mais variáveis. Nas metáforas, seriam requeridas, em maior grau, as memórias operacional, episódica e semântica, além de conhecimentos de uso das categorias linguísticas e expressões, se mais convencionais.

Tendo em vista essa associação entre recursos demandados e expressões metafóricas, poderíamos, assim como fizemos para a condição afásica, supor um *continnum* de desempenho interpretativo. Dessa maneira, pessoas no estágio leve da Doença de Alzheimer teriam dificuldades maiores com as metáforas, sobretudo as criativas, medianas com os idiomáticos e menores com os provérbios. Esse padrão seria o mesmo para indivíduos com Doença de Alzheimer em estágio moderado, porém com problemas interpretativos mais acentuados.

3.5. Estudos sobre metaforicidade na Doença de Alzheimer

A maioria dos estudos sobre a metaforicidade na Doença de Alzheimer refere-se a provérbios. Em testes de múltipla escolha, dados da literatura indicam que o desempenho de pessoas com Doença de Alzheimer está significativamente prejudicado na interpretação de provérbios. Kempler e colaboradores (1988), em uma amostra de 29 indivíduos com Doença de Alzheimer e 43 controles, identificaram que o desempenho do grupo clínico foi significativamente pior. Chapman e colaboradores (1997) sugerem que o prejuízo em tarefas de explicação de provérbios é menos grave em comparação a tarefas de múltipla escolha.

Elmore e Gorham (1957), utilizando um teste de explicação verbal, identificaram um prejuízo significativo de compreensão proverbial no grupo clínico. No entanto, o grupo controle não foi especificado. Treves e colaboradores (1990) aplicaram uma tarefa de explicação de provérbio a um grupo clínico de 89 indivíduos e seus respectivos controles, relatando desempenho significativamente inferior dos participantes com demência, para a qual, entretanto, não foi realizada a diferenciação entre Doença de Alzheimer e Demência vascular.

Campanha et. al. (2008) investigaram, com base em uma tarefa de explicação verbal, a compreensão de provérbios brasileiros ambíguos em uma amostra de 120 participantes subdivididos igualmente em grupo clínico e grupo controle. Os resultados encontrados indicam desempenho inferior do grupo Doença de Alzheimer. Santos e colaboradores (2008; 2009), também no Brasil, averiguaram o desempenho significativamente baixo de pessoas com Doença de Alzheimer comparativamente a um grupo controle por meio do Teste de Rastreio da Doença de Alzheimer com Provérbios, construído a partir de um jogo de memória no qual é solicitada explicação verbal, sendo necessário reconhecer, interpretar e recordar significados de provérbios.

Com relação à familiaridade dos provérbios, tanto nos casos de Doença de Alzheimer, quanto nos grupos não patológicos, pesquisas indicam que as expressões conhecidas são mais fáceis de interpretar, sendo a competência para compreendê-las dependente do conhecimento que se tem delas (PENN; JACOB; BROWN, 1988; NIPPOLD; HAQ, 1996; UEKERMANN; THOMA; DAUM, 2008). Essa interdependência resultaria do fato de que o reconhecimento de expressões figurativas familiares envolveria a percepção de um padrão global (GIBBS, 1980), ao passo que a

compreensão de provérbios não literais novos demandaria um extenso processo de associação semântica referente ao conhecimento geral de mundo.

Vários autores procuram apontar que pessoas com Doença de Alzheimer exibem desempenhos interpretativos literais na compreensão de provérbios, ou seja, interpretações "concretas" em vez de figurativas, "abstratas" (CODE; LODGE, 1987) assim como tendem a proceder a interpretações adequadas de provérbios familiares (KEMPLER et. al., 1988). Brundage (1996) sugere que a dificuldade se relaciona a sua familiaridade, já que para haver a compreensão, é necessária a recuperação de um sentido associado na memória, em vez de um processo de abstração das palavras.

Chapman e colaboradores (1997) argumentam que indivíduos com Doença de Alzheimer poderiam fornecer informações precisas sobre interpretações de provérbios conhecidos, apesar de apresentarem habilidades de pensamento abstrato prejudicadas. No mesmo estudo, quando os participantes receberam uma tarefa de múltipla escolha, com quatro alternativas, incluindo "concreto" e "abstrato", o efeito de familiaridade desapareceu para os participantes que têm dificuldade em escolher a interpretação figurativa. Portanto, as diferentes condições (explicação verbal x múltipla escolha) parecem ter demandas cognitivas distintas, já que os participantes com Doença de Alzheimer exibiram pior desempenho na condição de múltipla escolha.

Sé (2011) investigou, por meio do emprego de uma tarefa de explicação verbal composta por um procedimento metalinguístico e outro contextual, os processos de significação na interpretação de provérbios mais metafóricos e menos metafóricos por indivíduos com Doença de Alzheimer, comparados a controles. No que se refere à metaforicidade, a autora assinala que os indivíduos com Doença de Alzheimer foram capazes de identificá-la, embora tenham exibido melhor desempenho na interpretação dos provérbios menos metafóricos. Segundo a autora, isso se deve à maior familiaridade dos participantes com as propriedades léxico-semânticas e pragmáticas dessas expressões, que seria a chave interpretativa para os provérbios. Quanto às interpretações ditas literais, as pessoas com Doença de Alzheimer as realizaram predominantemente frente aos provérbios mais metafóricos. Sé ressalta que, mesmo não acessando o sentido dos provérbios conforme as categorias de relevância pragmática, os indivíduos com Doença de Alzheimer apresentaram interpretações apropriadas em relação ao léxico usado na expressão, o que leva à consideração de que

alguns dos conceitos metafóricos veiculados pelos provérbios não estejam no repertório de pressupostos ou pré-construídos dessas pessoas.

Papagno e colaboradores (2003) investigaram em um grupo Doença de Alzheimer e outro controle a compreensão de expressões idiomáticas não-ambíguas por meio da apresentação de duas imagens relativas a cada uma delas, sendo uma representando a linguagem literal e outra a figurativa. Os participantes com Doença de Alzheimer apresentaram desempenho significativamente prejudicado nessa tarefa, contudo, ao serem solicitados a escolherem entre uma imagem que representava o significado da expressão idiomática e uma imagem cuja representação não possuía relação com ela, o grupo clínico obteve melhora nos resultados. O estudo sugere que indivíduos com Doença de Alzheimer são capazes de interpretar expressões figurativas, mas, têm dificuldades de suprimir de forma eficiente a interpretação literal quando é apresentada como alternativa. O desempenho em descrições verbais é superior ao desempenho em tarefas de seleção de imagem de múltipla escolha, assim como há variação quanto à natureza das imagens apresentadas como alternativas.

Rassiga et. al. (2009), visando a testar a hipótese de que há dificuldades de supressão de interpretação literal, investigaram a compreensão de expressões idiomáticas ambíguas em 15 pessoas com Doença de Alzheimer por meio do emprego de duas tarefas. Na primeira, os participantes deveriam selecionar o significado correto em cada quatro imagens, enquanto que, na segunda, eles tinham que escolher entre quatro palavras. Para ambas as tarefas, as alternativas eram a imagem/palavra correspondente ao sentido figurado, uma associação semântica (imagem/texto) para a última palavra da expressão idiomática e duas alternativas não relacionadas. A compreensão dos participantes foi significativamente prejudicada em ambas as tarefas, principalmente, na de correspondência com imagem. Os autores sugerem que a dificuldade para interpretar expressões idiomáticas pode advir de uma falha de inibição da interpretação literal, ao passo que o grau de inibição necessário pode ser afetado pela modalidade de teste: a correspondência de imagem requer mais inibição do que a correspondência de uma única palavra, possivelmente, porque alternativas com cenas envolvem mais recursos de memória de trabalho para associarem-se a uma sentença apropriada.

Tratando de metáforas e de expressões idiomáticas, Papagno (2001) investigou a compreensão de metáforas convencionais e não convencionais e de expressões idiomáticas consideradas altamente familiares por estarem dicionarizadas,

através de tarefas de explicação verbal, durante um período de tempo de 6 a 8 meses. Sua amostra foi constituída apenas por participantes com Doença de Alzheimer, cujo número variou de 39, inicialmente, a 23 indivíduos, ao final do estudo. Verificou-se que expressões idiomáticas e metáforas diferem-se quando considerados os tipo de erros interpretativos produzidos, já que, naquelas houve muitas interpretações literais, e nestas a predominância de não produção de respostas. O decréscimo no desempenho da compreensão de metáforas, especialmente de metáforas novas, mas não da compreensão de expressões idiomáticas, foi significativo após o decorrer do período supracitado. A linguagem não literal foi relativamente preservada ao longo do estágio inicial da doença.

Amanzio e colaboradores (2008) procederam a um estudo comparativo da compreensão de metáforas convencionais, metáforas novas e expressões idiomáticas, a partir das tarefas de Papagno (2001), em uma amostra de 20 indivíduos com Doença de Alzheimer e 20 controles. Em relação aos controles, os participantes com Doença de Alzheimer exibiram prejuízo significativo apenas na compreensão de metáforas novas, sendo capazes de compreender metáforas convencionais e expressões idiomáticas. Segundo os autores, a razão principal para o prejuízo na compreensão de metáforas novas na Doença de Alzheimer é o déficit nas funções executivas, tratadas por eles de raciocínio verbal, as quais são consideradas necessárias para calcular as relações nas combinações entre tópico e veículo das metáforas não convencionais. Metáforas convencionais e expressões idiomáticas demandam menos esforços das funções executivas, já que sua compreensão envolve a recuperação de um significado associado a partir da memória semântica.

Com relação a metáforas, Roncero e de Almeida (2014) investigaram o efeito da aptidão, controlando a variável familiaridade, na compreensão de metáforas copulares (por exemplo, os advogados são tubarões). O grupo Doença de Alzheimer de 11 participantes forneceu interpretações que variaram tanto em aptidão quanto em familiaridade, exibindo resultados inferiores comparados aos do grupo controle. A capacidade de interpretação metafórica foi relacionada à aptidão em detrimento do nível de familiaridade, de forma que indivíduos com Doença de Alzheimer são capazes de compreender uma metáfora quando podem realizar abstrações – ao interpretarem além do significado dito literal – no caso de tais metáforas terem um nível suficiente de aptidão. Assim, a capacidade para construir interpretações figuradas para metáfora nem

sempre seria diminuída em pessoas com Doença de Alzheimer, pois não é dependente apenas do nível novidade da expressão.

Como podemos observar na revisão da literatura, as pesquisas sobre provérbios e idiomáticos metafóricos, assim como metáforas na Doença de Alzheimer são, em sua maioria, desenvolvidas comparativamente a populações controle. A configuração dos instrumentos de investigação é variada, sendo utilizados testes de múltipla escolha com estímulos pictóricos, orais e/ou escritos, assim como tarefas de explicação verbal. A maior parte das análises é efetuada de forma comparativa a indivíduos sem comprometimento neurocognitivo, tendo como ferramentas fórmulas estatísticas que visam a assinalar diferenças entre os grupos. Existem poucos estudos que se interessam pela dinâmica interacional envolvida na configuração da figuratividade das expressões. Em alguns estudos, há o interesse por variáveis que constituem a metaforicidade das expressões, tais como ambiguidade, familiaridade e aptidão.

Nessa ótica, o estudo que desenvolvemos tem, a um só tempo, a vantagem e o desafio de estabelecer e comparar as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas associadas à interpretação da metaforicidade em dois relevantes quadros clínicos, as afasias e a Doença de Alzheimer. Soma-se a isso o fato de nos debruçarmos sobre três diferentes tipos de expressões metafóricas: provérbios, idiomáticos e metáforas. Nosso empreendimento pode ser considerado uma tentativa de problematizar de forma mais completa os aspectos que concorrem para a realização de cálculos metafóricos nessas duas patologias.

3.6. A competência meta nas afasias e na Doença de Alzheimer

Como ponderamos nas subseções anteriores, tanto com relação às afasias quanto à Doença de Alzheimer, a atuação da metalinguagem e da metacognição é fundamental para entendermos o que estaria alterado e o que manter-se-ia preservado nos processos interpretativos de expressões metafóricas em tais condições. Nessa linha de reflexão, a seguir, vamos discutir alguns pontos que direcionam essa compreensão.

O primeiro aspecto a ser destacado diz respeito à noção de competência, posto que a esta se vinculam os processos de ordem meta. De acordo com Morato e Bentes

(2002), que discutem o conceito competência linguística na reflexão de Bourdieu sobre linguagem, a competência é muito mais uma prática do que uma faculdade[17]. As autoras sintetizam as expectativas acerca de uma perspectiva de competência capaz de conferir visibilidade à diversidade e à heterogeneidade das práticas linguísticas em contextos sociais distintos (p. 39):

> (i) a noção de competência evoca diferentes modalidades de exercício de diferentes capacidades, como afirma Ogien, 2001 (isto é, diz respeito a um "saber em uso"); ou seja, a competência não tem apenas uma existência pragmático-discursiva, como também é heuristicamente concebida pelos sujeitos nas situações enunciativas (Cf. Morato, 2002); (ii) se a competência é antes uma prática que uma faculdade, é porque a noção de prática imbrica atos de linguagem e ações sociais; (iii) não sendo entendida como uma faculdade ou uma disposição mental, a competência pode ser analisada empiricamente.

De acordo com Morato (2008b), ao ser concebida como prática, a competência constitui-se em meio às diversas ações humanas, relacionando as esferas linguística e extralinguística. Assim, segundo a autora "a competência se deixaria observar nos processos linguístico-enunciativos desenvolvidos na interação, nos recursos multimodais da significação (verbal e não-verbal), nas ações reflexivas que os sujeitos desenvolvem, indicam e exibem de forma interativa" (MORATO, 2008b, p. 57).

Com base na hipótese vygotskyana, Morato (1991, p. 33-34) pondera que "a atividade consciente e voluntária da cognição individual se constitui pela interiorização das formas sociais, dialógicas, das interações humanas." Portanto, longe de serem processos individuais e isolados, metacognição e metalinguagem evocam variados formatos de um saber em uso, o qual tem caráter eminentemente coletivo.

Outro ponto fundamental que se coloca é o papel da linguagem em relação às outras cognições. Partindo de uma perspectiva vygotskyana, admitimos, em consonância com Morato (1991), que a atividade mental resulta da mediação simbólica, de forma que a linguagem atua frente ao pensamento, em termos auto-reflexivos. Com relação à mediação (social, semiótica) da linguagem, tanto em termos intracognitivos, quanto intercognitivos, Morato afirma que:

---

[17] Vale ressaltar que, para Chomsky, em contrapartida à performance, a competência consiste em uma faculdade inata, da qual os indivíduos são inconscientes, ou seja, não a controlam, não atuam sobre ela. Morato e Bentes (2002) assinalam o fato de a perspectiva chomskyana sobre competência ter sido extremamente influente na Linguística e em outros campos, como a Sociologia.

> a mediação é, portanto, condição e interpretação da vida mental dos indivíduos, desde que, para Vygotsky […], a linguagem natural é polissêmica, sendo o contexto e as relações intersubjetivas condições absolutamente indispensáveis para que processos cognitivos sejam relacionados aos fatos de linguagem. (MORATO, 1996, p. 100)

Temos, então, o estabelecimento de uma relação de constitutividade entre a linguagem e os outros tipos de cognição, a qual requer algum nível de reflexividade ou tomada de consciência dos objetos simbólicos em questão em situações interativas. Segundo a autora, a perspectiva interacional entre linguagem e cognição de base vygotskiana assinala o papel mediador e regulador da linguagem frente a outros processos cognitivos: "ao colocar a interação verbal, dentre as outras interações humanas, como representativa da relação entre linguagem e pensamento, Vygotsky marcou o papel da linguagem como constitutiva dos processos mentais" (MORATO, 1991, p. 28).

Tal importância epistemológica reservada à linguagem deriva de sua realidade pragmático-discursiva que atua como um tipo de "praxis linguística" (MORATO, 1991, p. 30), na relação que é estabelecida entre linguagem interna e linguagem externa. Essa função de caráter organizador e planejador emerge no pensamento vygotskiano na consideração de uma relação estreita, discursiva e interacionalmente concebida, entre fala e ação.

Nessa perspectiva, conforme Morato (1991), as operações cognitivas, entre as quais estão o trabalho inferencial, os mecanismos de memória, as analogias e as interpretações, estruturam-se como padrões regulativos, de maneira a, a um só tempo, significarem e regularem a ação simbólica. A função mediadora e organizadora da linguagem, bem como a sociogênese da cognição humana oferecem as bases para a emergência das várias dimensões da competência – linguística, cognitiva, social, pragmática (MORATO, 2008b).

A competência relativamente à linguagem, de ordem pragmático-discursiva, não apenas mental ou linguística, pressupõe reciprocidade entre reflexão e ação, entre aspectos internos e externos da linguagem, entre língua e exterioridade discursiva, entre cognição linguística e outras formas de cognição. Desse modo, a capacidade reflexiva consiste em "uma das principais propriedades da competência" (MORATO, 2008b, p.

56), sendo metacognição e metalinguagem formas de competências cognitivo-discursivas mediadas pela reflexividade do falante, pela natureza estruturante e reguladora da linguagem.

Nessa ótica, por distintas razões, a competência pragmático-discursiva e sociocognitiva parece estar no cerne das alterações neuropsicolinguísticas que, em geral, ocorrem nas afasias e na Doença de Alzheimer. Assim, torna-se fundamental para uma perspectiva não estruturalista da linguagem e da cognição que a configuração e o funcionamento da competência meta em ambas as condições clínicas deixe de ser considerada como uma faculdade isolada, individual e interna e passe a ser compreendida como uma prática de caráter social, intersubjetivo.

Como veremos, nossos dados sugerem que, uma vez reguladas pela mediação simbólica, as operações concernentes à competência – relativas à metalinguagem e à metacognição – podem ser reestruturadas nas afasias e na Doença de Alzheimer. Dessa forma, enquanto, nessa neurodegenerescência, a linguagem e a interação atuam na reorganização dos processos (meta)cognitivos potencialmente alterados, nas afasias, a reflexividade constitutiva da (meta)linguagem e da função reguladora da linguagem contribui para minimizar as dificuldades metalinguísticas que normalmente emergem na referida condição clínica.

3.7. Discussão: a dicotomia linguagem/cognição, a metaforicidade e a testagem neuropsicolinguística

Como pode ser observado, a maioria dos estudos que se ocupa da compreensão da metaforicidade na Doença de Alzheimer e nas afasias filia-se a uma perspectiva teórico-metodológica neurocognitiva que concebe a linguagem figurativa como sendo parte do domínio do mental, cabendo à língua o papel instrumental de fornecer indícios, por meio das respostas indicadas pelos participantes da pesquisa, do estado cognitivo dos indivíduos com Doença de Alzheimer e da capacidade metalinguística nos afásicos no que se refere à interpretação da figuratividade.

À exceção das pesquisas de Morato (2008a, 2012a) e Sé (2011), os estudos ora assinalados não deixam de admitir ainda o pensamento dicotômico que separa as

habilidades linguísticas das habilidades cognitivas, indicando que a compreensão de provérbios, expressões idiomáticas e metáforas convencionais estaria mais ou menos preservada na Doença de Alzheimer, já que demandam recuperação semântica, ao passo que as metáforas novas não seriam interpretadas, pois dependeriam da acurácia das funções executivas centrais, comprometidas na neurodegenerescência. Contrariamente, acreditamos que em situações mais contextualizadas de uso da língua, é possível que o comprometimento da interpretação de metáforas novas seja diminuído, haja vista o trabalho linguístico-cognitivo a ser realizado e a própria configuração linguístico-cognitiva da metaforicidade.

De um modo diferente do que pode ser observado nos estudos sobre a metaforicidade na Doença de Alzheimer, as pesquisas desenvolvidas no âmbito das afasias apresentam conclusões menos consensuais. Entretanto, há certa predominância com relação à indicação de existência de dificuldades para a interpretação de expressões idiomáticas. À exceção dos estudos de Cazelato (2003, 2008), Fachini (2007), Boldrini, (2004) e Morato (2008a, 2012a), a metaforicidade empricamente investigada no quadro afásico parece ser ainda compreendida em termos de metalinguagem *stricto sensu*, o que reduz a linguagem a um sistema fechado em si mesmo e circunscrito a uma esfera cognitiva.

Pesquisas que se ocupam das afasias e da Doença de Alzheimer desenvolvidas no âmbito de modelos explicativos psicossociais – como as de Cazelato (2003; 2008), Cruz (2008), Dias (2012), Boldrini (2004), Fachini (2007), Sé (2001) e Morato (2008a; 2012a), – têm considerado não somente os biomarcadores patológicos, mas também a linguagem e a interação como processos cuja influência é decisiva no ritmo e na intensidade do declínio cognitivo; bem como que, nos contextos afásicos, a linguagem refere-se, de modo direto ou indireto, a outros processos cognitivos que interatuam na construção do sentido (MORATO, 2012a).

No entanto, a maioria dos estudos sobre a metaforicidade na Doença de Alzheimer e nas afasias está alicerçada em perspectivas teórico-metodológicas que empregam a testagem neuropsicolinguística como instrumento e modelo de análise para compreender os fenômenos linguístico-cognitivos envolvidos na figuratividade. Seus métodos parecem intervir nos resultados apresentados, podendo haver a subestimação da capacidade dos afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer quanto à interpretação metafórica (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004; RASSIGA et. al., 2009).

Trata-se de testes que, em sua maioria, são baseados em uma perspectiva representacionalista, estruturalista e normativista da cognição linguística, de modo a inviabilizarem a compreensão da metaforicidade como um fenômeno constitutivo da linguagem em uso.

Morato (2001b, p. 6) assim pondera sobre a função atribuída à linguagem em estudos neuropsicológicos e neurolinguísticos tradicionais:

> […] no campo dos estudos neuropsicológicos e neurolingüísticos é forte ainda o entendimento de que nas patologias neuropsicológicas (cerebrais, cognitivas) se encontram – senão a língua enquanto sistema abstrato – os processos lógico-perceptivos (isto é, não lingüísticos) responsáveis pela identificação e controle da referência. Nessa perspectiva, o que estaria perdido ou alterado nas patologias lingüístico-cognitivas seria o caráter metalingüístico e referencial da linguagem, a capacidade que a linguagem teria de representar ou autorizar as representações lógico-perceptivas do mundo. De uma só vez, reduz-se aí a metalinguagem às operações metalingüísticas, e o componente "meta" a uma ordem da qual se exclui a linguagem e processos afeitos a ela.

Além de se tratar de um enfoque que não considera a linguagem em sua natureza sociocognitiva, os próprios métodos da testagem neuropsicolinguística comumente empregada nos estudos comentados parecem intervir nos resultados apresentados. Sobre isso Papagno e colaboradores (2004), bem como Papagno et. al. (2003), por exemplo, afirmam que, embora o teste de correspondência de imagem seja uma metodologia popular e bastante empregada, pode levar a uma grande subestimação da capacidade dos afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer com relação à interpretação de expressões idiomáticas.

CAPÍTULO 4: Metodologia

A metodologia com base na qual desenvolvemos este estudo tem por alicerce a articulação arbitrada de fundamentos teóricos, bem como procedimentos de coleta, tratamento e análise de dados de domínios que se ocupam do estudo da linguagem em condições clínicas e de áreas cujo interesse é a investigação da metaforicidade. Nossa abordagem está em consonância com estudos do campo da Neurolinguística e seu

arcabouço metodológico, os quais são engendrados por "clusters de influências" (AHLSÉN, 2006) advindos principalmente de áreas da Linguística e da pesquisa neuropsicológica e biomédica, os quais exigem arbitragem metodológica interdisciplinar.

As etapas e os procedimentos que constituem o arcabouço metodológico desta tese têm por for finalidade propiciar meios para responder às questões seguintes, já anunciadas nos capítulos precedentes, que direcionam a pesquisa: i) a investigação da metaforicidade poderia ser um índice do funcionamento linguístico-cognitivo em pessoas afásicas e em indivíduos com Doença de Alzheimer?; ii) considerando a interpretação metafórica, poderíamos dizer que a afasia é, de fato, um problema essencialmente de ordem (meta)linguística, enquanto a Doença de Alzheimer afeta essencialmente aquilo que é (meta)cognitivo (não linguístico)?; e iii) quais as semelhanças e as diferenças relativas ao processamento da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer?. As respostas a tais questões têm por objetivo geral identificar e investigar quais são e como atuam as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas envolvidas no cálculo metafórico efetuado para interpretar a metaforicidade em idiomáticos, provérbios e metáforas por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer nas fases leve e moderada.

Nesse prisma, considerando os seus objetivos, esta investigação pauta-se, quanto à coleta, sobre o estabelecimento de grupos de participantes e emprego de um protocolo experimental controlado, e, com relação à manipulação e análise de dados, na utilização de categorias sociocognitivas e interacionais[18] baseadas na observação, as quais são condizentes ao frame epistemológico da pesquisa. Destacamos que a utilização de um instrumento de testagem neuropsicolinguística para a constituição do *corpus* não se coaduna necessariamente com perspectivas de natureza conceptualista e psicológica da cognição, já que as interações que emergem a partir da aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas, construído para o presente estudo, com grande potencial exploratório para a análise do fenômeno focalizado na pesquisa, são concebidas como uma entre tantas outras formas de uso da linguagem e, assim, têm características próprias a esse tipo de prática ou enquadre interativo.

[18] Salientamos que a interação não é concebida apenas como o *locus* de produção linguística, mas, sobretudo, como princípio constitutivo da linguagem (TOMASELLO, 2003), uma categoria de análise, portanto.

Os procedimentos metodológicos de escopo controlado, especificamente o emprego de um protocolo como instrumento de coleta de dados bem como a seleção e o pareamento de participantes em grupos, visam a, respectivamente, estabelecer um contexto propício à emergência dos dados necessários, e garantir condições efetivas à ocorrência dos fenômenos a serem analisados nos quadros patológicos em questão, tendo em vista ainda o empreendimento comparativo. A manipulação dos dados, a constituição do *corpus*, o estabelecimento de categorias explicativas e as análises estão alicerçadas em uma perspectiva sociocognitiva e interacionista da linguagem (MORATO, 1996; 2011; KOCH; CUNHA-LIMA, 2011), sendo de caráter observacional e qualitativa.

4.1. Constituição do *corpus* da pesquisa

O *corpus* da pesquisa foi constituído a partir da transcrição e seleção de dados audiovisuais, coletados por meio da aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas em uma entrevista. Também elaboramos e utilizamos uma ficha de coleta de dados adicional (anexo 1), constituída por questões relativas a informações sociodemográficas, atividades sociocognitivas e funcionais, assim como condições de saúde dos participantes.

4.1.1. Constituição do Protocolo de Expressões Metafóricas

O Protocolo de Expressões Metafóricas baseia-se nos procedimentos constituintes do protocolo de provérbios mais metafóricos e menos metafóricos utilizado na dissertação de Cazelato (2003). Ainda que sua função metodológica seja oferecer condições propícias para a emergência de interpretações figurativas, o Protocolo consiste em uma prática discursiva de natureza metaenunciativa, da qual fazem parte tanto ações comunicacionais características desse gênero textual quanto movimentos discursivos e sociocognitivos típicos da interação. Portanto, mais do que apenas eliciar a produção de conteúdos semânticos sobre os significados e os contextos

de usos das expressões, a aplicação do Protocolo consiste em uma situação de uso da linguagem, a qual, por sua estruturação e finalidade, contribui para direcionar a forma como as interações entre participante e pesquisadora ocorrem.

A elaboração do Protocolo de Expressões Metafóricas consistiu de três etapas: I) seleção e descrição das expressões; II) testagem da acurácia das expressões para os propósitos da pesquisa, por meio do desenvolvimento de um Estudo Piloto; e III) construção da versão final do Protocolo, com base nos resultados do Estudo Piloto. Na sequência, discorremos brevemente sobre cada uma dessas etapas.

Na etapa I, foram selecionadas de dicionários especializados, livros, artigos, dissertações e teses 45 expressões, sendo 15 idiomáticos, 15 provérbios e 15 metáforas. Além da familiaridade, recorrência e produtividade sociolinguística, assim como convencionalidade, cuja atuação nas expressões é fundamental para a sua identificação, foram considerados para a seleção os critérios: i) grau de metaforicidade, ii) grau de transparência, iiii) ambiguidade/não-ambiguidade, vii) explicitude/implicitude do tópico e do veículo e viii) tipos de mapeamentos conceptuais envolvidos . Foi elaborada uma expectativa de interpretação que contém a descrição conceptual e linguística das expressões, a qual objetiva explicitar a sua configuração em termos de mapeamento figurativo e o que se espera das respostas proferidas com relação ao sentido veiculado em cada um dos enunciados. A primeira versão do Protocolo que foi utilizada no Estudo Piloto consta no anexo 2.

Na etapa II, procedemos a um Estudo Piloto da primeira versão do Protocolo. Participaram dessa fase duas pessoas adultas sem comprometimento linguístico-cognitivo, sendo uma, BN, na faixa de 50 a 55 anos com escolaridade de nível superior e outra, RP, na de 65 a 70 anos com ensino fundamental incompleto. No desenvolvimento do Estudo Piloto, depois de explicarmos e exemplificarmos o funcionamento do Protocolo, bem como verificarmos se cada um dos participantes reconhecia a expressão, efetuamos dois procedimentos para cada uma delas.

No procedimento 1, foi perguntado a cada participante *"O que quer dizer tal expressão?"*, questão esta que, estando no plano enunciativo da menção, requer um determinado trabalho linguístico-cognitivo, principalmente quanto a operações e asserções metalinguísticas. Se considerarmos as condições neuropsicolinguísticas gerais dos afásicos e das pessoas com Doença de Alzheimer, as respostas ao

procedimento 1 tendem a ser mais complexas para os primeiros, já que eles teriam maiores dificuldades de operarem metalinguisticamente com os elementos linguísticos (gramaticais, lexicais, sintáticos etc.).

No procedimento 2, foi pedido a cada participante que "*Imagine uma situação em que caberia o uso desta expressão?",* demanda cujo escopo reside no uso, assinalando, pois, um percurso interpretativo de ordem necessariamente pragmática, para o qual inferência, seletividade e relevância são fundamentais. Ao levarmos em conta as características linguístico-cognitivas referidas às afasias e à Doença de Alzheimer, as respostas dos indivíduos diagnosticados com essa neurodegenerescência ao procedimento 2 seriam, pelo menos hipoteticamente, dificultadas, haja vista os seus déficits executivos, organizacionais e atencionais.

Vale ressaltar que, embora BN e RP sejam indivíduos de faixa-etárias diferentes e níveis escolares distintos, não houve diferenças significativas quanto à relevância interpretativa que, de modo geral, ambos atribuíram às expressões. Isso evidencia que a interpretação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo não dependem do grau e experiência de letramento. No anexo 3, apresentamos o desempenho[19] de BN e RP na interpretação de cada uma das expressões.

Com base nos resultados obtidos a partir do desenvolvimento do Estudo Piloto, que incluem tanto o desempenho no processo interpretativo dos dois participantes quanto o desenvolvimento de análises das características das expressões, no que se refere aos critérios utilizados para selecioná-las na etapa 1, iniciamos a etapa 3, que consistiu na elaboração da versão final do Protocolo. Mantivemos a quantidade de expressões, ou seja, 15 provérbios, 15 idiomáticos e 15 metáforas, perfazendo o total de 45, mas, substituímos 10 delas, sendo 1 provérbio, 4 idiomáticos e 5 metáforas. Os procedimentos constituintes do Protocolo permaneceram os mesmos do Estudo Piloto. No anexo 4, indicamos as expressões que foram substituídas e suas respectivas substituições.

No quadro abaixo, apresentamos a versão final do Protocolo de Expressões Metafóricas após as substituições que foram efetuadas.

[19] A descrição e discussão das categorias utilizadas para mensurar o desempenho interpretativo dos participantes é realizada na seção *6.1.5.1.1. Relevância das respostas*, no decorrer deste capítulo.

Quadro 1: Versão final do Protocolo de Expressões Metafóricas.

Protocolo de Expressões Metafóricas – Versão Final
Provérbios
Quem não chora, não mama.
Amor com amor se paga.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
A união faz a força.
A vingança é um prato que se come frio.
Não dê o passo maior que a perna.
Não coloque o carro na frente dos bois.
Quem entra na chuva, é pra se molhar.
Quanto maior a altura, maior o tombo.
Nos menores frascos estão os melhores perfumes.
Vaso ruim não quebra.
O amor é cego.
As aparências enganam.
A pressa é inimiga da perfeição.
Quem semeia vento colhe tempestade.
Expressões Idiomáticas
Fazer tempestade em copo d' água.
Achar pelo em ovo.
Descascar o abacaxi.
Fazer das tripas coração.
Por uma pedra sobre o assunto.
Estar na fossa.
Cair na real.
Cair do cavalo.
Entrar pelo cano.
Dar a volta por cima.
A carne é fraca.
As paredes têm ouvido.
Nem que a vaca tussa.

Lavar a roupa suja. Não ser flor que se cheire.
Metáforas
A enciclopédia é uma mina de ouro. Ele é o cabeça da quadrilha. Cortei o dedo com a coroa do abacaxi. As vendas estão a todo vapor. Minha batata da perna dói. Ele saiu de si. Vou subir na vida. O Brasil está afundando. Estou com a autoestima no teto. Fiquei nas nuvens. Estou um pouco enferrujado hoje. Maria é uma lesma. Minha sogra é uma serpente. Criei raízes nessa cidade. A inflação corrói nosso dinheiro.

4.1.2. Expectativa de Interpretação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo

A Expectativa de Interpretação relativa ao Protocolo de Expressões Metafóricas explicita o que se espera de respostas dos participantes, considerando o sentido que é veiculado em cada enunciado figurativo. Essa explicitação é realizada com base em descrições linguísticas, fornecidas por dicionários especializados, teses, dissertações e artigos científicos dedicados ao estudo de expressões metafóricas.

Também consideramos as metáforas conceptuais atualizadas, as metáforas situadas emergentes e os tipos de mapeamentos metafóricos engendrados na configuração das expressões como sendo componentes fundamentais para a construção dos sentidos veiculados nos provérbios, idiomáticos e metáforas. Dessa forma, a

Expectativa de Interpretação aponta as metáforas conceptuais e situadas que participam da configuração figurativa de cada uma das expressões, além de indicar o tipo de mapeamento que é efetuado entre os domínios fonte e alvo da construção metafórica, se genérico ou específico.

Outro aspecto considerado na Expectativa de Interpretação é o perfilamento, que diz respeito a um recorte conceptual da construção linguística em uma base conceptual mais ambrangente (LANGACKER, 2008). Essa base refere-se ao conteúdo conceptual identificado nos domínios da matriz da expressão, da qual é selecionado um conjunto de informações por meio do perfil, que consiste no referente conceptual que funciona como o foco de atenção no interior do escopo imediato.

Algumas expressões metafóricas que constituem o Protocolo são configuradas por processamentos metonímicos. Sobre isso é importante esclarecer que enquanto a projeção metafórica consiste em um mecanismo que promove a conceptualização de um domínio da experiência em termos de outro, o mapeamento metonímico envolve apenas um domínio (FERRARI, 2011), de forma que a função do seu veículo é de simplesmente sinalizar a construção do alvo. Na Expectativa de Interpretação, explicitamos as construções figurativas que também possuem projeções metonímicas e descrevemos o seu mapeamento.

Na Expectativa de Interpretação, é indicado ainda o grau de metaforicidade de cada expressão, aspecto sobre o qual discutiremos no decorrer deste capítulo. A ordem de apresentação das expressões inserida a seguir está de acordo com a sequência que foi exposta aos participantes durante a aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas.

Quadro 2: Expectativa de Interpretação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo.

Expectativa de Interpretação
Provérbios
Quem não chora, não mama. Menos metafórico Metáfora Conceptual DESEJAR É TER FOME (mapeamento genérico) Metáfora Situada ATINGIR UM PROPÓSITO É ADQUIRIR UM ALIMENTO DESEJADO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila os elementos de negação *não* e os verbos de ação física *chora* e *mama*, que, em conjunto, salientam a necessidade de tomar atitude (chorar) para obter algo (mamar). Veiculação assertiva da ideia de obtenção de recompensa a partir da realização de um pedido ou uma reclamação para a satisfação de um desejo ou necessidade. "para se conseguir algo tem de reclamar." (URBANO, 2018)
Amor com amor se paga. Menos metafórico Metáfora Situada SENTIMENTO É DINHEIRO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *paga* e pronome recíproco *se*, que, em conjunto, realçam a retribuição mútua. Veiculação assertiva dos sentidos de reciprocidade, retribuição, gratidão, que, por sua vez baseiam-se na afetividade. "deve-se retribuir o bem com o bem." (URBANO, 2018)

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Mais metafórico
Metáfora Situada SER HUMANO É LIQUIDO (mapeamento específico)
Metáfora Situada DIFICULDADE É ROCHA (mapeamento específico)
Metáfora Situada ÊXITO É EVENTO NATURAL (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *mole* e *dura* – que indicam fragilidade e força, respectivamente –, os verbos *bate* e *fura* – que explicitam movimentos de colisão e de violência (bater) e de transposição (furar) –, o advérbio *tanto* – que demarca a intensidade – e a conjunção *até* – que aponta uma consequência

Veiculação assertiva da ideia de que a persistência supera a dificuldade, levando ao êxito.
"com persistência, consegue-se tudo." (URBANO, 2018)

A união faz a força.

Menos metafórico
Metáfora Situada SER HUMANO É ATO/EFEITO (mapeamento específico)
Metáfora Situada COOPERAÇÃO É VIGOR FÍSICO (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *união* e *força*, que indicam, respectivamente, as noções de cooperação coletiva e poderio.

A expressão também é constituída metonimicamente, uma vez que, no seu mapeamento, estão envolvidos elementos que podem ser considerados como pertencentes a um mesmo domínio, o humano. A cooperação coletiva (união) que confere poderio (força) tem como matrizes um mesmo agente: as pessoas.

Veiculação assertiva da ideia de que a atividade coletiva, baseada na cooperação e no apoio mútuo, é mais eficiente para alcançar um determinado objetivo.

A vingança é um prato que se come frio. Mais metafórico Metáfora Situada ATITUDE É ALIMENTO (mapeamento específico) Metáfora Conceptual DESEJAR É TER FOME (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *prato* e *frio*, assim como o verbo *come*, que, em conjunto indicam a postergação de realização de uma atividade. Veiculação assertiva do sentido de que, para ser bem-sucedida, a vingança deve ser realizada depois de que já houver passado um longo tempo desde que o episódio que a motivou ocorreu, o que possibilita tanto o esquecimento daquele que será vingado, quanto um melhor planejamento do ato vingativo.
Não dê o passo maior que a perna. Mais metafórico Metáfora Conceptual MUDANÇA É MOVIMENTO (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *passo*, *maior* e *perna*, os quais salientam relações orientacionais de desequilíbrio. Veiculação advertiva sobre a necessidade de considerar as próprias limitações, principalmente financeiras, e de ter cautela e precaução com o objetivo de evitar o excesso bem como as consequências negativas que ele pode trazer. “tentar fazer algo além das suas possibilidades” (URBANO, 2018)
Não coloque o carro na frente dos bois. Mais metafórico Metáfora Situada AÇÃO É VEÍCULO (mapeamento específico) Metáfora Situada AÇÃO É ANIMAL (mapeamento específico) Metáfora Conceptual MUDANÇA É MOVIMENTO (mapeamento genérico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *carro* e *bois,* assim como a locução adverbial *na frente*, que, conjuntamente, apontam relações orientacionais de desequilíbrio em relação a uma dada ordem. Veiculação advertiva para que se mantenha a ordem natural, esperada, dos eventos, de modo a evitar ações precipitadas. não “inverter os fatos, agir de maneira, precipitada.” (URBANO, 2018) não “antecipar inconvenientemente algumas etapas” (RIVA, 2009)
Quem entra na chuva, é pra se molhar. Mais metafórico Metáfora Situada SITUAÇÃO ARRISCADA É FENÔMENO ATMOSFÉRICO (mapeamento específico) Metáfora Conceptual ESTADO É CONTÊINER (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila os verbos *entra* e *molhar* – indicando um deslocamento espacial/situacional e a modificação de um estado, de modo respectivo –, assim como a construção nominal *chuva* – que aponta para uma circunstância adversa. Veiculação assertiva da ideia de que a exposição a riscos eleva as possibilidades de surgirem problemas, sendo necessário suportar as consequências dos próprios atos. “ter certeza dos riscos que corre.” (URBANO, 2018)
Quanto maior a altura, maior o tombo. Menos metafórico Metáfora Conceptual RUIM É PARA BAIXO (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *maior, altura* e *tombo,* que, respectivamente, assinalam magnitude, verticalidade e as consequências de sua combinação.

Veiculação assertiva da ideia de que a supressão de condições socioeconômicas elevadas, geralmente associadas ao orgulho, pretensão e soberba, gera consequências desagradáveis para a pessoa que as tinha. “quando se perde posição social e/ou econômica elevadas, sente-se demasiadamente.” (URBANO, 2018)
Nos menores frascos estão os melhores perfumes. Mais metafórico Metáfora Conceptual MENOR É MELHOR (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual IMPORTÂNCIA É TAMANHO (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *menores* e *melhores,* que apontam para atribuições de importância, ao passo que *frascos* e *perfumes* direcionam às noções de materialidade e essência, de modo respectivo. Veiculação assertiva do sentido de que atitudes, situações e gestos simples ou que aparentam ser insignificantes têm, na verdade, grande importância.
Vaso ruim não quebra. Menos metafórico Metáfora Conceptual SER HUMANO É OBJETO (mapeamento genérico) Metáfora Situada SER HUMANO MAU É OBJETO INQUEBRÁVEL (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *ruim* e o verbo *quebra,* que salientam aspectos negativos e o sofrimento de danos, respectivamente. Veiculação assertiva da ideia de que pessoas de má índole são mais resistentes aos infortúnios do que as pessoas de boa índole, as quais sofrem mais com eles. “em geral as pessoas más dificilmente sofrem vicissitudes, ao contrário das boas.” (URBANO, 2017)

O amor é cego.

Menos metafórico
Metáfora Conceptual VER É SABER (mapeamento genérico)
Metáfora Situada SENTIMENTO É SER HUMANO (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *amor* e *cego,* que, respectivamente, indicam sentimentos positivos e ausência de percepção.

Podemos considerar a expressão como sendo configurada também de forma metonímica, uma vez que estão envolvidos elementos que pertencem a um mesmo domínio, o humano. Aquele que ama (o amor) e não percebe (é cego) são um indivíduo.

Veiculação assertiva da ideia de que o sentimento amoroso torna imperceptíveis a aquele que ama os defeitos e as imperfeições da pessoa amada.
"justificativa para o casamento ou união de uma pessoa com outra muito feia, pobre ou de condição moral ou social bem inferior, um apaixonado não consegue discernir defeitos." (URBANO, 2018)

As aparências enganam.

Menos metafórico
Metáfora Situada FORMA EXTERIOR É SER HUMANO (mapeamento específico)
Metáfora Conceptual ESSENCIAL É INTERNO (mapeamento genérico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *aparências* e o verbo *enganam,* que salientam a superficialidade e a ilusão, respectivamente.

Veiculação assertiva do sentido de ocultação das verdadeiras características de algo ou alguém e de suas intenções, ocultamento este que pode levar à ludibriação dos que acreditam nos atributos e/ou propósitos aparentes.
"as pessoas e coisas nem sempre são aquilo que aparentam." (URBANO, 2018)

A pressa é inimiga da perfeição. Menos metafórico Metáfora Situada CONDIÇÃO PRECIPITADA É SER HUMANO (mapeamento específico) Metáfora Situada CONDIÇÃO DE EXCELÊNCIA É ADVERSÁRIO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *pressa, inimiga* e *perfeição,* que, em conjunto, indicam uma relação opositiva entre dois estados potencialmente antagônicos. Veiculação assertiva da ideia de que há um tempo adequado para que algo seja devidamente feito, sendo necessário evitar a precipitação, que, inevitavelmente, torna a realização imperfeita. "tudo o que se faz apressadamente corre o risco de sair malfeito" (URBANO, 2018)
Quem semeia vento colhe tempestade. Mais metafórico Metáfora Situada ATITUDE É ATIVIDADE AGRÍCOLA (mapeamento específico) Metáfora Situada CONDIÇÃO NEGATIVA É FENÔMENO ATMOSFÉRICO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *vento* e *tempestade* – que evidenciam a intensificação brusca de um estado –, assim como os verbos *semeia* e *colhe* – os quais apontam uma ação inicial que possibilita uma ação final. Veiculação assertiva do sentido de causalidade negativa, em que uma pessoa que pratica maldades sofrerá consequências condizentes com as suas atitudes. "aquele que faz mal arcará com graves consequências." (URBANO, 2018)
Idiomáticos
Fazer tempestade em copo d' água. Mais metafórico Metáfora Situada COMPORTAMENTO É FENÔMENO ATMOSFÉRICO (mapeamento

específico) Metáfora Conceptual SITUAÇÃO É CONTÊINER (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *tempestade* e *copo d'água,* as quais, tomadas em conjunto, salientam a existência de um evento demasiadamente importante em relação a uma circunstância de pequenas proporções. O verbo *fazer* perfila uma ação de execução, produção. Veiculação do sentido de ação excessiva, exagerada, sem necessidade. "discutir ou brigar por pouca coisa, fazer um escândalo por nada." (URBANO, 2018) "reação exagerada para algo sem importância" (RIVA, 2009)
Achar pelo em ovo. Mais metafórico Metáfora Situada PROBLEMA É ESTRUTURA EPIDÉRMICA (mapeamento específico) Metáfora Situada SITUAÇÃO É CÉLULA FECUNDADA (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *pelo* e *ovo,* as quais, em conjunto, chamam a atenção para aspectos que, embora pertencentes a um mesmo domínio geral, são bem distintos. O verbo *achar* perfila uma ação de busca. Veiculação da ideia de busca por algo impossível, que geralmente está associado à criação de um problema ou situação desconfortável. "criar problema, procurar defeito, problemas onde não há, tentar realizar tarefa totalmente impossível, provocar situação difícil." (URBANO, 2018)
Descascar o abacaxi. Menos metafórico Metáfora Situada QUESTÃO COMPLEXA É FRUTA (mapeamento específico) Metáfora Situada RESOLVER É REMOVER CASCA (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *abacaxi* e o verbo

descascar, que, juntos, indicam uma ação que demanda algum esforço. Veiculação do sentido de resolução ou desvencilhamento de uma questão complicada, difícil, complexa, que exige empenho para ser concluída. "1. resolver um problema de solução difícil, complicada, penosa; coisa embaraçosa; questão intrincada; desvencilhar-se de uma incumbência desagradável. 2. negócio indesejável." (URBANO, 2018)
Fazer das tripas coração. Mais metafórico Metáfora Situada SUPERAÇÃO É ALTERAÇÃO DE PARTE DO CORPO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *tripas* e *coração,* as quais, conjuntamente, salientam aspectos pertencentes a um mesmo domínio, porém, distintos. O verbo *fazer* perfila uma ação de execução, produção. Veiculação da ideia de realização de um esforço sobre-humano, com a superação dos próprios limites, para alcançar um objetivo que parece impossível. "fazer um grande e corajoso esforço para conseguir algo." (URBANO, 2018)
Por uma pedra sobre o assunto. Mais metafórico Metáfora Situada ENCERRAMENTO É COLOCAÇÃO DE ROCHA (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *pedra,* o verbo *por* e a preposição *sobre,* que, juntos, indicam a realização de uma ação contundente, encerrada em si mesma. Veiculação do sentido de encerramento de uma conversa, discussão ou da necessidade de esquecimento de um problema, situação conflituosa. "postergar indefinidamente um assunto, esquecer um caso desagradável." (URBANO, 2018)

Estar na fossa. O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *fossa* e o verbo *estar* que apontam para uma condição estática desagradável. Mais metafórico Metáfora Conceptual RUIM É PARA BAIXO (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual ESTADO É LUGAR (mapeamento genérico) Veiculação da ideia de intensa tristeza, em geral, derivada de uma desilusão amorosa. “em intensa depressão moral.” (URBANO, 2018) “estar muito triste, deprimido.” (XATARA, 2013)
Cair na real. Mais metafórico Metáfora Conceptual RUIM É PARA BAIXO (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual ESTADO É CONTÊINER (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *real* e o verbo *cair*, que, respectivamente, chamam a atenção para as noções de verdade e de inserção/entrada abrupta. Veiculação do sentido de percepção abrupta de acontecimentos, de condições e situações sobre as quais ainda não se tinha consciência. “cair na realidade, tomar consciência dos fatos.” (URBANO, 2018)
Cair do cavalo. Menos metafórico Metáfora Conceptual RUIM É PARA BAIXO (mapeamento genérico) Metáfora Situada FRUSTRAÇÃO É QUEDA (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *cavalo* e o verbo *cair*, os quais, de forma respectiva, indicam noções de posição com algum tipo de elevação/movimento

e de eliminação/saída Veiculação da ideia de frustração, de decepção, de insucesso em uma situação em que a expectativa era positiva. “ter uma grande e inesperada surpresa de cunho negativo”. (URBANO, 2018)
Entrar pelo cano. Mais metafórico Metáfora Conceptual ESTADO É CONTÊINER (mapeamento genérico) Metáfora Situada INSUCESSO É PASSAGEM POR UM DUTO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *cano*, o verbo *entrar* e a forma conjuntiva contraída *pelo*, que, em conjunto, salientam uma circunstância inapropriada, desconfortável. Veiculação do sentido de obtenção de insucesso em uma empreitada, do surgimento de consequências desagradáveis após a consecução de uma ação. “ser malsucedido” (XATARA, 2013)
Dar a volta por cima. Menos metafórico Metáfora Conceptual BOM É PARA CIMA (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual MUDANÇA É MOVIMENTO (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *volta* e *cima*, que, respectivamente, chamam a atenção para o retorno a um determinado ponto e uma condição elevada. Veiculação da ideia de superação de dificuldades, de recuperação de situações negativas. “reagir, superar situação difícil.” (URBANO, 2018) “recuperar-se” (RIVA, 2009)

A carne é fraca.

Menos metafórico
Metáfora Situada SER HUMANO É SUBSTÂNCIA CORPORAL (mapeamento genérico)
Metáfora Situada COMPORTAMENTO INAPROPRIADO É DEBILIDADE FÍSICA (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *carne* e *fraca* que, em conjunto, assinalam a fragilidade de um ser animado.

Podemos considerar a expressão como tendo, em sua constituição figurativa, uma metonímia, já que, em ambos os domínios metafóricos, estão envolvidos elementos que pertencem ao domínio humano. O ser animado (a carne) é o mesmo que possui fragilidades (é fraco).

Veiculação do sentido de que embora as pessoas tentem não fazer algo inapropriado, que normalmente está relacionado aos prazeres corporais, os seus instintos e vontades podem fazer com que elas cedam.
"é difícil resistir às tentações do sexo." (URBANO, 2018)

As paredes têm ouvido.

Mais metafórico
Metáfora Situada SER HUMANO É ESTRUTURA FÍSICA DE ALVENARIA (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão metafórica perfila as construções nominais *paredes* e *ouvido*, que, conjuntamente, chamam a atenção para a possibilidade de escuta através de uma barreira de som.

Essa expressão pode ser considerada como sendo também metonímica, uma vez que, em sua configuração figurativa, há o elemento humano presente nos dois domínios metafóricos. O ser humano (as paredes) é o mesmo que pode escutar (têm ouvido).

Veiculação da ideia de necessidade de se ter cautela ao dizer algo, pois é possível que alguém

que não deve sabê-lo está por perto e prestes a ouvir. “tomar cuidado ao comunicar segredos, pois terceiras pessoas podem ouvir tudo.” (URBANO, 2017) “alguém pode ouvir o que deve permanecer em segredo” (RIVA, 2009)
Nem que a vaca tussa. Mais metafórico Metáfora Situada IMPOSSIBILIDADE É ATIVIDADE RUMINANTE (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão metafórica perfila a construção nominal *vaca* e o verbo *tussa*, que, de modo conjunto, salientam a implausibilidade de realizar uma determinada ação (vaca tossir). Veiculação do sentido de impossibilidade de se fazer algo, mesmo que alguma ocorrência extraordinária se concretize. “de forma alguma.” (URBANO, 2018) “de jeito nenhum.” (XATARA, 2013)
Lavar a roupa suja. Menos metafórico Metáfora Situada PROBLEMA É VESTUÁRIO NÃO LAVADO (mapeamento específico) Metáfora Situada DISCUSSÃO É HIGIENIZAÇÃO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *roupa* e *suja*, assim como o verbo *lavar*, apontando para as condições de algo (roupa suja) e a ação de modificá-las (lavar). Veiculação da ideia de exposição e potencial resolução de problemas pessoais, normalmente entre pessoas que possuem algum vínculo afetivo de natureza familiar. “desvendar faltas intimas, disputas entre os membros da família devem ser resolvidas em casa, privadamente.” (URBANO, 2018)

“discutir certos assuntos apenas com os que estão envolvidos” (XATARA, 2013)
Não ser flor que se cheire. Menos metafórico Metáfora Conceptual SER HUMANO É PLANTA (mapeamento genérico) Metáfora Situada CONFIANÇA É ODOR (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *flor*, o verbo *cheire* e o elemento de negação *não*, que, tomados de maneira conjunta, chamam a atenção para a impossibilidade (não) de interagir (cheire) com algo (flor). Veiculação do sentido de que se trata de uma pessoa não confiável, de caráter duvidoso, perigosa. “ser desonesto, ter falta de caráter, ser cheio de defeitos.” (URBANO, 2018) “não inspirar confiança” (RIVA, 2009)
Metáforas
A enciclopédia é uma mina de ouro. Mais metafórico Metáfora Situada OBRA INTELECTUAL É RECURSO VALIOSO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *mina de ouro*, que salienta o agrupamento de itens da grande valor. Veiculação da ideia de que o livro denominado enciclopédia é muito valioso, no qual podem ser encontrados conhecimentos importantes.
Ele é o cabeça da quadrilha. Menos metafórico Metáfora Situada LIDERANÇA É PARTE DO CORPO (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construção nominal *cabeça da quadrilha*, que aponta para a ideia de liderança de uma organização voltada para o crime. Podemos considerar a expressão como sendo configurada também por um processamento metonímico, já que os dois domínios figurativos são constituídos por características relacionadas ao ser humano. A parte do corpo referenciada metaforicamente (cabeça) é constitutiva do ser humano que exerce a liderança (ele). Veiculação do sentido de que o dêitico ele, que se refere a uma pessoa, é o chefe de uma organização criminosa, tendo, portanto, habilidades e poderes de liderança
Cortei o dedo com a coroa do abacaxi. Menos metafórico Metáfora Situada PARTE DA FRUTA É OBJETO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *cortei* e a construção nominal *coroa do abacaxi*, que assinalam uma cisão ocasionada pela parte espinhosa do abacaxi. Veiculação da ideia de que o dêitico *eu*, que se refere à pessoa que profere a expressão, teve o dedo da mão cortado pelo tufo de folhas localizado na parte de cima do abacaxi.
As vendas estão a todo vapor. Mais metafórico Metáfora Situada COMÉRCIO É LOCOMOTIVA (mapeamento específico) Metáfora Situada RAPIDEZ É VAPOR (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *todo vapor*, que chama a atenção para a ideia de funcionamento dinâmico. Veiculação do sentido de que os produtos de um estabelecimento comercial estão sendo vendidos rapidamente, de forma exitosa.

Minha batata da perna dói. Menos metafórico Metáfora Situada PARTE DO CORPO É LEGUME (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *dói* e a construção nominal *batata da perna*, que assinalam uma sensação dolorosa na panturrilha. Veiculação da ideia de que a panturrilha daquele que profere a expressão está dolorida.
Ele saiu de si. Mais metafórico Metáfora Conceptual ESTADO É CONTÊINER (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *saiu* e o pronome reflexivo *si*, que em conjunto, chamam a atenção para uma mudança feita por um indivíduo. Veiculação do sentido de que o dêitico *ele*, que se refere a uma pessoa, perdeu o controle sobre as suas próprias ações, irritou-se muito, enfureceu-se.
Vou subir na vida. Mais metafórico Metáfora Conceptual BOM É PARA CIMA (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual MUDANÇA É MOVIMENTO (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *subir* e a construção nominal *vida*, que, conjuntamente, apontam para algum tipo de ascensão vital. Veiculação da ideia de que aquele que profere a expressão obterá alguma ascensão pessoal ou profissional, alcançará melhores condições, em geral financeiras, do que as que tem atualmente.

O Brasil está afundando. Mais metafórico Metáfora Conceptual RUIM É PARA BAIXO (mapeamento genérico) Metáfora Situada NAÇÃO É EMBARCAÇÃO (mapeamento específico) Metáfora Situada SITUAÇÃO É ÁGUA EM GRANDE QUANTIDADE (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *Brasil* e o verbo *afundando*, os quais evidenciam a ideia de declínio do país. Veiculação do sentido de que o Brasil, considerando suas instituições e cidadãos, está passando por uma situação muito ruim.
Estou com a autoestima no teto. O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *autoestima* e *teto*, que, conjuntamente, assinalam a elevação do amor próprio. Mais metafórico Metáfora Conceptual BOM É PARA CIMA (mapeamento genérico) Metáfora Situada LIMITE MÁXIMO É COBERTURA DE EDIFICAÇÃO (mapeamento específico) Veiculação da ideia de que aquele que profere a expressão está sentindo amor próprio em seu limite máximo.
Fiquei nas nuvens. Mais metafórico Metáfora Conceptual BOM É PARA CIMA (mapeamento genérico) Metáfora Conceptual ESTADO É LUGAR (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *fiquei*, que indica o alcance de um

estado e a construção nominal *nuvens*, que evidenciam um local elevado. Veiculação do sentido de que aquele que profere a expressão se sentiu muito feliz, bastante satisfeito com algo.
Estou um pouco enferrujado hoje. Mais metafórico Metáfora Conceptual SER HUMANO É MÁQUINA (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *enferrujado*, que aponta para as noções de perda de propriedades, sofrimento de alterações físicas. Veiculação da ideia de que aquele que profere a expressão não está em condições ideais de disposição física ou mental para desempenhar alguma atividade.
Maria é uma lesma. Menos metafórico Metáfora Conceptual SER HUMANO É ANIMAL (mapeamento genérico) Metáfora Situada SER HUMANO É ANIMAL VAGAROSO (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *lesma*, que enfatiza características de vagareza. Veiculação do sentido de que a pessoa denominada de Maria desenvolve ações com vagar, lentidão, demora, podendo ser indolente.
Minha sogra é uma serpente. Menos metafórico Metáfora Conceptual SER HUMANO É ANIMAL (mapeamento genérico) Metáfora Situada SER HUMANO É ANIMAL PEÇONHENTO (mapeamento específico)

O mapeamento metafórico da expressão perfila as construções nominais *sogra* e *serpente* que, em conjunto, salientam as características de traição e maldade. Veiculação da ideia de que a sogra daquele que profere a expressão é traiçoeira, pérfida, enganadora, malvada.
Criei raízes nessa cidade. Mais metafórico Metáfora Conceptual SER HUMANO É PLANTA (mapeamento genérico) O mapeamento metafórico da expressão perfila a construção nominal *raízes* e o verbo *criei*, que, conjuntamente, assinalam a ideia de estabelecimento em uma determinado local. Veiculação do sentido de que aquele que profere a expressão estabeleceu vínculos emocionais com um lugar.
A inflação corrói nosso dinheiro. Mais metafórico Metáfora Situada SITUAÇÃO ECONÔMICA É SUBSTÂNCIA ÁCIDA (mapeamento específico) O mapeamento metafórico da expressão perfila o verbo *corrói*, que indica a ação de diminuição que pode chegar à supressão total. Veiculação da ideia de que o aumento de preços dos produtos faz com que o dinheiro das pessoas seja totalmente consumido, perdendo o seu valor.

4.1.3. Seleção e descrição dos participantes

Considerando os objetivos desta pesquisa, cujo enfoque analítico é tanto descritivo e explicativo como comparativo, foram selecionados participantes: i) com diagnóstico de provável Doença de Alzheimer; ii) com sequelas afásicas; e iii) sem qualquer comprometimento linguístico-cognitivo. Nas subseções seguintes, indicamos como foi realizada a seleção dos indivíduos e descrevemos sucintamente o perfil de cada um deles.

4.1.3.1. Seleção dos participantes

Os dados dos quais constituímos o *corpus* foram coletados a partir da composição de 4 grupos populacionais. O grupo 1 foi formado por 2 indivíduos com diagnóstico de provável Doença de Alzheimer[20] em estágio leve. Já o grupo 2 foi composto por um indivíduo com diagnóstico de provável Doença de Alzheimer em estágio moderado. Os familiares desses três participantes frequentam reuniões da Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz)[21] – sub-região Campinas, SP. O grupo 3 foi constituído por 2 indivíduos afásicos que participam do Centro de Convivência de

[20] O diagnóstico definitivo é *pos-mortem*, de modo que, em vida, a diagnose divide-se em provável Doença de Alzheimer e possível Doença de Alzheimer. No primeiro tipo, é necessária a presença de um dos critérios a seguir: 1. Evidência de uma mutação genética causadora de Doença de Alzheimer a partir de história familiar ou teste genético; ou 2. a. Evidências claras de declínio na memória e na aprendizagem e em pelo menos outro domínio cognitivo (com base em história detalhada ou testes neuropsicológicos em série). b. Declínio constantemente progressivo e gradual na cognição, sem platôs prolongados. c. Ausência de evidências de etiologia mista (i.e., ausência de outra doença neurodegenerativa ou cerebrovascular ou de outra doença ou condição neurológica, mental ou sistêmica provavelmente contribuindo para o declínio cognitivo). No segundo tipo, são necessários os três critérios seguintes: 1. Evidências claras de declínio na memória e na aprendizagem. 2. Declínio constantemente progressivo e gradual na cognição, sem platôs prolongados. 3. Ausência de evidências de etiologia mista (i.e., ausência de outra doença neurodegenerativa ou cerebrovascular ou de outra doença ou condição neurológica ou sistêmica provavelmente contribuindo para o declínio cognitivo).

[21] Entidade sem fins lucrativos e a qual me voluntariei, composta por familiares de pessoas com Doença de Alzheimer, profissionais e voluntários, cuja finalidade é repassar informações sobre o diagnóstico e tratamento da doença e orientar quanto a aspectos cotidianos de acompanhamento com vistas à manutenção da qualidade de vida das pessoas envolvidas.

Afásicos (CCA)[22]. Compõem o grupo 4 três pessoas com perfis sociolinguísticos, etários e escolares semelhantes aos dos participantes dos grupos 1, 2 e 3.

Considerando os fatores éticos e humanísticos envolvidos em pesquisas com seres humanos em contextos patológicos, cumpre ressaltar que obtivemos os consentimentos da coordenadora da ABRAz de Campinas, assim como de uma das professoras e pesquisadoras responsáveis pelo CCA para ter acesso aos familiares de indivíduos com Doença de Alzheimer e a pessoas afásicas, respectivamente. Além disso, o desenvolvimento do estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp em 21/03/2017, com o número de parecer 1.973.985 (anexo 5). A anuência de participação da pesquisa foi documentada através da assinatura dos indivídus ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 6), que explicita a natureza e os procedimentos do estudo, além de garantir o anonimato do participante.

4.1.3.2. Descrição de dados sociodemográficos, atividades sociocognitivas e funcionais, e condições de saúde dos participantes

Os participantes da pesquisa – 2 homens e 6 mulheres –, identificados a seguir por iniciais de seus nomes, têm idades que variam de 58 a 90 anos e média de escolaridade de 5,9 anos. São provenientes de diversos locais e possuem profissões/ocupações variadas. No quadro a seguir, apresentamos os dados sociodemográficos dos 3 participantes que compõem os grupos Doença de Alzheimer estágios leve e moderado.

[22] De acordo com Morato (2016 p. 587), o CCA – Centro de Convivência de Afásicos "pode ser compreendido como um espaço de interação entre pessoas afásicas e não afásicas no qual se realizam atividades (também chamadas de Programas ou Oficinas) interacionais diversas que procuram evocar rotinas significativas de vida em sociedade (conversação cotidiana, debates sobre temas de interesse comum, jogos, cinema, cafés coletivos, visitas a exposições, piqueniques, saraus musicais, etc.) e atividades que envolvem expressão artística (música, teatro, dança). Temos procurado nessas práticas a restituição de papéis sociais, a partilha de um espaço simbólico de experiências, o fortalecimento de quadros interativos, a evocação de práticas discursivas as mais diversas, a reorganização linguístico-cognitiva após o comprometimento neurológico, a recomposição de aspectos ligados à subjetividade e à inserção social (MORATO et al, 2002, 2010). Constituindo-se como uma 'comunidade de práticas' (ECKERT, 1997), esse grupo tem se responsabilizado pela elaboração e publicação de um livro de divulgação sobre as afasias e os afásicos (MORATO et al, 2002), pela edição de uma peça radiofônica (CALLIGARIS, 2016) e por um jornal anual desde 2007."

Quadro 3: Dados sociodemográficos dos participantes que constituem os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado.

Participantes grupos Doença de Alzheimer			
	Estágio Leve		Estágio Moderado
Identificação	MC	MR	DG
Data de Nascimento	01/09/1927	05/08/1944	11/05/1932
Naturalidade	Piracicaba (SP), Brasil	Volta Redonda (RJ), Brasil	São Paulo (SP), Brasil
Idade na data da coleta	90	74	86
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Incompleto
Estado Civil	Viúva	Viúva	Viúva
Profissão/Ocupação	Dona de casa aposentada	Dona de casa aposentada	Aposentada
Local e Companhia de Residência	Mora sozinha em seu apartamento ao lado do de uma das filhas.	Mora sozinha em sua casa aos fundos da de uma das filhas.	Reside em uma casa de repouso para idosos.

O quadro seguinte expõe os dados sociodemográficos dos 2 participantes que constituem o grupo Afasia.

Quadro 4: Dados sociodemográficos dos participantes que constituem o grupo Afasia.

Participantes Grupo Afasia		
Identificação	LM	MN
Data de Nascimento	10/09/1957	24/09/1927
Naturalidade	Borda da Mata (MG), Brasil	Riveira da Espanha, Portugal
Idade na data da coleta	60	90
Gênero	Masculino	Feminino
Escolaridade	Ensino Fundamental Completo	Ensino Fundamental Incompleto
Estado Civil	Separado	Viúva
Profissão/Ocupação	Metalúrgico aposentado	Costureira aposentada
Local e Companhia de Residência	Mora em sua casa com filha e netos.	Mora em sua casa com um dos filhos.

No quadro abaixo, apontamos os dados sociodemográficos dos 3 participantes que compõem o grupo Controle.

Quadro 5: Dados sociodemográficos dos participantes que constituem o grupos Controle.

Participantes grupo Controle			
Identificação	MT	AB	MF
Data de Nascimento	17/01/1934	10/12/1959	09/01/1948
Naturalidade	Três Pontas (MG), Brasil	Poços de Caldas (MG), Brasil	Poços de Caldas (MG), Brasil

Idade na data da coleta	84	58	70
Gênero	Feminino	Masculino	Feminino
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Fundamental Incompleto
Estado Civil	Viúva	Casado	Casada
Profissão	Cozinheira aposentada	Caminhoneiro	Dona de casa
Local e Companhia de Residência	Mora com dois filhos.	Mora com a esposa e um dos filhos.	Mora com o esposo, uma filha e dois netos.

4.1.3.3. Breve descrição clínica e neurolinguística dos indivíduos afásicos e dos indivíduos com Doença de Alzheimer

MC

De acordo com sua filha e cuidadora principal, em 2015, MC passou a apresentar dificuldades constantes quanto à memória recente, orientação temporal e reconhecimento de familiares e amigos com quem convive constantemente. Após consultas com neurologistas e geriatras, bem como a realização de exames de eletroenecefalograma e ressonância magnética do crânio e o teste Mini Exame do Estado Mental, constataram-se, em MC, mapeamento da atividade elétrica cerebral ligeiramente lento, redução volumétrica encefálica global, microangiopatia e comprometimento cognitivo de grau leve. MC apresenta dificuldades para evocar palavras, narrar acontecimentos e baixa iniciativa interativa. Frequenta grupos de terceira idade e aulas de ginástica.

MR

Segundo a sua filha e cuidadora principal, em 2014, MR começou a ter dificuldades de memória, principalmente recente, orientação espacial e reconhecimento de filhos e netos com os quais convive. Após MR passar por consultas neurológicas e exames de

tomografia computadorizada crânio-encefálica, assim como de ressonância magnética encefálica, verificaram-se atrofia encefálica com predominância parietal e a presença de microangiopatia. O teste Miniexame do Estado Mental indicou comprometimento cognitivo de grau leve. MR exibe dificuldades para evocar palavras e poucas vezes inicia um diálogo, limitando-se a responder quando é questionada. Frequenta bailes e bingos de terceira idade com o namorado.

DG

De acordo com sua filha e responsável, em 2012, DG passou a esquecer-se frequentemente de nomes de pessoas, objetos e lugares, bem como teve alguns episódios de desorientação espacial, perdendo-se na rua. Os exames neurológicos de ressonância do crânio e eletroencefalograma pelos quais passou indicaram, inicialmente, atrofia encefálica global, a qual evoluiu predominantemente para a região frontal. Logo que iniciou o acompanhamento clínico, DG apresentou comprometimento cognitivo leve, o qual, ao longo de cerca de 5 anos, progrediu para moderado. DG tem dificuldades para encontrar palavras, tende a persistir em um mesmo tópico conversacional, tornando truncada a sua progressão, e passa grandes períodos de tempo sem se comunicar.

LM

Em 1985, LM sofreu um Acidente Vascular Cerebral do tipo hemorrágico, com edema na região temporal à esquerda, ocorrendo uma lesão provavelmente subcortical. Na avaliação neuropsicológica inicial, foram diagnosticadas uma hemiparesia espática acentuada à direita (de predomínio braquial) e uma afasia predominantemente motora (eferente), caracterizada por dificuldade de implementação fonética, perseverações, alteração de prosódia, parafasias fonológicas e hesitações. Segue acompanhamento no Hospital de Clinicas da Unicamp e participa das atividades do Centro de Convivência de Afásicos há aproximadamente 30 anos.

MN

Em 1999, MN sentiu uma forte dor de cabeça e apresentou hemiparesia à direita completa, de modo a encaminhar-se para o Hospital de Clínicas da Unicamp, onde constatou-se um infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda. Os dados do exame neurológico inicial indicaram a emergência de afasia transitória marcada por

dificuldade de encontrar palavras e produção de parafasias (sobretudo semânticas). É participante das atividades do Centro de Convivência de Afásicos há cerca de 20 anos.

4.1.4. Procedimentos de coleta e transcrição de dados

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas individuais com os participantes, as quais tiveram durações que variaram entre cinquenta minutos e duas horas. As entrevistas foram registradas em filmadora digital, sendo posteriormente transcritas conforme o sistema de notação (anexo 7) estabelecido pelo Grupo de Pesquisa Cognição, Interação e Significação – COGITES[23], coordenado pela professora Dra. Edwiges Maria Morato (Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP), o qual abrange aspectos relativos ao contexto não-verbal. Uma transcrição multimodal de inspiração etnográfica foi necessária ao permitir que sejam aferidos elementos verbais e processos não-verbais co-ocorrentes à situação comunicacional característica das entrevistas.

Os procedimentos de coleta de dados foram idênticos aos praticados no Estudo Piloto, ou seja, após a verificação do reconhecimento da expressão, explicação e exemplificação do funcionamento do Protocolo, os participantes foram instados a responder às questões "*O que quer dizer tal expressão?" e* "*Imagine uma situação em que caberia o uso desta expressão?".* Eventualmente, tendo em vista as propriedades de uma interação – ainda que o tipo aqui engendrado seja mais regrado e direcionado aos propósitos do estudo –, tais questões foram parafraseadas.

4.1.5. Categorias e procedimentos de análises de dados

Aventamos para os propósitos metodológicos categorias e procedimentos analíticos que, em conjunto, objetivam identificar e estabelecer regularidades

[23] http://cogites.iel.unicamp.br/

linguísticas, pragmáticas e discursivas atuantes no cálculo figurativo dos provérbios, idiomáticos e metáforas constantes no Protocolo.

4.1.5.1. Categorias de análises de dados

Tendo em vista a complexidade do fenômeno de estudo desta tese, as categorias aventadas para as análises dos dados abrangem diferentes domínios. Elas incidem sobre: i) as configurações linguístico-cognitivas das expressões e aos procedimentos que constituem o Protocolo; ii) as respostas interpretativas atribuídas pelos participantes ao Protocolo; e iii) as características bem como especificidades das interações desenvolvidas entre a pesquisadora e os indivíduos ao longo das entrevistas.

No primeiro grupo, inserimos as categorias grau de metaforicidade das expressões, explicitude/implicitude dos tópicos e veículos das expressões, ambiguidade/não-ambiguidade das expressões, configuração metafórica das expressões, grau de transparência das expressões, assim como plano enunciativo da menção e do uso. Enquanto, no segundo, reunimos as categorias analíticas relevância das respostas e estratégias dos participantes, no terceiro conjunto categórico, está a atuação do interlocutor (pesquisadora).

Embora possam ser esquematicamente classificadas nesses três grupos, as categorias de análises de dados estão inter-relacionadas no que se refere à busca pela compreensão das regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas atuantes na interpretação de expressões metafóricas por pessoas com afasia e Doença de Alzheimer.

Antes de passarmos à explicitação dessas categorias, é necessário tecermos algumas considerações sobre determinadas caracteríticas das expressões metafóricas que compõem o Protocolo, tais como grau de cristalização e de idiomaticidade, as quais parecem estar envolvidas no reconhecimento da metaforicidade. Também é oportuno apontarmos questões relativas à familiaridade e ao contexto.

Provérbios e idiomáticos não têm o mesmo grau de cristalização (MUELLER; GIBBS, 1987), ou seja, não são igualmente representados no léxico mental e terão

várias entradas no armazenamento lexical dependendo do número de seus possíveis significados. Assim, essas expressões tendem a ser processadas de modo mais "instável" ou "menos categórico" (BARRETO, 2017), tornando-se recorrente a confluência de variados processos em sua produção e interpretação, que concorrem, inclusive, para dificultar sua compreensão.

Além disso, como já salientamos, mesmo que os idiomáticos sejam altamente convencionais (GIBBS, 1999), esse tipo de construção figurativa varia em função da sua composicionalidade (GIBBS; NAYAK; CUTTING, 1989) e fixidez (GIBBS; GONZALES, 1985). Assim, essas expressões podem receber classificações de acordo com um "espectro de idiomaticidade", em que, "em alguns casos, as partes colaboram de forma mais ou menos explícita na construção do sentido figurado, em outras, essa contribuição não é transparente" (BARRETO; MARCILESE; OLIVEIRA, 2018, p. 120). O grau de transparência do idiomático contribuiria para evidenciar o seu nível de idiomaticidade.

Em razão dos diferentes níveis de cristalização engendrados pelo uso, a idiomaticidade também é importante para a configuração de provérbios e metáforas. Com relação aos primeiros, embora haja variação entre os diferentes enunciados proverbiais, podemos inserí-los no "topo da escala de idiomaticidade" (JESUS; MIRANDA, 2003, p. 269). No caso das metáforas, a presença de idiomaticidade em determinadas expressões contribuiria para a sua maior convencionalidade. Ao compararmos os três tipos de expressões figurativas, podemos supor um espectro de metaforicidade em que os provérbios têm maior grau, idiomáticos intermediário e metáforas menor.

Fatores extralinguísticos, como contexto de produção e familiaridade pragmática dos indivíduos com as expressões (GIORA, 1997), parecem estar uniformemente envolvidos na interpretação dos três tipos de expressões que constituem o Protocolo.

Sendo assim, não apenas o grau de idiomaticidade, a familiaridade e o contexto atuariam no processamento das expressões metafóricas, mas a situação de uso, que tanto pode esclarecer o percurso interpretativo utilizado pelos indivíduos, como gerar dúvidas sobre a construção do sentido (se literal ou figurado, se ajustado pragmaticamente em termos de relevância e emprego à situação aventada etc.). Afinal,

a figuratividade dessas expressões está associadas às instâncias pragmático-discursivas e sociais das situações humanas a que fazem referência.

De todo modo, por estarem ligadas à possibilidade de "cálculos metafóricos", a identificação e a evocação do uso social das expressões parecem ser uma condição favorável à sua interpretação e produção. Do mesmo modo, o contexto prévio à tarefa interpretativa, no qual se insere a atuação do interlocutor, também é um fator importante para a avaliação das respostas obtidas em tarefas de interpretação de expressões metafóricas. Tal questão está ligada de algum mdo ao "problema do reconhecimento" descrito por Stern (2000 *apud* BARRETO, 2017)[24].

Com isso, é possível admitir que calcular a avaliação do desempenho dos indivíduos baseado em definições fortemente "categóricas", "previsíveis" ou "convencionais" das expressões metafóricas, e em especial das idiomáticas, pode implicar problemas analíticos (e diagnósticos, no caso da Neurolinguística). Autores como Nunberg, Sag e Wasow (1994) apontam questões como essas a respeito das expressões idiomáticas, tomadas por eles como "inflexíveis", sintaticamente limitadas e figurativamente heterogêneas (podem envolver metáforas, metonímias, hipérboles). Também do ponto de vista de suas estruturas, as expressões idiomáticas integrantes do Protocolo apresentam variação do formato verbo + complemento.

Assim, como veremos, o Protocolo por nós elaborado não deixa de considerar os questionamentos postos pelos que se dedicam ao estudo das expressões metafóricas. Um dos mais interessantes se pauta pela relação entre interpretação metafórica e literal. Vários modelos ou construtos teóricos se colocam como via explicativa, sendo alguns deles mais pertinentes do que outros para os nossos propósitos, uma vez que significam uma abertura para a identificação de propriedades pragmático-discursivas e sociocognitivas como essenciais para a interpretação metafórica, não reduzida a uma expansão do sentido literal, mandatório, compulsório, prioritário, explícito, direto e convencional.

---

[24] " '[…] é a questão de como alguém sabe que um enunciado é uma metáfora. Quais são as condições, as heurísticas, as pistas, as cadeias de raciocínio, ou os passos seguidos pelos falantes-ouvintes através dos quais eles identificam ou reconhecem enunciados particulares como metáforas, diferenciando-os de enunciados literais ou de enunciados não literais de outros tipos ou, ainda, de cadeias de sons sem sentido (STERN, 2000, p. 3).' A tradução é nossa."

A seguir, abordamos cada uma das categorias analíticas utilizadas em nossa análise do *corpus*.

4.1.5.1.1. Relevância das respostas obtidas

A categoria relevância da resposta obtida tem caráter relacional e diz respeito ao nível de adequação da resposta proferida pelo participante tendo em vista a Expectativa de Interpretação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo. Considerando os dois procedimentos constantes no Protocolo, a noção de relevância está associada à recuperação pertinente do conteúdo semântico-pragmático da expressão em um percurso meta (metalinguístico, metaenunciativo, metadiscursivo etc.) ligado ao uso.

Com base em Wilson e Sperber (2005), partimos do pressuposto de que expectativas de relevância geradas por um enunciado, no caso, uma expressão metafórica, podem ser precisas e previsíveis o suficiente para guiarem o interlocutor em direção ao significado produzido pelo locutor. Tendo em vista os procedimentos que compõem o Protocolo, a enunciação de uma expressão metafórica é o sinal que conduz o processo de significação diretamente ao contexto de uso (SALOMÃO, 1999), para o qual concorrem diferentes fatores responsáveis por produzirem saliências que levarão à atribuição de relevância.

Além de não ser absoluta, a relevância não tem caráter categórico. De acordo com Wilson e Sperber (2005), a relevância consiste em uma propriedade gradual cuja natureza não se fundamenta em termos de tudo ou nada, mas, é uma questão de graus. Nessa perspectiva, as respostas produzidas pelos participantes da pesquisa quanto aos procedimentos interpretativos para as expressões metafóricas enunciadas podem ser centralmente relevantes, marginalmente relevantes ou irrelevantes, a depender do tipo de relação semântico-pragmática que é estabelecido.

Esses formatos de relações são tributários de processos referenciais e inferenciais, para os quais são conjugadas variadas operações sociocognitivas que, por sua vez, baseiam-se em frames, scripts, modelos de contextos, conhecimentos enciclopédicos etc.. Desse modo, o grau de relevância apresentado nas respostas dos

participantes tende a estar diretamente relacionado à mobilização dos seus conhecimentos linguístico-cognitivos e contextuais bem como às estratégias de inferenciação utilizadas.

Considerando ainda, como destaca Marcuschi (2000, p. 18), que as categorias "acham-se delineadas socio-interativamente em espaços experienciais heterogêneos e culturalmente sensíveis", é de se verificar a via de mão dupla que é a propriedade da relevância. Além das demarcações sociais, culturais, experienciais, situacionais e contextuais que atuam nos recortes que a categorização opera, no processo de significação, tanto o locutor quanto o interlocutor são responsáveis pelo engendramento da relevância, haja vista que as construções discursivas são negociadas e partilhadas pelos interagentes, sendo o uso linguístico uma forma de ação conjunta (MIRANDA, 2001).

Em conjunto às classificações *centralmente relevante, marginalmente relevante* e *irrelevante,* as interpretações dos participantes da pesquisa foram identificadas ainda como *ausência de resposta, literal, sem reconhecimento* e *metafórica.* Enquanto a subcategoria literal indica a não identificação da figuratividade da expressão, a subcategoria metafórica aponta a emergência de uma interpretação também figurativa, independentemente de sua relevância semântico-pragmática quanto à Expectativa de Interpretação. Por suas naturezas classificatórias, as subcategorias *ausência de resposta* e *sem reconhecimento* não permitem a avaliação do grau de relevância.

4.1.5.1.2. Grau de metaforicidade das expressões

O grau de metaforicidade das expressões é, a nosso ver, uma propriedade que conjuga, a um só tempo, elementos conceptuais, semânticos, pragmáticos e textuais, de modo a estar diretamente relacionada à construção figurativa envolvida no processo interpretativo. De acordo com Muller (2008), a metaforicidade pode ser mais ou menos ativa em uma determinada expressão, de modo que esses graus de metaforicidade dependem de contextos verbais específicos e de formas particulares de uso. Trata-se de um fator importante a ser considerado na análise da interpretação dos participantes, já

que pode estar associado ao tipo de relevância presente nas respostas atribuídas aos procedimentos do Protocolo.

No que se refere aos aspectos conceptuais, concorre para o grau de metaforicidade o mapeamento, que, quanto mais complexo, mais contribuirá para um maior nível figurativo da expressão (GIBBS; BEITEL, 1995; SIQUEIRA et. al., 2017a). Assim, considerando que por meio dos mapeamentos metafóricos compreendemos um domínio conceptual em termos de outro (LAKOFF; JOHNSON, 1980), o grau de metaforicidade de uma expressão figurativa está relacionado aos tipos de mapeamentos envolvidos em sua conceptualização – baseados na metáfora conceptual GENÉRICO É ESPECÍFICO (LAKOFF; TURNER, 1989; GIBBS; BEITEL, 1995), em metáforas primárias ou metáforas complexas (GRADY, 1997), em metáforas culturais (KOVECSES, 2005) e em metáforas situadas.

Quanto aos elementos semânticos, o grau de metaforicidade está relacionado à complexidade de implicação do sentido. Portanto, é o aspecto semântico que atua como guia para a construção da significação, de modo que, nos provérbios – assim como idiomáticos e metáforas – menos metafóricos, a implicação do sentido envolve menor complexidade, a qual, por sua vez, é mais informativa e independente de várias condições de inferências para o reconhecimento e interpretação da expressão (KLEIBER; CHARBONNEL, 1999). O contrário ocorre com as expressões mais metafóricas.

No que se refere aos fatores pragmáticos, intervêm para o estabelecimento do grau de metaforicidade a convencionalidade, a cristalização e a familiaridade da expressão – propriedades já discutidas ao longo da tese. Dessa maneira, expressões menos convencionais e pouco cristalizadas em um determinado universo sociolinguístico, bem como com menor familiaridade ao interpretante têm maiores graus de metaforicidade. Por outro lado, as expressões mais convencionais, com maior cristalização em uma comunidade linguística e altamente familiares terão graus metafóricos baixos.

Além dos elementos conceptuais, semânticos e pragmáticos, propriedades do tipo de expressão metafórica atuam sobre o seu grau de metaforicidade. Nessa perspectiva, enquanto os idiomáticos perdem mais facilmente a transparência metafórica, haja vista serem, de modo geral, sintagmas com sentido incompleto, os

provérbios tendem a mantê-la, pois constituem-se como estruturas semânticas completas que conceptualizam outras realidades (TEIXEIRA, 2007). Nesse contínuo, as metáforas novas seriam mais metafóricas que as metáforas convencionais, as metáforas adormecidas, determinados provérbios e idiomáticos.

Cumpre ressaltar que a determinação do grau de metaforicidade de uma expressão não é um procedimento simples e muito menos consensual. Em nosso empreendimento, buscamos efetuar essa classificação tendo em vista a presença ou ausência de projeções metonímicas, a complexidade inferencial envolvida, o tipo de mapeamento conceptual demandado assim como, especificamente aos idiomáticos, o grau de transparência da expressão, sobre o que discorreremos no decorrer deste capítulo.

No quadro seguinte, as expressões estão classificadas de acordo com o seu grau de metaforicidade, o qual foi definido com base nos critérios expostos.

Quadro 6: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com o seu grau de metaforicidade.

PROVÉRBIOS	
MAIS METAFÓRICOS	MENOS METAFÓRICOS
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. A vingança é um prato que se come frio. Não dê o passo maior que a perna. Não coloque o carro na frente dos bois. Quem entra na chuva, é pra se molhar. Nos menores frascos estão os melhores perfumes. Quem semeia vento colhe tempestade.	Quem não chora, não mama. Amor com amor se paga. A união faz a força. Quanto maior a altura, maior o tombo. Vaso ruim não quebra. O amor é cego. As aparências enganam. A pressa é inimiga da perfeição.

IDIOMÁTICOS	
MAIS METAFÓRICOS	MENOS METAFÓRICOS
Fazer tempestade em copo d' água. Achar pelo em ovo. Fazer das tripas coração. Por uma pedra sobre o assunto. Nem que a vaca tussa. Lavar a roupa suja. Não ser flor que se cheire.	Descascar o abacaxi. Cair do cavalo. Dar a volta por cima. A carne é fraca. Entrar pelo cano. As paredes têm ouvido. Estar na fossa. Cair na real.
METÁFORAS	
MAIS METAFÓRICAS	MENOS METAFÓRICAS
A enciclopédia é uma mina de ouro. As vendas estão a todo vapor. Ele saiu de si. O Brasil está afundando. Estou com a autoestima no teto. Estou um pouco enferrujado hoje. Criei raízes nessa cidade. A inflação corrói nosso dinheiro.	Ele é o cabeça da quadrilha. Cortei o dedo com a coroa do abacaxi. Minha batata da perna dói. Maria é uma lesma. Minha sogra é uma serpente. Vou subir na vida. Fiquei nas nuvens.

4.1.5.1.3. Explicitude/Implicitude dos tópicos e dos veículos das expressões

Como apontamos no capítulo dois, as construções metafóricas variam de acordo com a explicitude/implicitude dos seus tópicos e veículos. É provável que essa variável interfira consideravelmente na interpretação metafórica, já que a sua estruturação tende a demandar diferentes mecanismos linguístico-cognitivos, principalmente, inferenciais. Além disso, o tipo de explicitude pode influenciar o processo interpretativo, uma vez que há expressões em que o tópico e/ou o veículo são explícitos metonimicamente ou apenas de forma parcial, o que, provavelmente, requer outras operações conceptuais.

Identificamos as seguintes configurações nas expressões que constituem o Protocolo: i) tópico e veículo explícitos; e ii) tópico implícito e veículo explícito. No quadro a seguir, apresentamos a classificação das expressões de acordo com essas configurações estruturais e indicamos se há explicitude parcial ou metonímica.

Quadro 7: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com a explicitude/implicitude de seus tópicos e veículos.

PROVÉRBIOS	
Tópicos e veículos explícitos	Tópicos implícitos e veículos explícitos
Amor com amor se paga. (ambos metonimicamente) A vingança é um prato que se come frio. (domínio alvo parcialmente) O amor é cego. (ambos metonimicamente) As aparências enganam. (domínio fonte metonimicamente)	Quem não chora, não mama. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. A união faz a força. Não dê o passo maior que a perna. Não coloque o carro na frente dos bois. Quem entra na chuva, é pra se molhar. Quanto maior a altura, maior o tombo. Nos menores frascos estão os melhores perfumes.

	Vaso ruim não quebra. A pressa é inimiga da perfeição. Quem semeia vento colhe tempestade.
IDIOMÁTICOS	
Tópicos e veículos explícitos	Tópicos implícitos e veículos explícitos
Por uma pedra sobre o assunto. (domínio alvo parcialmente) Cair na real. (domínio alvo parcialmente) A carne é fraca. (ambos metonimicamente) As paredes têm ouvido. (ambos metonimicamente)	Fazer tempestade em copo dá água. Achar pelo em ovo. Descascar o abacaxi. Fazer das tripas coração. Estar na fossa. Cair do cavalo. Entrar pelo cano. Dar a volta por cima. Nem que a vaca tussa. Lavar a roupa suja. Não ser flor que se cheire.
METÁFORAS	
Tópicos e veículos explícitos	Tópicos implícitos e veículos explícitos
A enciclopédia é uma mina de ouro. Ele é o cabeça da quadrilha. O Brasil está fundando. (ambos metonimicamente) Estou um pouco enferrujado hoje. (domínio fonte metonimicamente) Maria é uma lesma. Minha sogra é uma serpente. Criei raízes nessa cidade. (domínio fonte metonimicamente)	Cortei o dedo com a coroa do abacaxi. Minha batata da perna dói. Ele saiu de si. Vou subir na vida. Estou com a autoestima no teto. Fiquei nas nuvens.

A inflação corrói o nosso dinheiro. (domínio fonte metonimicamente) As vendas estão a todo vapor. (ambos metonimicamente)	

4.1.5.1.4. Configuração metafórica – corporificada/cultural

Outra variável que interfere na variabilidade das expressões é a sua configuração metafórica. Classificamos as expressões constantes no Protocolo como sendo predominantemente constituídas por metáforas corporificadas ou por metáforas culturais, o que, entretanto, não significa uma dicotomização, mas, uma relação de continuidade entre dois polos.

Nas metáforas corporificadas, os mapeamentos são projetados a partir de esquemas imagéticos, entendidos como representações corpóreas de estruturas que fazem parte de interações frequentes em nosso meio (SCHRODER, 2013). Alguns desses esquemas são FRENTE-ATRÁS, FORÇA, DENTRO-FORA, EM CIMA-EM BAIXO e MOVIMENTO, os quais atribuem coerência às nossas percepções sensoriais e experiências motoras.

Nas metáforas culturais, há o mapeamento de sistemas cognitivos específicos de nível coletivo e visões de mundo de uma determinada cultura que são projetados para constituir conceptualizações figurativas (SHARIFIAN, 2011). Essas metáforas podem ser concebidas como estratégias cognitivas utilizadas por certas comunidades para criar uma realidade não física, social, isto é, dispositivos que fornecem perspectivas singulares acerca de temas salientes em uma cultura (KOVECSES, 2015).

Na sequência, as expressões são classificadas de acordo com a sua configuração metafórica – corporificada/cultural.

Quadro 8: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com a sua configuração metafórica – corporificada/cultural.

PROVÉRBIOS	
CORPORIFICADAS	CULTURAIS
Quem não chora, não mama. A vingança é um prato que se come frio. Não dê o passo maior que a perna. Não coloque o carro na frente dos bois. Quem entra na chuva, é pra se molhar. Quanto maior a altura, maior o tombo. O amor é cego.	Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Amor com amor se paga. A união faz a força. Vaso ruim não quebra. As aparências enganam. A pressa é inimiga da perfeição. Nos menores frascos estão os melhores perfumes. Quem semeia vento colhe tempestade.
IDIOMÁTICOS	
CORPORIFICADAS	CULTURAIS
Descascar o abacaxi. Estar na fossa. Cair na real. Cair do cavalo. Entrar pelo cano. Dar a volta por cima. A carne é fraca.	Fazer tempestade em copo d'água. Achar pelo em ovo. Fazer das tripas coração. Por uma pedra sobre o assunto. As paredes têm ouvido. Nem que a vaca tussa. Lavar a roupa suja. Não ser flor que se cheire.
METÁFORAS	

CORPORIFICADAS	CULTURAIS
Ele saiu de si.	A enciclopédia é uma mina de ouro.
Vou subir na vida.	As vendas estão a todo vapor.
O Brasil está afundando.	Ele é o cabeça da quadrilha.
Estou com a autoestima no teto.	Cortei o dedo com a coroa do abacaxi.
Fiquei nas nuvens.	Minha batata da perna dói.
Estou um pouco enferrujado hoje.	Maria é uma lesma.
	Minha sogra é uma serpente.
	Criei raízes nessa cidade.
	A inflação corrói nosso dinheiro.

4.1.5.1.5. Ambiguidade/Não-ambiguidade das expressões

O binômio ambiguidade/não-ambiguidade é tributário do uso linguístico, referindo-se ao caráter polissêmico/monossêmico das expressões, especificamente os provérbios e os idiomáticos, tendo em vista a figuratividade que está em jogo no processo de significação. Assim, as expressões ambíguas são aquelas cujo sentido não-metafórico também é plausível (PAPAGNO; LAURO, 2008), como em *tirar o cavalinho da chuva* e *filho de peixe peixinho é*. Já as expressões não-ambíguas não admitem essa possibilidade, a exemplo de *dar nó em pingo d´água* e *mentira tem perna curta*.

No quadro abaixo, as expressões estão classificadas considerando o binômio ambiguidade/não-ambiguidade.

Quadro 9: Classificação das expressões metafóricas que constituem o Protocolo de acordo com a ambiguidade/não-ambiguidade presente em sua configuração.

PROVÉRBIOS	
AMBÍGUOS	NÃO-AMBÍGUOS
Quem não chora, não mama. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Não dê o passo maior que a perna. Quanto maior a altura, maior o tombo. Não coloque o carro na frente dos bois. Vaso ruim não quebra. Quem entra na chuva, é pra se molhar. Nos menores frascos estão os melhores perfumes.	A vingança é um prato que se come frio. Amor com amor se paga. A união faz a força. O amor é cego. As aparências enganam. A pressa é inimiga da perfeição. Quem semeia vento colhe tempestade.
IDIOMÁTICOS	
AMBÍGUOS	NÃO-AMBÍGUOS
Descascar o abacaxi. Achar pelo em ovo. Cair do cavalo. Entrar pelo cano. Dar a volta por cima. Estar na fossa. Nem que a vaca tussa. Lavar a roupa suja. Não ser flor que se cheire.	Fazer tempestade em copo d'água. Fazer das tripas coração. Por uma pedra sobre o assunto. A carne é fraca. As paredes têm ouvido. Cair na real.

4.1.5.1.6. Grau de transparência das expressões

O grau de transparência de uma expressão diz respeito à medida em que é possível recuperar a sua motivação estrutural (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994). Nas expressões mais transparentes, há uma relação observável entre o sentido metafórico e o literal, de modo que aquele é parcialmente recuperável a partir dos termos constituintes da construção linguística ou da imagem evocada por ela. Por outro lado, as expressões menos transparentes não exibem essa característica, apresentando maior opacidade.

Essa variável está relacionada à projeção figurativa. Os significados de muitos idiomáticos são parcialmente motivados por diferentes metáforas conceptuais que mapeiam informações de um domínio para o outro. Assim, na expressão *descascar o abacaxi*, temos, no domínio-fonte o conhecimento sobre a experiência de retirar a casca dessa fruta e, no domínio-alvo, o conhecimento sobre resolver problemas.

O grau de transparência das expressões é uma variável própria dos idiomáticos, não se aplicando aos outros tipos de construções que compõem o Protocolo. No quadro seguinte, apresentamos a classificação dessas expressões em mais transparentes e menos transparentes.

Quadro 10: Classificação dos idiomáticos que constituem o Protocolo de acordo com o seu grau de transparência.

IDIOMÁTICOS	
MAIS TRANSPARENTES	MENOS TRANSPARENTES
Descascar o abacaxi. Por uma pedra sobre o assunto. Cair do cavalo. Entrar pelo cano. Estar na fossa. Cair na real. A carne é fraca. As paredes têm ouvido.	Achar pelo em ovo. Fazer tempestade em copo d'água. Fazer das tripas coração. Dar a volta por cima. Nem que a vaca tussa. Lavar a roupa suja. Não ser flor que se cheire.

4.1.5.1.7. Plano enunciativo da menção e do uso

A categoria Plano enunciativo da menção e do uso associa-se aos procedimentos constantes no Protocolo. No primeiro procedimento, é solicitado aos participantes que respondam sobre o sentido da expressão, o que requer a realização de operações semânticas e metalinguísticas que estão no plano enunciativo da menção. No segundo procedimento, os indivíduos devem indicar uma situação em que a expressão possa ser utilizada, o que exige a contextualização do enunciado, que, por sua vez, está no plano do uso.

A utilização desses dois procedimentos evidencia a configuração enunciativa da metaenunciação, que, a um só tempo, diz respeito ao campo da metalinguagem e ao campo da enunciação (AUTHIER-RÉVUZ, 1998). Segundo Morato (2008a), a enunciação e a metalinguagem são fenômenos que envolvem ações reflexivas dos

interlocutores sobre a linguagem e a interação. Portanto, principalmente no caso dos provérbios e dos idiomáticos, já no procedimento 1, essas expressões trazem para a enunciação a presença de um discurso-outro que aponta a discursividade representada.

Nessa perspectiva, os planos enunciativos da menção e do uso aos quais correspondem os procedimentos 1 e 2, naturalmente, suscitam a reflexão linguístico-cognitiva e pragmática dos participantes. O *corpus* constituído da coleta de dados obtidos por meio da aplicação do Protocolo resulta de um tipo de prática discursiva fortemente demarcada pelos papéis dos interlocutores e com alto grau de focalização, na qual os indivíduos lançam mão de variadas estratégias meta com a finalidade de interpretar as expressões.

4.1.5.1.8. Atuação do interlocutor (pesquisadora)

A categoria analítica atuação do interlocutor (pesquisadora) baseia-se na concepção de que as interpretações são cooperativamente construídas e validadas (MIRANDA, 2001). Portanto, em larga medida, o direcionamento das respostas atribuídas pelos participantes aos procedimentos constantes no Protocolo tende a estar diretamente relacionado ao processo interativo que é desenvolvido entre os interlocutores.

Com essa categoria, buscamos identificar e analisar de que formas a atuação da pesquisadora atua/influencia/interfere sobre as interpretações produzidas pelos participantes do estudo. Assim, consideramos a natureza partilhada, negociada e situada da construção dos sentidos em conjunto à assunção do contexto como um processo inferencial de cuja configuração participam diversos formatos de pistas contextualizadoras (GUMPERZ, 1992).

Além disso, estudos no campo neurolinguístico de orientação sociocognitiva e interacional sobre a interpretação metafórica por afásicos (MORATO, 2008a, 2012a; CAZELATO, 2003, 2008; BOLDRINI, 2004) e pessoas com Doença de Alzheimer (MORATO, 2008, 2012a; SÉ, 2011) evidenciam que a linguagem atua com força cognitivamente reconstrutora no interior de situações enunciativas e contextualmente

caracterizadas. De acordo com Morato (2008a), a respeito da Doença de Alzheimer, o que estendemos às afasias, processos interlocutivos e interacionais tornam maior o papel do interlocutor frente à autonomia enunciativa do indivíduo, à relevância de seus processos de significação e à adequada estruturação (conversacional, cognitiva, textual, pragmática, contextual) da interação.

4.1.5.1.9. Estratégias dos participantes

As respostas fornecidas pelos participantes tendem a indicar a ocorrência de outros processos relevantes para a compreensão do fenômeno em estudo, entre os quais estão operações discursivas e textuais e de caráter meta, tendo em vista a atividade enunciativa levada a cabo na interação entre pesquisadora e participante. Uma vez emergentes, essas operações meta evidenciam o funcionamento da metacognição e da metalinguagem em suas diferentes instâncias. De acordo com Morato (2012a), as pessoas utilizam variadas estratégias metadiscursivas, sendo que, integrada às ações de referenciação, a metadiscursividade concerne:

> àqueles movimentos reflexivos realizados pelos falantes quando se voltam sobre seu enunciado ou do interlocutor no momento mesmo em que se desenvolve a interação, o que significa que elementos multimodais emergentes na enunciação tornam-se parte constitutiva do processo de produção e compreensão textual (MORATO, 2012 a, p. 48).

Nessa perspectiva, as respostas atribuídas pelos participantes tendem a evidenciar não apenas interpretações que envolvem operações metalinguísticas, relativas à tomada da língua como objeto a ser refletido, como se espera no procedimento 1 do Protocolo, indicando os contextos de uso, conforme a expectativa do procedimento 2, mas também o desenvolvimento de movimentos metadiscursivos de diferentes ordens.

Considerando tais aspectos, esta categoria tem como finalidade identificar e analisar as estratégias de que os participantes da pesquisa lançam mão ao responderem aos procedimentos do Protocolo. Interessa-nos, principalmente, verificar quais

estratégias os indivíduos com afasia e as pessoas com Doença de Alzheimer utilizam para justificar o desempenho interpretativo que exibem ou mesmo para contornar eventuais dificuldades, assim como as formas de regulação da linguagem que emergem nas interações.

As estratégias metadiscursivas sobre as quais nos debruçamos são as metaformulativas, as modalizadoras e as metaenunciativas (KOCH, 2004). Ao utilizar estratégias metaformulativas, o enunciador atua sobre o enunciado refletindo quanto ao uso e à adequação dos termos, de modo a proceder à sua reformulação. Ao lançar mão de estratégias modalizadoras, o locutor insere ressalvas e atenuações que tanto indicam engajamento, comprometimento e certeza com relação ao que é dito, como visam a preservar a sua face. Por meio das estratégias metaenunciativas, o enunciador reflete sobre aquilo que está dizendo.

Cabem alguns apontamentos sobre a consideração da modalização como uma estratégia metadiscursiva. Neves (2006, p. 152) destaca a problemática da opcionalidade da categoria modalidade, ponderando que os estudos linguísticos são marcados pela celeuma relativa à "possibilidade, ou não, da existência de enunciados não modalizados". A autora assinala que sob a perspectiva comunicativo-pragmática, a modalidade seria automática, uma vez que o falante sempre marcaria de algum modo o seu enunciado no que se refere à verdade do fato expresso e atribuiria determinado grau de certeza com relação à essa marca.

Por outro lado, com base nos escritos de Ducrot (1993), Neves (2006) apresenta o conceito de modalidade como sendo opositivo, ou seja, se há modal, existe não modal. Esse ponto de vista parte da clássica distinção entre objetivo (descrição das coisas) e subjetivo (tomada de posição em relação a essas coisas ou quanto às descrições feitas sobre elas), de forma que o aspecto não modal dos enunciados resultaria das informações a propósito de algo e os aspectos modais seriam os referentes às tomadas de posições, às atitudes afetivas, morais e intelectuais expressas no tecido discursivo.

Quando enquadramos a modalização como uma estratégia metadiscursiva não estamos admitindo que a metadiscursividade é um fator constitutivo do enunciado, tampouco buscamos estabelecer uma divisão dicotômica entre objetividade e subjetividade quanto ao que se enuncia. Nossa finalidade com o uso dessa categoria é

apontar movimentos de distanciamentos reflexivos sobre o dizer, os quais variam no que se refere ao nível e à consciência de tomadas de posições, podendo assumir, por exemplo, o formato de comprometimento, grau de certeza, atenuação, mitigação e preservação de face.

4.1.5.2. Procedimentos de análises de dados

Na busca pela identificação, caracterização e discussão das regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas atuantes no cálculo metafórico das expressões, considerando as categorias analíticas abordadas nos subítens anteriores, temos como base o desenvolvimento de análises qualitativas e quantitativas. Nessa perspectiva, realizamos análises que descrevem, quantificam e comparam os dados coletados.

Os procedimentos de tratamento e análises de dados desenvolvidos compreendem:

i) a descrição e a quantificação, em termos de percentagem ou frequência simples, do desempenho dos participantes, de acordo com:

a) o tipo de expressão metafórica interpretada (provérbio, idiomático e metáfora);

b) o procedimento do Protocolo que subjaz à resposta (plano enunciativo da menção e plano enunciativo do uso);

c) o grupo a que pertence (Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado, Afasia e Controle);

d) o grau de metaforicidade da expressão (mais metafórico e menos metafórico);

e) a explicitude/implicitude do tópico e do veículo da expressão;

f) a configuração metafórica da expressão – corporificada/cultural;

g) a ambiguidade/não-ambiguidade da expressão;

h) o grau de transparência da expressão – específico aos idiomáticos.

ii) a comparação, com base em análises percentuais e de frequência simples entre o desempenho dos participantes:

a) o tipo de expressão metafórica interpretada (provérbio, idiomático e metáfora);

b) o procedimento do Protocolo que subjaz à resposta (plano enunciativo da menção e plano enunciativo do uso);

c) o grupo a que pertence (Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado, Afasia e Controle);

d) o grau de metaforicidade da expressão (mais metafórico e menos metafórico);

e) a ambiguidade/não-ambiguidade da expressão;

f) a explicitude/implicitude do tópico e do veículo da expressão.

iii) a descrição e a comparação, em termos de frequência simples, da emergência de intervenções do pesquisador, processos linguísticos presentes nas respostas dos participantes, bem como estratégias e formas de regulação da linguagem, de acordo com:

a) o tipo de expressão metafórica interpretada (provérbio, idiomático e metáfora);

b) o procedimento do Protocolo que subjaz à resposta (plano enunciativo da menção e plano enunciativo do uso);

c) o grupo a que pertence (Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado, Afasia e Controle).

Ao fim deste capítulo, retomamos a justificativa de caráter empírico desta pesquisa. Não apenas no contexto neurolinguístico há ainda uma escassez de trabalhos voltados para o processamento da linguagem não literal. Com relação às expressões metafóricas, de um modo geral, e idiomáticas, especialmente, esse cenário é ainda mais acentuado. Ao procurarmos identificar processos e fatores atinentes à caracterização e ao processamento metafórico no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer, acreditamos estar contribuindo para uma melhor compreensão do sentido figurado nesses ambientes clínicos. E não só nestes, cumpre observar.

CAPÍTULO 5. Resultados e Análises

5.1. Apresentação e discussão dos dados da pesquisa

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os dados coletados por meio da aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas. Utilizamos as categorias e os procedimentos de análise, bem como a Expectativa de Interpretação do Protocolo, ambos descritos no capítulo de metodologia, como base para a descrição e a discussão que pretendemos levar a cabo. Considerando a quantidade expressiva dos dados coletados que constituem o nosso *corpus*, selecionamos determinados trechos que ilustram com mais ênfase os pontos e as questões que intentamos destacar.

Os resultados discutidos estão agrupados da seguinte forma: i) desempenho geral de acordo com indivíduo, expressão e procedimento; ii) desempenho geral dos participantes de acordo com indivíduo, tipo de expressão metafórica e procedimento; iii) desempenho geral dos participantes de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento; iv) desempenho dos participantes considerando o grau de metaforicidade de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento; v) desempenho dos participantes considerando a explicitude/implicitude de tópico e veículo de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento; vi) desempenho dos participantes considerando a configuração metafórica – corporificada/cultural – de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento; vii) desempenho dos participantes considerando a ambiguidade/não ambiguidade de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento; viii) desempenho dos particiapntes considerando o grau de transparência de acordo com grupo e procedimento; ix) desempenho dos participantes considerando a atuação do interlocutor (pesquisadora) e x) estratégias dos participantes – processos linguístico-textuais e estratégias meta presentes nas respostas.

Um aspecto central para o desenvolvimento das análises é a atribuição do grau de relevância das respostas proferidas pelos participantes a cada um dos dois procedimentos de interpretação das expressões que constituem o Protocolo. Tamanha importância advém do fato de os procedimentos analíticos estarem fundamentados

nessa categoria, que, por sua vez, envolve uma série de fatores, como indicamos no capítulo anterior. Para evidenciar a lógica classificatória que adotamos, apresentamos e comentamos exemplares de respostas de acordo o tipo de relevância interpretativa: centralmente relevante, marginalmente relevante, irrelevante, literal, metafórica, ausência de resposta e sem reconhecimento.

As respostas centralmente relevantes são aquelas em que há maior concordância entre o que é expresso pelo participante sobre o significado/situação de uso da expressão e a expectativa interpretativa constante no Protocolo. Assim, no provérbio *não coloque o carro na frente dos bois*, temos os sentidos figurativos centrais de não "inverter os fatos, agir de maneira, precipitada" (URBANO, 2017) e não "antecipar inconvenientemente algumas etapas" (RIVA, 2009). Trata-se da veiculação advertiva para que se mantenha a ordem natural, esperada, dos eventos, de modo a evitar ações precipitadas. As respostas fornecidas por MR, integrante do grupo Doença de Alzheimer leve, transcritas na sequência, são, dessa maneira, consideradas como centralmente relevantes.

52 NF ((risos)) isso mesmo.. é: não coloque o carro na frente dos bois.. a senhora já ouviu/
53 MR ((balançando a cabeça positivamente))
54 NF e quer dizer o quê/
55 MR faça as coisas dia a dia.. um dia após o outro
56 NF e: em que situação que a gente: pode falar isso/
57 MR uma coisa que vai acontecer: a semana que vem e cê já tá querendo resolver hoje.. espera chegar

Ao responder, faça as coisas dia a dia.. um dia após o outro, no procedimento 1, MR evidencia a necessidade de se manter a sequência linear dos acontecimentos, acepção esta que está na base de significação desse provérbio. Já na resposta que atribui ao segundo procedimento uma coisa que vai acontecer: a semana que vem e cê já tá querendo resolver hoje.. espera chegar MR exemplifica, com certa generalidade, uma situação em que alguém pode querer desestabilizar o equilíbrio natural ensejado, antecipando determinada ação.

As respostas marginalmente relevantes atendem de forma periférica o que se espera da interpretação da expressão, tendo em vista a descrição constante no Protocolo. Ou seja, ainda que a resposta não esteja totalmente em acordo com o

significado figurativo apropriado da expressão, ela mantém alguma relação de sentido. Essa vinculação semântico-pragmática pode se dar via implicação de sentido, de natureza contextual, por exemplo, ou se tratar de uma seleção parcial de elementos do processo de significação da expressão. Dessa maneira, no idiomático *cair do cavalo*, há a significação metafórica central de "ter uma grande e inesperada surpresa de cunho negativo" (URBANO, 2017), veiculando a ideia de frustração, de decepção, de insucesso em uma situação em que a expectativa era positiva. Consideramos as respostas de MN, integrante do grupo Afasia, a seguir, como sendo marginalmente relevantes.

230 NF muito bem e esse aqui cair do cavalo
231 MN cair do cavalo ((risos)) cair do cavalo ((risos)).. ai meu deus do céu
232 NF que que quer dizer cair do cavalo/
233 MN cair do cavalo... ele: ia:.. pensava que... ele pensava... ele pensava:
234 NF fulano caiu do cavalo..... que que a senhora acha.. que quer dizer/
235 MN cair do cavalo quer dizer que num num vai. num num:: tem razão nenhuma. num tem. cair do cavalo.. ele caiu. caiu caiu caiu.. caiu do cavalo pronto: ele ele:.. não sabia que::
236 NF pode falar
237 MN não sabia:.. andar a cavalo: ou não sei: que:.. caiu
238 NF então mas a senhora né/ que não tinha razão nenhuma
239 anh/
240 NF a senhora falou né/ cair do cavalo é num: é que o a pessoa não tinha razão nenhuma né/
241 MN é
242 NF isso: e daí.. o que que a senhora acha:/ uma situação que a pessoa usa:
243 MN anh/
244 NF um um exemplo assim cair do cavalo. que a pessoa fala ah fulano caiu do cavalo
245 MN ah ele ele vai.. ai meu deus do céu... caiu do cavalo.. caiu é: é: caiu do cavalo: perdeu a razão
246 NF isso ((balançando a cabeça positivamente))
247 MN não tinha.. ele tinha nada ir pra lá. foi. caiu do cavalo

Em princípio, as considerações tecidas por MN no excerto acima podem parecer irrelevantes, no entanto, ao analisarmos as trocas interativas, verificamos que as respostas são, na verdade, marginalmente relevantes. Em `cair do cavalo... ele: ia:.. pensava que... ele pensava... ele pensava:`, podemos verificar que MN não objetiva atribuir uma interpretação literal ao idiomático, que é plausivelmente possível, uma vez que ela usa e repete por duas vezes `ele pensava`, indicando se tratar de uma ação abstrata e não concreta. No prosseguimento de sua resposta, ainda no procedimento 1, MN confirma a acepção figurativa da expressão e explica que cair do cavalo significa estar desprovido de qualquer razão e envolve o não conhecimento de algo, como podemos observar: `cair do cavalo quer dizer que num num vai. num num:: tem razão nenhuma. num tem. cair do cavalo.. ele caiu. caiu caiu caiu.. caiu do cavalo pronto: ele ele:.. não sabia que::`

No procedimento 2, MN mantém a sua linha de interpretação, ao atribuir a seguinte resposta a uma situação de uso da expressão: `ah ele ele vai.. ai meu deus do céu... caiu do cavalo.. caiu é: é: caiu do cavalo: perdeu a razão`. Ambas as respostas indicam que MN interpreta de forma periférica o significado figurativo da expressão, já que a participante não discorre diretamente sobre frustração, decepção, geração de surpresa negativa ou insucesso em relação a uma determinada situação em que se esperava bons resultados. Por outro lado, MN menciona que `ele ele:.. não sabia que::`, suscitando a ideia de desconhecimento, que, por sua vez, está associada à noção de surpresa. Além disso, a perda de razão atribuída por MN ao significado da expressão é uma consequência contextual de resultados de insucesso e decepção.

As respostas irrelevantes são aquelas em que não há nenhuma concordância entre o que é expresso pelo participante sobre o significado/situação de uso da expressão e a expectativa interpretativa especificada no Protocolo. Nessa perspectiva, no provérbio *água mole em pedra dura tanto bate até que fura*, está presente a acepção metafórica de que a persistência supera a dificuldade, levando ao êxito. Logo, "com persistência, consegue-se tudo" (URBANO, 2017). As seguintes repostas atribuídas por DG, integrante do grupo Doença de Alzheimer moderado, são, desse modo, consideradas como irrelevantes.

28 NF e: essa daqui vê se a senhora já ouviu <u>água mole em pedra dura tanto bate até que fura</u>

29 DG água mole em pedra dura.. que se. você não se proteger. eles jogam você no chão
30 NF é:. então significa isso/ água mole em pedra dura tanto bate até que fura
31 DG é
32 NF imagina uma situação em que a senhora falaria isso pra alguém
33 DG ter. fé. muita fé. fé em deus
34 NF ((balançando a cabeça positivamente))
35 DG não deixar... pe. pensamentos maus. ruins. tomam conta da sua cabeça
36 NF ((balançando a cabeça positivamente)) certo

No procedimento 1, DG profere a resposta: água mole em pedra dura.. que se. você não se proteger. eles jogam você no chão. Não há nenhuma relação de significação entre a definição dada, que diz respeito à necessidade de proteção, e o sentido figurativo geral do provérbio, referente à persistência que conduz ao sucesso. O mesmo processo ocorre no procedimento 2. No caso dessa resposta, é importante ressaltar que ao proferir não deixar... pe. pensamentos maus. ruins. tomam conta da sua cabeça, como fazendo parte de uma potencial situação de uso do provérbio, DG especifica que sua resposta não está associada à expectativa divina, como poderia ser suscitado pelo que disse antes – ter. fé. muita fé. fé em deus –, mas à importância de o indivíduo se privar de pensamentos de cunho negativo.

As respostas literais correspondem a interpretações não metafóricas que são plausivelmente permitidas pela expressão, especificamente, pelos provérbios e pelos idiomáticos ambíguos. Assim, no idiomático *achar pelo em ovo*, temos a veiculação da ideia de busca por algo impossível, que geralmente está associado à criação de um problema ou situação desconfortável. Trata-se de "criar problema, procurar defeito, problemas onde não há, tentar realizar tarefa totalmente impossível, provocar situação difícil" (URBANO, 2017). As seguintes respostas de MN, integrante do grupo Afasia, são consideradas literais.

173 NF não é isso mesmo tá certinho e esse aqui a senhora já ouviu/ achar pelo em ovo
174 MN que/
175 NF achar pelo em ovo
176 MN achar pelo de novo/
177 NF não. achar pelo: em ovo

178 MN ah:: ((risos)) num tem: num tem ((balançando a cabeça negativamente))
179 NF num tem ne/ a senhora já ouviu alguém falar nossa fulano tá achando: pelo em ovo/
180 MN pelo em ovo.. pelo ovo
181 NF achando pelo em ovo
182 MN ((balançando a cabeça negativamente))
183 NF que que isso dizer/
184 MN que não pode. que não pode:... olha.. o pelo:. no ovo:. não pode porque a galinha não tem pelo.. tem penas. e o ovo também não tem. SI o que que vai fazer. estar achar pelo em ovo.. ai: meu deus do céu mas que: que isso vale/

A primeira tentativa de resposta de MN não é assertiva quanto à literalidade ou metaforicidade da expressão, já que ela diz que: ah:: ((risos)) num tem: num tem ((balançando a cabeça negativamente)). No entanto, na medida em que a situação se desenvolve, fica evidente que o significado figurativo da expressão não é acessado, já que a participante comenta sobre a configuração corporal das galinhas, constituída por penas e não por pelos, como podemos observar em: que não pode. que não pode:... olha.. o pelo:. no ovo:. não pode porque a galinha não tem pelo.. tem penas. e o ovo também não tem. SI o que que vai fazer. estar achar pelo em ovo.. ai: meu deus do céu mas que: que isso vale/.

Além das interpretações baseadas no grau de relevância, as respostas são classificadas de acordo com o reconhecimento da expressão, ou seja, a sua devida identificação por parte do participante. Nesse ponto, ressaltamos que os indivíduos foram previamente avisados sobre a natureza figurativa das expressões, sendo, inclusive, expostos a exemplos. Portanto, nessa categoria de análise estão as expressões sem reconhecimento, padrão que pode ser verificado na interpretação do provérbio *a vingança é um prato que se come frio*, por MC, integrante do grupo Doença de Alzheimer leve.

43 NF perfeito... é:: a vingança é um prato que se come frio.. a senhora já ouviu/
44 MC não isso ai num sei nem o que quer dizer

Ao ser questionada sobre o conhecimento do provérbio, MC responde: `não isso ai num sei nem o que quer dizer.` Com isso, entendemos que a participante desconhece a expressão, de modo a classificarmos a resposta como sem reconhecimento, uma vez que a variável de familiaridade é fundamental para o processo interpretativo apropriado.

Outro padrão de resposta fornecido pelos participantes da pesquisa é a ausência de respostas. Nesse caso, o indivíduo admite conhecer a expressão, mas, não atribui respostas a ela. No trecho a seguir, consideramos a interpretação de LM, participante do grupo Afasia ao idiomático *fazer das tripas coração* como pertencendo à classe de ausência de resposta.

317 NF tudo bem e: fazer das tripas coração cê já ouviu/
318 LM ... ((balançando a cabeça positivamente)) certo
319 NF e essa quer dizer o quê/..... fazer das tripas coração
320 LM ... ((balançando a cabeça positivamente)) anh:. nossa.. ((risos))... ô loco. agora.. só tá dando branco ((risos))

Como podemos observar em: `...((balançando a cabeça positivamente)) certo`, LM assente já ter ouvido o idiomático que será interpretado. No entanto, quando solicitado a atribuir um significado à expressão, o participante diz não se lembrar: `... ((balançando a cabeça positivamente)) anh:. nossa.. ((risos))... ô loco. agora.. só tá dando branco ((risos)).`

A resposta fornecida por LM traz uma outra expressão metafórica, o idiomático *dar branco.* Para fins classificatórios quanto à relevância interpretativa, as respostas metafóricas funcionam diferentemente das interpretações literais – que são sempre irrelevantes, embora não as classifiquemos dessa forma. Mesmo assim, consideramos esse tipo de resposta como um padrão, já que essas interpretações são evidências do processamento metafórico em curso. Na sequência, exemplificamos as respostas metafóricas fornecidas por DG, integrante do grupo Doença de Alzheimer moderado, na interpretação da metáfora *o Brasil está afundando*.

305 NF o brasil está afundando
306 DG o brasil tá indo.. ladeira a baixo
307 NF ((balançando a cabeça positivamente))
308 DG o brasil tá sendo iludido.. e os po e o povo tá aceitando

309 NF e imagina uma situação em que a gente fala isso o brasil está afundando
310 DG ele está. indo pra trás cada vez mais

Identificamos construções metafóricas em todas as locuções proferidas por DG. Assim, o Brasil é conceptualizado como um veículo ou uma entidade que se locomove o brasil tá indo.. – em uma descida ladeira a baixo e para a parte traseira segundo um determinado ponto ele está. indo pra trás cada vez mais –, assim como um ser humano que cria expectativa e se frustra – o brasil tá sendo iludido... Podemos identificar, nesses usos metafóricos, os mapeamentos de RUIM É PARA BAIXO E NAÇÃO É SER (HUMANO), este último também metonímico.

Outro ponto a ser destacado é a co-ocorrência de semioses verbais e não-verbais (gestos, sinais, risos, movimentos faciais e corporais) nas respostas às interpretações das expressões metafóricas. Essa emergência evidencia não somente a natureza e o funcionamento multimodal da linguagem e da metaforicidade como a sua importância para os processos de significação nas condições clínicas em análise. No trecho a seguir, MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, usa sinalização gestual na construção referencial de sua resposta interpretativa ao provérbio *o amor é cego* – ah deixa de ver coisas que tão ((colocando o dedo indicador direito no olho)).. sei lá ou encobre ou procura não ver ou finge que não vê... vejo assim.

91 NF e: o amor é cego.. já ouviu né/
92 MR anh
93 NF e o que que quer dizer/
94 MR ah deixa de ver coisas que tão ((colocando o dedo indicador direito no olho)).. sei lá ou encobre ou procura não ver ou finge que não vê... vejo assim

No excerto seguinte, a construção referencial de MN, integrante do grupo Afasia, é um exemplar tanto da multimodalidade da significação quanto do caráter multimodal e corporificado da metaforicidade. Sua resposta ao procedimento 1 do Protocolo – ficou ah::: ((levantando as mãos para cima)).. ficou contente... muito contente – para a metáfora *fiquei nas nuvens* evoca a metáfora conceptual BOM É PARA CIMA ao mesmo tempo em que ajuda a atribuir um sentido à expressão.

425 NF bom e essa daqui fiquei nas nuvens que que quer dizer/
426 MN ficou ah::: ((levantando as mãos para cima)).. ficou contente... muito contente
427 NF ((balançando a cabeça positivamente)) em que situação que a gente usa assim: fala ah fiquei nas nuvens
428 MN tá contente. tá contente

Na transcrição abaixo, relativa à resposta de MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, sobre o reconhecimento ou não do provérbio *vaso ruim não quebra*, a utilização de gestos em conjunto a uma onomatopeia é fundamental para a construção da referência. Assim, em essa é difícil né/ porque vaso ruim a gente pish ((faz um sinal com a mão simulando jogar algo fora)) até joga fora ((risos)), é a combinação desses dois recursos não-verbais que possibilita a significação da resposta proferida.

79 NF ((risos)) tá bom.. e vaso ruim não quebra/
80 MC vaso ruim não quebra/
81 NF é
82 MC essa é difícil né/ porque vaso ruim a gente pish ((faz um sinal com a mão simulando jogar algo fora)) até joga fora ((risos))

5.1.1. Desempenho geral dos participantes de acordo com indivíduo, expressão metafórica e procedimento

Nesta subseção, abordamos o desempenho geral dos indivíduos MC, MR, DG, LM e MN, que fazem parte dos grupos Doença de Alzheimer estágio leve e estágio moderado e Afasia, bem como de MT, AB e MF, que constituem o grupo Controle, na interpretação das expressões. As variáveis destacadas nas análises são as próprias expressões metafóricas, que têm as suas respostas apresentadas individualmente e os procedimentos constantes no Protocolo. Após a especificação das legendas, no quadro abaixo, é possível verificar o tipo de resposta dos indivíduos que compõem o grupo Controle.

Legendas

CR - Centralmente relevante

MR - Marginalmente relevante

I – Irrelevante

AR – Ausência de resposta

L - Literal

SR – Sem reconhecimento

Metaf – Metafórica (As respostas metafóricas não são computadas como fazendo parte da percentagem total das respostas de cada indivíduo/grupo em uma determinada análise. Isso porque, ao nosso ver, tal cômputo é mais para identificar esse tipo de ocorrência que, por sua vez, pode se dar – como se deu – em respostas centralmente relevantes, marginalmente relevantes ou mesmo irrelevantes.)

Proc. 1 – Procedimento 1

Proc. 2 – Procedimento 2

As cores diferenciadas utilizadas nos quadros têm o objetivo de facilitar a visualização dos dados.

Quadro 11: Desempenho interpretativo geral dos participantes do grupo Controle de acordo com expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Desempenho Geral						
Grupo	Controle					
Indivíduos	MT		AB		MF	
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Quem não chora, não mama	CR	CR	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR metaf
Amor com amor se paga	CR	CR metaf	CR	CR	CR metaf	CR
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR metaf

A união faz a força	CR	CR	CR	CR	CR	CR
A vingança é um prato que se come frio	MR	MR	CR	CR	MR metaf	MR
Não dê o passo maior que a perna	CR	CR metaf	CR	CR metaf	CR	CR metaf.
Não coloque o carro na frente dos bois	MR	MR	CR	CR	CR	CR
Quem entra na chuva, é pra se molhar	CR	CR	CR	CR	CR	CR
Quanto maior a altura, maior o tombo	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR	CR metaf	CR
Nos menores frascos estão os melhores perfumes	CR	MR	CR	CR	CR	CR
Vaso ruim não quebra	CR	MR	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR metaf
O amor é cego	CR	CR	CR	CR	CR	CR
As aparências enganam	CR	CR	CR	CR	CR metaf	CR
A pressa é inimiga da perfeição	CR metaf	CR	CR metaf	CR metaf	CR	CR metaf
Quem semeia vento colhe tempestade	CR	CR	CR	CR	CR	CR metaf
IDIOMÁTICOS						
Fazer tempestade em copo d´água	CR	CR	CR metaf	CR metaf	CR	CR metaf
Achar pelo em ovo	SR	SR	CR	CR	CR	CR
Descascar o abacaxi	I	I	CR	CR	CR metaf	CR
Fazer das tripas coração	I	I	CR	CR	CR	CR metaf
Por uma pedra sobre o assunto	CR	CR	CR metaf	CR	CR metaf	CR
Estar na fossa	CR	CR	CR	CR	CR	CR
Cair na real	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR	CR metaf	CR metaf

Cair do cavalo	CR	CR	CR	CR metaf	CR	CR
Entrar pelo cano	CR	CR	CR	CR	CR	CR
Dar a volta por cima	MR	MR	CR	CR	CR metaf	CR
A carne é fraca	MR	MR	CR	CR	CR metaf	CR
As paredes têm ouvido	CR	CR	CR	CR	CR	CR
Nem que a vaca tussa	SR	SR	CR	CR	CR	CR
Lavar a roupa suja	CR	CR	CR	CR	MR	MR
Não ser flor que se cheire	CR	CR	CR	CR	CR	CR
METÁFORAS						
A enciclopédia é uma mina de ouro	SR	SR	CR	CR	CR	CR
Ele é o cabeça da quadrilha	CR	CR	CR	CR	CR	CR
Cortei o dedo com a coroa do abacaxi	SR	SR	SR	I metaf	I	I
As vendas estão a todo vapor	CR	CR	CR	CR	CR metaf	CR metaf
Minha batata da perna dói	CR	CR	CR	CR	SR	I metaf
Ele saiu de si	CR	CR	CR	CR metaf	CR metaf	CR
Vou subir na vida	CR	CR	CR metaf	CR metaf	CR	CR
O Brasil está afundando	CR	CR metaf	CR metaf	CR metaf	CR	CR
Estou com a autoestima no teto	I	I	CR	CR metaf	CR metaf	CR
Fiquei nas nuvens	CR	CR	CR	CR	CR	CR
Estou um pouco enferrujado hoje	CR	CR metaf	CR	CR	CR metaf	CR metaf

Maria é uma lesma	CR	CR	CR metaf	CR	CR	CR
Minha sogra é uma serpente	CR	CR	CR metaf	CR	CR	CR
Criei raízes nessa cidade	CR	CR	CR	CR	CR	CR
A inflação corrói o nosso dinheiro	CR	CR	CR metaf	CR	CR	CR

Ainda que o desempenho dos participantes que constituem o grupo Controle não seja totalmente homogêneo, não há grande variabilidade quanto aos tipos de respostas proferidas. Para os três tipos de expressões metafóricas, a maioria das respostas atribuídas é centralmente relevante, com poucas ocorrências de respostas marginalmente relevantes, irrelevantes e sem reconhecimento. Não ocorrem respostas literais, nem do tipo ausência de respostas, ao passo que podemos verificar a presença considerável de respostas metafóricas.

Chama a atenção o desempenho interpretativo dos indivíduos no provérbio *a vingança é um prato que se come frio*, com quatro respostas marginalmente relevantes, e a metáfora adormecida *cortei o dedo com a coroa do abacaxi*, que recebeu três respostas irrelevantes e três sem reconhecimento. Como poderá ser verificado a seguir, se comparamos o desempenho individual dos participantes do grupo Controle com o dos grupos clínicos – Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia –, observaremos uma variabilidade muito maior neste do que naquele.

No quadro a seguir, podemos observar as respostas dos participantes que constituem os grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia.

Quadro 12: Desempenho interpretativo geral dos participantes dos grupos clínicos de acordo com expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Desempenho Geral										
Grupos	Doença de Alzheimer						Afasia			
	Estágio Inicial				Estágio Moderado					
Indivíduos	MC		MR		DG		LM		MN	
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS										
Quem não chora, não mama	CR	CR	CR	CR	I	I	CR Metaf	MR	AR	CR metaf
Amor com amor se paga	CR	AR	CR	CR	CR	CR	CR	AR	MR	CR
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura	CR	AR	CR	CR	I	I	L	AR	CR	CR metaf
A união faz a força	CR	CR	CR metaf	CR	MR	MR	CR	CR	AR	CR
A vingança é um prato que se come frio	SR	SR	MR	MR	I	I	I	I	I	I
Não dê o passo maior que a perna	CR	CR	CR	CR	MR	I	CR	CR	MR	MR
Não coloque o carro na frente dos bois	MR	AR	CR	CR	I	I	L	I	L	L
Quem entra na chuva, é pra se molhar	MR	AR	MR	MR	I	I	L	AR	CR	CR
Quanto maior a altura, maior o tombo	I	MR	I	MR	MR	MR	I	I	L	MR
Nos menores frascos estão os melhores perfumes	I	I	CR	MR	I	I	L	AR	SR	SR
Vaso ruim não quebra	I	I	MR	MR	I	I	CR	CR	MR	AR

O amor é cego	CR	CR	CR	CR	MR	I	CR	CR	AR	AR
As aparências enganam	CR	CR	CR	CR	CR	MR	CR	CR	CR	CR
A pressa é inimiga da perfeição	CR	CR	CR	CR	CR	MR	CR Metaf	CR	AR	CR
Quem semeia vento colhe tempestade	MR	MR	CR	CR	MR	MR	CR	AR	AR	AR
IDIOMÁTICOS										
Fazer tempestade em copo d´água	CR	CR	CR	MR	I	I	MR	AR	CR	CR
Achar pelo em ovo	MR	MR	CR metaf.	MR	MR	I	SR	SR	L	L
Descascar o abacaxi	CR	CR	CR	CR	CR	CR	AR	AR	CR	L
Fazer das tripas coração	I	MR	CR	I	CR	MR	AR	AR	MR	CR
Por uma pedra sobre o assunto	CR	CR	CR	CR	I	CR	CR	CR	CR	CR
Estar na fossa	MR	AR	MR	CR	MR	MR	CR	CR	MR	MR
Cair na real	CR	CR	CR	CR	CR	CR	CR	CR	MR	CR
Cair do cavalo	CR	CR	CR	CR	MR	MR	CR	CR	MR	MR
Entrar pelo cano	CR	CR	CR	MR	MR	CR	MR	MR	MR	CR
Dar a volta por cima	MR	CR	I	I	MR	CR	MR	MR	SR	SR
A carne é fraca	MR	MR	CR	CR	MR	I	CR	CR	MR	MR

As paredes têm ouvido	CR	CR	MR	MR	MR	MR	MR	MR	SR	SR
Nem que a vaca tussa	MR	MR	CR	CR	MR	I	MR	MR	MR	CR
Lavar a roupa suja	MR	MR	MR	CR	I	I	MR	MR	MR	MR
Não ser flor que se cheire	MR	MR	MR	MR	MR	I	CR	CR	MR	MR
METÁFORAS										
A enciclopédia é uma mina de ouro	CR	CR	MR	MR	I	I	MR	I	CR	CR
Ele é o cabeça da quadrilha	CR	AR	CR	CR	MR	I	CR	MR	CR	CR
Cortei o dedo com a coroa do abacaxi	SR	SR	SR	SR	I	I	SR	SR	I	I
As vendas estão a todo vapor	CR metaf	MR metaf	CR metaf	CR metaf	CR	MR	CR Metaf	CR	CR metaf	CR
Minha batata da perna dói	SR	SR	SR	SR	I	I	SR	SR	CR metaf	AR
Ele saiu de si	MR	MR	CR	CR	MR	MR	SR	SR	I	I
Vou subir na vida	CR	CR	CR	CR	MR	MR	CR	CR	CR	CR
O Brasil está afundando	CR	AR	CR	CR	CR metaf	MR Metaf	CR	CR	CR	CR
Estou com a autoestima no teto	CR	CR	CR	CR	I	I	I	I	CR	CR
Fiquei nas nuvens	MR	CR	CR	CR	I	I	I	I	MR	MR
Estou um pouco enferrujado hoje	CR	CR	MR	MR	CR	CR	MR	MR	CR	CR

Maria é uma lesma	CR	CR	CR	CR	MR	MR	CR	CR	CR	CR
Minha sogra é uma serpente	CR	CR	CR	CR	CR	MR	MR	MR	CR	MR
Criei raízes nessa cidade	CR	CR	I	MR	I metaf	I	CR	CR	CR	CR
A inflação corrói o nosso dinheiro	CR	CR	CR	CR	I	I	CR	CR	CR	CR

Os tipos de respostas proferidos pelos participantes às expressões são bastante heterogêneos, o que já aponta para a existência de diversas variáveis que atuam sobre o processamento interpretativo, como buscaremos mostrar nas análises específicas. No entanto, ainda que de modo geral, podemos identificar determinados padrões relativos à interpretação de expressões particulares. Fazemos essas especificações, separando-as por tipos de expressões metafóricas, procedimentos e grupos.

Com relação aos provérbios, os primeiros resultados que chamam a atenção referem-se à interpretação de *a vingança é um prato que se come frio*. Nenhuma das respostas atribuídas a essa expressão pelos cinco participantes do estudo que compõem o grupo clínico é centralmente relevante, enquanto seis – de um total de dez – são irrelevantes. As interpretações restantes estão igualmente divididas nas classificações de marginalmente relevante e sem reconhecimento. Como descrevemos na Metodologia, esse provérbio veicula o sentido de que, para ser bem-sucedida, a vingança deve ser realizada depois de que já houver passado um longo tempo desde que o episódio que a motivou ocorreu, o que possibilita tanto o esquecimento daquele que será vingado, quanto um melhor planejamento do ato vingativo.

Vejamos as respostas fornecidas por MR (grupo Doença de Alzheimer leve), consideradas marginalmente relevantes.

Resposta ao procedimento 1:

```
40 MR me aguarde que sua vez vai chegar ((risos))
```

Resposta ao procedimento 2:

44 MR é hoje eu não tenho resposta pro cê mas uma hora pra frente eu vô ter

Para ambos os procedimentos, as respostas de MR não indicam a centralidade da significação metafórica do provérbio, que diz respeito à necessidade de esperar para cometer um ato de vingança, considerando a possibilidade de aquele que irá sofrê-la já ter esquecido do que fez contra o vingador. No procedimento 1, a interpretação de MR, indica, em tom de ameaça, que a passagem do tempo desencadeará uma ação contra aquele a quem é dirigida a elocução. No procedimento 2, essa acepção temporal é retomada e reforçada com o uso do termo *resposta*, que indica um ato que, no futuro, será cometido pelo vingador.

A seguir, transcrevemos excertos das interpretações irrelevantes atribuídas a esse provérbio por DG (grupo Doença de Alzheimer moderado), assim como LM e MN (grupo Afasia).

Respostas ao procedimento 1:

47 DG a vingança é um prato que se come frio.. a vingança não chega a nada ((balançando a cabeça negativamente)).. a vingança não chega a nada.. deus é que sabe

52 MN é um prato que se come frio.. SI.. a vingança é um prato que se como frio... como é que eu hei de explicar meu deus do céu... a vingança: a vingança não serve nada: num é nada bom: num é nada nada gostoso: num é nada: eu num sei

74 LM .. a vingança.... ah tá ((balançando a cabeça positivamente)).... é.. é que.... é..... bom..... ((balançando a cabeça positivamente)) ah é... as pessoa que.. que são mau:... elas elas elas têm que... têm que... sofrer.. comer fria: sabe/.. bom é ((risos))... que que é/

Respostas ao procedimento 2:

49 DG quando a pessoa.. quer. destruir. o seu próximo. com. com ideias. que não levam a nada

54 MN é que num: deve:.. se vingar.. mas eu não sei como é que eu hei de dizer isso:

78 LM ..... anh..... SI só se você: tivesse: feito: alguma coisa: contra eu

MN e DG exibem respostas parecidas em termos semântico-pragmáticos. Em ambos os procedimentos, as participantes não interpretam o sentido metafórico veiculado pelo provérbio *a vingança é um prato que se come frio* – já mencionado acima. Suas respostas discorrem sobre a inutilidade da vingança, que não é boa e nem recomendável, ou seja, concebem o sentido figurativo do provérbio de forma muito diferente do que ele comumente significa. Por seu turno, as respostas proferidas por LM tratam o significado do provérbio em termos de castigo sofrido por quem exerce maldades. As respostas dos três participantes são compatíveis a concepções correntes sobre vingança e indicam potenciais avaliações pessoais sobre esse comportamento humano.

Desatacamos outros resultados interessantes quanto à interpretação proverbial. O provérbio *quanto maior a altura, maior o tombo* também não obteve nenhuma resposta centralmente relevante, no entanto, recebeu cinco interpretações marginalmente relevantes, uma literal e quatro irrelevantes. Já a expressão *nos menores frascos estão os melhores perfumes* recebeu uma interpretação centralmente relevante, uma ausência de resposta, duas sem reconhecimento, quatro irrelevantes e uma literal.

Em contrapartida, os provérbios *amor com amor se paga* e a *pressa é inimiga da perfeição* receberam, cada um, sete respostas centralmente relevantes e uma marginalmente relevante. As expressões *não dê o passo maior que a perna* e *quem não chora, não mama*, obtiveram, respectivamente, seis respostas centralmente relevante e uma marginalmente relevante, assim como seis respostas centralmente relevantes e três marginalmente relevantes.

No que se refere aos idiomáticos, destacamos a expressão *achar pelo em ovo,* que recebeu uma resposta centralmente relevante, quatro marginalmente relevantes, uma irrelevante, duas literais e duas sem reconhecimento. Outra expressão que chama a atenção é *lavar a roupa suja* cujas respostas foram: uma centralmente relevante, sete marginalmente relevantes e duas irrelevantes.

Também merecem destaque os idiomáticos *cair na real*, ao qual foram atribuídas nove respostas centralmente relevantes e uma marginalmente relevante,

assim como *por uma pedra sobre o assunto*, que recebeu nove respostas centralmente relevantes e uma resposta marginalmente relevante. A seguir, transcrevemos a interpretação de MR à expressão *por uma pedra sobre o assunto*, em cujas respostas há uma construção metafórica de natureza idiomática.

152 NF por uma pedra sobre o assunto.. a senhora já ouviu/
153 MR já
154 NF e o que que quer dizer/
155 MR é jogar cal em cima deixar pra lá não vamos mexer mais nisso
156 NF ((risos)) encerrar: a conversa/
157 MR deixa estar
158 NF acabar com a
159 MR deixa estar pra ver como fica
160 NF ((risos)) OK.. e: em que situação que a gente fala isso pra alguém/
161 MR olha eu acho que se ele tem razão nós não convém discutir não deixa estar

O sentido metafórico veiculado em *por uma pedra sobre o assunto* é o de encerramento de uma conversa, discussão ou da necessidade de esquecimento de um problema, situação conflituosa. Trata-se de "postergar indefinidamente um assunto, esquecer um caso desagradável" (URBANO, 2017). No procedimento 1, MR interpreta de forma centralmente relevante o idiomático por meio da asserção metafórica é jogar cal em cima deixar pra lá não vamos mexer mais nisso, que consiste em uma variação do idiomático *jogar uma pá de cal* – finalizar, dar por acabado, por um fim, encerrar. Tendo em vista que a resposta de MR ao procedimento 1 pode ser considerada relativamente genérica, já que não menciona o encerramento de um diálogo, no procedimento 2, a participante especifica sua interpretação ao tratar de discussão: olha eu acho que se ele tem razão nós não convém discutir não deixa estar.

Quanto às metáforas, enfatizamos o desempenho dos participantes em *cortei o dedo com a coroa do abacaxi* e *minha batata da perna dói*, ambas expressões metafóricas adormecidas, já que estão no extremo do *continnum* de convencionalização. Para a primeira expressão não houve nenhuma resposta centralmente relevante, quatro irrelevantes e seis sem reconhecimento. À segunda, foram atribuídas uma resposta centralmente relevante, uma ausência de resposta, duas irrelevantes e seis sem reconhecimento. Na sequência apresentamos a interpretação centralmente relevante de MN à expressão *minha batata da perna dói*.

354 NF é: minha batata da perna dói
355 MN a batata da perna/
356 NF ((balançando a cabeça positivamente))
357 MN a barriga da perna/
358 NF ((balançando a cabeça positivamente))
359 MN ((risos))
360 NF que que significa/ minha batata da perna dói.. não. batata né/ barriga. ((risos))
361 MN ((risos))
362 NF é batata ou é barriga/
363 MN ((batendo com a mão direita na panturrilha direita))
364 NF é panturrilha ((risos))
365 MN ((risos))
366 NF que que significa/.. minha batata da perna dói
367 MN a barriga da perna dói
368 NF isso
369 MN é... foi isso

Esse excerto corresponde ao procedimento 1 do Protocolo, cujo processamento linguístico básico requerido é do tipo metalinguístico. Observamos que MN, participante afásica, atribuí à expressão uma resposta que pode ser entendida como um sinônimo também de natureza figurativa e altamente convencional da metáfora adormecida *minha batata da perna dói*, que é a barriga da perna dói. A confirmação de que MN se refere à panturrilha é fornecida quando o participante toca nessa parte do corpo. Com relação ao desempenho interpretativo dos demais indivíduos nessa expressão e de todos eles em *cortei o dedo com a coroa do abacaxi*, supomos que pode resultar do fato de elas possuírem graus de metaforicidade menos percetíveis, isto é, com menor ativação, já que *batata da perna* e *coroa do abacaxi* se tratam de metáforas lexicais demasiadamente cristalizadas na cultura brasileira, principalmente, se comparadas às demais construções que constituem o protocolo.

Também chama a atenção o desempenho dos participantes na interpretação das metáforas *vou subir na vida* e *Maria é uma lesma*, às quais atribuíram oito respostas centralmente relevantes e duas marginalmente relevantes, para cada uma delas. Já, para a expressão *a inflação corrói o nosso dinheiro* foram fornecidas oito respostas centralmente relevantes e duas irrelevantes. Por último, salientamos a metáfora *as*

vendas estão a todo vapor, de cujas respostas – oito centralmente relevantes e duas marginalmente relevantes – metade foi metafórica.

5.1.2. Desempenho geral dos participantes de acordo com indivíduo, tipo de expressão metafórica e procedimento

Trataremos agora do desempenho interpretativo geral de cada indivíduo dos grupos clínicos, considerando os procedimentos do Protocolo, nos provérbios, idiomáticos e metáforas tomados como tipos de expressões. No quadro a seguir, são quantificadas, em termos de percentagem, as respostas atribuídas pelos participantes, classificadas, como já explicitado, em: centralmente relevantes, marginalmente relevantes, irrelevantes, literais, metafóricas, ausência de resposta e sem reconhecimento.

Quadro 13: Desempenho interpretativo geral dos grupos clínicos de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Desempenho Geral										
Grupos	Doença de Alzheimer						Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado					
Indivíduos	MC		MR		DG		LM		MN	
Procedimentos	Proc 1	Proc 2	Proc 1	Proc 2	Proc 1	Proc 2	Proc 1	Proc 2	Proc 1	Proc 2
PROVÉRBIOS										
Centralmente relevante	53%	40%	80%	67%	20%	7%	60%	40%	15%	44%
Marginalmente relevante	20%	13%	13%	33%	33%	33%	0%	7%	20%	15%
Irrelevante	20%	13%	7%	0%	47%	60%	13%	20%	7%	7%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	27%	0%	15%	7%
Ausência de Resposta	0%	27%	0%	0%	0%	0%	0%	33%	36%	20%
Sem reconhecimento	7%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Metafórica	0%	0%	7%	0%	0%	0%	13%	0%	0%	15%
IDIOMÁTICOS										
Centralmente relevante	49%	49%	67%	54%	20%	33,3%	40%	40%	20%	40%
Marginalmente relevante	44%	44%	27%	33%	60%	33,3%	40%	33%	60%	34%
Irrelevante	7%	0%	6%	13%	20%	33,3%	0%	0%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	13%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	0%	0%	13%	20%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	7%	13%	13%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS										
Centralmente relevante	76%	61%	67%	67%	26%	7%	47%	40%	80%	67%
Marginalmente relevante	13%	13%	13%	20%	26%	40%	20%	20%	7%	13%
Irrelevante	0%	0%	7%	0%	48%	53%	13%	20%	13%	13%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	13%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%
Sem reconhecimento	13%	13%	13%	13%	0%	0%	20%	20%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	7%	7%	7%	13%	7%	7%	0%	13%	0%

No grupo Doença de Alzheimer leve, o cálculo do percentual de respostas indica padrões interpretativos heterogêneos quanto ao procedimento e ao tipo de expressão. Para os provérbios, MR fornece respostas mais apropriadas às expressões tanto no procedimento 1 quanto no procedimento 2 em comparação à MC. Com relação aos idiomáticos, essas diferenças de desempenho são mantidas, especialmente, no procedimento 1. Em contrapartida, às metáforas, MC atribui um percentual maior de respostas centralmente relevantes ao longo do procedimento 1, ao passo que MR fornece mais respostas centralmente e marginalmente relevantes durante o procedimento 2.

Comparando o percurso interpretativo nos diferentes tipos de expressões, observamos que MR apresenta, tanto no procedimento 1 quanto no 2, respostas mais apropriadas aos provérbios, metáforas e idiomáticos, respectivamente. Já MC exibe,

durante a interpretação em ambos os procedimentos do Protocolo, desempenhos mais satisfatórios nas metáforas, idiomáticos e provérbios, respectivamente.

DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, para os provérbios, atribui respostas mais apropriadas no procedimento 1 do que no 2. No percurso interpretativo dos idiomáticos, embora não haja diferenças significativas de desempenho entre os dois procedimentos, é ao primeiro que DG fornece um maior percentual de respostas centralmente e marginalmente relevantes. Para as metáforas, mantém-se o mesmo padrão apresentado nos idiomáticos. DG fornece, nos procedimentos 1 e 2, respostas mais pragmaticamente apropriadas aos idiomáticos, não havendo diferenças significativas de desempenho entre metáforas e provérbios.

No grupo Afasia, para os provérbios e os idiomáticos, LM fornece respostas mais apropriadas do que MN durante o procedimento 1. Quanto ao procedimento 2, na interpretação dos provérbios, o desempenho de MN é mais satisfatório, não havendo diferenças relativas ao percurso interpretativo dos idiomáticos entre os dois participantes. MN atribui as interpretações mais apropriadas que LM para as metáforas em ambos os procedimentos. É de se destacar que LM fornece a maior quantidade de respostas literais (quase um terço do total) à interpretação dos provérbios.

Ao cotejarmos o desempenho interpretativo dos participantes do grupo Afasia nos três tipos de expressões, verificamos que, nos procedimentos 1 e 2, LM fornece respostas mais apropriadas aos idiomáticos, metáforas e provérbios, respectivamente. Os desempenhos mais satisfatórios de MN, em ambos os procedimentos, são, respectivamente, na interpretação de metáforas, idiomáticos e provérbios.

5.1.3. Desempenho geral dos participantes de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento

Nesta subseção, o nosso interesse recai sobre o desempenho geral de cada grupo quanto à interpretação dos três tipos de expressões constantes no Protocolo. Portanto, é aqui que podemos fazer as primeiras comparações entre o desempenho interpretativo de afásicos e o de pessoas com Doença de Alzheimer em estágio leve e moderado em

relação ao grupo Controle, de modo a verificarmos a sua compatibilidade com estudos anteriores. Apresentaremos: um quadro que compreende as porcentagens de desempenho do grupo Controle; três quadros – um para cada grupo clínico – que contêm os percentuais segundo os procedimentos e os tipos de expressões; um quadro comparativo entre os grupos clínicos e Controle; um quadro geral com os percentuais de padrões de respostas de cada grupo divididos de acordo com o procedimento e o tipo de expressão; e um quadro comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia com relação às expressões metafóricas com e sem metonímias de acordo com os procedimentos do Protocolo.

Na sequência, podemos observar o quadro de desempenho geral referente ao grupo Controle.

Quadro 14: Desempenho interpretativo geral do grupo Controle de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Grupo Controle						
	Procedimento 1			Procedimento 2		
	Provérbio	Idiomático	Metáfora	Provérbio	Idiomático	Metáfora
Centralmente relevante	93%	83%	87%	89%	83%	87%
Marginalmente relevante	7%	7%	0%	11%	7%	0%
Irrelevante	0%	5%	4%	0%	5%	9%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	5%	9%	0%	5%	4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	33%	20%	20%	33%	13%	22%

Como podemos observar, tanto no procedimento 1 quanto no procedimento 2, os participantes que compõem o grupo Controle obtiveram melhores desempenhos nos provérbios, seguidos pelas metáforas e pelos idiomáticos. Somente aos provérbios não foram atribuídas respostas irrelevantes e sem reconhecimento. É também para esse tipo

de expressão que é fornecido o maior número de interpretações metafóricas, que corresponde a cerca de um terço do total delas nos dois procedimentos. A seguir, apresentamos o quadro relativo ao grupo Doença de Alzheimer leve.

Quadro 15: Comparativo do desempenho interpretativo geral do grupo Doença de Alzheimer estágio leve de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Doença de Alzheimer – Estágio Leve						
	Procedimento 1			Procedimento 2		
	Provérbio	Idiomático	Metáfora	Provérbio	Idiomático	Metáfora
Centralmente relevante	67%	58%	71%	54%	52%	63%
Marginalmente relevante	17%	35%	13%	23%	37%	17%
Irrelevante	13%	7%	3%	7%	7%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	13%	4%	7%
Sem reconhecimento	3%	0%	13%	3%	0%	13%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	3%	4%	7%	0%	0%	7%

Como podemos observar, no procedimento 1, ao compararmos o percentual de respostas centralmente relevantes fornecidas para os três tipos de expressões, identificamos uma ligeira vantagem das metáforas com relação aos provérbios, os quais mantêm maiores diferenças quanto aos idiomáticos. De igual modo, ao considerarmos as respostas marginalmente relevantes, que, como já ponderamos, indica algum grau de interpretação metafórica, não encontramos diferenças consideráveis quanto aos provérbios e às metáforas, apenas com respeito a essas expressões e os idiomáticos. Se, no entanto, levarmos em conta as respostas irrelevantes – cuja maioria é fornecida para os provérbios, seguidos dos idiomáticos e metáforas –, podemos assumir que o grupo Doença de Alzheimer leve apresenta desempenhos mais satisfatórios na interpretação de metáforas e, menos, na interpretação de idiomáticos.

No procedimento 2, os resultados são bastante parecidos com os do procedimento 1, embora haja maiores diferenças quanto ao número de respostas centralmente relevantes oferecidas às metáforas e aos provérbios. Além disso, o percentual de respostas irrelevantes é o mesmo entre provérbios e metáforas, constituindo-se nulo para as metáforas. De modo geral, o grupo Doença de Alzheimer leve apresenta maior quantidade de respostas apropriadas no procedimento 1 para todas as expressões. Enquanto a maioria das respostas do tipo sem reconhecimento é fornecida às metáforas, às do padrão ausência de resposta é atribuída aos provérbios. Não são produzidas respostas literais. Já as respostas metafóricas ocorrem em maior quantidade para as metáforas. No próximo quadro, apresentamos os resultados referentes ao grupo Doença de Alzheimer moderado.

Quadro 16: Comparativo do desempenho interpretativo geral do grupo Doença de Alzheimer estágio moderado de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Doença de Alzheimer – Estágio Moderado						
	Procedimento 1			Procedimento 2		
	Provérbio	Idiomático	Metáfora	Provérbio	Idiomático	Metáfora
Centralmente relevante	20%	20%	26%	7%	33,3%	7%
Marginalmente relevante	47%	60%	26%	33%	33,3%	40%
Irrelevante	33%	20%	48%	60%	33,3%	53%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	7%	0%	0%	7%

De acordo com os percentuais indicados no quadro, no procedimento 1, o quantitativo de respostas centralmente relevantes oferecidas pelo grupo Doença de Alzheimer moderado a provérbios, idiomáticos e metáforas é bastante semelhante, sendo um pouco maior para esta última. Já as respostas marginalmente relevantes são

em número mais elevado nos idiomáticos, seguidos dos provérbios e das metáforas. As respostas irrelevantes seguem um padrão inverso, com uma quantidade maior para as metáforas e menor para os idiomáticos. Podemos concluir, então, que o grupo Doença de Alzheimer moderado apresenta respostas mais apropriadas aos idiomáticos e menos às metáforas.

No procedimento 2, as respostas centralmente relevantes são fornecidas em maior número para os idiomáticos, seguidos dos provérbios e metáforas, ambos com a mesma quantidade. O percentual de respostas marginalmente relevantes mais elevado é atribuído às metáforas, tendo os provérbios e os idiomáticos resultados iguais. A maioria das respostas irrelevantes é atribuída aos provérbios, aos quais se seguem as metáforas e os idiomáticos, respectivamente. Assim, nesse procedimento, o grupo Doença de Alzheimer moderado exibe desempenhos mais satisfatórios para a interpretação de idiomáticos, tal qual no procedimento 1, e, menos, para os provérbios. Não são proferidas respostas literais. Em termos gerais, quando comparados os três tipos de expressões metafóricas, o grupo Doença de Alzheimer moderado exibe maior quantidade de respostas apropriadas no procedimento 1 do que no 2. A maioria das respostas figurativas é atribuída às metáforas. O quadro seguinte aborda os resultados referentes ao grupo Afasia.

Quadro 17: Comparativo do desempenho interpretativo geral do grupo Afasia de acordo com tipo de expressão metafórica e procedimento do Protocolo.

Afasia						
	Procedimento 1			Procedimento 2		
	Provérbio	Idiomático	Metáfora	Provérbio	Idiomático	Metáfora
Centralmente relevante	38%	30%	64%	41%	40%	53%
Marginalmente relevante	10%	50%	13%	10%	33%	17%
Irrelevante	10%	0%	13%	13%	0%	17%
Literal	21%	3%	0%	4%	7%	0%
Ausência de Resposta	17%	7%	0%	28%	10%	3%
Sem reconhecimento	4%	10%	10%	4%	10%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Metafórica	7%	0%	10%	7%	0%	0%

Os resultados exibidos no quadro revelam que, no procedimento 1, o grupo Afasia atribui maior percentual de respostas centralmente relevantes às metáforas – estas com diferenças consideráveis para os outros tipos de expressões –, provérbios e idiomáticos, respectivamente. Já as respostas marginalmente relevantes são oferecidas em quantidade mais elevada para os idiomáticos – estes com grandes discrepâncias com relação os dois formatos de construções metafóricas – seguidos das metáforas e dos provérbios. Não foram oferecidas respostas irrelevantes aos idiomáticos, ao passo que o percentual atribuído às metáforas e aos provérbios é similar.

No procedimento 2, os resultados obtidos pelo grupo Afasia repetem o padrão encontrado no procedimento 1. O ponto em que se distanciam é a diferença de percentual entre as respostas centralmente relevantes que são produzidas para os idiomáticos e as metáforas, que, nesse procedimento, ficam mais baixas. De forma geral, não há diferenças consideráveis entre o percentual de respostas apropriadas em relação ao tipo de procedimento. A maior quantidade de interpretações do tipo sem reconhecimento é oferecida aos provérbios e idiomáticos. Os provérbios são os tipos de expressões com o maior número de respostas literais, metafóricas e com o padrão ausência de respostas.

Tecidas as considerações sobre o desempenho de cada um dos grupos de participantes da pesquisa nos três tipos de expressões metafóricas, passamos a uma comparação geral entre os resultados apresentados pelos grupos clínicos e o grupo Controle, a qual é sintetizada no quadro a seguir.

Quadro 18: Comparativo do desempenho interpretativo geral dos grupos clínicos e do grupo Controle de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo .

Grupos	Desempenho Geral							
	Doença de Alzheimer				Afasia		Controle	
	Estágio Leve		Estágio Moderado					
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS								
Centralmente relevante	67%	54%	20%	7%	38%	41%	93%	89%
Marginalmente relevante	17%	23%	47%	33%	10%	10%	7%	11%
Irrelevante	13%	7%	33%	60%	10%	13%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	21%	4%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	13%	0%	0%	17%	28%	0%	0%
Sem reconhecimento	3%	3%	0%	0%	4%	4%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	3%	0%	0%	0%	7%	7%	33%	33%
IDIOMÁTICOS								
Centralmente relevante	58%	52%	20%	33,3%	30%	40%	83%	83%
Marginalmente relevante	35%	37%	60%	33,3%	50%	33%	7%	7%
Irrelevante	7%	7%	20%	33,3%	0%	0%	5%	5%
Literal	0%	0	0%	0%	3%	7%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	4%	0%	0%	7%	10%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	10%	10%	5%	5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	4%	0%	0%	0%	0%	0%	20%	13%
METÁFORAS								
Centralmente relevante	71%	63%	26%	7%	64%	53%	87%	87%
Marginalmente relevante	13%	17%	26%	40%	13%	17%	0%	0%
Irrelevante	3%	0%	48%	53%	13%	17%	4%	9%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	0%	3%	0%	0%

Sem reconhecimento	13%	13%	0%	0%	10%	10%	9%	4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	7%	7%	7%	10%	0%	20%	22%

Nos três tipos de expressões metafóricas e em ambos os procedimentos, os participantes do grupo Controle apresentaram interpretações mais apropriadas do que os indivíduos que compõem os grupos Doença de Alzheimer leve e moderado, assim como o Afasia. Em termos gerais, nos dois procedimentos, as diferenças de desempenho entre o grupo Controle e os demais são maiores com relação ao grupo Doença de Alzheimer moderado e menores para o grupo Doença de Alzheimer leve.

No que se refere aos tipos de expressões, as diferenças mais acentuadas entre o grupo Controle e o grupo Doença de Alzheimer leve ocorreram, respectivamente, para o procedimento 1, nos idiomáticos, provérbios e metáforas, e, para o procedimento 2, nos provérbios, idiomáticos e metáforas. Já, com relação ao grupo Doença de Alzheimer moderado, as discrepâncias mais significativas são, de forma respectiva, para o procedimento 1, nos idiomáticos, metáforas e provérbios, e, para o procedimento 2, nos provérbios, metáforas e idiomáticos. No que se refere ao grupo Afasia, para ambos os procedimentos, as maiores diferenças são nos provérbios, idiomáticos e metáforas, de modo respectivo.

No quadro a seguir, desenvolvemos uma comparação geral entre o desempenho do grupo Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia.

Quadro 19: Comparativo do desempenho interpretativo geral dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Desempenho Geral					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	67%	54%	20%	7%	38%	41%
Marginalmente relevante	17%	23%	47%	33%	10%	10%

Irrelevante	13%	7%	33%	60%	10%	13%
Literal	0%	0%	0%	0%	21%	4%
Ausência de Resposta	0%	13%	0%	0%	17%	28%
Sem reconhecimento	3%	3%	0%	0%	4%	4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	3%	0%	0%	0%	7%	7%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	58%	52%	20%	33,3%	30%	40%
Marginalmente relevante	35%	37%	60%	33,3%	50%	33%
Irrelevante	7%	7%	20%	33,3%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	3%	7%
Ausência de Resposta	0%	4%	0%	0%	7%	10%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	10%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	4%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						
Centralmente relevante	71%	63%	26%	7%	64%	53%
Marginalmente relevante	13%	17%	26%	40%	13%	17%
Irrelevante	3%	0%	48%	53%	13%	17%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	0%	3%
Sem reconhecimento	13%	13%	0%	0%	10%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	7%	7%	7%	10%	0%

O grupo Doença de Alzheimer leve exibe os resultados mais apropriados para a interpretação dos três tipos de expressões, enquanto o Doença de Alzheimer moderado apresenta as respostas menos centralmente relevantes e mais irrelevantes. O grupo Afasia pode ser considerado intermediário entre eles. Na sequência, apontamos as diferenças mais sobressalentes entre os três grupos, considerando, para, tal, os tipos de expressões que são interpretados.

Provérbios

No procedimento 1, o grupo Doença de Alzheimer leve apresenta o maior percentual de respostas centralmente relevantes, com diferenças significativas para o grupo Afasia (pouco mais da metade do percentual do Doença de Alzheimer leve) e para o grupo Doença de Alzheimer moderado (menos de 1 terço do percentual do Doença de Alzheimer leve). O percentual de respostas marginalmente relevantes ao Procedimento 1 é bem maior (quase metade das respostas) no grupo Doença de Alzheimer moderado, seguido do Doença de Alzheimer leve e do Afasia. Padrão semelhante de desempenho entre os grupos ocorre com as respostas irrelevantes, que correspondem a cerca de um terço do total das respostas fornecidas pelo grupo Doença de Alzheimer moderado. Apenas o grupo Afasia fornece respostas literais, sendo aproximadamente um quinto do total. O grupo Doença de Alzheimer leve e o grupo Afasia fornecem respostas metafóricas. Somente o grupo Afasia deixa de fornecer respostas. Os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia não reconhecem determinadas expressões.

No procedimento 2, o grupo Doença de Alzheimer leve fornece o maior percentual de respostas centralmente relevantes, seguido do grupo Afasia e do Doença de Alzheimer moderado. No entanto, as diferenças de percentuais entre os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia são menores do que no procedimento 1. O percentual de respostas marginalmente relevantes é maior no grupo Doença de Alzheimer moderado, seguido do grupo Doença de Alzheimer leve e do grupo Afasia, com diferenças menores em comparação ao procedimento 1. O grupo Doença de Alzheimer moderado é o que oferece a maior quantidade de respostas irrelevantes, perfazendo mais da metade do total, seguido pelo grupo Afasia e Doença de Alzheimer leve. Apenas o grupo Afasia fornece respostas literais, em número menor do que no procedimento 1, e respostas metafóricas. Tanto o grupo Doença de Alzheimer leve, quanto o grupo Afasia deixam de fornecer respostas e não reconhecem expressões, ambos os tipos com baixo percentual.

Idiomáticos

Com relação aos idiomáticos, no procedimento 1, o grupo Doença de Alzheimer leve exibe o maior percentual de respostas centralmente relevantes (pouco mais da metade do total), seguido pelo grupo Afasia (pouco menos de um terço do total) e do grupo Doença de Alzheimer moderado (um quinto do total). Padrão inverso ocorre com as respostas marginalmente relevantes, já que o grupo Doença de Alzheimer moderado apresenta maior percentual (cerca de dois terços do total), seguido do grupo Afasia (metade do total) e do grupo Doença de Alzheimer leve (pouco mais de um terço do total). O grupo Afasia não fornece respostas irrelevantes, enquanto o grupo Doença de Alzheimer moderado apresenta o maior percentual, seguido do grupo Doença de Alzheimer leve. Apenas o grupo Afasia fornece respostas literais, deixa de responder e não reconhece expressões. Somente o grupo Doença de Alzheimer leve fornece respostas metafóricas.

No procedimento 2, o grupo Doença de Alzheimer leve fornece o maior percentual de respostas centralmente relevantes (aproximadamente a metade), seguido do grupo Afasia (pouco mais de um terço) e do grupo Doença de Alzheimer moderado (um terço). O grupo Doença de Alzheimer leve fornece o maior percentual de respostas marginalmente relevantes, seguido do grupo Doença de Alzheimer moderado e do Afasia. Contudo, as diferenças entre os grupos, principalmente entre o Doença de Alzheimer moderado e o Afasia, são pequenas. O grupo Doença de Alzheimer moderado exibe o maior percentual de respostas irrelevantes (um terço), seguido do grupo Doença de Alzheimer leve (não chega a um décimo do total). Apenas o grupo Afasia apresenta respostas literais e não reconhece expressões. Os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia deixam de fornecer respostas. Não ocorrem respostas metafóricas.

Metáforas

Quanto às metáforas, no procedimento 1, o grupo Doença de Alzheimer leve apresenta o percentual mais elevado de respostas centralmente relevantes, seguido pelo grupo Afasia (ambos com mais de dois terços do total) e pelo grupo Doença de Alzheimer moderado (aproximadamente um quarto do total), havendo diferenças

significativas de percentuais dos dois primeiros para o último. O grupo Doença de Alzheimer moderado apresenta maior percentual de respostas marginalmente relevantes (aproximadamente um quarto), enquanto os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia exibem 13% de respostas desse tipo cada um. Cerca de metade das respostas fornecidas pelo grupo Doença de Alzheimer moderado é irrelevante, ao passo que o grupo Afasia exibe 13% e o grupo Doença de Alzheimer leve apenas 3%. Não há a produção de respostas literais. Ambos os grupos fornecem percentuais parecidos de respostas metafóricas e nenhum deixa de responder. Os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia não reconhecem determinadas expressões, exibindo percentuais similares.

No procedimento 2, o grupo Doença de Alzheimer leve apresenta maior percentual de respostas centralmente relevantes (quase dois terços do total), seguido do grupo Afasia (aproximadamente a metade) e do grupo Doença de Alzheimer moderado, 7%. O grupo Doença de Alzheimer moderado exibe o percentual mais elevado de respostas marginalmente relevantes (mais de um terço do total), enquanto os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia apresentam cada um o percentual de 17%. Mais da metade do percentual das respostas fornecidas pelo grupo Doença de Alzheimer moderado é irrelevante, enquanto o percentual do grupo Afasia é de cerca de um quinto do total. Nenhum grupo fornece respostas literais. Os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado apresentam, cada um, 7% de respostas metafóricas. Os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia exibem percentuais, ainda que baixos, de ausência de resposta e não reconhecimento de expressões.

Portanto, ainda que em termos muito gerais, podemos chegar a algumas conclusões preliminares:

Grupo Doença de Alzheimer leve – no procedimento 1 e no procedimento 2, exibe desempenhos mais apropriados na interpretação de metáforas. Em ambos os procedimentos, apresenta desempenhos menos satisfatórios nos idiomáticos.

Grupo Doença de Alzheimer moderado – ainda que no procedimento 1 o maior percentual de respostas centralmente relevantes seja para as metáforas, em termos gerais, ao compararmos esses resultados com os percentuais de respostas marginalmente relevantes e irrelevantes, tanto no procedimento 1, quanto no 2 – em que há equilíbrio de tipos de respostas –, apresenta melhores desempenhos na interpretação de idiomáticos. Quanto aos resultados menos satisfatórios, são

apresentados na interpretação de metáforas durante o procedimento 1 e de provérbios no 2.

Grupo Afasia – exibe desempenhos mais apropriados na interpretação de metáforas tanto no procedimento 1, quanto no 2. Seus resultados menos satisfatórios ocorrem nos procedimentos 1 e 2 da interpretação de provérbios. É o único grupo que atribui respostas literais e o que mais fornece respostas metafóricas relativas diretamente a questões dos procedimentos.

Esquematizamos esses achados preliminares no quadro a seguir.

Quadro 20: Síntese comparativa do desempenho interpretativo geral dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Desempenho dos grupos de acordo com os tipos de expressão				
	Procedimento 1		Procedimento 2	
	Desempenho mais apropriado	Desempenho menos apropriado	Desempenho mais apropriado	Desempenho menos apropriado
Grupo Doença de Alzheimer leve	Metáforas	Idiomáticos	Metáforas	Idiomáticos
Grupo Doença de Alzheimer Moderado	Idiomáticos	Metáforas	Idiomáticos	Provérbios
Grupo Afasia	Metáforas	Provérbios	Metáforas	Provérbios

Nessa perspectiva, quando consideradas de maneira geral, isto é, sem levar em conta as especificidades atinentes à estruturação sociocognitiva, semântico-pragmática e morfossintática de cada uma, as expressões metafóricas são interpretadas

apropriadamente pelos participantes desta pesquisa de acordo com o grupo a que pertencem e ao tipo de construção figurativa.

Além disso, há uma espécie de dissociação entre o desempenho dos grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado no procedimento 1, uma vez que, enquanto o primeiro interpreta de forma mais apropriada as metáforas e, menos, os idiomáticos, o segundo atribui respostas de maior relevância aos idiomáticos e, de menor, às metáforas.

É interessante notar que o grupo Doença de Alzheimer leve mantém um mesmo padrão de desempenho interpretativo quanto aos tipos de expressões nos procedimentos 1 e 2, o que ocorre apenas parcialmente com os grupos Doença de Alzheimer moderado e Afasia. Assim, é no procedimento 1 que o grupo Doença de Alzheimer leve atribui as respostas mais relevantes para os três tipos de expressões. Já o grupo Doença de Alzheimer moderado obtém desempenhos mais apropriados no procedimento 1 para idiomáticos e provérbios, enquanto que, no procedimento 2, as suas respostas mais relevantes são para a interpretação de idiomáticos e metáforas. O grupo Afasia fornece interpretações mais pertinentes aos provérbios e idiomáticos nos dois procedimentos.

Como explicitamos na descrição da Expectativa de Interpretaçaõ, o Protocolo de Expressões Metafóricas é constituído também por expressões em que há mapeamentos metonímicos. Assim, buscamos averiguar se ocorrem diferenças quanto aos padrões de interpretação entre as expressões que não são compostas por metonímias e as que o são. No próximo quadro, comparamos os percentuais alcançados pelos três grupos nas expressões com e sem projeções metonímicas.

Legendas Complementares

Sem Met. – expressões sem metonímias

Com Met. – expressões com metonímias

Quadro 21: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões metafóricas com e sem metonímias de acordo com os procedimentos do Protocolo.

Grupos	Ausência/presença de metonímias											
	Doença de Alzheimer								Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado							
Procedimentos	Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2	
	Sem Met.	Com Met.	Sem Met.	Com Met.	Sem Met.	Com Met.	Sem Met.	Com Met.	Sem Met.	Com Met.	Sem Met.	Com Met.
Centralmente relevante	64%	80%	53%	70%	21%	0%	25%	0%	43%	50%	44%	50%
Marginalmente relevante	21%	20%	28%	20%	30%	100%	42%	40%	25%	20%	19%	30%
Irrelevante	9%	0%	5%	0%	49%	0%	33%	60%	9%	0%	11%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	9%	0%	4%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	8%	10%	0%	0%	0%	0%	6%	20%	14%	10%
Sem reconhecimento	6%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	8%	10%	8%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	5%	10%	3%	0%	0%	0%	5%	0%	6%	0%	3%	0%

Nos dois procedimentos, os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia apresentam resultados mais satisfatórios para a interpretação de expressões constituídas por metonímias, sendo que o primeiro exibe as maiores diferenças entre os tipos de construções figurativas. No grupo Doença de Alzheimer moderado, contudo, esse padrão é invertido no procedimento 2, já que o percentual de respostas mais apropriadas é maior para as expressões sem metonímia. Quando consideramos as respostas centralmente e marginalmente relevantes, não é possível encontrar diferenças substanciais no desempenho do grupo Doença de Alzheimer moderado para o percurso interpretativo levado a cabo no procedimento 1.

Vale ressaltar as diferenças identificadas quanto aos padrões de resposta dos tipos sem reconhecimento e literal. Os participantes do grupo Doença de Alzheimer leve reconhecem todas as expressões com metonímia, totalidade esta que não ocorre com aquelas que não são compostas por essa modalidade figurativa. Os integrantes do grupo Afasia atribuem respostas literais somente às expressões metafóricas desprovidas de mapeamentos metonímicos.

5.1.4. Desempenho dos participantes considerando o grau de metaforicidade de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento

Depois de desenvolvermos as análises mais gerais nas seções anteriores, sobretudo, com relação à configuração das expressões metafóricas, passamos à apresentação de resultados que envolvem a seleção de variáveis que, a nosso ver, devem atuar no processamento metafórico. A primeira delas é o grau de metaforicidade, segundo a qual a ativação do fenômeno metafórico se dá em diferentes níveis, existindo expressões mais metafóricas e expressões menos metafóricas. A seguir, transcrevemos as interpretações centralmente relevantes de MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, aos dois procedimentos do provérbio mais metafórico *quem semeia vento, colhe tempestade*.

118 NF quem semeia vento colhe tempestade.. a senhora já ouviu/
119 MR ((balançando a cabeça positivamente))
120 NF que que quer dizer/
121 MR ah se você deseja o mal pra alguém ele vai voltar pra você também
122 NF e: imagina uma situação que a senhora poderia falar isso pra alguém..... olha fulano: quem semeia vento: colhe tempestade:
123 MR olha o que cê tá fazendo que um dia volta pra você né/
124 NF isso.. então se a gente por exemplo: desejar o mal pro outro.. pode ser que
125 MR mais hoje mais amanhã volta pra ti

No quadro a seguir, explicitamos os percentuais de desempenho interpretativo dos grupos nas expressões mais metafóricas.

Quadro 22: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões mais metafóricas de acordo com os tipos de expressão e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões mais metafóricas					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	44%	31%	0%	0%	25%	20%
Marginalmente relevante	31%	38%	38%	25%	6%	12%
Irrelevante	19%	6%	62%	75%	20%	25%
Literal	0%	0%	0%	0%	37%	6%
Ausência de Resposta	0%	19%	0%	0%	6%	31%
Sem reconhecimento	6%	6%	0%	0%	6%	6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	6%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	50%	36%	14%	14%	29%	44%
Marginalmente relevante	43%	57%	43%	14%	50%	28%
Irrelevante	7%	7%	43%	72%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	7%	7%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	7%	14%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	7%	7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						
Centralmente relevante	75%	62%	38%	12%	70%	70%
Marginalmente relevante	19%	32%	12%	38%	12%	6%
Irrelevante	6%	0%	50%	50%	12%	18%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	6%	0%	0%	0%	0%

Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	6%	6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	6%	12%	24%	12%	6%	0%

Com relação aos provérbios, tanto no procedimento 1 quanto no 2, podemos observar que as expressões são interpretadas de forma mais apropriada pelo grupo Doença de Alzheimer leve, Afasia e Doença de Alzheimer moderado, respectivamente. É de se destacar os baixos percentuais exibidos por esses dois últimos grupos nas respostas centralmente e marginalmente relevantes nos dois procedimentos. O grupo Doença de Alzheimer moderado, por exemplo, não apresenta nenhuma resposta centralmente relevante em ambos os procedimentos.

No que se refere aos idiomáticos e às metáforas, no procedimento 1, os resultados mais satisfatórios são apresentados pelo grupo Doença de Alzheimer leve, seguido do grupo Afasia e Doença de Alzheimer moderado. No procedimento 2, os desempenhos mais apropriados para esses dois tipos de expressões são exibidos pelos grupos Afasia, Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado. É de se salientar os elevados percentuais de respostas centralmente relevantes atribuídas pelos grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia à interpretação das metáforas em ambos os procedimentos.

Com exceção dos percentuais relativos à interpretação das metáforas pelo grupo Doença de Alzheimer moderado, no procedimento 2, em todos os tipos de expressões, procedimentos e grupos, verificamos um aumento de desempenho das respostas centralmente relevantes, de modo que elas são em número menor nos provérbios, crescem nos idiomáticos e têm maior elevação nas metáforas.

Passamos agora às construções metafóricas com menor grau de metaforicidade. Na sequência, transcrevemos as interpretações centralmente relevantes de MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, aos dois procedimentos do provérbio menos metafórico *as aparências enganam*.

103 NF é as aparências enganam
104 MC é às vezes uma pessoa é muito simpática: muito.. mas não tem no fundo não tem conteúdo nenhum.... uma pessoa bonita de aparência e tal.. e fala bem então às vezes envolve a gente né/

105 NF e:: a senhora imagina uma situação que uma pessoa pode falar as aparências enganam.. para outra pessoa/
106 MC olha fulano: aquele rapaz não é o que cê pensa ((risos))
107 NF ((risos)) é quando aquela pessoa viu que:
108 MC é
109 NF que: o amor da outra ali
110 MC é tá ultrapassando os limites porque não não vale a pena... as aparências muito.. pessoa muito assim.. que quer se.. que fala bem.. tem um físico bonito mas no fundo no fundo não vale nada né/

Na sequência, indicamos os desempenhos dos grupos nas expressões menos metafóricas.

Quadro 23: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões menos metafóricas de acordo com os tipos de expressão e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões Menos Metafóricas					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
Indivíduos	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	86%	79%	42%	16%	54%	70%
Marginalmente relevante	7%	7%	29%	42%	15%	8%
Irrelevante	7%	7%	29%	42%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	31%	22%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	0%	0%	0%	15%	8%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	62%	69%	25%	50%	31%	38%
Marginalmente relevante	32%	19%	75%	38%	50%	38%
Irrelevante	6%	6%	0%	12%	0%	0%

Literal	0%	0%	0%	0%	0%	6%
Ausência de Resposta	0%	6%	0%	0%	6%	6%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	13%	12%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						
Centralmente relevante	64%	64%	14%	29%	58%	36%
Marginalmente relevante	7%	0%	43%	29%	14%	29%
Irrelevante	0%	0%	43%	13%	14%	14%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	0%	7%
Sem reconhecimento	29%	29%	0%	29%	14%	14%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	7%	0%

De modo geral, com relação às expressões menos metafóricas, é nos provérbios, tanto no procedimento 1, quanto no 2, que os grupos fornecem o maior quantitativo de respostas centralmente relevantes (as poucas exceções são o grupo Doença de Alzheimer moderado, cujo procedimento 2 dos idiomáticos é aquele em que o indivíduo exibe os melhores desempenhos, e as respostas oferecidas pelo grupo Afasia no procedimento 1, em que provérbios e metáforas são interpretados praticamente com o mesmo percentual pelos indivíduos).

No que se refere aos idiomáticos, no procedimento 1, os desempenhos mais apropriados são os do grupo Doença de Alzheimer leve e os menos o do grupo Doença de Alzheimer moderado. Já, no procedimento 2, o grupo Doença de Alzheimer leve continua a exibir os resultados mais satisfatórios, seguido do grupo Doença de Alzheimer moderado e do Afasia. Com relação aos provérbios, em ambos os procedimentos o grupo Doença de Alzheimer leve exibe desempenhos mais apropriados, sendo seguido dos grupos Afasia e Doença de Alzheimer moderado.

Em ambos os procedimentos, o grupo Doença de Alzheimer leve exibe os resultados mais satisfatórios quanto à interpretação de metáforas, ao qual se seguem o grupo Afasia e o grupo Doença de Alzheimer moderado. No próximo quadro,

comparamos os percentuais alcançados pelos três grupos nas expressões mais e menos metafóricas.

Legendas Complementares

Mais – expressões mais metafóricas

Me-nos – expressões menos metafóricas

Quadro 24: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões mais metafóricas e menos metafóricas de acordo com os tipos de expressão e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Grau de Metaforicidade											
	Doença de Alzheimer								Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado							
Procedimentos	Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2	
PROVÉRBIOS												
	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-Nos	Mais	Me-Nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos
Centralmente relevante	44%	86%	31%	79%	0%	42%	0%	16%	25%	54%	20%	70%
Marginalmente relevante	31%	7%	38%	7%	38%	29%	25%	42%	6%	15%	12%	8%
Irrelevante	19%	7%	6%	7%	62%	29%	75%	42%	20%	0%	25%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	37%	0%	6%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	19%	7%	0%	0%	0%	0%	6%	31%	31%	22%
Sem reconhecimento	6%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	0%	6%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	15%	6%	8%
IDIOMÁTICOS												

	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-Nos	Mais	Me-Nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos
Centralmente relevante	50%	62%	36%	69%	14%	25%	14%	50%	29%	31%	44%	38%
Marginalmente relevante	43%	32%	57%	19%	43%	75%	14%	38%	50%	50%	28%	38%
Irrelevante	7%	6%	7%	6%	43%	0%	72%	12%	0%	0%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	0%	7%	6%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	7%	6%	14%	6%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	13%	7%	12%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS												
	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos	Mais	Me-nos
Centralmente relevante	75%	64%	62%	64%	38%	14%	12%	29%	70%	58%	70%	36%
Marginalmente relevante	19%	7%	32%	0%	12%	43%	38%	29%	12%	14%	6%	29%
Irrelevante	6%	0%	0%	0%	50%	43%	50%	13%	12%	14%	18%	14%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	6%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%
Sem reconhecimento	0%	29%	0%	29%	0%	0%	0%	29%	6%	14%	6%	14%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	6%	0%	12%	0%	24%	0%	12%	0%	6%	7%	0%	0%

Quando comparamos os percentuais de respostas exibidos pelos grupos, observamos a emergência de diferentes padrões interpretativos quanto aos provérbios, idiomáticos e metáforas. Esse pode ser um indicador de que a configuração do grau de metaforicidade das expressões tende a atuar de modos diferentes na sua qualidade interpretativa, de maneira que as construções metafóricas não são homogêneas.

No que se refere à interpretação dos provérbios, todos os grupos apresentaram, em ambos os procedimentos, desempenhos mais satisfatórios nas expressões menos metafóricas. O que chama atenção, no entanto, não é apenas o fato de os participantes atribuírem respostas mais apropriadas aos provérbios com menor grau de metaforicidade, mas as diferenças de percentuais que ocorrem entre eles e os provérbios mais metafóricos, como podemos verificar no quadro acima.

Esse padrão não é encontrado nos idiomáticos. No procedimento 1, o percentual de respostas mais apropriadas é maior nas expressões com menor grau de metaforicidade nos três grupos. Por outro lado, no procedimento 2, enquanto os grupos Doença de Alzheimer leve e moderado apresentam desempenhos mais satisfatórios nos idiomáticos menos metafóricos, o grupo Afasia os exibe nas expressões mais metafóricas.

Nas metáforas, podemos observar outro padrão de desempenho comparativamente aos que verificamos nos provérbios e idiomáticos. Em ambos os procedimentos, os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia alcançaram resultados mais apropriados nas metáforas com maior grau de metaforicidade. Já o grupo Doença de Alzheimer moderado obteve os melhores desempenhos nas metáforas de menor grau de metaforicidade.

Com relação à produção de respostas literais, as quais foram atribuídas apenas pelo grupo Afasia aos provérbios e idiomáticos, os maiores percentuais são verificados nas expressões mais metafóricas. Destaca-se que, no procedimento 1 da interpretação dos provérbios, mais de um terço do total das respostas proferidas é literal. Não foram fornecidas respostas literais aos provérbios menos metafóricos, ao passo que, para os idiomáticos menos metafóricos, ocorrem interpretações literais no procedimento 2.

5.1.5. Desempenho dos participantes considerando a explicitude/implicitude de tópico e veículo de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento

Nesta seção, analisamos os dados dos participantes da pesquisa com relação à variável explicitude/implicitude de tópico e veículo. Como relatamos no capítulo de Metodologia, identificamos as seguintes configurações nas expressões que constituem o Protocolo: i) tópico e veículo explícitos; e ii) tópico implícito e veículo explícito. No trecho a seguir, reproduzimos as respostas centralmente relevantes de MN, participante do grupo Afasia, aos procedimentos interpretativos do idiomático *por uma pedra sobre o assunto*, em cuja configuração tópico e veículo estão explícitos.

200 NF e esse daqui ó: por uma pedra sobre o assunto
201 MN uma pedra sobre o assunto
202 NF o assunto
203 MN é pra num:: pra num falar mais nisso.. num num: falar mais: num resolver mais: nada:
204 NF e e: um qual que é uma situação que a gente pode
205 MN anh/
206 NF e: e qual que um exemplo de uma situação assim: que a gente fala ó: pus uma pedra sobre o assunto
207 MN acabou:. acabou: acabou

O quadro seguinte sintetiza as análises relativas às expressões com tópicos e veículos explícitos.

Quadro 25: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões com tópicos e veículos explícitos de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões com Tópicos e Veículos Explícitos					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
Indivíduos	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	76%	64%	75%	75%	44%	44%
Marginalmente relevante	12%	12%	25%	25%	14%	0%
Irrelevante	0%	0%	0%	0%	28%	28%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	12%	0%	0%	14%	28%
Sem reconhecimento	12%	12%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	75%	76%	25%	50%	50%	63%
Marginalmente relevante	25%	24%	50%	25%	37%	24%
Irrelevante	0%	0%	25%	25%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	13%	13%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						
Centralmente relevante	81%	69%	38%	12%	81%	69%
Marginalmente relevante	13%	18%	24%	38%	19%	25%
Irrelevante	6%	0%	38%	50%	0%	6%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	13%	0%	0%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Como é possível observar com relação aos provérbios, no procedimento 1, são atribuídas respostas mais apropriadas pelos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia, respectivamente, sendo que as diferenças entre os dois primeiros são muito pequenas. No procedimento 2, os desempenhos mais satisfatórios são do grupo Doença de Alzheimer moderado, seguido dos grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia, sendo as diferenças entre os três maiores.

Com respeito aos idiomáticos, tanto no procedimento 1 quanto no procedimento 2, o grupo Doença de Alzheimer leve fornece um quantitativo maior de respostas apropriadas, ao qual se seguem, de forma respectiva, os grupos Afasia e Doença de Alzheimer moderado. As maiores diferenças entre eles são observadas no primeiro procedimento.

No que se refere às metáforas, em ambos os procedimentos, o grupo Afasia apresenta desempenhos mais satisfatórios do que o grupo Doença de Alzheimer leve e o grupo Doença de Alzheimer moderado, sendo este último o que atribui o menor percentual de respostas relevantes. No entanto, cumpre salientar que as diferenças entre os grupos Afasia e Doença de Alzheimer leve são baixas.

No trecho seguinte, transcrevemos as respostas marginalmente relevantes de LM, participante do grupo Afasia, aos procedimentos interpretativos do idiomático *nem que a vaca tussa*, em cuja configuração o tópico está implícito e o veículo explícito.

419 NF tá e:: essa daqui. é:.. nem que a vaca tussa.... já ouviu/
420 LM ... ((balançando a cabeça positivamente)) ah tá
421 NF e que que quer dizer nem que a vaca tussa/
422 LM tá. que vai ser daquele jeito ((simulando uma batida na mesa com o punho esquerdo fechado)) mesmo
423 NF ((risos)) é:. que jeito/
424 LM ... do jeito.. expliquei. pro cê ((risos))
425 NF daquele:/ e:. imagina uma situação em que a gente fala nem que a vaca tussa
426 LM .. ((balançando a cabeça positivamente)) ah.. é.. se você tem certeza.. né/.. que vai ser a. aquilo... então.. nem que a. vaca. tussa ((risos))

No próximo quadro, sumarizamos as análises das expressões com tópicos implícitos e veículos explícitos.

Quadro 26: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões com tópicos implícitos e veículos explícitos de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões com Tópicos Implícitos e Veículos Explícitos					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
Indivíduos	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	59%	50%	18%	0%	36%	41%
Marginalmente relevante	23%	27%	37%	37%	9%	13%
Irrelevante	18%	9%	55%	63%	5%	9%
Literal	0%	0%	0%	0%	27%	5%
Ausência de Resposta	0%	14%	0%	0%	18%	27%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	5%	5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	5%	0%	0%	0%	9%	9%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	48%	43%	18%	27%	23%	27%
Marginalmente relevante	43%	43%	64%	46%	55%	36%
Irrelevante	9%	9%	18%	27%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	4%	9%
Ausência de Resposta	0%	5%	0%	0%	9%	19%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	9%	9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	5%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						

Centralmente relevante	50%	58%	0%	0%	33%	25%
Marginalmente relevante	17%	9%	33%	33%	9%	9%
Irrelevante	0%	0%	67%	67%	33%	33%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	0%	8%
Sem reconhecimento	33%	33%	0%	0%	25%	25%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	9%	0%

Os percentuais alocados no quadro acima indicam, no que se refere aos procedimentos 1 e 2 para os provérbios e as metáforas, desempenhos mais satisfatórios do grupo Doença de Alzheimer leve que, por sua vez, é acompanhado do grupo Afasia e do grupo Doença de Alzheimer moderado, respectivamente. Com relação aos idiomáticos, podemos identificar o mesmo padrão no procedimento 1, porém, no procedimento 2, embora o grupo Doença de Alzheimer leve atribua as respostas mais apropriadas, a ele seguem o grupo Doença de Alzheimer moderado e Afasia, de modo respectivo. No quadro a seguir, são dispostos os percentuais das respostas dos três grupos para as expressões com tópicos e veículos explícitos e com tópicos implícitos e veículos explícitos.

Legendas Complementares

TVE – Expressões com Tópico e Veículo Explícitos

TIVE – Expressões com Tópico Implícito e Veículo Explícito

Quadro 27: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões com tópicos e veículos explícitos e nas expressões com tópicos implícitos e veículos explícitos de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Explicitude/Implicitude de tópico e veículo											
	Doença de Alzheimer								Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado							
Procedimentos	Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2	
PROVÉRBIOS												
	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE
Centralmente relevante	76%	59%	64%	50%	75%	18%	75%	0%	44%	36%	44%	41%
Marginalmente relevante	12%	23%	12%	27%	25%	37%	25%	37%	14%	9%	0%	13%
Irrelevante	0%	18%	0%	9%	0%	55%	0%	63%	28%	5%	28%	9%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	27%	0%	5%
Ausência de Resposta	0%	0%	12%	14%	0%	0%	0%	0%	14%	18%	28%	27%
Sem reconhecimento	12%	0%	12%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	5%	0%	5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	5%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	9%	0%	9%
IDIOMÁTICOS												
	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE
Centralmente relevante	75%	48%	76%	43%	25%	18%	50%	27%	50%	23%	63%	27%
Marginalmente relevante	25%	43%	24%	43%	50%	64%	25%	46%	37%	55%	24%	36%
Irrelevante	0%	9%	0%	9%	25%	18%	25%	27%	0%	0%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	4%	0%	9%

Ausência de Resposta	0%	0%	0%	5%	0%	0%	0%	0%	0%	9%	0%	19%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	13%	9%	13%	9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	5%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS												
	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE	TVE	TIVE
Centralmente relevante	81%	50%	69%	58%	38%	0%	12%	0%	81%	33%	69%	25%
Marginalmente relevante	13%	17%	18%	9%	24%	33%	38%	33%	19%	9%	25%	9%
Irrelevante	6%	0%	0%	0%	38%	67%	50%	67%	0%	33%	6%	33%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	13%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	8%
Sem reconhecimento	0%	33%	0%	33%	0%	0%	0%	0%	0%	25%	0%	25%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	9%	0%	0%

Quando comparamos os desempenhos, observamos que os três grupos apresentam os maiores percentuais em ambos os procedimentos para a interpretação de provérbios, idiomáticos e metáforas cujos tópicos e veículos envolvidos no mapeamento estão explícitos. Esses resultados são importantes pois evidenciam a influência de uma única variável em todos os tipos de expressões e procedimentos, característica que não foi observada no grau de metaforicidade, por exemplo.

As diferenças parecem ser significativas em todos os grupos, expressões e procedimentos, com exceção da interpretação de provérbios por afásicos no procedimento 2, em que há menor variação no tipo de resposta. O grupo Doença de Alzheimer leve exibe as maiores diferenças: no procedimento 1 para metáforas,

idiomáticos e provérbios, respectivamente; no procedimento 2: idiomáticos, provérbios e metáforas, respectivamente. O grupo Doença de Alzheimer moderado apresenta maiores diferenças: no procedimento 1 para provérbios, metáforas e idiomáticos, respectivamente; no procedimento 2 para provérbios, idiomáticos e metáforas, respectivamente. O grupo Afasia exibe maiores diferenças: nos procedimentos 1 e 2 para metáforas, idiomáticos e provérbios, respectivamente.

Para os provérbios nos procedimentos 1 e 2, as maiores diferenças são apresentadas pelo grupo Doença de Alzheimer moderado, seguido pelo Doença de Alzheimer leve e, depois, pelo grupo Afasia. Para os idiomáticos, no procedimento 1, as maiores diferenças são exibidas pelo grupo Doença de Alzheimer leve e pelo grupo Afasia, seguidos pelo grupo Doença de Alzheimer moderado; e, no procedimento 2, pelos grupos Afasia, Doença de Alzheimer moderado e Doença de Alzheimer leve, respectivamente. Para as metáforas, nos procedimentos 1 e 2, as maiores diferenças são apresentadas pelos grupos Afasia, Doença de Alzheimer moderado e Doença de Alzheimer leve, respectivamente (no procedimento 2, as diferenças entre os grupos Doença de Alzheimer leve e moderado são muito pequenas). Apenas o grupo Afasia produz respostas literais, sendo que todas ocorrem em provérbios e idiomáticos cujo tópico é implícito e o veículo explícito. A maioria dessas respostas literais é exibida no procedimento 1.

5.1.6. Desempenho dos participantes considerando a configuração metafórica – corporificada/cultural – de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento

Nesta seção, analisamos os dados dos participantes da pesquisa com relação à configuração metafórica das expressões – se predominantemente corporificada ou predominantemente cultural. Na sequência, reproduzimos as respostas irrelevantes de DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, aos procedimentos interpretativos da metáfora *estou com a autoestima no teto*, cuja configuração metafórica é predominantemente corporificada.

311 NF estou com a autoestima no teto
312 DG como/

313 NF estou com a autoestima no teto
314 DG ah eu tô.. eu estou i conseguindo iludir. todos todo mundo tá acreditando em mim
315 NF imagina uma situação em que a gente fala isso pra alguém ó estou com a autoestima no teto
316 DG nas eleições.. iludindo o povo

O quadro seguinte sintetiza as análises relativas às expressões corporificadas.

Quadro 28: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões constituídas predominantemente por metáforas corporificadas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Metáforas corporificadas					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	50%	50%	0%	0%	29%	29%
Marginalmente relevante	29%	29%	42%	14%	7%	21%
Irrelevante	14%	0%	58%	86%	21%	29%
Literal	0%	0%	0%	0%	29%	7%
Ausência de Resposta	0%	14%	0%	0%	14%	14%
Sem reconhecimento	7%	7%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	7%	0%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	64%	72%	28%	58%	36%	43%
Marginalmente relevante	29%	14%	72%	28%	50%	36%
Irrelevante	7%	7%	0%	14%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	7%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	7%	7%

Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	7%	7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						
Centralmente relevante	75%	75%	33,3%	17%	50%	50%
Marginalmente relevante	25%	16%	33,3%	50%	16%	16%
Irrelevante	0%	0%	33,3%	33%	25%	25%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	9%	0%	0%	0%	0%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	9%	9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	17%	17%	0%	0%

Nos grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia, em ambos os procedimentos, os resultados mais satisfatórios são apresentados para as metáforas, enquanto os menos apropriados para os provérbios. Já no grupo Doença de Alzheimer moderado, tanto no procedimento 1, quanto no 2, os melhores desempenhos são exibidos para os idiomáticos, ao passo que os mais baixos referem-se aos provérbios, aos quais nenhuma resposta centralmente relevante foi atribuída.

A seguir, transcrevemos as respostas centralmente relevantes de MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, aos procedimentos interpretativos da metáfora *a inflação corrói o nosso dinheiro*, cuja configuração metafórica é predominantemente cultural.

370 NF a inflação corrói o nosso dinheiro
371 MC a o quê/
372 NF a inflação
373 MC corrói o nosso dinheiro/
374 NF ((balançando a cabeça positivamente))
375 MC bom isso é uma verdade né/.. quando tem inflação: muito grande.. compre hoje porque amanhã tá mais caro ((risos))
376 NF ((balançando a cabeça positivamente)) então quê que quer dizer a inflação corrói o nosso dinheiro/
377 MC ah que os gastos do governo é maior do que o que que a gente tá ganhando

378 NF então. a inflação ela faz o quê com o dinheiro/
379 MC ah faz
380 NF ela aumenta/ diminui/
381 MC diminui claro
382 NF em que situação eu a gente pode usar isso/ falar olha a inflação tá corroendo o nosso dinheiro
383 MC ué quando a gente vai comprar uma coisa que pensa que custa xis e aumentou
384 NF ((balançando a cabeça positivamente)) muito bem

No quadro seguinte, sintetizamos os resultados dos participantes para a interpretação das metáforas culturais.

Quadro 29: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões constituídas predominantemente por metáforas culturais de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Metáforas Culturais					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	74%	55%	37%	13%	47%	53%
Marginalmente relevante	13%	19%	26%	50%	13%	0%
Irrelevante	13%	13%	37%	37%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	13%	0%
Ausência de Resposta	0%	13%	0%	0%	20%	40%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	7%	7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	6%	0%	0%	0%	7%	7%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	47%	27%	13%	13%	25%	37%
Marginalmente relevante	47%	67%	62%	25%	50%	31%

Irrelevante	6%	6%	25%	62%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	6%	6%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	6%	13%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	13%	13%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	6%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS						
Centralmente relevante	66%	56%	22%	0%	72%	55%
Marginalmente relevante	6%	16%	22%	33%	11%	17%
Irrelevante	6%	0%	56%	67%	6%	11%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	6%	0%	0%	0%	6%
Sem reconhecimento	22%	22%	0%	0%	11%	11%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	12%	12%	11%	0%	0%	0%

De modo diferente das expressões predominantemente formadas por metáforas corporificadas, nas construções em que há a predominância de metáforas culturais, o desempenho exibido pelos grupos é menos padronizado. O grupo Doença de Alzheimer leve, apresenta, no procedimento 1, desempenho mais apropriado nos provérbios e menos nos idiomáticos, e, no procedimento 2, desempenho mais satisfatório nos provérbios e metáforas. O grupo Doença de Alzheimer moderado, por sua vez, nos procedimentos 1 e 2, atribui respostas de maior relevância aos provérbios e de menor às metáforas. Já o grupo Afasia, em ambos os procedimentos, obtém melhores desempenhos nas metáforas e desempenhos mais baixos nos idiomáticos.

No quadro seguinte, são dispostos os percentuais das respostas dos três grupos para as expressões com predominância de metáforas corporificadas e com metáforas culturais.

Legendas Complementares

Corp – Metáforas Corporificadas

Cult – Metáforas Culturais

Quadro 30: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões constituídas predominantemente por metáforas corporificadas e nas expressões constituídas predominantemente por metáforas culturais de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Metáforas corporificadas e metáforas culturais											
	Doença de Alzheimer								Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado							
Procedimentos	Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2	
PROVÉRBIOS												
	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult
Centralmente relevante	50%	74%	50%	55%	0%	37%	0%	13%	29%	47%	29%	53%
Marginalmente relevante	29%	13%	29%	19%	42%	26%	14%	50%	7%	13%	21%	0%
Irrelevante	14%	13%	0%	13%	58%	37%	86%	37%	21%	0%	29%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%-	0%	0%	0%	29%	13%	7%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	14%	13%	0%	0%	0%	0%	14%	20%	14%	40%
Sem reconhecimento	7%	0%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	0%	7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	7%	0%	7%
IDIOMÁTICOS												
	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult
Centralmente relevante	64%	47%	72%	27%	28%	13%	58%	13%	36%	25%	43%	37%
Marginalmente relevante	29%	47%	14%	67%	72%	62%	28%	25%	50%	50%	36%	31%

Irrelevante	7%	6%	7%	6%	0%	25	14%	62%	0%	0%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	7%	6%
Ausência de Resposta	0%	0%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	6%	7%	13%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	13%	7%	13%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
METÁFORAS												
	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult	Corp	Cult
Centralmente relevante	75%	66%	75%	56%	33,3 %	22%	17%	0%	50%	72%	50%	55%
Marginalmente relevante	25%	6%	16%	16%	33,3 %	22%	50%	33%	16%	11%	16%	17%
Irrelevante	0%	6%	0%	0%	33,3 %	56%	33%	67%	25%	6%	25%	11%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	9%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	6%
Sem reconhecimento	0%	22%	0%	22%	0%	0%	0%	0%	9%	11%	9%	11%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	12%	0%	12%	17%	11%	17%	0%	0%	0%	0%	0%

Ao comparar os resultados, podemos verificar que, com relação aos provérbios, em ambos os procedimentos, os três grupos apresentam as respostas mais apropriadas para a interpretação das expressões cujas metáforas culturais são prevalentes. Já, no que se refere aos idiomáticos, todos os grupos obtêm os melhores desempenhos para a interpretação daqueles predominantemente constituídos por metáforas corporificadas, nos dois procedimentos. No que diz respeito às metáforas, tanto no procedimento 1 como no 2, os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado exibem resultados mais satisfatórios para as expressões formadas prevalentemente

pelas metáforas corporificadas, enquanto o grupo Afasia apresenta as respostas mais relevantes às expressões estruturadas de forma predominante pelas metáforas culturais.

A maioria das respostas literais, proferidas pelos afásicos, é fornecida para a interpretação de expressões cuja estruturação está baseada em metáforas corporificadas. Assim como o que observamos com as análises relativas ao grau de metaforicidade, a configuração metafórica orienta a emergência de diferentes padrões interpretativos quanto aos provérbios, idiomáticos e metáforas nos três grupos.

5.1.7. Desempenho dos participantes considerando a ambiguidade/não-ambiguidade das expressões de acordo com grupo, tipo de expressão metafórica e procedimento

Nesta seção, temos como objetivo apresentar os resultados alcançados pelos grupos tendo em vista a variável ambiguidade/não ambiguidade, que faz parte da configuração dos provérbios e dos idiomáticos. Abaixo, reproduzimos as interpretações centralmente relevantes de LM, participante do grupo Afasia, aos dois procedimentos do provérbio não-ambíguo *a união faz a força*.

59 NF a união faz a força já ouviu essa/
60 LM ((balançando a cabeça positivamente)) já
61 NF já/ e ela quer dizer o que/
62 LM ah é.....é... a união: faz a força e:..e:.. faz muito mesmo.. é.... um sozinho.. quer dizer que: ajuda. mas.. ele tem um. dez: e: ajuda: muito mais né/.. né/
63 NF sim: e quando que que a gente usaria uma expressão assim.. quando a gente falaria isso/ imagina ó uma situação que você acha que dá pra falar
64 LM ah.. qualquer coisa viu/.. sabe/
65 NF anh
66 LM se você tem: algum pro:blema aqui. cê juntando mais duas pessoas que têm o mesmo problema... é. vai chegar no chefe. e reclamar né/
67 NF ((balançando a cabeça positivamente)) que daí fica mais forte né/
68 LM isso

No quadro seguinte, estão sintetizados os desempenhos dos grupos nos provérbios e idiomáticos não-ambíguos.

Quadro 31: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões não-ambíguas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões Não-Ambíguas					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	79%	72%	43%	14%	46%	54%
Marginalmente relevante	14%	14%	43¨%	43%	8%	0%
Irrelevante	0%	0%	14%	29%	15%	15%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	7%	0%	0%	31%	31%
Sem reconhecimento	7%	7%	0%	0%	0%	0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	0%	0%	0%	8%	0%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	72%	55%	33,3%	33,3%	41%	57%
Marginalmente relevante	18%	35%	33,3%	33,3%	41%	17%
Irrelevante	10%	10%	33,3%	33,3%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	9%	17%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	9%	9%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Tanto com relação aos provérbios quanto aos idiomáticos, é possível observar que, em ambos os procedimentos, o grupo Doença de Alzheimer leve atribui as respostas mais apropriadas, seguido do grupo Afasia e do grupo Doença de Alzheimer moderado. É de notar o elevado quantitativo dos padrões interpretativos ausência de respostas, principalmente, e sem reconhecimento, relativos ao Grupo Afasia para os dois tipos de expressão.

Na sequência, transcrevemos as respostas centralmente relevantes de MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, aos dois procedimentos interpretativos do provérbio ambíguo *não dê o passo maior que a perna*.

5 NF isso.. é: não dê o passo maior que a perna.. a senhora já ouviu/
46 MR anh
47 NF e quer dizer o quê/
48 MR é não tenta fazer o que você não vai provavelmente cê não vai conseguir
49 NF e imagina uma situação em que a gente pode falar isso
50 NF imagina a senhora dando um conselho prum filho assim.. que que a senhora que situação que a senhora poderia falar/.. ó sandra não dê o passo maior que a perna.. ó selma não dê o passo maior que a perna
51 MR é quando quer fazer uma dívida grande que talvez num: tá quase certo que não vai dar ((risos))

No quadro abaixo, são apresentados os resultados obtidos nas expressões ambíguas.

Quadro 32: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões ambíguas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões Ambíguas					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
Indivíduos	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
PROVÉRBIOS						
Centralmente relevante	50%	38%	0%	0%	32%	32%
Marginalmente relevante	25%	32%	24%	12%	12%	19%
Irrelevante	25%	12%	76%	88%	6%	12%
Literal	0%	0%	0%	0%	38%	6%
Ausência de Resposta	0%	20%	0%	0%	6%	25%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	6%	6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	6%	12%
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	44%	50%	11%	32%	22%	28%
Marginalmente relevante	50%	38%	78%	23%	55%	44%
Irrelevante	6%	6%	11%	45%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	6%	11%
Ausência de Resposta	0%	6%	0%	0%	6%	6%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	11%	11%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	6%	0%	0%	0%	0%	0%

O grupo Doença de Alzheimer leve continua apresentando os resultados gerais mais apropriados nos dois tipos de expressões e em ambos os procedimentos. No entanto, assim como os outros grupos, para as expressões ambíguas, fornece respostas não centralmente relevantes em número elevado. Já o grupo Doença de Alzheimer moderado não exibe respostas centralmente relevantes para a interpretação de provérbios nem no procedimento 1 nem no 2, apresentando percentuais elevados de

respostas irrelevantes em ambos os procedimentos. Enquanto, de modo geral, o grupo Doença de Alzheimer leve exibe melhores desempenhos no procedimento 1, o grupo Afasia apresenta no 2. Apenas o grupo Afasia fornece respostas literais, sendo que, no procedimento 1, elas correspondem a mais de um terço do total. Na sequência, apresentamos um quadro comparativo do desempenho dos grupos nas expressões não-ambíguas e ambíguas.

Legendas Complementares
N. Am. – Expressões Não-Ambíguas
Am. – Expressões Ambíguas

Quadro 33: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nas expressões não-ambíguas e nas expressões ambíguas de acordo com os tipos de expressão metafórica e procedimentos do Protocolo.

Grupos	Ambiguidade e Não-ambiguidade											
	Doença de Alzheimer								Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado							
Procedimentos	Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2	
PROVÉRBIOS												
	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.
Centralmente relevante	79%	50%	72%	38%	43%	0%	14%	0%	46%	32%	54%	32%
Marginalmente relevante	14%	25%	14%	32%	43¨%	24%	43%	12%	8%	12%	0%	19%
Irrelevante	0%	25%	0%	12%	14%	76%	29%	88%	15%	6%	15%	12%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	38%	0%	6%
Ausência de Resposta	0%	0%	7%	20%	0%	0%	0%	0%	31%	6%	31%	25%
Sem reconhecimento	7%	0%	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	0%	6%

Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	7%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	8%	6%	0%	12%
IDIOMÁTICOS												
	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.	N. Am.	Am.
Centralmente relevante	72%	44%	55%	50%	33,3 %	11%	33,3 %	32%	41%	22%	57%	28%
Marginalmente relevante	18%	50%	35%	38%	33,3 %	78%	33,3 %	23%	41%	55%	17%	44%
Irrelevante	10%	6%	10%	6%	33,3 %	11%	33,3 %	45%	0%	0%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	0%	11%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	9%	6%	17%	6%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	9%	11%	9%	11%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado apresentam desempenhos mais satisfatórios nos provérbios não-ambíguos em ambos os procedimentos. Embora o grupo Afasia produza maior percentual de respostas centralmente relevantes para os provérbios não-ambíguos, há certo equilíbrio quanto ao desempenho na interpretação de expressões não-ambíguas e ambíguas quando consideramos as respostas marginalmente relevantes, irrelevantes, ausentes e sem reconhecimento.

Os grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia apresentam resultados mais apropriados na interpretação relativa aos dois procedimentos para idiomáticos não-ambíguos. As respostas literais atribuídas pelos afásicos concernem apenas aos provérbios e idiomáticos ambíguos.

5.1.8. Desempenho dos participantes considerando o grau de transparência das expressões metafóricas de acordo com grupo e procedimento

Como já indicamos na seção de Metodologia, a variável transparência refere-se ao grau em que uma expressão metafórica é capaz de oferecer pistas sobre o seu significado figurativo, estando circunscrita à configuração dos idiomáticos. Abaixo, transcrevemos as respostas centralmente relevantes de DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, aos dois procedimentos interpretativos do idiomático mais transparente *cair na real.*

191 NF é: cair na real a senhora já ouviu/
192 DG cair na real
193 NF na real cair na real
194 DG despertar: para o bem
195 NF ((balançar a cabeça positivamente)) e em que situação que a gente pode falar isso/ fulano caiu na real
196 DG ele.. ele estava iludido.. e percebeu.. a farsa
197 NF ((balançando a cabeça positivamente))

Na sequência, podemos observar o desempenho dos grupos na interpretação dos idiomáticos mais transparentes, ou seja, de menor opacidade.

Quadro 34: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nos idiomáticos mais transparentes de acordo com os procedimentos do Protocolo.

Grupos	Mais transparentes					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	75%	69%	25%	50%	44%	50%
Marginalmente relevante	25%	25%	75%	37%	44%	32%

Irrelevante	0%	0%	0%	13%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	6%
Ausência de Resposta	0%	6%	0%	0%	6%	6%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	6%	6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Em termos comparativos, o grupo Doença de Alzheimer leve é o que atribui o maior número de respostas centralmente relevantes aos idiomáticos menos transparentes em ambos os procedimentos. No procedimento 1, o grupo Afasia apresenta melhor desempenho que o grupo Doença de Alzheimer moderado, panorama este que se inverte no procedimento 2. Não há a produção de respostas literais.

A seguir, reproduzimos as respostas centralmente relevante e irrelevante de MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, aos procedimentos interpretativos 1 e 2, respectivamente, do idiomático menos transparente *fazer das tripas coração*.

144 NF tudo bem.. é fazer das tripas coração.. a senhora já ouviu
145 MR é uma coisa que tá além das suas forças mas você tem que enfrentar
146 NF uma coisa muito difícil/
147 MR ((balançando a cabeça positivamente))
148 NF é/
149 MR eu penso assim
150 NF i imagina uma situação em que a gente.. pode falar isso ô fulano eu tô fazendo das tripas coração pra você... em que situação que a gente pode falar isso pra alguém/
151 MR eu acho que tipo assim tô vendo que cê tá fazendo uma coisa errada mas num cê não vai me ouvir então cê tem que sentir na pele pra poder SI mais ou menos isso.. na minha

No quadro seguinte, dispomos os percentuais de respostas dos grupos às expressões menos transparentes.

Quadro 35: Desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nos idiomáticos menos transparentes de acordo com os procedimentos do Protocolo.

Grupos	Menos transparentes					
	Doença de Alzheimer				Afasia	
	Estágio Leve		Estágio Moderado			
Procedimentos	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2	Proc. 1	Proc. 2
IDIOMÁTICOS						
Centralmente relevante	31%	23%	14%	14%	14%	29%
Marginalmente relevante	54%	62%	57%	14%	58%	36%
Irrelevante	15%	15%	29%	71%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	7%	7%
Ausência de Resposta	0%	0%	0%	0%	7%	14%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	14%	14%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%

No procedimento 1, o grupo Doença de Alzheimer leve apresenta as respostas mais apropriadas, ao passo que o grupo Doença de Alzheimer moderado e Afasia obtêm resultados muito semelhantes. No procedimento 2, o grupo Afasia exibe os melhores desempenhos, seguido pelo grupo Doença de Alzheimer leve e pelo grupo Doença de Alzheimer moderado. A seguir, estabelecemos uma comparação entre os resultados dos grupos de acordo com o grau de transparência dos idiomáticos.

Legendas Complementares

Mais Tran – Expressões mais transparentes

Men Tran – Expressões menos transparentes

Quadro 36: Comparativo do desempenho interpretativo dos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia nos idiomáticos menos transparentes e nos idiomáticos mais transparentes de acordo com os procedimentos do Protocolo.

Grupos	Expressões mais transparentes e menos transparentes											
	Doença de Alzheimer								Afasia			
	Estágio Leve				Estágio Moderado							
Procedimentos	Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2		Proc. 1		Proc. 2	
IDIOMÁTICOS												
	Mais Tran	Men Tran	Mais Tran	Men Tran	Mais Tran	Men Tran	Mais Tran	Men Tran	Mais Tran	Men Tran	Mais Tran	Men Tran
Centralmente relevante	75%	31%	69%	23%	25%	14%	50%	14%	44%	14%	50%	29%
Marginalmente relevante	25%	54%	25%	62%	75%	57%	37%	14%	44%	58%	32%	36%
Irrelevante	0%	15%	0%	15%	0%	29%	13%	71%	0%	0%	0%	0%
Literal	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	7%	6%	7%
Ausência de Resposta	0%	0%	6%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	7%	6%	14%
Sem reconhecimento	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	6%	14%	6%	14%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Metafórica	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%

Nos dois procedimentos, os três grupos apresentam resultados mais satisfatórios para a interpretação de expressões mais transparentes. As maiores diferenças interpretativas são observadas no grupo Doença de Alzheimer leve em ambos os procedimentos e as menos elevadas no grupo Doença de Alzheimer moderado, especificamente para o procedimento 1 do Protocolo. O maior percentual de respostas

literais, sem reconhecimento e do tipo ausência de resposta é fornecido pelo grupo Afasia para a interpretação das expressões menos transparentes.

5.1.9. Desempenho dos participantes considerando a atuação do interlocutor (pesquisadora)

Em uma situação interativa, sobretudo de baixa hierarquização, é natural que os interlocutores interpelem um ao outro. Considerando o gênero textual entrevista videogravada, capaz de qualificar o tipo de interação levada a cabo durante as sessões de coleta de dados, é expectável que a pesquisadora conduza as trocas de turnos com os participantes da pesquisa, de modo a, se necessário, interferir deliberadamente ao longo do processo dialógico.

Essa interferência pode ter diferentes motivações, tais como: confirmar uma informação ambígua, apenas inferível ou mesmo de baixa audibilidade; checar a motivação da resposta – para compreender a intenção/lógica do que foi proposicionado diante do tópico conversacional em curso e, então, estabelecer possíveis relações de sentido; e até oferecer subsídios contextuais que possam contribuir para a dinâmica interacional, tendo em vista o objetivo da entrevista.

Nessa perspectiva, esta subseção é destinada a analisar o desempenho dos participantes no processo interpretativo das expressões metafóricas a partir das intervenções propositais da investigadora. Identificamos seis tipos de estratégias utilizadas pela pesquisadora ao longo do fluxo interativo com MR, MC, DG, LM e MN. A seguir iremos descrevê-las e evidenciar o seu efeito na interpretação metafórica dos indivíduos.

A primeira estratégia consiste na inserção da pesquisadora como potencial interlocutora na imaginação da situação de uso da expressão. Trata-se da tentativa de ancoragem de um possível personagem que está presente no local da enunciação, de modo a sugerir a inserção da pesquisadora em uma cena hipotética que o participante formulará para contextualizar a expressão metafórica em uma situação específica em que o seu uso é cabível. Essa estratégia foi identificada em treze trechos do *corpus*. Na

sequência, podemos verificar o uso da referida estratégia durante a interpretação do idiomático *não ser flor que se cheire,* no procedimento 2, por LM, participante afásico.

449 NF e: imagina uma situação que cê fala assim: fulano não é flor que se cheire
450 anh
451 NF nathália não é flor que se cheire ((risos))
452 LM ((risos)) ah é... se uma pessoa que conhece: você né/... ó ela não é boa pe pe pessoa não.. você. cê vira as costas ela solta o.. né/
453 NF mete a língua
454 LM mete a língua ((risos)).. é mete a língua

Já no início do procedimento, a pesquisadora insere o termo *fulano* – que pode ser entendido como uma personificação indeterminada – para pedir a LM que imagine uma situação de uso da expressão. Uma vez que LM não atribui imediatamente a resposta, a pesquisadora repete a expressão inserindo a si própria como a interlocutora a quem ele poderia se referir com o idiomático. Em seguida, o participante atribui uma interpretação centralmente relevante, que indica um dos traços de pessoas não confiáveis – a falsidade –, a qual, entretanto, não tem a pesquisadora como a personagem a quem a expressão é destinada, mas, enquanto a usuária do idiomático.

A segunda estratégia é a inserção de uma pessoa próxima do participante como potencial interlocutor na imaginação da situação de uso da expressão. Trata-se de outro tentame de ancoragem, tal qual a ação anterior, porém, diretamente dirigida ao universo do participante, a fim de que ele possa, por exemplo, buscar em suas experiências contextos possíveis para que a expressão seja utilizada. A estratégia teve quatro ocorrências no *corpus*. Vejamos o emprego dessa estratégia com MN, participante afásica, ao longo da interpretação do provérbio *amor com amor se paga*.

20 NF essa era da outra essa aqui é amor com amor se paga
21 MN amor.. com amor se paga.. é é: essa é boa de saber mas eu num sei explicar eu sei que: que:
22 NF mas fala então pensa numa situação: que a senhora fala pra mim por exemplo a gente tá conversando e a senhora fala pra mim nathália amor com amor se paga em que situação: que poderia falar isso/
23 MN mas eu: eu sei mas não sei explicar:

24 NF pensa numa situação: um momento em que a senhora poderia falar isso pra alguém... pro francisco. uma situação que a senhora pode falar pro francisco amor com amor se paga
25 MN que que: que: que eu devo dar dar as coisas. pra ele.. e ele... agradecer com com. agradecer
26 NF com amor né/
27 MN ((risos))

Como podemos verificar, ao ser indagada sobre o significado do provérbio, MN afirma não saber. Ao inferir que a participante pode não conseguir atribuir uma definição à expressão, já que é possível verificar indícios de hesitação em sua resposta — é é: essa é boa de saber mas eu num sei explicar eu sei que: que: —, a pesquisadora pede, então, que seja formulada uma situação de uso, para a qual já se insere como potencial interlocutora, utilizando a estratégia anteriormente descrita. Uma vez que MN ratifica o conteúdo da sua fala anterior, a pesquisadora solicita que ela imagine um contexto em que poderia dizer isso para uma pessoa de bastante proximidade. Então, MN atribui uma resposta centralmente relevante – baseada no traço de reciprocidade positiva – dirigida de forma direta ao interlocutor próximo que foi mencionado.

A terceira estratégia consiste na confirmação de algum trecho da resposta fornecida. Diferentemente das estratégias anteriores que visam a, em alguma medida, oferecer um suporte contextual que favoreça a dinâmica interpretativa, esta busca dirimir eventuais dúvidas que possam surgir das respostas dos participantes. Portanto, trata-se da tentativa de ratificar o que a pesquisadora está entendendo com relação ao que o indivíduo está respondendo. Essa estratégia foi utilizada quarenta e oito vezes ao longo das interações. A seguir, é apresentado um exemplar no qual MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, interpreta a metáfora *vou subir na vida*.

301 NF exatamente.. vou subir na vida
302 MR evolução.. eu subi subi pra cima ((levantando a mão esquerda para cima))
303 NF subi pra cima/ ((risos)) melhorar ou piorar/
304 MR acho que melhorar

Esse excerto diz respeito ao procedimento 1, no qual MR busca dizer o que a metáfora significa. No entanto, embora MR use o termo evolução, antes de eu subi

subi pra cima ((levantando a mão esquerda para cima)), não fica totalmente evidente, pelo menos no momento da interação, se a participante se refere à acepção de ascensão – sobretudo social/econômica em sua resposta, que também é metafórica. Nessa perspectiva, a pesquisadora busca confirmar o teor da resposta de MR apresentando a ela o binômio de antônimos melhorar *versus* piorar.

A quarta estratégia refere-se ao pedido para imaginar outra situação de uso da expressão. Em geral, ela foi utilizada ou quando a situação sugerida pelo participante era pragmaticamente incoerente com a resposta que ele havia fornecido no procedimento 1, ou nas circunstâncias em que o processo interpretativo estava ocorrendo literalmente, no caso das expressões ambíguas. Esse tipo de estratégia foi empregada cinco vezes no *corpus*. O exemplar a seguir corresponde à interpretação de LM, participante afásico, ao provérbio *não coloque o carro na frente dos bois*.

123 NF muito bom.. e essa daqui vê se você já ouviu. não coloque o carro na frente dos bois
124 LM ((balançando a cabeça positivamente))
125 NF já também/
126 LM já
127 NF e essa daí: ela: quer dizer o que/.. que que a gente quer dizer com ela/
128 LM que que tá errado o carro tem que: andar:. na frente não atrás dos bois dos bois
129 NF é/ ((risos)) o carro tem que andar atrás dos bois né/
130 LM atrás dos bois
131 NF e: em que situação que a gente usa. essa: essa expressão/ eu falo pra você lázaro não coloque o carro na frente dos bois o que que eu tô querendo dizer pra você/ em que situação que eu falaria isso/
132 LM ah.. é.. tá errado.. tá errado.. sabe/
133 NF ((balançando a cabeça positivamente))
134 LM o carro na frente dos boi ((balançando a cabeça negativamente))... num existe né/
135 NF ((balançando a cabeça positivamente))
136 LM boi boi boi.. tem. que. ser na frente né/ ((apontando a mão esquerda para afrente))
137 NF sim
138 LM é..... acho que é. isso né/

139 NF mas tem alguma situação no dia a dia assim: que a gente: usa. essa. essa expressão que a gente fala pra alguém. assim tem alguma situação que tá acontecendo: que a gente pode falar pra pessoa isso/
140 LM ah... aqui:.... é difícil porque... é... boi só só quem é. mais velho assim. como eu.. que: que sabe. né/.. mas. os meus neto mesmo num não sabe. o que o que que: boi carro.. né/ eles nunca viram

Já no início do processo interpretativo, podemos observar que LM atribui uma interpretação literal à expressão – que que tá errado o carro tem que: andar:. na frente não atrás dos bois dos bois. No procedimento 2, essa condição persiste – LM ah.. é.. tá errado.. tá errado.. sabe/ LM o carro na frente dos boi ((balançando a cabeça negativamente))... num existe né/. Então, a pesquisadora pergunta se haveria outra situação de uso, de caráter cotidiano, em que a expressão poderia ser usada. O participante responde novamente em termos literais, atentando-se para a acepção de uso rotineiro sugerido pela investigadora – LM ah... aqui:.... é difícil porque... é... boi só só quem é. mais velho assim. como eu.. que: que sabe. né/.. mas. os meus neto mesmo num não sabe. o que o que que: boi carro.. né/ eles nunca viram.

A quinta estratégia diz respeito à indagação sobre a motivação da resposta fornecida. Seu objetivo é tanto ratificar suposições da pesquisadora sobre o processo interpretativo do participante, como na estratégia de confirmação de algum trecho da resposta fornecida, quanto, potencialmente, levar o indivíduo à reflexão sobre a sua resposta. Há, no *corpus*, catorze ocorrências dessa estratégia. É possível verificar o funcionamento desse recurso no processo interpretativo de DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, relativo à metáfora *as vendas estão a todo vapor*.

286 NF imagina uma situação em que a gente fala isso ó as vendas estão a todo vapor
287 DG nas eleições
288 NF mas as eleições com as vendas que que a senhora acha que tem a ver/
289 DG os políticos.. os políticos. estão vendendo. o que o povo já tinha conseguido.. eles tavam jogando no chão
290 NF anh ((balançando a cabeça positivamente))

A resposta ao procedimento 2 fornecida por DG, inicialmente, pareceu não ter qualquer relação com a expressão *as vendas estão a todo vapor*, uma vez que a

participante exemplificou as eleições como sendo um contexto de uso para a metáfora. No entanto, quando DG explicou a sua resposta, foi possível associá-la como sendo marginalmente relevante ao significado semântico-pragmático da expressão, relacionado, nessa acepção à atividade comercial, mas não a sua intensidade.

A sexta estratégia consiste no oferecimento de pista contextual para a resposta. Trata-se da tentativa de propiciar algum suporte semântico-pragmático para que o participante interprete a expressão. A sua utilização se deu, sobretudo, nas circunstâncias em que os indivíduos não ofereciam respostas ou as atribuíam literalmente. Identificamos cinquenta e duas ocorrências dessa estratégia no *corpus*. Na sequência podemos observar o uso desse recurso nos processos interpretativos de MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, e MN, participante afásica, relativos aos idiomáticos *dar a volta por cima* e *descascar o abacaxi*, respectivamente.

189 NF e: imagina uma situação em que a pessoa tá dando a volta por cima que ela fala pra outra pessoa ah cê tem que dar a volta por cima:
190 MC poxa nunca me vi nessa situação ((risos))
191 NF ah que bom né/ ((risos))
192 NF é por exemplo né/ se a pessoa.... é:.. acabou um relacionamen::to né/ um casamen::to.. daí ela fica chateada né/ ela pode dar a volta por cima.. né se recompor.. aí depois ficar sozinha
193 MC é se arrumar.. não ficar se lamentando.. olhar a vida de frente e seguir em frente né/

Como podemos verificar, MC não oferece um contexto de uso ao idiomático, afirmando, de forma a justificar a sua resposta, que nunca vivenciou uma situação do tipo. Diante dessa resposta, a pesquisadora tenta exemplificar uma circunstância em que a expressão pode ser utilizada, o que leva a participante a completar a contextualização da pesquisadora – MC é se arrumar.. não ficar se lamentando.. olhar a vida de frente e seguir em frente né/. A seguir, destacamos o exemplar de MN.

186 NF e esse daqui ó:.. é:: descascar o abacaxi
187 MN descascar o abacaxi
188 NF que que quer dizer/... nossa eu vou tenho que descascar o abacaxi

189 MN é ruim de descascar:. é ruim. é ruim de descascar o que: que: eu já já já já fiz isso
190 NF então: mas assim tem jeito de a gente pensar descascar o abacaxi sem ser a fruta/. ser uma outra coisa. nossa tenho que descascar um abacaxi enorme... sabe assim/.. que que quer dizer/
191 MN ... que é: é: ruim de resolver esse caso:

Ao ser instada a atribuir um significado à expressão *descascar o abacaxi,* MN refere-se à dificuldade de retirar a casca da fruta, ou seja, concede uma interpretação literal. A pesquisadora, então, procura oferecer uma pista contextual à participante, perguntando se haveria como conceber o ato de descascar o abacaxi sem envolver o alimento. Na sequência, MN fornece à expressão a sua interpretação idiomática – 191 MN ... que é: é: ruim de resolver esse caso:.

5.1.10. Estratégias dos participantes

Nesta seção, analisamos as estratégias utilizadas por MC, MR, DG, LM e MN em suas respostas referentes à interpretação das expressões metafóricas. Subdividimos as estratégias em: i) processos linguístico-textuais, relativos às operações de explicar, exemplificar, narrar etc., envolvidas nas interpretações, e ii) processos meta variados, os quais dizem respeito a considerações, modalizações, reformulações, correções, ponderações etc., feitas e relativas à atividade interpretativa como um todo ou uma determinada parte dela.

5.1.10.1. Processos linguístico-discursivos presentes nas respostas

Antes de aventar e providenciar exemplares dos processos linguístico-discursivos presentes nas respostas aos procedimentos de interpretação das expressões, é importante considerar a natureza do Protocolo. Esse instrumento de coleta de dados tem caráter meta (metacognitivo, metalinguístico e metaenunciativo), sobretudo, uma vez que requer a definição de significados e indicação de usos. Logo, o próprio Protocolo já direciona a emergência de determinados processos linguístico-discursivos,

como, por exemplo, a explicação, no procedimento 1, e a exemplificação no procedimento 2.

No entanto, verificamos, no *corpus*, o emprego de processos linguístico-discursivos diferenciados, os quais podem indicar não só o uso de diferentes estratégias de interpretação das expressões pelos participantes, mas também variados movimentos de natureza reflexiva. Identificamos a emergência de oito processos linguístico-discursivos ao longo dos procedimentos: explicação, exemplificação, analogia, comentário, avaliação, injunção, narração e ponderação. No quadro seguinte, listamos esses processos e apresentamos alguns de seus exemplares.

Quadro 37: Exemplares dos processos linguístico-discursivos presentes nas respostas dos participantes de acordo com o procedimento do Protocolo.

Processos	Exemplares
Explicação	Procedimento 1 18 MC ué.. se o a.... amor com amor se paga então cê quer dizer que a gente também tem que retribuir aquele amor 605 LM é:.. fazer as coisa. devagarzinho. no fim dá. tudo certo né/ ((risos)) Procedimento 2 136 DG os políticos.. preferem a pressa de qualquer maneira. desde que seja o que eles querem.. e não o que o povo precisa 90 MN eu sei. eu sei... co a a a a primeira coisa.. é uma. e outra já é. o contrário. quer di que.. não. coloque. o carro. na frente dos bois.. porque se fosse o carro na frente dos bois. os bois não podiam puxar o carro... não sei explicar
Exemplificação	Procedimento 1 205 MR é uma pessoa que comete um erro e a outra vem chamar a atenção fala ah a carne é fraca não é bem isso que eu tinha a intenção de fazer 550 LM pensa.... melhor. né/ por exemplo assim.. o ano que vem eu vou. comprar: tal coisa.. é:. comprar uma. casa: Procedimento 2 131 MR tipo assim tem gente que ah eu vou eu bato eu faço eu faço num é bem assim ((movimentando a mão direita de cima para baixo)) senta pensa que acaba tendo uma saída 448 MN é quando ela. quando a sogra é má

Analogia	Procedimento 1 04 DG isso quer dizer que é... que é. o mesmo que. que vamos. enganar o povo 177 MR isso:: cai assim como.. uma bomba 328 DG hoje eu não tô bem.. tô me sentindo como se fosse um velho 244 LM .. ah é... é. é igual eu com você.. nós. se conhece aqui né/... somos. conterrâ:neo né/
Comentário	Procedimento 1 246 MR minha mãe falava muito que roupa suja se lava em casa.. já ouvi muito essa frase 11 MN eu tenho ouvido falar isso é é quem não chora não mama.. é.. cá no meu entender.. porque eu não não estudei.. foi só até o quarto ano Procedimento 2 300 MC olha: espero nunca ter que falar isso 230 LM ah:. é. nossa.. é. eu tá.. eu dou o que eu tenho pra pra mim ficar. junto. da pessoa né/
Avaliação	Procedimento 1 47 DG a vingança é um prato que se come frio.. a vingança não chega a nada ((balançando a cabeça negativamente)).. a vingança não chega a nada.. deus é que sabe 164 MN pois é. é errado. fazer uma tempestade. com um. só com um copo d´água num num num vai dar vai dar... ai meu deus Procedimento 2 272 MC oi que bom hein/ tá indo bem 86 LM mas se você.. nossa. cê é uma pessoa: doce desse je.. nossa.. não dá: pra falar
Injunção	Procedimento 1 219 MR cuidado com o que você conversa que.. mede bem as suas palavras 38 LM se você.. namora: alguém.. cê seja honesto com ele.. então ele precisa de ser honesto né/ Procedimento 2 294 MC trate de estudar porque senão cê não sobe na vida 321 MN é:: deixa pra lá. num num faz conta

Narração	Procedimento 1 238 LM .. anh. anh. é... ((balançando a cabeça positivamente)).. is: is: isso daí quer dizer que..... é:.. eu conheço. umas três:. menina né/.. que ela tá. que ela tá. namorando.. né/... e:.. o rapaz.. faz: de tudo quanto é mal. pra ela. e ela só porque. ama ele.. e:.. deixa né/.. e:... e vi vira um negócio sério.. é:.. ((balançando a cabeça positivamente)) é.. fazer o quê/.. num tem jeito ((balançando a cabeça negativamente)).. quando:.. você ama. o cara pode ser:.. ruim. mas você não acha isso dele ((risos)) 627 LM .. ((balançando a cabeça positivamente)) anh: ah tá. então:.. eu já moro:. quarenta e oito ano aqui. né/.. é:.. levei. dez ano. pra acostumar aqui. sabe/.. nossa: é: de primeiro: quando fazia três: quatro: ano. cinco:. nossa: chegava de. chegava dia de sábado.. ficava: lembrando: de lá de minas: papá. então: foi dez anos.. mas agora eu gosto tanto: mas tanto.. daqui.. que: falou de:. mudar ((sinalizando negativamente com o indicador esquerdo e a cabeça)) não::.. eu quero:. aqui mesmo Procedimento 2 185 MR nossa tinha tanta confiança em pessoa em fulano e vieram me contar que ele faz isso e aquilo nossa 376 LM .... anh.. ((balançando a cabeça positivamente)).. ah... ah é é::. vocês.. vocês... eu acho que. você usa.. aqui aqui em.. em reunião.. da turma lá da. unicamp... por exemplo assim. cês estão: em dez:. discutindo. uns assuntos daqui... daí.. você fala:. uma coisa. que todo mundo concorda né/ aí:. você já. cê cê já deu a volta por cima
Ponderação	Procedimento 1 161 MR olha eu acho que se ele tem razão nós não convém discutir não deixa estar 88 MN imagina:.....não.. não coloque o carro na frente dos bois.. porque os bois vão sempre na frente o carro vai atrás..... puxa vida mas. mas eu não sei explicar

Podemos observar que a maioria dos processos linguístico-discursivos identificados no *corpus* é usada pelos participantes dos grupos em ambos os procedimentos do Protocolo. É possível indicar a presença de determinadas características que ajudam a evidenciar a operação dessas estratégias no percurso interpretativo, tais como as que indicamos a seguir, que estão, evidentemente, associadas aos seus processos concernentes.

Explicação – processo linguístico-discursivo em que, por meio de tentativas de definição, em geral, de natureza relativamente abstrata, aquele que explica busca esclarecer algo, podendo enfatizar algumas de suas propriedades semânticas.

Normalmente, o explicador predica sobre o que está explicando, usando, para isso, estratégias de generalização.

Exemplificação – processo linguístico-discursivo no qual aquele que exemplifica intenta ilustrar um conceito, definição, fenômeno, por meio da alusão a alguma de suas ocorrências típicas ou arquétipos, geralmente de caráter concreto. É comum que o exemplificador se baseie em aspectos pragmáticos, utilizando estratégias de particularização. Enquanto na explicação, a predicação é recorrente, na exemplificação, é a referenciação, sobretudo de situações específicas, que tende a ocorrer com mais frequência.

Analogia – processo linguístico-discursivo em que se estabelece uma relação de semelhança entre entes ou casos diversos – em geral, concretos –, os quais são de natureza específica, para se chegar a uma referência. Por meio de operações de comparação, que podem ser tanto explícitas quanto implícitas, aquele que faz a analogia constrói uma significação particular.

Comentário – processo linguístico-discursivo no qual é atribuída uma observação – específica ou geral, concreta ou abstrata – sobre algo (fato, ente, circunstância, fenômeno etc.) que foi verbalizado por outro ou vivenciado por quem comenta. Normalmente, os comentários contêm algum nível de criticidade.

Avaliação – processo linguístico-discursivo em que são feitas apreciações, tanto positivas quanto negativas, acerca de um ser, objeto, situação etc.. Normalmente, aquele que realiza algum tipo de avaliação parte de um ou mais sistemas valorativos (crenças religiosas, legislação vigente, preceitos morais, princípios éticos, entre outros) para emitir uma opinião de forma assertiva.

Injunção – processo linguístico-discursivo no qual há a intenção explícita de instruir, orientar, aconselhar ou estabelecer parâmetros para se fazer algo de maneira apropriada. Tal qual na avaliação, os sistemas valorativos servem de base para quem produz ações de ordem injuntiva.

Narração – processo linguístico-discursivo em que uma série de acontecimentos com algum tipo de sequencialidade é relatada. Os objetivos de uma narração são variados, de modo que, não raramente, ela é parte componente de outras peças discursivas cuja estruturação e finalidade são mais complexas.

Ponderação – processo linguístico-discursivo no qual aquele que o produz procede a um exame atento, e muitas vezes minucioso, sobre um ser ou uma circunstância, de forma a, a partir daí, fazer uma reflexão.

A emergência desses processos linguístico-discursivos não apenas indica o atendimento pertinente às demandas sociocognitivas e pragmáticas do Protocolo, como contribui para evidenciar a existência de um repertório diversificado de de operações de discursivização. Assim, é de notar a existência de outros processos linguísticos-discursivos que prototipicamente não fazem parte das instâncias de menção e uso, como o são a explicação e a exemplificação, mas, surgem de forma natural, já que se tratam de elementos típicos da interação. Esse é o caso do comentário, da avaliação, da injunção e da ponderação.

Com relação à ocorrência desses três últimos processos linguístico-textuais, pelo menos em termos de expectativa quanto às características sóciopragmáticas das expressões, podemos supor que eles estão associados aos provérbios e, em menor grau, aos idiomáticos e à metáforas de maior convencionalidade. Conforme destacamos, os provérbios são enunciados em que as funções de aconselhamento, advertência e afirmação assertiva de uma verdade universal são propriedades intrínsecas. Logo, o uso de processos avaliativos – julgando ações e situações associadas às expressões –, injuntivos – orientando condutas e atentando para consequências das afirmações proverbiais – e ponderativos – refletindo sobre as asserções contidas nas construções –, em certa medida, derivam da própria configuração do provérbio.

Nos idiomáticos, a emergência de tais processos pode estar relacionada à própria cristalização dessas expressões em uma determinada comunidade linguística. Assim, se consideramos que essas expressões convencionalizam experiências sociais recorrentes, e, portanto, de conhecimento de boa parte dos falantes, o seu uso também evoca, ainda que em menor escala, injunções, avaliações e ponderações sobre os significados veiculados pelas expressões. Podemos estender esse raciocínio às

metáforas mais convencionais, embora não ocorra a cristalização dessas construções figurativas, mas, o seu enraizamento.

Em conjunto aos comentários, as injunções, ponderações e avaliações são indicativos do funcionamento da competência de realizar operações de natureza meta, em sua variadas dimensões. Ao produzirem esses processos linguístico-cognitivos, os participantes com afasia e Doença de Alzheimer demonstram que as suas condições clínicas não parecem ser impeditivos para que operem sobre a significação não apenas construindo-na, mas, sobretudo, refletindo acerca dos diferentes usos e funções das expressões metafóricas nas interações cotidianas.

Ao considerarmos que o metadiscurso é caracterizado por consistir em um discurso que é, a um só tempo, evento e objeto de referência, criando uma ligação com o próprio processo discursivo, as operações metadiscursivas constituem uma propriedade auto-reflexiva da linguagem, promovendo inter-relações entre enunciado e enunciação (RISSO, 2000). Logo, o metadiscurso atua no âmbito da atividade enunciativa, em que é capaz de evidenciar o processamento verbal na interação, manifestando-se, por exemplo, por meio de comentários e avaliações da produção discursiva (RISSO; JUBRAN, 1998).

Assim, ao interpretar a metáfora *o Brasil está afundando*, além de identificar o sentido figurativo da expressão, MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, faz uma observação diretamente associada aos efeitos de sentido da construção metafórica. Quando esse indivíduo comenta `olha: espero nunca ter que falar isso`, predica sobre o desejo de não usar a metáfora, demonstrando operar metadiscursivamente com as implicações de significado – então, negativas – geradas pela expressão metafórica.

A avaliação é um processo linguístico-discursivo passível de indicar o grau de adesão do participante ao uso da expressão ou a concordância com a asserção contida nela. Dessa maneira, ainda que não atribua uma interpretação em concordância com o sentido metafórico veiculado no provérbio *a vingança é um prato que se come frio*, DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, avalia negativamente o ato vingativo. Ao dizer que `a vingança é um prato que se come frio.. a vingança não chega a nada ((balançando a cabeça negativamente)).. a vingança não chega a nada.. deus é que sabe`, DG chama a atenção para uma das

predicações metaenunciativamente associadas à noção de vingança que é comum e frequente no imaginário popular: o fato de não ser compensatória.

Em nossos dados, de modo geral, o processo linguístico-discursivo injuntivo esteve presente em respostas nas quais os participantes dirigiam-se à investigadora como interlocutora a quem orientações ou conselhos relativos aos conteúdos semântico-pragmáticos das expressões eram dirigidos. Esse é o caso, por exemplo, de `cuidado com o que você conversa que.. mede bem as suas palavras,` resposta proferida por MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, ao procedimento 1 do Protocolo para o idiomático *as paredes têm ouvido*.

A ponderação é um processo em que é possível observarmos, de forma explícita, o tratamento de elementos discursivos como objeto de análise pelo falante, o que assinala o fato de o metadiscurso envolver a "manifestação explícita de controle do uso da linguagem, [que] projeta, no produto verbal, a instância produtora e o desenvolvimento emergencial do processamento formulativo, em situação comunicativa concreta" (RISSO, 2000, p. 104). É o que podemos verificar do trabalho interpretativo de MN, participante do grupo Afasia, na sua trajetória de interpretação relativa ao provérbio *não coloque o carro na frente dos bois*: `imagina:.....não.. não coloque o carro na frente dos bois.. porque os bois vão sempre na frente o carro vai atrás..... puxa vida mas. mas eu não sei explicar.`

5.1.10.2. Processos de ordem meta presentes nas respostas

Na subseção precedente, tratamos dos processos linguístico-discursivos identificados no *corpus*, entre os quais estão os comentários, ponderações e avaliações, entre outros processos de explicitação de construção do sentido que consistem em indicativos do funcionamento de uma competência pragmático-discursiva que atua nos mais vários processos meta.

Nesta subseção abordamos os principais processos meta levados a cabo pelos participantes ao longo do percurso interpretativo das expressões metafóricas. Trata-se de processos que evidenciam o trabalho mais ou menos consciente e deliberado do indivíduo sobre a linguagem em uso, enquanto prática sociocognitiva, e apontam a

emergência de operações relativas à metalinguagem e à metacognição tomadas em uma abordagem enunciativo-discursiva.

Como já salientamos, consideramos as formas metacognitivas como processos em que há o monitoramento e o controle do funcionamento sociocognitivo pelo indivíduo, tendo em vista o papel da linguagem e da interação. Assim, a metacognição diz respeito não apenas à competência de pensar sobre o próprio pensamento, mas também à relação constitutiva entre linguagem e cognição (VYGOTSKY, 1987), de modo que os variados usos linguístico-discursivos tendem a exercer diferentes influências sobre o funcionamento (meta)cognitivo.

Nessa perspectiva, de acordo com Morato (2012, p. 46), os interagentes constroem, de modo diversificado, tanto a significação como a estruturação e a gestão do tópico da interação ao longo do seu decurso. Segundo a estudiosa, nessa ação relativamente "consciente dos falantes sobre os referentes 'centrados na atividade discursiva' que emergem nos enunciados no decurso da interação [...] [os interactantes] se voltam sobre a estrutura e o modo de funcionamento da linguagem em meio a suas práticas linguísticas".

Esse caráter reflexivo da linguagem – que se dá em diferentes níveis – e a sua relação constitutiva com outras cognições são postos em relevo na metadiscursividade, a qual, a um só tempo, envolve um trabalho sobre a língua e a exterioridade (MORATO, 2001b). Assim, na ótica de Morato (2012, p. 46):

> Constituída por fatores internos e externos à significação linguística, a metadiscursividade tem a ver com a realidade heterogênea da instanciação enunciativa e com a emergência de diferentes e variados processos meta (metalinguísticos, metaenunciativos, metaformulativos, metacomunicativos, etc.) no curso da enunciação.

Levando em conta a importância da metadiscursividade para a constituição e o funcionamento das práticas com e na linguagem em interação, bem como os supostos comprometimentos das competências meta nas afasias e na Doença de Alzheimer, na sequência, trataremos dos processos meta que emergem no percurso interpretativo dos participantes deste estudo. Para tanto, consideramos a teorização de Koch (2004), que concebe o metadiscurso como estratégia textual-discursiva de construção de sentido na qual o ato de dizer é tomado como objeto. Por meio das estratégias metadiscursivas, "o locutor avalia, corrige, ajusta, comenta a forma do dizer" (KOCH, 2004, p. 120).

De acordo com a autora, podemos dividir as estratégias metadiscursivas em três tipos: metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas, as quais têm em comum as seguintes características:

> 1) o fato de tratar-se de um trabalho do locutor sobre a língua, sobre seus efeitos e suas circunstâncias pragmáticas; 2) serem configurações enunciativas de reflexividade metadiscursiva; 3) serem todas modalizadoras em sentido amplo, por incidirem sobre o modo como aquilo que se diz é dito, o debruçar-se do enunciador sobre os enunciados que produz (KOCH, 2004, p. 121)

No entanto, essas estratégias revelam variados níveis de reflexividade linguístico-cognitiva, cujo ponto máximo é alcançado com as metenunciativas, além de exibirem determinadas propriedades e possuírem objetivos específicos que as diferenciam umas das outras. Assim, as metaformulativas têm o próprio texto – o código usado, o estatuto de um segmento textual quanto a aqueles que o precedem ou sucedem, a sua forma de estruturação – como objeto. Já as modalizadoras indicam o grau de adesão, comprometimento, certeza do locutor em relação ao que diz, bem como introduzem comentários, atenuações sobre o seu discurso. As metaenunciativas, por sua vez, tomam a enunciação como objeto de menção.

No *corpus* analisado, ocorrem os três tipos de estratégias metadiscursivas, com ênfase para a maior frequência de operações metaformulativas no grupo Afasia e modalizadoras no grupo Doença de Alzheimer leve. Esses dois grupos apresentam frequências semelhantes quanto ao uso de estratégias do tipo metaenunciativa, ao passo que, no grupo Doença de Alzheimer moderado, há uma redução considerável de emprego das três modalidades meta.

A principal estratégia metaformulativa usada pelos participantes é a autocorreção, ou correção autocondicionada, por meio da qual os indivíduos visam a solucionar inadequações ou dificuldades, identificadas por eles próprios ou por seus interlocutores, durante ou depois da materialização de um segmento. No excerto abaixo, ao interpretar o provérbio *amor com amor se paga*, MN, participante do grupo Afasia, procede a uma autocorreção – `não. num é isso essa era da outra` – ao perceber por si mesma que, em sua resposta, está confundindo esse enunciado proverbial com outro proferido anteriormente, *quem não chora, não mama*.

16 NF amor com amor se paga.. a senhora já ouviu/

17 MN eu já ouvi eu essas coisas mas num sei. num sei explicar
18 NF mas o que que a senhora acha que essa significa/ amor com amor se paga
19 MN se se se se uma pessoa. faz uma coisa com vontade: por amor mesmo... quem não chora não mama.. é isso/ não. num é isso essa era da outra

Trata-se de uma autocorreção associada à estruturação do evento discursivo, que, por sua vez, envolve a apresentação de diferentes expressões metafóricas. Ao se dar conta de que, embora estivesse iniciado a atribuição de sentido ao provérbio imediatamente enunciado pela pesquisadora, referiu-se à expressão interpretada anteriormente, MN procedeu a uma pronta autocorreção, negando a adequação do seu enunciado à interlocução em curso. A seguir, destacamos a autocorreção levada a cabo por MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve, durante o percurso interpretativo da metáfora *a enciclopédia é uma mina de ouro*.

236 NF certo e a senhora imagina uma situação assim que a senhora falaria fulano a enciclopédia é uma mina de ouro
237 MC ué pra alguma crian alguma: estudante que que tá em dúvida de alguma coisa eu falo procura a enciclopédia

Ao indicar uma situação em que a expressão poderia ser usada, MC enuncia a formulação alguma crian, cujo último termo, conforme o contexto enunciativo, refere-se à *criança*. Assim que percebe uma inadequação, a participante interrompe a enunciação, motivo pelo qual a última sílaba não é proferida, e realiza uma recategorização a partir do uso de alguma: estudante. Esse movimento reformulativo indica que o reparo teve como objetivo selecionar uma categoria de maior pertinência, ou seja, mais específica, à contextualização da metáfora interpretada, perfilando apropriadamente o construto *enciclopédia,* que poderia ser de interesse de alguém que está estudando, em detrimento de uma criança.

A única reformulação realizada por DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, é uma autocorreção de nível morfossintático, como podemos observar em um trecho da trajetória interpretativa do provérbio *a união faz a força*, apresentado na sequência.

37 NF e essa daqui a união faz a força

38 DG todos juntos. todos juntos. com fé em deus conseguiri. conseguiri. todos conseguirão.. o que precisam.. não é. não é. dinheiro. não é.. não sei bem explicar

Durante o procedimento de definição do significado metafórico desse provérbio, DG tem dificuldades para enunciar a forma verbal *conseguirão*. Assim, inicialmente, a participante enuncia conseguiri, estrutura que prontamente é reconhecida por DG como inapropriada, uma vez que a participante tenta corrigi-la, mas, não conseguindo, a repete na retomada do enunciado inicial ("todos conseguirão"). É na terceira tentativa que DG produz a construção sintática preterida, continuando, assim, a formulação de sua resposta.

Outra estratégia metaformulativa identificada no *corpus* é a correção heterocondicionada, cuja emergência é provocada pelo interlocutor. Diferentemente da autocorreção, nesse tipo de reparo, a identificação e a indicação da inadequação produzida são feitas pelo parceiro da interação. No excerto seguinte, LM, participante do grupo Afasia, realiza essa modalidade corretiva no processo interpretativo do provérbio *não coloque o carro na frente dos bois*.

127 NF e essa daí: ela: quer dizer o que/.. que que a gente quer dizer com ela/
128 LM que que tá errado o carro tem que: andar:. na frente:. não atrás dos bois dos bois
129 NF é/ ((risos)) o carro tem que andar atrás dos bois né/
130 LM atrás dos bois

Em sua interpretação, LM afirma que o carro tem que: andar:. na frente:. não atrás dos bois dos bois. No entanto, essa expressão declara justamente o contrário, o que leva a pesquisadora a interpelar o participante, questionando-o por meio da afirmação interrogativa o carro tem que andar atrás dos bois né/. Consequentemente, LM responde à pergunta com uma correção quanto ao que havia dito – atrás dos bois.

Entre os três tipos de estratégias metadiscursivas, as modalizadoras foram as mais utilizadas pelos grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia. A estratégia de modalização mais recorrente no *corpus* é a

atenuação, por meio da qual os participantes buscaram, de forma geral, preservar a face, assim como marcar o grau de comprometimento e o nível de certeza com relação ao que dizem.

Uma das operações de atenuação usadas para preservar a face do indivíduo tem por objetivo contornar as dificuldades encontradas no percurso interpretativo de uma expressão. Trata-se da atribuição de respostas que não estão diretamente associadas ao procedimento do Protocolo, mas que atuam como justificativas para a ausência de interpretação. Esse recurso foi usado apenas por MC, participante do grupo Doença de Alzheimer leve e, em geral, para responder ao procedimento 2. A seguir, podemos observar algumas ocorrências desse processo durante a interpretação do provérbio *amor com amor se paga*, do idiomático *estar na fossa* e da metáfora *ele é o chefe da quadrilha*.

19 NF isso mesmo.. e:: em que situação que a senhora falaria isso pra alguém.. por exemplo a senhora ia falar isso pra cecília em que situação/
20 MC ah nunca houve uma situação que precisasse falar isso

169 NF em que situação que a senhora falaria isso pra alguém/ que alguém poderia falar isso pra outra pessoa/
170 MC ah é muito difícil né/.. depende do meio em que a gente está:.. num... nesse ponto eu não mexo muito com os outros não

240 NF imagina uma situação que.. alguém fala ó ele é o chefe da quadrilha
241 MC ah nunca tem nunca vejo uma quadrilha

Na primeira expressão, MC responde justificando que jamais esteve em uma circunstância na qual tivesse a necessidade de usar o provérbio. Já, na segunda, afirma que o emprego do idiomático é relativo e que não costuma sem envolver [com pessoas que estão passando por problemas, que estejam "na fossa"]. Na terceira expressão, sua justificativa incide sobre o fato que reporta de nunca ver uma quadrilha. Ao atribuir essas respostas, a participante modaliza a ausência de indicação de situações de uso para o provérbio, o idiomático e a metáfora, de forma a, em vez de dizer, por exemplo, que não se lembra ou que não conhece contextos situacionais cabíveis, declarar que não se vê diante da necessidade de usar essas expressões.

Outro mecanismo de atenuação é o que visa a demarcar o grau de certeza do enunciador com respeito ao que enuncia. No excerto seguinte, LM, participante do grupo Afasia, efetua esse tipo de modalização ao indicar uma situação de uso para o idiomático *dar a volta por cima*. Ao enunciar `eu acho que. você usa.. aqui aqui em.. em reunião.. da turma lá da. unicamp...`, o participante assinala a sua crença sobre uma determinada possibilidade de uso da expressão, conforme podemos verificar.

375 NF e:: imagina uma situação em que a gente usa: dar a volta por cima
376 LM .... anh.. ((balançando a cabeça positivamente)).. ah... ah é é::. vocês.. vocês... eu acho que. você usa.. aqui aqui em.. em reunião.. da turma lá da. unicamp... por exemplo assim. cês estão: em dez:. discutindo. uns assuntos daqui... daí.. você fala:. uma coisa. que todo mundo concorda né/ aí:. você já. cê cê já deu a volta por cima

A demarcação do grau de certeza do enunciador acerca do que produz também é feita pelo grupo Doença de Alzheimer inicial. No trecho a seguir, ao responder à pergunta da investigadora sobre o conteúdo da resposta atribuído ao procedimento 1 para interpretar o idiomático *fazer das tripas coração,* MR confirma o questionamento ao mesmo tempo que assume responsabilidade sobre o que é veiculado – *eu penso assim*. Por se tratar de uma prática interativa cujo objetivo, para MR, é a produção de respostas apropriadas às questões sobre expressões metafóricas feitas pela pesquisadora, esse tipo de forma metaenunciativa mostrou-se de ocorrência comum no *corpus*.

144 NF tudo bem.. é fazer das tripas coração.. a senhora já ouviu
145 MR é uma coisa que tá além das suas forças mas você tem que enfrentar
146 NF uma coisa muito difícil/
147 MR ((balançando a cabeça positivamente))
148 NF é/
149 MR eu penso assim

Identificamos ainda no *corpus* operações de atenuação para assinalar o grau de comprometimento do locutor com relação ao que é dito. Na continuação de sua

interpretação do idiomático *fazer das tripas coração*, MR, integrante do grupo Doença de Alzheimer leve, já no início do seu turno de fala, modaliza a responsabilidade pelo teor do que será produzido para indicar uma situação de uso para a expressão – eu acho –, e, ao final, explicita que a resposta atribuída está condicionada ao seu modo de pensar – na minha na minha concepção. Uma vez realizada essa atenuação, MR traz para si a responsabilidade sobre o que está enunciando. Transcrevemos o referido trecho na sequência.

150 NF i imagina uma situação em que a gente.. pode falar isso ô fulano eu tô fazendo das tripas coração pra você... em que situação que a gente pode falar isso pra alguém/
151 MR eu acho que tipo assim tô vendo que cê tá fazendo uma coisa errada mas num cê não vai me ouvir então cê tem que sentir na pele pra poder SI mais ou menos isso.. na minha na minha concepção

DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, também marca o nível de comprometimento com respeito ao que enuncia no percurso interpretativo do provérbio *as aparências enganam,* atribuindo-o a si mesmo. Além de efetuar essa demarcação, a modalização levada a cabo por DG – eu acho – atua na introdução de um novo referente, *ganância*, cuja significação contribui para reorientar o processo de construção do sentido desse enunciado proverbial pelo participante, conforme podemos observar a seguir.

121 NF e que que quer dizer/
122 DG pessoa bem vestida. que fala bem. mas não faz nada pelo que foi próximo.. eu acho que isso é ganância

Essa modalidade de atenuação é levada a cabo pelo grupo Afasia. No processo interpretativo da metáfora *a inflação corrói o nosso dinheiro*, LM ratifica a resposta fornecida para o procedimento 1 ao mesmo tempo em que a modaliza, apontando que o seu conteúdo está associado à concepção do participante – é isso: que eu penso. Ao operar com esse tipo de estratégia metadiscursiva, o participante demarca um grau elevado de comprometimento com o que está enunciando, conforme podemos visualizar logo abaixo.

636 NF e a nossa última. a inflação corrói nosso dinheiro.. que que quer dizer/
637 LM anh: ((balançando a cabeça positivamente)).. então ((balançando a cabeça positivamente)) é:... é ruim né/
638 NF ((balançando a cabeça positivamente))
639 LM inflação.. do jeito que tá.. nossa.. cada vez: vai. encurtando mais
640 NF ((balançando a cabeça positivamente))
641 LM é.. bom.. é isso: que eu penso

Ainda que com menor frequência que as demais e circunscrita apenas ao grupo Afasia, identificamos no *corpus* a estratégia modalizadora de ressalva, que, em geral, insere comentários ou observações cuja finalidade é a proteção de face. Uma ocorrência interessante é a produzida por MN, integrante do grupo Afasia, logo no início do Protocolo, especificamente antes de responder ao procedimento 1 da primeira expressão, *quem não chora não mama*. Depois de inserir uma atenuação antecipada relativa ao grau de comprometimento provavelmente sobre o significado que atribuiria ao provérbio – cá no meu entender –, o participante introduz uma ressalva que, em sua concepção, poderia explicar o desempenho interpretativo a ser obtido – porque eu não não estudei.. foi só até o quarto ano. Vejamos o trecho.

10 NF quem não chora não mama
11 MN eu tenho ouvido falar isso é é quem não chora não mama.. é.. cá no meu entender.. porque eu não não estudei.. foi só até o quarto ano

Por ser usada logo no começo da atividade interativa, caracterizada pela realização de perguntas e a atribuição de respostas sobre os significados e os usos de expressões metafóricas, essa estratégia tem potencial para incidir sobre todo o evento discursivo. Assim, a ressalva feita por MN durante a trajetória interpretativa do provérbio *quem não chora, não mama* pode se estender a todas as outras expressões que serão interpretadas no decorrer da interação entre participante e investigadora.

LM, integrante do grupo Afasia, usa essa operação modalizadora ao longo do seu percurso interpretativo do idiomático *por uma pedra sobre o assunto* para responder ao procedimento 2 do Protocolo. Logo no início de sua resposta, de forma antecipadora, o participante insere uma ressalva – não é.. não é. isso... – tendo em vista que indica o próprio evento interativo em curso, ou seja, a entrevista de que

está participando com a pesquisadora, como uma situação de uso para a expressão, como podemos observar a seguir.

329 NF imagina uma situação pra eu falar isso pra você ou pra você falar pra mim
330 LM ((balançando a cabeça positivamente))... certo. bom.. se o.. vamos supor.. não é.. não é. isso... mas se eu num tô gostando sabe/.. vamos parar: por aqui.. e:. hoje.. por hoje é só ((risos))

Conforme já salientamos, os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia exibem frequências similares quanto ao uso de estratégias metaenunciativas. Por meio delas, os participantes refletem sobre o que enunciam enquanto enunciam, de forma que menção e uso integram-se, sendo manifestadas em comentários e observações sobre a atividade enunciativo-discursiva em curso. Trata-se da estratégia metadiscursiva em que há um maior nível de reflexividade, não apenas linguístico-enunciativa, mas pragmático-discursiva, interacional.

A operação metaenunciativa que ocorre com mais frequência no *corpus* é a ação de reconhecimento da própria dificuldade durante o percurso interpretativo das expressões. Assim, MC, MR, DG, LM e MN, ou seja, todos os participantes dos grupos, em algum momento da enunciação identificam e comentam sobre suas dificuldades em interpretar uma certa expressão metafórica. Na sequência, apresentamos exemplares de ocorrências desse tipo de processo ao longo das interpretações de DG, participante do grupo Doença de Alzheimer moderado, MR e MC, integrantes do grupo Doença de Alzheimer leve, e MN, participante afásica.

37 NF e essa daqui a união faz a força
38 DG todos juntos. todos juntos. com fé em deus conseguiri. conseguiri. todos conseguirão.. o que precisam.. não é. não é. dinheiro. não é.. não sei bem explicar

288 MN as paredes têm ouvidos.... eu já sei já ouvi isso muitas vezes e: não sei explicar o que: não sei explicar

140 NF tentar resolver a situação.. e: imagina uma situação que a gente fala isso pra alguém
141 MR descascar o abacaxi/
142 NF anh

143 MR ah tipo assim.. a situação tá feia cê vai ter vai ter que sair dela.. como eu não sei.... agora eu não tô achando as palavras

273 NF minha batata da perna dói
274 MC essa é difi dura hein/

Nos quatro excertos transcritos acima, podemos identificar o uso de expressões que indicam o reconhecimento de dificuldades encontradas para proceder às interpretações, o qual, por sua vez, revela uma atitude reflexiva quanto à natureza da atividade enunciativa que está sendo desenvolvida. Dessa forma, por compreenderem a dinâmica interacional em curso, na qual se espera o fornecimento de respostas apropriadas aos procedimentos do Protocolo, os participantes evidenciam as dificuldades com as quais se deparam ao longo da interação.

Ao tentar atribuir sentido ao provérbio *a união faz a força*, DG finaliza sua resposta com a predicação não sei bem explicar. Um uso muito semelhante é feito por MN durante a interpretação do idiomático *as paredes têm ouvido* – não sei explicar o que: não sei explicar. Contudo, enquanto DG volta sobre a sua dificuldade após proceder a uma tentativa interpretativa, MN o faz depois de afirmar já ter ouvido a expressão várias vezes.

Já MR, ao interpretar o idiomático *descascar o abacaxi*, reflete acerca das dificuldades que encontra para especificar a situação em que a expressão pode ser usada – agora eu não tô achando as palavras. E, por último, temos a operação metaenunciativa em que MC pondera sobre a complexidade interpretativa da metáfora *minha batata da perna dói* – essa é difi dura hein/. Na sequência, apresentamos dois trechos em que LM, participante afásico, identifica e reflete sobre as suas dificuldades para interpretar expressões metafóricas.

172 NF cê imagina uma outra situação em que dá pra falar isso.. que num é uma chuva de verdade.. é uma.. é uma situação:
173 LM ah sei sei... ah tá.... ((balançando a cabeça positivamente)) é.... é:: ((balançando a cabeça positivamente)).. nossa
174 NF já tinha pensado nisso/
175 LM cê.. a hora que:.. você:. fala assim:..... a. a pergunta.. parece que é fácil.. mas.. se for pensando bem

No percurso interpretativo do provérbio *quem entra na chuva é pra se molhar*, LM não apenas afirma a sua dificuldade em interpretar a expressão, mas, comenta sobre a complexidade do procedimento do Protocolo. O participante pondera que, ao ser enunciada, a pergunta feita pela pesquisadora – pedido para imaginar uma situação de uso –, não traz complicações aparentes – cê.. a hora que:.. você:. fala assim:..... a. a pergunta.. parece que é fácil.., característica esta que, à medida que o processo interpretativo avança, não se confirma, tendo em vista o emprego do marcador discursivo *mas* – mas se for pensando bem. A seguir, podemos observar a emergência de operações metaenunciativas nas quais LM reflete sobre as suas dificuldades interpretativas.

287 NF ((risos)) então a gente: em que situação que cê poderia pensar assim que a gente usa: essa expressão. olha: cê tá fazendo tempestade em copo d´ água
288 LM ((risos)) certo certo certo ((balançando a cabeça positivamente)). ah.. pera aí ((balançando a cabeça positivamente))..... nossa senhora.. nossa cê vê ((apontando o dedo indicador esquerdo)).. na hora que. você: pergunta.. eu acho fácil.. pra depois. na hora de eu.. responder... é.. ((balançando a cabeça positivamente))
289 NF mas assim todas cê já ouviu né/.. então assim cê já falou: ou alguém já falou pra você... isso né/
290 LM ((balançando a cabeça positivamente)) anh
291 NF aí cê acha que cê acha difícil explicar/.. ou ou explicar o que que quer dizer: ou explicar uma situação que dá pra gente usar/
292 LM .. o que que eu:. quero dizer

Ao interpretar o idiomático *fazer tempestade em copo d´água,* inicialmente, o participante repete a reflexão tangente à compexidade do procedimento interpretativo – nossa cê vê ((apontando o dedo indicador esquerdo)).. na hora que. você: pergunta.. eu acho fácil.. pra depois. na hora de eu.. responder... é.. ((balançando a cabeça positivamente)). Em seguida, quando questionado pela investigadora sobre o tipo de procedimento em que encontra maior dificuldade – se para definir ou imaginar uma situação de uso da expressão –, LM afirma que, para ele, é mais difícil atribuir o significado.

Essa última reflexão de LM é muito pertinente para a presente investigação porque está em consonância com os pressupostos empíricos de nossa pesquisa. Como já

destacamos, as análises desenvolvidas indicam que os participantes afásicos tendem a fornecer respostas mais relevantes ao procedimento 2 do Protocolo, ou seja, quando é necessário indicar uma situação de uso para a expressão metafórica.

Outra operação metaenunciativa que emerge no *corpus* é a reflexão sobre o gênero textual que é o objeto de análise durante o evento discursivo. Assim, depois que a investigadora questiona MC, integrante do grupo Doença de Alzheimer leve, sobre o conhecimento relativo à elocução proverbial *a união faz a força*, a participante responde de modo afirmativo, comentando, a partir da contribuição da pesquisadora, que se trata de um provérbio.

33 NF Anh e: a união faz a força a senhora já ouviu/
34 MC é já ouvi né/ são todos... ah.. como é que se chama isso aí/
35 NF provérbio
36 MC provérbios... são todos provérbios que a gente aprende e até no grupo ((risos))

O uso de estratégias metaenunciativas, entre outras, permite ao indivíduo proceder a uma reflexão sobre a enunciação no momento em que ela ocorre. Podemos observar o funcionamento dessa operação ao longo da trajetória interpretativa do provérbio *quanto maior a altura, maior o tombo* levada a cabo por MR, participante do grupo Doença de Alzheimer leve. Vejamos o excerto abaixo.

64 NF isso.. quanto maior a altura maior o tombo.. a senhora já ouviu/
65 MR sim
66 NF e: que que quer dizer/
67 MR ((colocando a mão direita na cabeça)) eita pera aí eu sei mas não tô: maquinando
68 NF quanto maior a altura maior o tombo
69 MR é que a gente tem que viver um dia após o outro e não querer SI eu vejo assim

Ao tentar fornecer o significado para o provérbio, embora hesite – eita pera aí –, a participante afirma sabê-lo – eu sei. Logo em seguida, MR usa uma expressão metafórica – não tô: maquinando – para dar a entender que está tendo dificuldades para atribuir uma interpretação à expressão. Essa ação discursiva aponta o desenvolvimento on-line de um processo reflexivo em que MR percebe a existência de

obstáculos para efetuar a interpretação requerida, os quais supera assim que a investigadora enuncia novamente *quanto maior a altura, maior o tombo* – é que a gente tem que viver um dia após o outro e não querer SI eu vejo assim.

As três estratégias metadiscursivas analisadas são usadas nos percursos interpretativos relativos a ambos os procedimentos do Protocolo. A tendência geral identificada foi uma frequência maior de emprego de estratégias metaformulativas e metaenunciativas durante o procedimento 1 e de estratégias modalizadoras ao longo do procedimento 2 do Protocolo.

5.2. Discussão teórica dos resultados descritos

Nesta seção, buscamos articular os resultados apresentados e comentados nas subseções anteriores ao arcabouço teórico que orienta nossa pesquisa. Dividimos a discussão em: desempenho geral dos participantes; desempenho dos participantes de acordo com o grau de metaforicidade das expressões metafóricas, desempenho dos participantes de acordo com a explicitude/implicitude de tópico e veículo das expressões metafóricas; desempenho dos participantes de acordo com a configuração metafórica – corporificada/cultural – das expressões metafóricas; desempenho dos participantes de acordo com a ambiguidade/não-ambiguidade das expressões metafóricas; desempenho de acordo com a atuação do interlocutor (pesquisadora); e estratégias usadas pelos participantes.

5.2.1. Desempenho geral dos participantes

Em ambos os procedimentos do Protocolo e nos três tipos de expressões, os indivíduos que compõem o grupo Controle forneceram um número maior de respostas mais apropriadas às expressões do que os participantes que constituem os grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia. Com relação às afasias, esses achados estão em acordo com outros estudos sobre idiomáticos – como os de Papagno et. al. (2004), Cacciari et. al. (2006), Papagno e Caporali (2007), Morawski (2009) e Ciéslicka et. al. (2011) –, provérbios – como os de Cazelato (2003; 2008) e

Ciéslicka et. al. (2011) – e metáforas – como os de Mancopes e Schultz (2008) e Ciéslicka et. al. (2011).

No que se refere à Doença de Alzheimer, os resultados que encontramos estão em conformidade com o relatado por pesquisas anteriores sobre provérbios – como as de Chapman et al. (1997), Elmore e Gorham (1957), Treves et. al. (1990), Kempler et. al. (1998), Campanha et. al. (2008), Santos et. al. (2008; 2009) e Sé (2011) –, sobre idiomáticos – como as de Kempler et. al. (1998), Papagno (2003), Rassiga et. al. (2009), Papagno (2001) e Amanzio et. al. (2008) –, e sobre metáforas – como as de Papagno (2001), Amanzio et. al. (2008) e Roncero e de Almeida (2014).

Se os resultados gerais desta tese vão ao encontro de dados da literatura quanto às diferenças de desempenho entre grupos clínicos e grupo Controle, o mesmo não é válido para os tipos de respostas fornecidos pelas pessoas com afasia e Doença de Alzheimer. Como apontamos, somente os indivíduos afásicos atribuíram respostas literais às expressões, especificamente a provérbios e idiomáticos, o que está em consonância aos resultados apresentados por Papagno e Genoni (2004), Papagno et. al. (2004), Papagno et. al. (2006) e Morawski (2009). Os indivíduos que compõem os grupos Doença de Alzheimer, por sua vez, não forneceram nenhuma resposta literal, o que está em desacordo aos achados de Code e Lodge (1987), cuja pesquisa evidenciou desempenhos interpretativos literais em vez de figurativos em provérbios, e de Papagno (2001), em cujo estudo os participantes atribuíram respostas literais para metáforas.

Essas diferenças de resultados podem estar associadas aos tipos de tarefas empregadas para a coleta de dados, que requerem distintas operações sociocognitivas para serem executadas, bem como diferenças de ênfase na análise de processos linguísticos, pragmáticos e discursivos e na consideração das condições – mais ou menos diretivas, mais ou menos contextualizadas, mais ou menos em regime de cooperação com o interlocutor – de produção das interpretações. Portanto, testes de múltipla escolha orais e escritos, assim como de correspondência de frase/palavra a imagem requerem maior atuação dos mecanismos de inibição que fazem parte do sistema cognitivo executivo central para suprimir os estímulos irrelevantes, ao passo que protocolos de explicação verbal não exigem esse tipo de operação cognitiva. No caso específico da tarefa utilizada neste estudo, o emprego dos procedimentos enunciativos de menção e uso pode favorecer a interpretação apropriada dos participantes, uma vez que o segundo tende a atuar como uma forma de ancoragem para a contextualização da resposta.

Esse aspecto é importante porque o contexto tem um papel fundamental na interpretação de expressões metafóricas, tanto por indivíduos que fazem parte do grupo Controle quanto por participantes que compõem os grupos clínicos. Ao comparamos o desempenho do grupo Doença de Alzheimer leve com o grupo Afasia, verificamos que enquanto, no primeiro, os melhores desempenhos para todos os tipos de expressão são obtidos no procedimento 1, no segundo, os percentuais mais elevados de respostas apropriadas à interpretação de provérbios e principalmente de idiomáticos referem-se ao procedimento 2. Portanto, especialmente para os afásicos, a contextualização enunciativa e à remissão a uma situação sociopragmática de uso da expressão que é efetuada no procedimento 2 parece ser essencial para que eles atribuam as interpretações mais adequadas, o que pode estar associado às dificuldades metalinguísticas que exibem para o processamento de construções figurativas de maior fixidez, como é o caso dos provérbios, de forma acentuada, e dos idiomáticos, em menor medida.

A relevância da contextualização para a interpretação de expressões figurativas por afásicos já havia sido apontada por Ulatowska et. al. (2000), que verificaram que os provérbios inseridos em um contexto receberam maior número de interpretações adequadas do que aqueles que não estavam contextualizados. Achados semelhantes são relatados por Cazelato (2003; 2008), que afirma que a compreensão dos provérbios pelos afásicos que participaram dos estudos conduzidos por ela só ocorreu a contento quando houve a interpretação dos contextos em que as expressões estavam inseridas. A evocação de contextos pragmáticos de uso é também apontada por Boldrini (2004) como um processo fundamental para a interpretação de expressões idiomáticas por indivíduos com afasia. No subtópico *Desempenho de acordo com a atuação do interlocutor (pesquisadora)*, abordaremos outras questões relativas ao contexto.

Para analisar o desempenho geral dos grupos clínicos, vamos retomar os seus resultados, apresentando, respectivamente, os melhores, os intermediários e os mais baixos. Grupo Doença de Alzheimer leve: procedimentos 1 e 2 – metáforas, provérbios e idiomáticos; Grupo Doença de Alzheimer moderado: procedimento 1 – idiomáticos, provérbios e metáforas –, e procedimento 2 – idiomáticos, metáforas e provérbios; Grupo Afasia: procedimentos 1 e 2: metáforas, idiomáticos e provérbios. Na sequência, passamos à comparação das nossas hipóteses iniciais de acordo com a literatura sobre o desempenho geral de cada grupo.

Como ponderamos ao longo do capítulo 3, uma vez que em termos morfossintáticos, os provérbios são em geral construções mais fixas, os idiomáticos intermediárias e as metáforas mais livres, os afásicos exibiriam melhores desempenhos na interpretação das metáforas, seguidas pelos idiomáticos e pelos provérbios. Os nossos dados estão de acordo com essa hipotetização, indicando que a metalinguagem, no sentido de função metalinguística, opera de modo decisivo na constituição da metaforicidade, além de funcionar segundo as configurações dos diferentes tipos de expressões metafóricas. Seguindo essa explicação funcionalista de inspiração jakobsoniana (JAKOBSON, 1981), portanto, nas afasias do tipo não-fluente, em que há um predomínio de comprometimento do eixo paradigmático, as dificuldades para operar e selecionar unidades linguísticas tendem a gerar prejuízos de recombinações semânticas, abstratas, necessárias à produção e interpretação da referenciação metafórica**.** O contexto – gramatical e enunciativo – se torna importante para o processamento linguístico nesses casos, uma vez que atua prioritariamente no eixo sintagmático, de contiguidade.

No entanto, os déficits metalinguísticos, relativos às falhas ou dificuldades com operações relativas ao sistema da língua (JAKOBSON, 1981), associados ao comprometimento da capacidade de abstração a eles associados (GOLDSTEIN, 1961) não são capazes de anular a capacidade linguístico-cognitiva dos afásicos para interpretar expressões metafóricas. A relativa ou melhor preservação do eixo sintagmático em conjunto à atuação das estratégias meta e da competência pragmático-discursiva dos indivíduos são capazes de subsidiar o seu apropriado processamento figurativo, o que indica a impossibilidade de reduzir a afasia a um conjunto de perdas e evidencia o caráter de reorganização das funções sociocognitivas que está presente na condição afásica.

No capítulo 3, explicitamos que, de acordo com perspectivas biomédicas, o que estaria subjacente aos déficits cognitivos que caracterizam a Doença de Alzheimer é a deterioração do funcionamento dos sistemas de memória, particularmente da memória de trabalho, memória episódica e memória semântica. Nessa ótica, provérbios demandariam menor grau de funcionamento das memórias operacional e episódica, ao passo que as memórias semântica e coletiva, em conjunto aos conhecimentos pragmáticos e sociais sobre o uso de formulaicos seriam mais requeridos. Já os idiomáticos exigiriam os mesmos recursos que os provérbios, embora a memória operacional também sofreria maior sobrecarga, principalmente, nas expressões mais

variáveis. Nas metáforas, seriam demandados, em maior grau, as memórias operacional, episódica e semântica, além de conhecimentos de uso das categorias linguísticas e expressões, caso sejam mais convencionais.

Assim, em tese, no estágio leve da Doença de Alzheimer, os indivíduos apresentariam melhores resultados com os provérbios, seguidos pelos idiomáticos e pelas metáforas, principalmente as criativas. Esse padrão se repetiria para as pessoas com Doença de Alzheimer em estágio moderado, mas, com prejuízos interpretativos mais acentuados. Contudo, os dados em análise neste estudo não contribuem para confirmar essa hipotetização. Em ambos os procedimentos, o tipo de expressão em que os participantes do grupo Doença de Alzheimer leve exibem os melhores resultados é a metáfora, ou seja, a construção figurativa cujo desempenho interpretativo, potencialmente, seria mais baixo. Esses achados podem ser tributários tanto da integração entre as funções cognitivas – incluindo os sistemas de memória –, as práticas sociais e a presença de processos meta (em especial, operações epilinguísticas), quanto da configuração das metáforas que compõem o protocolo, as quais são convencionais.

Com relação ao grupo Doença de Alzheimer moderado, no procedimento 1, as metáforas são o tipo de expressão em que há o desempenho menos satisfatório, como previsto. Isso pode ser explicado considerando que, nesse estágio da neurodegenerescência, há maior deterioração dos sistemas de memória, principalmente o mecanismo operacional, o que dificulta o estabelecimento de relações entre os domínios que estruturam uma metáfora. Por outro lado, os sistemas mnêmicos de longo prazo, dos quais fazem parte a memória semântica, favorecem a interpretação de provérbios e idiomáticos, sendo para estes apresentados os melhores resultados. No procedimento 2, porém, esse padrão não se repete, já que, embora os idiomáticos se mantenham como o tipo de expressão cujas interpretações são as mais adequadas, para os provérbios são atribuídas as respostas menos adequadas.

Outro aspecto importante a ser considerado no desempenho geral dos participantes diz respeito às expressões em cuja configuração estão presentes mapeamentos metonímicos. Tendo em vista que as projeções metonímicas envolvem somente um domínio conceptual – em vez de dois, como ocorre nas projeções metafóricas –, podemos hipotetizar que as expressões metafóricas compostas por metonímias são interpretadas com menores dificuldades tantos pelos afásicos, quanto pelas pessoas com Doença de Alzheimer.

Em nossos dados, verificamos essa tendência para os grupos Afasia e Doença de Alzheimer leve, uma vez que ambos apresentam melhores desempenhos nos percursos interpretativos das expressões metafóricas compostas por metonímias. Tais achados podem ser um indicativo de que esse tipo de construção figurativa requer menores esforços inferenciais para a realização de mapeamentos entre domínios, os quais estão em quantidade diminuída se comparados às expressões metafóricas em que não há projeções metonímicas.

Também chama a atenção o padrão encontrado com relação ao fornecimento de respostas literais, atribuídas apenas pelo grupo Afasia. Esse tipo de interpretação foi efetuado somente para as expressões que não são constituídas por mapeamentos metonímicos, o que sugere que as projeções figurativas que envolvem diferentes domínios conceptuais são mais complexas e, provavelmente, demandam uma maior atuação do mecanismo de inibição do sistema cognitivo executivo central para tornar o sentido metafórico o mais saliente.

5.2.2. Desempenho de acordo com o grau de metaforicidade das expressões metafóricas

Ao compararmos os percentuais de padrões de respostas exibidos pelos grupos de acordo com o grau de metaforicidade das expressões, observamos a emergência de diferentes padrões interpretativos quanto aos provérbios, idiomáticos e metáforas. Essa constatação pode ser um indicador de que o grau de metaforicidade atua de diferentes formas a depender do tipo de construção metafórica e da condição clínica dos participantes. Além disso, os procedimentos do Protocolo – seja o 1, que demanda operações metalinguísticas de menção, ou o 2, que requer a reflexão sobre o uso – direcionam a relevância das respostas.

Na interpretação dos provérbios, todos os grupos apresentaram, em ambos os procedimentos, desempenhos mais satisfatórios nas expressões menos metafóricas. Esses resultados estão em conformidade aos achados de Sé (2011) para os indivíduos com Doença de Alzheimer. Segundo a autora, tais resultados estão associados à familiaridade dos participantes com as propriedades léxico-semânticas e pragmáticas dessas expressões, que seria a sua chave interpretativa.

Podemos atribuir os nossos achados, em grande medida, à relação entre a configuração figurativa dos provérbios, as suas demandas interpretativas e as condições linguístico-cognitivas dos participantes do estudo. Se comparados aos idiomáticos e às metáforas, os provérbios que fazem parte do Protocolo envolvem um maior número de mapeamentos entre diferentes domínios, o que, por sua vez, exige a realização de processamentos inferenciais mais complexos, sobretudo naqueles mais metafóricos.

Considerando que, nas afasias do tipo não-fluente, as dificuldades para operar e selecionar unidades linguísticas prejudicariam as recombinações semânticas, abstratas, limitando a compreensão a situações concretas (JAKOBSON, 1981), a interpretação de provérbios mais metafóricos poderia ser dificultada, já que, comparados a aqueles com menor grau de metaforicidade, esse tipo de expressão exige maior nível de abstração. Tendo em vista que, na Doença de Alzheimer, a memória semântica estaria prejudicada desde a fase inicial da neurodegenerescência (MCKHANN et. al., 1984), os conhecimentos enciclopédicos necessários para o acesso aos sentidos cristalizados dos provérbios mais metafóricos, cujo mapeamento é mais complexo do que os de menor metaforicidade, poderiam não ser acessados e/ou articulados entre si, o que dificultaria a emergência de interpretações relevantes.

Outro aspecto importante a ser observado sobre o grau de metaforicidade dos provérbios e a sua interpretação diz respeito às respostas literais atribuídas pelos participantes que compõem o grupo Afasia, as quais foram fornecidas somente às expressões mais metafóricas. Isso vai ao encontro da perspectiva de que as construções com maior grau de metaforicidade demandam mapeamento mais complexo (GIBBS; BEITEL, 1995; SIQUEIRA et. al., 2017) e maior implicação do sentido que depende do processamento inferencial (KLEIBER; CHARBONNEL, 1999), fatores que tendem a dificultar a interpretação por parte de indivíduos afásicos.

Com relação aos idiomáticos, no procedimento 1, foi para as expressões menos metafóricas que os três grupos atribuíram maior percentual de respostas relevantes. No procedimento 2, os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado obtiveram resultados mais satisfatórios na interpretação dos idiomáticos menos metafóricos, enquanto o grupo Afasia manteve o desempenho mais apropriado para a interpretação de expressões com maior grau de metaforicidade. Sobre essa variabilidade, vale ressaltar os apontamentos de Boldrini (2004) para a interpretação de idiomáticos por afásicos, de acordo com os quais, no estudo desenvolvido pela autora,

não foram encontradas dificuldades interpretativas significativas no que se refere ao grau de metaforicidade das expressões.

Contudo, para os três grupos, verificamos diferenças entre o desempenho relativo aos idiomáticos menos e mais metafóricos. No caso do grupo Afasia, o maior grau de metaforicidade dessas expressões atua favoravelmente para a atribuição de respostas mais relevantes no procedimento 2 e desfavoravelmente no procedimento 1. Nossa hipótese para esse padrão é que a maior ativação metafórica das expressões associada aos seus contextos verbais e formas de uso (MULLER, 2008) contribui para minimizar potenciais dificuldades de operar metalinguisticamente com os elementos relativamente fixos das configurações morfossintáticas dessas expressões no procedimento 2, em que o próprio Protocolo suscita ancoragens situacionais. No procedimento 1, uma vez que não há o direcionamento contextual na instrução da tarefa, as expressões menos metafóricas, que demandam menor esforço inferencial, são interpretadas com menos dificuldades.

Com relação aos grupos Doença de Alzheimer, o menor grau de metaforicidade dos idiomáticos nos procedimentos 1 e 2 ajudaria a reduzir prejuízos executivos, especialmente oriundos da memória de trabalho, que poderiam ocorrer e, consequentemente, interferir no processo interpretativo dessas expressões. Essas dificuldades seriam ocasionadas, em parte, em razão da demanda de gerenciamento operacional do sistema cognitivo executivo central – normalmente prejudicado nessa neurodegenerescência – para manipular os constituintes das expressões (BADDELEY et. al., 1997) que, como apontamos, variam em termos de fixidez.

A relação entre os tipos de movimentos interpretativos demandados em cada procedimento do Protocolo e as características linguístico-cognitivas da condição clínica, tal qual verificamos na interpretação dos idiomáticos pelo grupo Afasia, não são encontradas nos grupos Doença de Alzheimer. Para esses grupos, no procedimento 1, que requer uma definição semântica, a interpretação dos idiomáticos menos metafóricos não demanda alto esforço inferencial, favorecendo a emergência de respostas pertinentes. No procedimento 2, que exige necessariamente a atribuição de relevância pragmática, são também as expressões menos metafóricas que requerem processos inferenciais de menor complexidade para serem interpretadas de modo apropriado.

Os resultados que encontramos para a interpretação de idiomáticos mais e menos metafóricos pelos grupos Doença de Alzheimer e Afasia parecem refletir as

dificuldades linguístico-cognitivas para operar com a metaforicidade que caracterizam cada uma das condições. Enquanto os déficits para operar com seletividade e relevância dificultam a interpretação dos idiomáticos mais metafóricos feita pelos grupos Doença de Alzheimer em ambos os procedimentos, os problemas para atribuir uma categoria definicional tornam mais difícil esse percurso interpretativo para o grupo Afasia no procedimento em que é exigido, ou seja, o 1.

No que se refere à interpretação das metáforas, em ambos os procedimentos, os grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia obtiveram resultados mais satisfatórios naquelas com maior grau de metaforicidade. Já o grupo Doença de Alzheimer moderado obteve os melhores desempenhos nas metáforas de menor grau de metaforicidade. Em parte, explicamos esse desempenho com base nas mesmas hipóteses formuladas para a interpretação dos idiomáticos, com a seguinte diferença: nas metáforas, a diminuição das dificuldades para operar metalinguisticamente os seus constituintes e a redução dos déficits da memória operacional relacionados à manipulação desses elementos, no grupo Afasia e nos grupos Doença de Alzheimer leve, respectivamente, estão acentuadas.

Ao serem comparadas aos provérbios e aos idiomáticos, as metáforas constituem um tipo de expressão figurativa mais livre, ou seja, de modo geral, não possuem restrições estruturais que estabelecem uma configuração fixa necessária à interpretação, exigindo, por outro lado, a seleção de traços relevantes para os mapeamentos que levarão a sua conceptualização. Assim, os mapeamentos sistemáticos entre um domínio fonte e um domínio alvo, cuja motivação combinatória pode ser tanto a similaridade entre os seus traços conceptuais projetados quanto a correlação na experiência corporal (KOVECSES, 2006), demandarão maior atuação de operações metalinguísticas e gerenciamento do sistema cognitivo executivo central. O maior grau de ativação das metáforas despertas (MULLER, 2008) reduz o impacto dos déficits metalinguísticos e executivos, favorecendo a sua interpretação.

5.2.3. Desempenho de acordo com a explicitude/implicitude de tópico e veículo das expressões metafóricas

Quando comparamos os desempenhos dos grupos Afasia, Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado observamos que os três apresentam os maiores percentuais de respostas mais apropriadas em ambos os procedimentos para a interpretação de provérbios, idiomáticos e metáforas cujos tópicos e veículos envolvidos no mapeamento estão explícitos. As diferenças são relevantes em todos os grupos, tipos de expressões e procedimentos, à exceção da interpretação de provérbios por afásicos no procedimento 2, em que ocorre menor variação no padrão de resposta. Esses achados são significativos porque contribuem para evidenciar a influência de uma única variável, a explicitude do tópico e do veículo, em todos os tipos de expressões e procedimentos.

O fato de, nos três grupos, as respostas de maior relevância serem atribuídas para expressões cujos tópicos e veículos envolvidos estão explícitos indica que, pelo menos nos dados analisados, essa característica favorece a interpretação em ambas as condições clínicas. Isso poderia ser explicado em razão do menor esforço inferencial demandado por esse tipo de expressão, uma vez que a explicitude do tópico conduziria os participantes a realizarem mapeamentos relevantes entre os domínios fonte e alvo envolvidos na projeção metafórica. Já, nas expressões com os tópicos implícitos, o cálculo metafórico para a sua interpretação seria mais complexo, uma vez que, além da atribuição de correspondências entre os domínios e da seleção de traços conceptuais (KOVECSES, 2005), é necessário inferir especificamente sobre a entidade da qual se fala na construção figurativa.

Embora a magnitude das diferenças entre as expressões com tópicos e veículos explícitos e as expressões com tópicos implícitos e veículos explícitos varie com relação aos provérbios, idiomáticos e metáforas e mesmo aos grupos, o fato de ela estar presente em todos eles parece indicar que essa variável faz parte da configuração da metaforicidade de modo geral. A interação entre tópico e veículo de forma explícita na superfície linguística deve favorecer a ancoragem das projeções entre os domínios que constituem a metaforização, conferindo maior saliência ao significado figurativo. Por outro lado, a implicitude do tópico exige que ele seja recuperado via processos de

inferenciação antes mesmo de haver a sistematização dos mapeamentos entre os domínios que formam a expressão metafórica.

Considerando que a compreensão de expressões metafóricas requer mecanismos de ocultação e destaque na focalização seletiva de traços do domínio-alvo, assim como de uso na seleção de informações de um domínio-fonte (KOVECSES, 2005), o sistema cognitivo executivo central estaria diretamente envolvido no gerenciamento das alternativas disponíveis e na consequente inibição de respostas contextualmente irrelevantes (BILLIG et. al., 2018). Já que tanto nas afasias quanto na Doença de Alzheimer, esse mecanismo cognitivo operacional tende a sofrer restrições de processamento, expressões metafóricas que fornecem pistas interpretativas, como as construções figurativas que possuem tópico e veículo explícitos, envolvem menor complexidade inferencial, sendo compreendidas de forma mais relevante do que aquelas que têm tópicos implícitos e veículos explícitos.

5.2.4. Desempenho de acordo com a configuração metafórica – corporificada/cultural – das expressões metafóricas

À semelhança do que verificamos com o grau de metaforicidade, a variável configuração metafórica não atua de maneira padronizada na interpretação dos três tipos de expressões figurativas por todos os grupos. Enquanto em ambos os procedimentos, para os provérbios, os três grupos apresentam os resultados mais satisfatórios na interpretação de expressões compostas predominantemente por metáforas culturais, para os idiomáticos, os maiores percentuais de respostas relevantes são atribuídos às construções figurativas constituídas de forma prevalente por metáforas corporificadas.

É possível que a atribuição de um maior percentual de respostas relevantes aos provérbios estruturados a partir de metáforas culturais esteja relacionada à própria natureza desse tipo de expressão metafórica. Isso porque, como já explicitamos, o provérbio é uma unidade frasal, fixa, cristalizada por uma determinada comunidade linguística (XATARA; SUCCI, 2008), ou seja, trata-se de uma construção formulaica cujo significado é pré-fabricado e coletivamente conservado no interior de uma cultura,

de modo que o seu uso se dá e se conserva na tradição cultural e nas práticas cotidianas levadas a cabo pelos indivíduos.

O padrão interpretativo dos três grupos nos procedimentos 1 e 2 para os idiomáticos é inverso ao verificado na interpretação dos provérbios. Possivelmente, os participantes apresentam desempenhos mais satisfatórios nos idiomáticos constituídos predominantente por metáforas corporificadas em razão de que a experiência sociocultural com elas está vinculada a um caráter sensório-motor, fisiológico e imagético que, em geral, subjaz a esse tipo de construção figurativa (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Assim, a experiência corpórea e sensorial que estaria na base da motivação conceptualizadora dessas expressões metafóricas contribuiria positivamente para a sua interpretação.

Com relação às metáforas, encontramos padrões diferentes entre as duas condições clínicas. Em ambos os procedimentos, enquanto os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado atribuíram respostas de maior relevância às metáforas corporificadas, portanto de natureza imagética e corpórea, o grupo Afasia apresentou resultados mais satisfatórios para a interpretação das metáforas culturais, cujo mapeamento é baseado em conhecimentos e práticas de uma determinada comunidade linguística. Esses achados parecem apontar a interferência que as dificuldades linguístico-cognitivas comuns aos dois primeiros estágios da Doença de Alzheimer exercem sobre o processamento da metaforicidade.

Nessa perspectiva, os resultados menos satisfatórios obtidos pelos grupos Doença de Alzheimer na interpretação das metáforas culturais parecem ser um indicativo do problema de organização do sistema conceptual associado a essa neurodegenerescência. É provável que tanto os problemas atinentes a sistemas de memória, quanto à ativação seletiva e pragmaticamente investida de conhecimentos enciclopédicos, enquadramentos sociocognitivos da significação e de uso social relevante necessários às projeções e aos mapeamentos dessas expressões não puderam ser acessados ou articulados corretamente.

5.2.5. Desempenho de acordo com a ambiguidade/não-ambiguidade das expressões metafóricas

A ambiguidade é uma variável específica aos provérbios e idiomáticos, já que diz respeito à propriedade de uma expressão de ter um significado figurativo e sua contraparte "literal". Portanto, as expressões ambíguas são aquelas que têm um sentido não-metafórico também plausível (PAPAGNO; LAURO, 2008). Assim como observamos com as variáveis grau de metaforicidade e configuração metafórica, os nossos resultados indicam padrões diferentes de desempenho entre os grupos e os tipos de expressões.

Com relação aos provérbios, nos dois procedimentos, o grupo Doença de Alzheimer leve e o grupo Doença de Alzheimer moderado forneceram respostas mais relevantes às expressões não-ambíguas. Já, no grupo Afasia, não encontramos diferenças significativas de desempenho entre os provérbios ambíguos e não-ambíguos. No que se refere aos idiomáticos, os grupos Doença de Alzheimer leve, Doença de Alzheimer moderado e Afasia alcançaram desempenhos mais satisfatórios em ambos os procedimentos para a interpretação de idiomáticos não-ambíguos.

Os achados relativos à interpretação de provérbios nos dois procedimentos pelos grupos Doença de Alzheimer e de idiomáticos em ambos os procedimentos pelos três grupos parecem estar em conformidade com a hipótese de déficit do mecanismo de supressão (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004; RASSIGA et. al., 2009; CACCIARI et. al., 2006).

Portanto, tendo em vista que uma expressão ambígua pode ativar interpretações literal e metafórica paralelamente, é preciso que o mecanismo de supressão atue para enfraquecer a interpretação contextualmente irrelevante (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004). Como já apontamos, esse mecanismo seria mediado pelo sistema cognitivo executivo central, que recruta e gerencia a manipulação de informações e operações cujas representações ocorrem na memória de trabalho (BADDELEY, 1986), o qual sofreria prejuízos de processamento nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Nas afasias, alterações nos recursos de processamento linguístico exigiriam maior envolvimento do sistema cognitivo central na execução de tarefas, o que o sobrecarregaria e, comumente, impediria a supressão adequada do significado literal (PAPAGNO et. al., 2004; CACCIARI et. al., 2006). Verificamos em nossos dados que

o mecanismo de supressão deixa de atuar de forma eficiente em aproximadamente metade dos processos interpretativos dos provérbios pelos indivíduos afásicos. Com relação aos idiomáticos, os percentuais de respostas mais relevantes são significativamente maiores para as interpretações das expressões não-ambíguas, o que pode indicar prejuízos no mecanismo de supressão. Esses resultados estão em consonância com os achados relatados por Ciéslicka e colaboradores (2011), Papagno e colaboradores (2004) e Papagno e Caporali (2007).

Como já apontamos em subseções anteriores, o grupo Afasia é o único que atribui respostas literais às expressões, cujo maior percentual refere-se à interpretação de provérbios ambíguos no procedimento 1, que corresponde a mais de um terço do total fornecido. Também são fornecidas respostas literais aos idiomáticos ambíguos, padrão que está de acordo com estudos descritos na literatura (PAPAGNO; GENONI, 2003, 2004; PAPAGNO et. al., 2004; PAPAGNO et. al., 2006, MORAWSKI, 2009).

Na Doença de Alzheimer, o comprometimento do sistema cognitivo executivo central, um dos principais substratos neuropsicológicos dessa patologia (BADDELEY et. al., 1997), acarretaria a danificação do mecanismo de supressão e consequente dificuldade para a inibição da interpretação literal (PAPAGNO, 2003; RASSIGA et. al., 2009). É possível que o mecanismo de supressão não atue de modo eficaz na interpretação dos provérbios pelos dois grupos Doença de Alzheimer, já que o maior percentual de respostas apropriadas foi fornecido para as expressões não-ambíguas. O mesmo padrão é observado para os grupos Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado, em ambos os procedimentos, que apresentaram desempenhos mais satisfatórios na interpretação de idiomáticos não-ambíguos.

Ressaltamos novamente que os integrantes dos grupos Doença de Alzheimer não atribuíram respostas literais para nenhuma das expressões metafóricas. Esses resultados estão em desacordo aos achados de Code e Lodge (1987) que, a partir de uma tarefa de explicação verbal, relatam a emergência de desempenhos interpretativos literais para a compreensão de provérbios. No estudo de Papagno e colaboradores (2003), baseado em um teste de correspondência de imagem, os participantes com Doença de Alzheimer apresentaram dificuldades para suprimir a interpretação literal quando ela foi apresentada como alternativa diante de idiomáticos não-ambíguos. Esse resultado especificamente parece indicar a interferência do tipo de tarefa empregada, uma vez que, por se tratar de idiomáticos não-ambíguos, interpretações literais são implausíveis, ao contrário do que ocorre com as expressões ambíguas. Em nossos

dados, observamos que a implausibilidade das expressões metafóricas apaga mais facilmente a possibilidade de acesso a um sentido literal.

5.2.6. Desempenho de acordo com o grau de transparência das expressões metafóricas

O grau de transparência é uma variável típica dos idiomáticos. De acordo com o que já indicamos no decorrer desta tese, trata-se de uma propriedade que evidencia o nível de motivação estrutural que é possível recuperar em uma expressão, cuja base está na ponderação de que os significados figurados dos idiomáticos são motivados em vez de inteiramente arbitrários (LAKOFF, 1987). Os nossos dados indicam que os três grupos apresentaram desempenhos mais apropriados na interpretação dos idiomáticos de maior transparência, com diferenças significativas, em termos de percentuais, destas para as expressões menos transparentes.

Esses achados estão em conformidade com os resultados relatados por Papagno et. al. (2004), Papagno e Caporali (2007) e Ciéslicka e colaboradores (2011), indicando que os idiomáticos menos transparentes, ou seja, que são estruturados com um nível mais elevado de ocultação/opacidade semântica, envolvem maior complexidade interpretativa, sobretudo no que diz respeito ao processamento inferencial. Isso ocorreria em razão de as expressões menos transparentes oferecerem um menor número de indícios sobre por que elas significam o que significam, fator que demandaria um maior esforço cognitivo para a interpretação relevante desse tipo de idiomático.

Por outro lado, as expressões de maior transparência, em que a motivação dos seus significados é mais facilmente identificada, levam ao reconhecimento de alguma relação entre as palavras que compõem o idiomático e as suas interpretações figurativas globais. Essa característica tende a facilitar o trabalho interpretativo, uma vez que fornece pistas para o processamento inferencial necessário ao acesso ao sentido do idiomático.

5.2.7. Desempenho de acordo com a atuação do interlocutor (a pesquisadora)

Como já apontamos ao longo da tese, a interação entre os participantes de uma situação comunicativa é uma condição natural, típica da construção da significação, sobretudo em episódios enunciativos de baixa hierarquização. Para o desenvolvimento do nosso empreendimento analítico, foi necessário realizar entrevistas videogravadas, nas quais os participantes buscaram interpretar as expressões metafóricas atribuindo respostas de acordo com os procedimentos do Protocolo. Levando em conta o gênero textual que caracteriza a coleta de dados do estudo, a pesquisadora conduziu as trocas de turno com os participantes, efetuando, quando necessário, interferências durante o processo dialógico.

Embora tais interferências possam ser consideradas características das práticas interacionais, elas foram feitas propositalmente, com o intuito de, na medida do possível, tornar a aplicação do Protocolo capaz de captar processos que nos ajudam a compreender e a analisar a interpretação metafórica por afásicos e por pessoas com Doença de Alzheimer. Assim, quando interferimos na dinâmica do Protocolo, as motivações eram de: confirmar uma informação ambígua, somente inferível ou de baixa audibilidade; verificar a motivação da resposta – a fim de compreender a intenção/lógica do que foi proposicionado frente ao tópico conversacional em curso e, então, estabelecer potenciais relações de sentido; e mesmo fornecer subsídios contextuais passíveis de contribuir para o fluxo interativo, considerando a finalidade da entrevista.

Como já descrito, identificamos seis diferentes tipos de estratégias empregadas pela pesquisadora no decorrer da dinâmica interacional com os participantes MR, MC, DG, LM e MN, as quais geraram variados efeitos nos processos de interpretação metafórica. Considerando as suas finalidades discursivas, tais estratégias podem ser esquematicamente classificadas em: contextualização (inserção da pesquisadora como potencial interlocutora na imaginação da situação de uso da expressão, inserção de uma pessoa próxima do participante como potencial interlocutor na imaginação da situação de uso da expressão e oferecimento de pista contextual para a resposta), checagem (confirmação de algum trecho da resposta fornecida e indagação sobre a motivação da resposta fornecida) e indução (pedido para imaginar outra situação de uso da expressão).

Além de serem utilizadas com objetivos interacionais específicos, essas estratégias possibilitaram a realização de, pelo menos, três movimentos distintos: levaram à co-construção de enunciados entre a pesquisadora e os participantes, buscaram situar determinadas operações sociocognitivas necessárias à interpretação metafórica em curso e estimularam o manejo de estratégias meta, especialmente, as metaformulativas e as modalizadoras. Tendo em vista as alterações linguístico-cognitivas comumente associadas às afasias e à Doença de Alzheimer, o desenvolvimento desses movimentos contribui para minimizar dificuldades relativas ao processamento metafórico.

Dessa maneira, em ambas as condições clínicas, a co-construção de enunciados é passível de focalizar a trajetória interpretativa para o escopo do Protocolo, atuando na construção conjunta da referência metafórica. As ações de situar operações sociocognitivas exigidas à interpretação figurativa ajudam a dirimir eventuais digressões, hesitações e circunlóquios nas afasias, assim como minimizar dificuldades para reconhecer intenções comunicativas e ocorrências de fala *off topic* na Doença de Alzheimer. O manejo da competência pragmático-discursiva, essencial para as estratégias e atividades de ordem meta, tende a fomentar a realização de categorizações, predicações e evocações nas afasias, bem como fornecem suporte para que os indivíduos sejam capazes de contornar lapsos de memória e procedam a inferenciações pertinentes ao evento discursivo.

As estratégias de contextualização tiveram o objetivo mais amplo de ancorar a interpretação da expressão metafórica, de forma a serem implementadas quando os participantes não respondem ao procedimento do Protocolo, atribuem interpretações literais ou hesitam quanto à resposta fornecida. Essas estratégias partem da premissa de que uma circunstância de interação particular consiste em um encontro social delimitado, que engloba todas as ações que são desenvolvidas quando dois ou mais indivíduos agem discursivamente e em conjunto, de modo a sustentarem uma conversa (GOFFMAN, 1998).

As estratégias de inserção da pesquisadora como potencial interlocutora na imaginação da situação de uso da expressão e inserção de uma pessoa próxima do participante como potencial interlocutor na imaginação da situação de uso da expressão são formas deliberadas de enquadramento em contextos de uso. Essas estratégias têm como finalidade levar os indivíduos a acionarem cenas situacionalmente relevantes ao uso das expressões metafóricas em interpretação. Tratam-se de tentativas de situar

processos (meta)cognitivos para favorecer a emergência de interpretações figurativas pertinentes aos procedimentos do Protocolo.

O enquadramento em contextos de uso é uma característica da interação humana e, como tal, faz parte das práticas comunicativas das mais diversas ordens. No caso específico da entrevista videogravada realizada com os participantes da pesquisa, essa forma de enquadramento é utilizada de modo relativamente consciente como um recurso para ancorar as interpretações das expressões metafóricas, em especial, no procedimento 2 do Protocolo.

Na estratégia de inserção da pesquisadora como potencial interlocutora na imaginação da situação de uso da expressão, o enquadramento em contextos de uso chama a atenção para a possibilidade de a pesquisadora, que atua como interactante em um nível metadiscursivo, assumir o papel de interlocutora do participante em uma situação discursiva hipotética que caracteriza o uso da construção figurativa. Esse movimento produz uma espécie de reorganização momentânea do evento discursivo, a entrevista em curso, que, além da sua estrutura tipicamente metaenunciativa, passa a comportar uma atividade enunciativa, a interlocução levada a cabo no contexto de uso da expressão.

O emprego dessa estratégia também atua na redução do grau de abstração envolvido no segundo procedimento do Protocolo, que envolve contextualização e situações pragmáticas e discursivas do sentido. Ainda que, comparativamente à operação de menção, o fornecimento de uma situação de uso da expressão possa ser tomado como um processo sociocognitivo menos abstrato, essa tarefa pode ser também linguisticamente complexa, sobretudo para os afásicos, que teriam dificuldades para proceder a percursos de ordem meta requeridos na tarefa (como passar do plano enunciativo do uso para o de menção, trabalhar com enunciados e construções gramaticalmente complexas, por exemplo). A inserção da pesquisadora como potencial interlocutora na evocação da situação de uso da expressão tende a conferir maior concretude ao exemplar de evento discursivo que está sendo formulado pelo participante.

Na estratégia de inserção de uma pessoa próxima do participante como potencial interlocutor na imaginação da situação de uso da expressão, esse enquadramento traz para a interação um outro interlocutor, associando o uso do enunciado metafórico a um indivíduo particular. Tal qual a anterior, essa estratégia atua na diminuição do nível de abstração ou descontextualização envolvido na interpretação

metafórica, favorecendo-a, e, além disso, é passível de contribuir para ancorar o processo interpretativo, que pode se basear, por exemplo, em experiências já vivenciadas pelo participante, de forma a mobilizar e integrar operações mnêmicas não necessariamente salientes, principalmente, para as pessoas com Doença de Alzheimer.

O uso intencional do enquadramento ou moldura comunicativa em contextos de uso pela pesquisadora atenua o caráter diretivo, descontextulizado e artificial em que ocorrem as tentativas de interpretação das construções figurativas pelos participantes. Essa atenuação torna as situações de uso das expressões mais palpáveis, identificáveis, ao longo do processo de interpretação, uma vez que ou os locutores que participam da interação decorrente da entrevista passam a fazer parte da elocução interpretada como protagonistas contextuais ou um outro interagente com certa familiaridade relativa ao participante assume um desses papéis.

Como pudemos observar nos dados, o emprego proposital do enquadramento em contextos de uso pela pesquisadora contribui para que as pessoas com afasia e Doença de Alzheimer mobilizem os sentidos metafóricos apropriados para a expressão. Nossas análises reforçam a natureza intersubjetiva, perspectival, discursiva e situada da linguagem com relação à metaforicidade, bem como o papel co-construtor do interlocutor no sentido metafórico, aspectos que são comuns a ambas as condições (MORATO, 2008a).

A estratégia de oferecimento de pista contextual para a resposta tem como base a noção de pistas de contextualização, ou seja, os "traços linguísticos que contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais" (GUMPERZ, 1982, p. 131). É por meio desses traços, presentes na superfície das expressões, que os interactantes sinalizam e constroem interpretações. Os significados dessas pistas são implícitos, dependendo, portanto, da realização de um trabalho inferencial para serem reconhecidos pelos interlocutores.

As pistas de contextualização são elementos típicos da interação, integrando as mais variadas atividades de linguagem. Com relação à entrevista videogravada que fizemos com os participantes, assim como o enquadramento em contextos de uso, as pistas de contextualização foram fornecidas de forma deliberada pela pesquisadora, figurando como uma tentativa de oferecer indícios passíveis de ativar o processo inferencial do interlocutor e, consequentemente, obter uma interpretação relevante à expressão metafórica. Com as pistas de contextualização, buscamos fornecer um suporte contextual passível de favorecer a dinâmica interpretativa.

O construto teórico relativo a pistas de contextualização está diretamente relacionado à ideia de contexto. De acordo com Hanks (2008, p. 175), o contexto é um conceito sempre baseado em relações e ao qual correspondem duas dimensões de grande abrangência: emergência e incorporação/encaixamento. Segundo o autor, a primeira diz respeito a aspectos do discurso que ocorrem a partir da produção e da recepção enquanto processos em desenvolvimento, estando relacionada à interação, à atividade mediada verbalmente, à co-presença, à temporalidade, em um contexto específico, como um fato social e histórico. A segunda refere-se à relação entre os fatores contextuais concernentes ao enquadramento do discurso, sua centração em quadros mais amplos, em larga escala.

Na perspectiva do autor, a emergência associa-se ao tempo real da enunciação e interação, ao passo que a incorporação coloca a situação dos enunciados em um contexto mais abrangente. No caso das estratégias de contextualização utilizadas durante a entrevista videogravada, verificamos a manipulação de ambas as dimensões pela pesquisadora. Nas estratégias de inserção da pesquisadora como potencial interlocutora na imaginação da situação de uso da expressão, especialmente, e inserção de uma pessoa próxima do participante como potencial interlocutor na imaginação da situação de uso da expressão, a dimensão de emergência opera de modo preponderante, já que ocorre a ancoragem de interlocutores – um interior e outro exterior ao episódio discursivo em curso – à situação enfocada na expressão metafórica.

Na estratégia de oferecimento de pista contextual para a resposta, ambas as dimensões do contexto são trabalhadas pela pesquisadora. A dimensão de emergência pode ser identificada nas exemplificações de circunstância de uso da expressão com a consequente completagem da contextualização pelos participantes, por exemplo. Já, a dimensão de incorporação é verificada em situações em que a pesquisadora atua sobre a significação produzida pelo participante, induzindo, a partir de questionamentos e fornecimento de informações, à criação de outras possibilidades de sentido, tendo em vista as propriedades semânticas e pragmáticas dos constituintes que fazem parte da expressão metafórica.

As pistas de contextualização são relevantes para a dinâmica interacional estabelecida entre pesquisadora e participante em razão da própria dependência que têm os processos de significação com relação ao contexto. De acordo com Van Dijk (1997), os contextos são flexíveis e possuem dinamicidade, podendo ser negociados, sobretudo em interações conversacionais, além de serem, frequentemente, influenciados ou

mesmo construídos pelos discursos. E, como pudemos verificar nos dados, as pistas de contextualização fornecidas deliberadamente contribuem para que os sentidos das construções figurativas sejam acessadas por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer. Esses achados estão em conformidade à ideia de que o fornecimento de informações básicas tende a servir de pistas de recuperação e compensação para pessoas com Doença de Alzheimer (BRANDÃO, 2012).

Como ponderam Mondada e Dubois (2003), há um *continuum* dialético entre cognição, discurso e contexto. Assim, segundo as autoras, no que se refere ao funcionamento desse *continuum*, em termos linguísticos, quando ocorre o reenquadramento de um contexto, as categorias são passíveis de reavaliação e modificação, de modo a haver a associação de diferentes domínios, como o que ocorre na metáfora. Esse reenquadramento do contexto é feito não apenas em nível categorial, mas também em nível discursivo, ao longo do curso da interação entre os interlocutores, sendo que os seus gatilhos foram, em alguns episódios constantes no *corpus*, as pistas de contextualização.

Em estudos experimentais na Doença de Alzheimer e afasia, o papel do contexto para a compreensão da linguagem metafórica dependerá das peculiaridades das condições clínicas e desenhos experimentais. O contexto poderia ampliar a quantidade de informações transmitidas em um teste, sobrecarregando a memória de trabalho dos participantes ou confundir aqueles que apresentam incapacidade de suprimir o significado literal de uma expressão figurativa, particularmente em tarefas tendo o significado literal entre as escolhas. Assim, em condições em que os recursos de processamento são prejudicados, o contexto tenderia a agravar a compreensão figurativa da linguagem, e, em condições em que os recursos de processamento são poupados, o contexto tenderia a melhorá-la (SIQUEIRA et. al., 2016).

Os nossos dados indicam a relevância do desenho experimental da pesquisa para a função do contexto no processo de interpretação metafórica. Ao utilizarmos uma tarefa de explicação verbal em que um dos procedimentos tem caráter eminentemente contextual e durante a qual são fornecidas pistas de contextualização, verificamos que o contexto atua favoravelmente para o processamento figurativo nas afasias e na Doença de Alzheimer. Logo, ainda que o comprometimento do sistema cognitivo executivo central possa, em alguma medida, interferir na compreensão da metaforicidade, ele não a impede, sendo o contexto um elemento facilitador, atuando na ancoragem sociocognitiva da construção do sentido.

As estratégias de checagem visam tanto a confirmar suposições da investigadora acerca do processo interpretativo dos participantes quanto a levá-los a alguma reflexão sobre a resposta fornecida, a fim de que possam retificá-la, se necessário. Tratam-se de estratégias que ajudam a pesquisadora durante o fluxo conversacional, na medida em que podem dirimir dúvidas referentes às interpretações atribuídas, principalmente, quando elas parecem ser literais. O seu emprego foi bastante produtivo durante as interações, sendo crucial para o desenvolvimento das análises qualitativas quanto à relevância das respostas.

Diferentemente das estratégias de contextualização, que operam fornecendo um indício contextual para o processo interpretativo, tendo um impacto de interferência mais significativo sobre as respostas atribuídas, as estratégias de checagem situam-se em um nível metalinguístico *stricto sensu* para ambos os locutores da interação. Essas características tornam as estratégias de confirmação de algum trecho da resposta fornecida e indagação sobre a motivação da resposta fornecida meios eficientes de indicar como ocorre o processamento figurativo nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Assim, ao levarmos em conta que a metalinguagem diz respeito tanto à realização de classificações e definições dos fenômenos linguísticos, quanto à reflexão acerca dos usos linguísticos (MORATO, 2005), as estratégias de checagem atuam como um gatilho para o funcionamento dos processos meta necessários para a construção da significação figurativa. Essas operações envolvem necessariamente a realização de ponderações sobre a linguagem em uso (GERALDI, 1997), de modo que a sua ativação indica que está sendo feito um trabalho interpretativo de ordem reflexiva.

A estratégia de indução – pedido para imaginar outra situação de uso da expressão – tem a finalidade de fomentar a atribuição, pelos participantes, de uma nova contextualização para o emprego da construção figurativa. Trata-se de uma estratégia passível de desencadear um processamento inferencial diferente daquele ativado durante a primeira resposta ao procedimento 2, a qual ou foi literal ou foi pragmaticamente incoerente com relação ao significado centralmente relevante da expressão metafórica.

Como mostramos, embora não tenha sido utilizada de forma predominante pela investigadora, quando empregada, a estratégia de indução foi eficiente, ajudando os participantes a acessarem respostas de maior relevância quanto aos significados das

expressões metafóricas. Tal qual as estratégias de checagem, a estratégia de indução atua no recrutamento de operações de natureza meta.

Entre as seis estratégias utilizadas pela investigadora, a de oferecimento de pista contextual para a resposta merece destaque, já que ela incide frontalmente sobre o desempenho interpretativo dos participantes. Assim, se por um lado, o uso desse tipo de estratégia favorece o oferecimento de respostas mais pertinentes – o que, via de regra, não ocorre em estudos neuropsicolinguísticos tradicionais –, por outro, tem potencial para indicar os elementos e processos alterados e preservados na Doença de Alzheimer e nas afasias.

Quanto a isso, ainda precisamos considerar dois aspectos importantes. Primeiro, que essa estratégia foi usada sempre que necessário em ambos os procedimentos, para os três tipos de expressão metafórica e na interação com todos os participantes. Portanto, tal suporte contextual foi oferecido de maneira generalizada, sem priorizar grupo, contrução figurativa ou procedimento do Protocolo. O critério para o fornecimento das pistas foi, então, a identificação da dificuldade pela investigadora.

O segundo fator diz respeito ao impacto dessa estratégia nos dados. Como mostramos, de modo geral, por tentar tornar os sentidos metafóricos mais salientes, o seu emprego contribui para que os indivíduos atribuam respostas mais apropriadas às expressões, no entanto, esse movimento não apaga as dificuldades de operar com a metaforicidade apresentadas pelos participantes. Prova disso é que assim como os achados relatados por estudos neuropsicolinguíticos que não usam essa estratégia, descritos ao longo do texto, os resultados desta pesquisa apontam diferenças consideráveis entre os grupos clínicos e o grupo Controle com relação à interpretação das expressões metafóricas.

5.2.8. Estratégias usadas pelos participantes

O enfoque nas estratégias utilizadas pelos participantes passa dos recursos empregados pela pesquisadora na tentativa de fomentar a interpretação das expressões para as estratégias usadas por MC, MR, DG, LM e MN em suas respostas relativas a ambos os procedimentos do Protocolo. Os dois tipos de estratégias identificados – baseados em processos linguísticos-discursivos e em processos meta – evidenciam

características típicas do gênero textual entrevista, da interação face a face e das condições clínicas presentes nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Com relação aos processos linguístico-discursivos, como já salientamos, é preciso considerar o gênero textual no interior do qual são produzidos os dados. O Protocolo utilizado na entrevista requer, no primeiro procedimento, a definição do significado da expressão metafórica e, no segundo, a indicação de uma situação de uso. Em tese, essas características direcionam a emergência de explicações no procedimento 1 e de exemplificações no procedimento 2, o que, no entanto, não ocorre de forma totalmente uniforme. Assim, no procedimento 1, em todos os grupos e para os três tipos de expressão, a explicação é o processo mais prevalente, bem como, no procedimento 2, a exemplificação consiste no processo predominante com relação aos três grupos e tipos de expressão, com exceção da interpretação de idiomáticos pelo grupo Doença de Alzheimer leve, que tem um maior número de ocorrências de explicações.

Esses resultados são importantes porque evidenciam a preservação da competência textual-discursiva dos participantes, o que indica que, tanto nas afasias quanto nos dois primeiros estágios da Doença de Alzheimer, é possível não apenas processar a metaforicidade, mas também operar textualmente e com base em variados recursos para falar sobre ela. A emergência de outros processos linguístico-discursivos, como comentário, avaliação, injunção e ponderação, assinala mais uma vez a realização de movimentos reflexivos, de ordem meta pelos participantes afásicos e com Doença de Alzheimer, evidenciando o "saber em uso" (MORATO, 2012a) de que lançam mão na interação com a pesquisadora.

Portanto, quando avaliam, comentam, ponderam ou fazem injunções sobre as expressões metafóricas, os participantes estão refletindo sobre o que elas significam e como podem ser usadas. Esse trabalho metaenunciativo mobiliza operações linguísticas, textuais e pragmáticas, de forma a salientar a intersubjetividade constitutiva do processo de construção heterogêneo e compartilhado das significações (MORATO, 2005), que, mesmo diante das instabilidades linguístico-cognitivas provenientes das afasias e da Doença de Alzheimer, estão em funcionamento (MORATO, 2012b).

O trabalho reflexivo realizado pelos participantes associa-se aos processos meta identificados no *corpus*. Como pondera Morato (2005), a ideia de meta refere-se, a um só tempo, à atividade reflexiva da linguagem – ação de tomar a si própria como objeto – e à natureza de sua ação sobre outras cognições, como memória, percepção e

julgamento. É de acordo com essa acepção – integrativa e associada ao funcionamento da metacognição – que entendemos a atuação das estratégias metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas que identificamos no *corpus*.

Como já explicitamos, os grupos clínicos procedem aos três tipos de estratégias metadiscursivas, sendo que a maior frequência de operações metaformulativas, especialmente a autocorreção, é verificada no grupo Afasia e a de modalizadoras, sobretudo a atenuação, no grupo Doença de Alzheimer leve. Essa emergência está relacionada às características linguístico-cognitivas típicas de tais condições. Enquanto os afásicos encontram problemas para categorizar, evocar e predicar acerca do significado e do uso das expressões metafóricas, recorrendo a reformulações, retomadas e autocorreções, por exemplo, as pessoas que estão na fase leve da Doença de Alzheimer buscam alternativas para atenuar as suas dificuldades de associar categorias, fazer inferências relevantes, assim como reconhecer as intenções comunicativas implicadas.

O fato de cada um dos contextos clínicos apresentar tendências relativas ao maior uso de um tipo de estratégia metadiscursiva indica que os indivíduos buscam contornar os obstáculos interpretativos encontrados de acordo com as suas possibilidades de reorganização sociocognitiva. Isso não quer dizer que afásicos deixem de atenuar ou inserir ressalvas no curso da interação, tampouco que pessoas com Doença de Alzheimer leve não efetuam reparos autocondicionados, uma vez que esses movimentos são próprios da interação, mas, significa que as tendências apresentadas revelam modos como esses indivíduos lidam com as suas dificuldades linguístico-cognitivas.

Dessa maneira, ao usarem estratégias metaformulativas, em especial a correção autocondicionada, os integrantes do grupo Afasia estão operando intencionalmente sobre o texto que produzem, de forma a refletirem sobre os seus componentes lógico-textuais, as relações que mantêm entre si e a adequação semântico-pragmática dos termos empregados. Ou seja, ainda que possam ter dificuldades para selecionar ou combinar unidades do sistema linguístico, essas pessoas estão realizando operações com a metalinguagem.

O uso das estratégias metaformulativas, especificamente a autocorreção, pelos participantes do grupo Doença de Alzheimer indica que, no percurso interpretativo das expressões metafóricas, eles estão sendo capazes de analisar a sua produção textual-discursiva, de maneira a identificarem inadequações, sobretudo de natureza semântica,

na fase leve, e sintática, no estágio moderado, e, então, selecionarem novas alternativas linguístico-discursivas em seu repertório de memória. Logo, mesmo que, em um primeiro momento, não consigam operar com a pertinência necessária, esses indivíduos podem reorientar a sua trajetória interpretativa, o que evidencia um tipo de funcionamento metacognitivo.

Como destacamos, a correção heterocondicionada consiste em um tipo de estratégia metaformulativa cuja emergência é provocada pelo interlocutor, tratando-se, pois, de uma operação eliciada pela pesquisadora. Em nossos dados, embora tenha sido estimulada junto aos participantes dos grupos Doença de Alzheimer, essa modalidade de reparo só foi realizada pelo grupo Afasia. Isso pode ser um indicativo da interferência da dificuldade para reconhecer intenções comunicativas comum em tal neurodegenerescência.

No que se refere às estratégias modalizadoras, quando os participantes dos grupos Doença de Alzheimer as utilizam, especialmente as atenuações, atuam de forma a suavizar o que dizem, ou mesmo o fato de deixarem de dizer. Esse movimento indica uma postura estratégica e direcionada à preservação intersubjetiva da relação discursiva instaurada, atitude esta, que, por sua, vez, depende da operação em concerto de diferentes processos cognitivos, como o automoritonamento, a centração e a atribuição de relevância.

Por meio do uso dessas estratégias – que, além das atenuações, incluem as ressalvas –, os integrantes do grupo Afasia também procederam à preservação da sua face, bem como à marcação do nível de adesão e ao grau de certeza quanto ao que enunciam. Logo, as alterações metalinguísticas atribuídas à condição afásica parecem residir no escopo estrutural do sistema linguístico, mas não emergem com relação às práticas com a linguagem.

Conforme salientamos, o fornecimento de respostas que não estão associadas de modo direto ao procedimento do Protocolo, as quais atuam como justificativas de não ocorrência da interpretação, visaram à proteção de face do participante (GOFFMAN, 1955) diante da pesquisadora. Essa estratégia modalizadora de atenuação revela a tentativa de defesa da autoimagem do participante, processo este que aponta para a sua reflexividade quanto à situação interativa e está diretamente associado à natureza do evento discursivo, que se baseia na aplicação do Protocolo de Expressões Metafóricas.

Sobre esse aspecto, vale ressaltar que embora seja uma prática linguística, a aplicação do Protocolo possui especificidades que distanciam essa situação

comunicacional do uso ordinário que fazemos da linguagem. A principal particularidade é o fato de tal instrumento fazer parte do domínio meta – de metacognição e de metalinguagem –, de maneira que os participantes são instados a terem uma postura reflexiva, cujo objeto é a interpretação das expressões metafóricas com relação ao seu significado e ao contexto de uso. Disso resulta que os indivíduos estão imersos em um evento discursivo de alta centração, sem a possibilidade de tergiversarem. Se isso ocorre, tem como finalidade a preservação da face, como pudemos observar nos nossos dados.

Entre as estratégias metaenunciativas, chama a atenção a ação de reconhecimento da própria dificuldade durante o percurso interpretativo das expressões, a qual foi usada pelos três grupos clínicos, o que indica a sua relevância para esse tipo de episódio interativo. Todos os participantes da pesquisa, em algum momento, expõem, descrevem ou mesmo comentam sobre os obstáculos com os quais se deparam em suas tentativas de interpretação metafórica. Essa postura evidencia uma atitude reflexiva quanto ao que se diz ou ao que não se é capaz de dizer e com relação à própria natureza da atividade enunciativa em curso.

A emergência de estratégias meta (metadiscursiva, metaenunciativa, metacomunicativas etc.), bem como de operações epilinguísticas está em conformidade com perspectivas funcionalistas e sociointeracionistas da Doença de Alzheimer, como a de Brandão et. al. (2010), por exemplo, segundo a qual certas propriedades discursivas que anteriormente eram entendidas como déficits são, na verdade, estratégias tidas como compensatórias utilizadas durante as fases iniciais da neurodegerescência, em que haveria relativa preservação da consciência quanto às dificuldades discursivas.

Em consonância com o que assinalam Morato (2005; 2008a; 2012a), Cazelato (2003; 2008), Hebling (2009) e Sé (2011), pudemos observar que as dificuldades linguístico-cognitivas – de naturezas variadas – que caracterizam essas condições clínicas não anulam a capacidade de os indivíduos refletirem e atuarem sobre as suas práticas com e na linguagem. Identificar e ponderar sobre essas dificuldades são ações que mostram serem capazes não apenas de perceber os obstáculos que enfrentam para interpretar as expressões, mas também de buscarem reorganizar o processo de construção do sentido.

Se comparado aos grupos Afasia e Doença de Alzheimer leve, o grupo Doença de Alzheimer moderado utiliza um número reduzido de operações metadiscursivas, cuja mais frequente é a modalizadora. Tendo em vista o aumento da severidade da

neurodegenerescência nessa fase, de modo a haver o comprometimento acentuado dos sistemas de memória e a intensificação dos problemas linguísticos-cognitivos de inferenciação, essa diminuição é esperada, no entanto, faz-se importante salientar que, mesmo com menor prevalência, as estratégias meta são empregadas.

Em suma, levando em conta o que tem afirmado a literatura do campo neurolinguístico, e considerando os muitos questionamentos que afetam qualquer ideia de consenso nos estudos sobre metaforicidade de uma forma geral, vejamos o que esta pesquisa salienta em relação aos achados teóricos e empíricos sobre a metaforicidade no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer:

i) traços de familiaridade, grau de idiomaticidade e contexto (CACCIARI; TABOSSI, 1988; GIORA, 1997) são fundamentais para a interpretação metafórica, seja para os grupos clínicos, seja para os grupos sem comprometimento neurológico;
ii) o nível de decomponibilidade e de transparência das expressões metafóricas, em especial as idiomáticas, atuam de modo importante para a sua compreensão;
iii) o traço de familiaridade, o grau de transparência e a presença de ambiguidade podem atuar tanto nas interpretações literais, quanto nas metafóricas;
iv) o traço de relevância mostra-se particularmemte importante para o diagnóstico diferencial entre afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer, assim como entre estas e outros grupos, como os formados por indivíduos sem comprometimento neurológico;
v) o traço de idiomaticidade mostra-se particularmemte importante para o diagnóstico diferencial entre afásicos e indivíduos com Doença de Alzheimer;
vi) respostas "literais" podem derivar de expressões pouco convencionalizadas ou familiares, ou mesmo ambíguas e opacas, menos prototípicas, salientes. O indivíduo, nesses casos, tende a acessar semanticamente o sentido que lhe parece mais disponível ou familiar (GIBBS et. al., 1989). Tal processamento, ainda que literal e não apropriado à interpretação figurada, deixa de ser rejeitado pelo indivíduo, como no casos dos afásicos;
vii) a análise das estratégias empregadas pelos individuos isolada e colaborativamente com a pesquisadora dão conta da existência de uma competência pragmático-discursiva que permite e orienta a atuação dos

processos de ordem meta na interpretação metafórica. Isso chama a atenção para a natureza discursiva e sociocognitiva das expressões metafóricas e também para a importância do contexto e a forma de obtenção dos dados.

Conclusões

Esta pesquisa teve como objetivo geral identificar e investigar quais são e de que maneiras operam as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas envolvidas no cálculo metafórico realizado por dois indivíduos afásicos e três pessoas com Doença de Alzheimer – duas em estágio leve e uma em estágio moderado – para interpretar a metaforicidade em idiomáticos, provérbios e metáforas.

De natureza qualitativa e comparativa, haja vista o cotejo do desempenho geral dos participantes dos grupos clínicos com um grupo Controle (indivíduos sem comprometimento neurocognitivo), a orientação teórico-metodológica do estudo é de natureza sociocognitiva, empregando para a coleta de dados um protocolo constituído de expressões metafóricas.

Considerando as características nosológicas e semiológicas atribuídas à Doença de Alzheimer e às afasias, assim como os elementos e processos envolvidos no processamento da metaforicidade, a investigação que desenvolvemos revelou-se passível de contribuir para a identificação de uma série de fenômenos interessantes que ajudam a compreender o funcionamento linguístico-cognitivo dessas patologias. Para tanto, as análises efetuadas no capítulo anterior basearam-se nas questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, as quais enunciamos na Introdução e retomamos a seguir.

Ao investigarmos a interpretação de expressões metafóricas, buscamos compreender como ocorre a conceptualização de construções que, para serem processadas, necessariamente envolvem a identificação da sua metaforicidade, ou seja, requerem a ativação saliente do sentido figurativo. Junto a esse reconhecimento, devem estar presentes conhecimentos relativos ao sistema linguístico, ao mundo sociocultural, aos interlocutores envolvidos, às condições da enunciação, bem como à referência a um tópico discursivo (PIRES DE OLIVEIRA, 1997).

Essa natureza relacional e constitutiva da metaforicidade foi identificada nos dados, evidenciando processos variados que integram o "oceano de motivações" (SALOMÃO, 2010) de que são constituídas a linguagem e as outras formas de ser da cognição humana. A partir das análises desenvolvidas, também pudemos verificar a emergência de variados processos de ordem meta, tomados em sua natureza enunciativa e interacional, nos quais observamos uma reorganização ou mesmo reorientação da significação em curso, principalmente em razão de ações colaborativas entre os participantes e a pesquisadora.

Na sequência, retomamos e abordamos cada uma das três questões que nortearam este estudo, assim como tecemos considerações sobre as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas identificadas na interpretação de expressões metafóricas por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer.

i) a investigação da metaforicidade poderia ser um índice do funcionamento linguístico-cognitivo em pessoas afásicas e em indivíduos com Doença de Alzheimer?

As diferenças que observamos quanto ao percentual de respostas mais relevantes entre os grupos clínicos e o grupo Controle são um indicativo importante de que a investigação da metaforicidade atua como um índice do funcionamento linguístico-cognitivo em indivíduos afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer. Os nossos dados revelam que, em ambos os contextos patológicos, a interpretação das expressões metafóricas tende a ser dificultada, o que está conformidade ao que preconizam os variados estudos que citamos ao longo da tese. No entanto, ainda que diante dessas dificuldades, os participantes são capazes de atribuir significados figurativos semântica e pragmaticamente apropriados às construções figurativas, sobretudo em contextos de uso e de construção conjunta de sentidos.

Os percursos interpretativos desenvolvidos pelos participantes ajudam a evidenciar como eles manipulam os diferentes tipos de conhecimentos e operações sociocognitivas envolvidas na construção da metaforicidade. Reservadas as diferenças relativas ao percentual de respostas de maior relevância entre indivíduos com e sem comprometimento neurocognitivo, pudemos observar que todos eles articulam uma série de elementos e processos linguísticos, cognitivos, pragmáticos e textual-discursivos exigidos para a interpretação dos provérbios, idiomáticos e metáforas.

Assim, de diferentes maneiras, todos os participantes que constituem os grupos Controle, Afasia, Doença de Alzheimer leve e Doença de Alzheimer moderado procedem a operações que, a um só tempo, são fundamentais para a configuração do sentido figurativo da expressão, bem como indicam a realização de um trabalho interpretativo estratégico em termos comunicacionais e em acordo às expectativas sociointeracionais. Entre essas operações, podemos elencar a seleção de traços semânticos relevantes, o reconhecimento de estruturas morfossintáticas, a produção de inferências, a invocação de enquadres sociocognitivos ou esquemas de ação, a referenciação a um tópico discursivo, a identificação de convenções de uso da linguagem e a contextualização.

A configuração sociocognitiva das expressões metafóricas, que requer a realização de processos de inferenciação para dar conta do significado figurativo, oferece bases para que possamos compreender o funcionamento linguístico-cognitivo nas afasias e na Doença de Alzheimer. Logo, ao produzirem inferências que conduzem à construção dos sentidos metafóricos dos provérbios, idiomáticos e metáforas, tanto os participantes dos grupos clínicos como os participantes do grupo Controle demonstram reconhecer intenções, implícitos e subentendidos, mobilizando e relacionando conhecimentos de mundo necessários para a interpretação.

Os nossos resultados mostram que malgrado as alterações linguístico-cognitivas associadas às afasias e à Doença de Alzheimer, os participantes dos grupos clínicos operam com a metalinguagem, associam categorias, atribuem relevância na tarefa de interpretar os sentidos metafóricos das expressões. As diferenças principais entre esses grupos e o grupo Controle estão nas atividades requeridas para o processo interpretativo e nos meios de que os indivíduos lançam mão para que essas operações linguísticas, cognitivas, pragmáticas e discursivas possam emergir. Pudemos perceber que, comparativamente aos participantes sem comprometimento neurocognitivo, os afásicos e as pessoas com Doença de Alzheimer precisaram ser mais estratégicos, apoiando-se fortemente em elementos contextualizadores fornecidos pela pesquisadora e nas possibilidades de construção conjunta da significação.

Em nossa pesquisa, o contexto, enquanto elemento constituinte do Protocolo de coleta de dados, atuou favoravelmente na interpretação das expressões metafóricas por pessoas afásicas e com Doença de Alzheimer, indicando que o tipo de tarefa tende a influenciar os resultados obtidos (PAPAGNO et. al., 2004; PAPAGNO, 2003). O emprego de outros fatores contextualizadores no decurso interativo, como os

enquadramentos de contextos de uso e as pistas de contextualização, também se mostraram importantes para a emergência de respostas mais relevantes por parte dos participantes dos grupos clínicos. Esses resultados indicam a pertinência da nossa hipótese empírica de que a interpretação metafórica tende a ser facilitada – ou mesmo possibilitada – diante da contextualização de potenciais circunstâncias (enunciativas, situacionais, socioculturais, interacionais) de uso.

Embora o contexto possa ser considerado um aspecto que, a depender do desenho experimental do estudo, interfere negativamente na interpretação da metaforicidade por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer, dificultando-a (SIQUEIRA et. al., 2016), as nossas análises apontam a pertinência da contextualização durante a avaliação neuropsicolinguística. Ao considerar fatores contextuais como sendo centrais no processo interpretativo da metaforicidade, o Protocolo utilizado nesta pesquisa – ainda que consista em uma situação interativa peculiar de uso da linguagem – ajuda a evidenciar o funcionamento linguístico-cognitivo de indivíduos com afasia e Doença de Alzheimer.

Os dados analisados indicam que a competência comunicativa e pragmática dos participantes afásicos e com Doença de Alzheimer não apenas mantém-se ativa, segundo mostram estudos dedicados ao contexto (CAZELATO, 2003; BOLDRINI, 2004; MORATO, 2008a; 2012a; SÉ, 2011), como parece ser crucial para a elaboração dos sentidos figurativos que estão em jogo, evidenciando que "é na elaboração de enunciados falados ou escritos que linguagem e contexto são articulados" (HANKS, 2008, p. 167), sendo ambas as instâncias essenciais à metaforicidade. A preservação dessa competência comunicativa e pragmática mostra-se tanto através dos variados processos linguístico-discursivos e estratégias meta que emergiram ao longo do percurso interpretativo dos participantes, quanto por meio do engajamento e da postura cooperativa que tiveram no evento discursivo que caracteriza a aplicação do Protocolo.

Além disso, pudemos observar, principalmente a partir das estratégias usadas pela pesquisadora, a emergência de movimentos colaborativos especialmente entre ela e as pessoas com afasia e Doença de Alzheimer, como a co-construção de significações. Essa cooperação só é possível em razão de fatores como intersubjetividade, intencionalidade e perspectivação (TOMASELLO, 2003), associados a uma reciprocidade interlocutiva configurada por meio de processos de formulação de sentidos na interação.

Esses resultados são importantes porque apontam que: a) a metaforicidade é um fenômeno cognitivo-discursivo-pragmático que se constitui no uso, nas variadas práticas na e com a linguagem, a partir de ações colaborativas entre interlocutores; e b) as dificuldades metalinguísticas e de gerenciamento seletivo de informações simultâneas creditadas, respectivamente, às afasias e à Doença de Alzheimer, não constituem, por si mesmas, um impedimento para a interpretação de significação metafórica, sobretudo, quando são considerados em situações interativas, para a qual concorrem de maneira situada a construção conjunta de referentes e a ocorrência de processos meta os mais variados.

ii) considerando a interpretação metafórica, poderíamos dizer que a afasia é, de fato, um problema estritamente de ordem (meta)linguística, enquanto a Doença de Alzheimer afeta essencialmente aquilo que é (meta)cognitivo (não linguístico)?

Como discorremos nesta tese, a questão da competência para realizar operações meta parecer estar no centro das explicações neuropsicológicas para as dificuldades linguístico-cognitivas associadas às afasias e à Doença de Alzheimer. Tendo em vista que essa competência diz respeito à atividade reflexiva de uma determinada capacidade voltada para ela mesma e à natureza constitutiva de sua ação sobre outros processos cognitivos (MORATO, 2005), por diferentes razões (ligadas às características neurolinguísticas e neuropsicológicas), nas duas condições clínicas, em variados níveis e de diferentes formas, tal capacidade estaria prejudicada ou mesmo perdida.

A questão que se coloca, no entanto, não é se ocorrem dificuldades de caráter meta, as quais, ao nosso ver, geram e explicam determinadas alterações linguístico-cognitivas nesses quadros clínicos. As nossas ponderações incidem sobre o estatuto que é normalmente atribuído às competências (meta)cognitivas e (meta)linguísticas, então concebidas como faculdades que operam interna e isoladamente, em um nível individual, e as repercussões que ele – esse estatuto – tem com relação aos modos como as afasias e a Doença de Alzheimer são abordadas pela literatura neurolinguística tradicional, estruturalista e cognitivista.

No caso específico das afasias, a problemática recai, principalmente, sobre o que se considera por alterações de metalinguagem nessa condição. Como pudemos verificar nas análises de nossos dados, os participantes do grupo Afasia usam com

frequência estratégias metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas, o que evidencia o funcionamento da competência de realizar operações de natureza meta. Além disso, os indivíduos comentaram a respeito de suas próprias dificuldades para interpretar as expressões e mesmo acerca de implicações semântico-pragmáticas das construções figurativas por eles interpretadas.

As nossas análises mostram que as pessoas com afasia que participaram da pesquisa não perderam a capacidade para operar com a metalinguagem, tomada num sentido largo, isto é, que não se confunde, como na reflexão jakobsoniana, com a função metalinguística (ARRIVÉ, 1986). O que verificamos, ao contrário, foi a emergência de diferentes estratégias (metaenunciativas, metaformulativas, metadiscursivas, epilinguísticas) de correções auto e heterocondicionadas, atenuações, hesitações comentários, avaliações, entre outras, ao longo dos seus percursos interpretativos das expressões metafóricas.

Podemos tecer considerações semelhantes no que se refere à Doença de Alzheimer, ponderando, neste caso, sobre o caráter da competência metacognitiva e seus prejuízos. As análises que desenvolvemos evidenciam o funcionamento da capacidade de realizar operações de natureza meta, já que os integrantes do grupo Doença de Alzheimer leve utilizam de maneira recorrente os três tipos de estratégias metadiscursivas. Quando comentam suas dificuldades de interpretação das expressões ou tentam retirar o foco da pesquisadora sobre elas, por exemplo, esses participantes demonstram ter, de alguma forma, consciência sobre as suas dificuldades e operar de modo estratégico para miminizar os seus efeitos ou proteger a sua "face social", no sentido que lhe dá Goffman (1955).

Os dados que aqui analisamos indicam que os indivíduos com Doença de Alzheimer, até mesmo no estágio moderado, não tiveram a sua competência metacognitiva destruída. Observamos, sobretudo a partir da colaboração da interagente, a existência de variadas estratégias metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas nos dados de indivíduos com Doença de Alzheimer, de forma a evidenciar a sua capacidade para identificar e corrigir falhas de evocação e nomeação, atenuar o que dizem a partir de diferentes objetivos metaenunciativos, assim como refletir sobre a interação em curso e as suas próprias dificuldades de cooperar com a interlocutora.

Considerando que processos cognitivos como atenção, percepção raciocínio e linguagem mantêm uma relação de interdependência, metalinguagem e metacognição

não estão desancoradas das situações de uso e prática social. Baseadas nessa concepção de metalinguagem (estendida à de metacognição), isto é, que não a desvincula das funções comunicativas e de uso social da linguagem, as nossas análises estão em conformidade a uma perspectiva enunciativa dos processos meta, no interior dos quais "são salientados os movimentos intersubjetivos dos sujeitos na interpretação e na construção do sentido, a constituição heterogênea das significações, o funcionamento da linguagem como atividade compartilhada" (MORATO, 2005, p. 251). Essa perspectiva de metalinguagem a retira da esfera estritamente linguística, de ordem psico-instrumental, atribuindo o seu caráter de reflexividade às ações produzidas no uso, nas práticas discursivas, pelos participantes da interação.

Da mesma forma, esse enfoque redimensiona a concepção relativa à metacognição, tomada agora como um conjunto de processos sociocognitivos interatuantes que envolvem diferentes níveis de reflexividade e são postos em prática no uso. Com isso, desloca-se a competência do escopo psicológico ou mental para as atividades cognitivas socialmente situadas, que, em geral, são mediadas e reguladas largamente pela linguagem. Logo, o que é da ordem metacognitiva diz respeito à relação constitutiva entre linguagem e cognição (VYGOTSKY, 1987), de forma que os usos linguístico-discursivos associam-se ao funcionamento (meta)cognitivo.

Mesmo que os afásicos se deparem com dificuldades para operar com os elementos do sistema linguístico visando a categorizar, evocar e predicar, o que incidiria sobre a sua competência metalinguística, outros domínios da metalinguagem, como os processos metadiscursivos evidenciados na emergência de estratégias metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas pelos participantes, estão preservados e ainda atuam para minimizar potenciais prejuízos comunicativos e interacionais gerados por falhas nas operações com a estrutura linguística.

Da mesma forma, ainda que as pessoas com Doença de Alzheimer encontrem empecilhos para reconhecer intenções, fazer inferências, perceber duplos sentidos etc., obstáculos estes que repercutiriam em sua competência metacognitiva, outras operações atinentes à metacognição, associadas, por exemplo, à metadiscursividade, como a regulação cognitiva, a focalização e o controle executivo, podem estar em funcionamento, operando de modo estratégico para reduzir os impactos de déficits de seletividade, relevância, atenção e sistemas de memória.

Como pudemos observar a partir do emprego de estratégias contextualizadoras pela pesquisadora – relativas à atividade referencial, situação

enunciativa, checagem de informação, enquadramento interacional, inferência –, memória e linguagem estão em interdependência constitutiva e funcional, a qual fica evidente nas "múltiplas atividades psicossociais [que dizem respeito], de alguma forma, à linguagem e suas várias funções (interacionais, sociais, pragmáticas, cognitivas, discursivas etc.)" (MORATO; CRUZ, 2005, p. 30).

A construção interativa e compartilhada da significação que é levada a cabo pelos participantes dos grupos clínicos e a pesquisadora no decurso da ativação e ao longo do fornecimento dessas pistas contextuais para a interpretação das expressões metafóricas aponta para uma atuação em concerto, entre linguagem e outros processos cognitivos (como memoria ou atenção), em que cada um tem o seu papel organizacional, mas não têm uma relação dicotômica.

As análises que realizamos sugerem que, ao estar relativamente preservada nas afasias e na Doença de Alzheimer e mostrar-se sobremaneira em situações contextualizadas e colaborativas de uso, a capacidade de realizar operações de natureza meta, concebida como prática sociocognitiva, é fundamental para a interpretação da metaforicidade. Assim, em vez de dificultar o percurso interpretativo das construções figurativas, os processos que envolvem metalinguagem e metacognição oferecem suportes interacionais, textual-discursivos e contextuais para que o sentido metafórico possa ser construído.

iii) quais as semelhanças e as diferenças relativas ao processamento da metaforicidade nas afasias e na Doença de Alzheimer?

Uma de nossas hipóteses empíricas é a de que ainda que possam apresentar similaridades semiológicas neurolinguísticas e similaridades sociocognitivas gerais, pessoas afásicas e pessoas com Doença de Alzheimer exibem diferenças relativas ao trabalho interpretativo demandado pelas expressões metafóricas. Verificamos a compatibilidade dessa postulação no que se refere aos padrões de desempenho dos grupos nos diferentes tipos de expressões metafóricas, os quais são discrepantes entre si e diferem também com relação à expectativa interpretativa.

Os padrões interpretativos hipotetizados ao longo da tese para cada grupo e tipo de expressão metafórica se confirmam apenas para o grupo Afasia, que, em termos de condições clínicas, possui menor heterogeneidade linguístico-cognitiva que os grupos Doença de Alzheimer. O melhor desempenho dos afásicos na interpretação de

metáforas parece estar associado à maior convencionalidade das expressões que constituem o Protocolo e à forma idiomática como foram apresentadas aos participantes, estruturadas de forma enunciativamente mais contextualizada (como *criei raízes nessa cidade).* As maiores dificuldades do grupo Afasia para interpretar os provérbios estão provavelmente relacionadas ao alto grau de idiomaticidade desses enunciados. Por outro lado, o percurso interpretativo dos idiomáticos, que, em tese, seria facilitado em razão da sua relativa fixidez e baixa demanda composicional, mostrou-se dificultado possivelmente porque eles foram apresentados de maneira isolada, sem um contexto enunciativo (como *por uma pedra sobre o assunto*), diferentemente das metáforas.

Portanto, resguardadas as diferenças configuracionais específicas a cada expressão, os aspectos estruturais gerais que caracterizam provérbios, idiomáticos e as metáforas do Protocolo atuam frontalmente sobre a qualidade interpretativa da metaforicidade nas afasias. Ainda que o maior grau de idiomaticidade dificulte o reconhecimento e a interpretação da metaforicidade, a presença de um cotexto na expressão metafórica ajuda a ancorar o trabalho metalinguístico do afásico. A contextualização das metáforas em enunciados funciona porque, ao fazê-la, as experiências, que constituem a base do nosso sistema conceptual, são trazidas à tona, tornando as expressões mais inteligíveis do ponto de vista referencial.

A produção de respostas literais pelo grupo Afasia pode ser considerada uma estratégia de busca pela interpretação apropriada de provérbios e idiomáticos que possuem ambiguidade. Longe de consistir em um mero erro ocasionado pela incapacidade de suprimir o significado não figurativo, esse padrão interpretativo indica que os participantes afásicos demonstram estar operando com a metalinguagem, na medida em que buscam sentidos possíveis – fora da metaforicidade –, mas que não são pragmaticamente relevantes tendo em vista o evento discursivo em curso.

A atribuição de respostas literais é feita somente a expressões metafóricas nas quais elas são semanticamente plausíveis, o que indica que, no momento da enunciação, o sentido metafórico estava menos saliente do que o sentido concorrente. Em geral, quando os participantes afásicos foram questionados sobre a possibilidade de um outro significado ou uso para a expressão, identificaram a sua metaforicidade, o que é um importante indicativo de que fatores como convencionalidade, frequência, familiaridade ou prototipicidade atuam sobre a saliência da significação (GIORA, 1997).

No grupo Doença de Alzheimer leve, a obtenção de melhores desempenhos interpretativos nas metáforas pode, como nas afasias, ser creditada, à maior convencionalidade e à apresentação idiomática das expressões. No entanto, aqui, ambas as características parecem diminuir a demanda pelo estabelecimento de relações entre os diferentes tipos de memória e conhecimentos de mundo e ajudar a mobilizar enquadramentos, como modelos de contexto, que conferem relevância ao sentido metafórico das expressões. As dificuldades relacionadas à interpretação proverbial parecem resultar de uma maior exigência por operações relacionais e de seletividade informacional durante o processo inferencial envolvido na mobilização de cenas referenciais veiculadas pelos provérbios. O fato de o desempenho interpretativo mais baixo do grupo Doença de Alzheimer leve ser para os idiomáticos está, a nosso ver, associado às dificuldades de seleção e integração de conhecimentos que são intensificadas pela carência cotextual das expressões, a qual prejudica a ancoragem sociocogntiva.

Logo, o aspecto funcional, de âmbito mais sociocognitivo, atua enfaticamente na forma como pessoas com Doença de Alzheimer em estágio leve interpretam a metaforicidade nos três tipos de expressão em foco. A presença de idiomaticidade, ainda que em menor grau nas metáforas e, em maior grau nos provérbios, contribui para a mobilização e manipulação de conhecimentos necessários para a interpretação dessas expressões. Assim, a desorganização sociocognitiva que perturba a metalinguagem na fase leve dessa neurodegenerescência, dificultando a emergência de representações semântico-pragmáticas e o estabelecimento dos mais variados tipos de relação entre elas, parece incidir menos sobre as metáforas e os provérbios e mais sobre os idiomáticos, fator que pode estar associado à existencia de cotextos naquelas expressões, os quais atuam na ancoragem de conhecimentos sociopragmáticos.

Como esperado, entre os três grupos, o grupo Doença de Alzheimer moderado é aquele que apresenta maior variabilidade interpretativa, o que pode ser um indicativo da intensificação da instabilidade sociocognitiva nessa fase da neurodegenerescência. Com uma diminuição substancial de produção de respostas relevantes para todos os tipos de expressão, a ausência de um contexto linguístico para os idiomáticos parece ter menor repercussão na interpretação dessas expressões, quando comparamos esse grupo com os outro grupos clínicos. De forma similar, a apresentação idiomática das metáforas e o alto grau de idiomaticidade que caracterizam os provérbios do Protocolo

pouco contribuem para o percurso interpretativo pertinente dessas duas construções figurativas.

O que ponderamos sobre os grupos clínicos ganha maior relevo quando comparamos os seus resultados com os resultados do grupo Controle, que, em ambos os procedimentos, obteve desempenhos mais relevantes na interpretação de provérbios, metáforas e idiomáticos, respectivamente. O alto grau de idiomaticidade dos provérbios torna a metaforicidade desses enunciados mais saliente para as pessoas sem comprometimento neurocognitivo e, em menor grau, para as pessoas com Doença de Alzheimer, sobretudo na fase leve, o que não ocorre com os afásicos. Por outro lado, a ausência de cotexto para os idiomáticos é uma condição que dificulta a interpretação metafórica dentro e fora das patologias.

A obtenção de percentuais de respostas centralmente relevantes mais elevados na interpretação dos três tipos de expressões pelo grupo Doença de Alzheimer leve, comparativamente aos outros grupos clínicos, pode ser um indício de que, nessa fase, as suas alterações linguístico-cognitivas impactam menos no processamento da metaforicidade do que as dificuldades enfrentadas pelos afásicos e pessoas com Doença de Alzheimermoderado. No estágio leve da Doença de Alzheimer, em comparação à sua fase moderada e às afasias, o processamento metafórico de expressões convencionais pode estar menos comprometido, já que tende a envolver um menor número de recursos cognitivos gerenciais relativos à memória de trabalho – em geral, deficitária –, recrutando, em maior grau, memórias de longo prazo – cujo prejuízo é mais elevado na fase moderada da patologia.

O grupo Doença de Alzheimer leve mantém um mesmo padrão de desempenho interpretativo quanto aos três tipos de expressões nos procedimentos 1 e 2, atribuindo ao longo do primeiro as respostas mais relevantes. Isso ocorre parcialmente com os demais grupos clínicos, já que o grupo Doença de Alzheimer moderado obtém desempenhos mais apropriados no procedimento 1 para idiomáticos e metáforas, ao passo que o grupo Afasia fornece interpretações mais pertinentes no procedimento 2 aos provérbios e idiomáticos. Esses resultados tendem a indicar que a convenção linguística, presente no procedimento 1, de menção, do Protocolo, contribui favoravelmente para a interpretação de maior relevância das pessoas com Doença de Alzheimer; de igual modo, a convenção contextual, que faz parte do procedimento 2, de uso, ajuda as pessoas com afasia a interpretarem de forma figurativamente apropriada as expressões. O fato de o grupo Controle não exibir variação a esse respeito

reforça que as diferenças de desempenho interpretativo com relação ao procedimento podem estar associadas às condições linguístico-cognitivas dos participantes dos grupos clínicos.

Não obstante as diferenças identificadas, verificamos similaridades quanto ao percurso interpretativo da metaforicidade, já que todos os grupos lançam mão de uma série de processos linguístico-discursivos – explicação, exemplificação, comentário, avaliação, ponderação etc. – para atribuir significados e contextos de uso às expressões. Esse padrão parece evidenciar tanto a existência de semelhanças entre as características linguístico-cognitivas das afasias e da Doença de Alzheimer, quanto a influência de fatores que são próprios da interação. Assim, o caráter metaenunciativo do Protocolo, os seus procedimentos de menção e uso, bem como a situação de testagem neuropsicolinguística a que os grupos estão expostos contribuem para direcionar o tipo de estratégia utilizada pelos participantes.

Os diferentes tipos de estratégias metadiscursivas usados pelos participantes dos grupos clínicos evidenciam, a um só tempo, semelhanças relacionadas ao comportamento diante do evento discursivo em curso e diferenças que parecem ser tributárias de suas condições linguístico-cognitivas. Enquanto a utilização da estratégia modalizadora de atenuação por todos os grupos clínicos está associada à natureza interativa e reflexiva do Protocolo, o uso de estratégias metaenunciativas e da estratégia metaformulativa de autocorreção pelos grupos Afasia e Doença de Alzheimer leve parece ter relação com uma maior preservação da competência de realizar operações de natureza meta nesses quadros, a qual encontra-se mais prejudicada no estágio moderado da neurodegenerscência.

A variabilidade configuracional que caracteriza as 45 construções figurativas constitutivas do Protocolo também incide sobre a forma como os as expressões metafóricas são interpretadas no contexto empírico focalizado. Tais construções são bastante diferentes entre si e, além disso, um idiomático, provérbio ou metáfora pode combinar diferentes variáveis, o que torna cada um desses tipos de expressão uma classe heterogênea. Características como explicitude do tópico e do veículo, ausência de ambiguidade e maior grau de transparência das expressões parecem possibilitar interpretações mais relevantes ao três tipos de construções figurativas por todos os participantes dos grupos clínicos. De igual modo, expressões compostas por mapeamentos metonímicos tendem a ser mais facilmente interpretadas por esses participantes. Esse padrão indica que, nesses quadros de instabilidade sociocognitiva, o

reconhecimento e a interpretação da metaforicidade estão associados ao grau de esforço inferencial que é demandado para realizar as projeções necessárias à configuração metafórica.

A produção de respostas literais é outro indicativo da influência da variabilidade configuracional das expressões metafóricas para a interpretação dos grupos clínicos. Esse padrão interpretativo só foi atribuído a provérbios e idiomáticos ambíguos, com tópicos implícitos e veículos explícitos, de maior grau de metaforicidade e ausentes de mapeamentos metonímicos, isto é, a construções figurativas mais complexas em termos de sua natureza estrutural.

A atuação do interlocutor (pesquisadora) também produz efeitos similares para o processamento metafórico dos participantes dos três grupos, indicando que as operações de contextualização, indução e checagem são importantes para o processamento figurativo em condições de alterações linguístico-cognitivas.

Passemos agora à ponderação sobre as regularidades linguísticas, pragmáticas e discursivas envolvidas no cálculo metafórico realizado por afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer em estágio leve e em estágio moderado para interpretar a metaforicidade em idiomáticos, provérbios e metáforas. Os nossos resultados sugerem a emergência de regularidades relativas a duas dimensões: i) quanto às expressões metafóricas que compõem o Protocolo; e ii) com relação às respostas atribuídas pelos participantes do estudo. Essas regularidades estão associadas aos fatores internos e externos relativos à significação metafórica

Entre as regularidades do primeiro tipo, podemos elencar a explicitude/implicitude do tópico e veículo, a ambiguidade/não-ambiguidade, o grau de transparência, o grau de metaforicidade, a configuração metafórica, o grau de idiomaticidade e o nível de composicionalidade. Fazem parte do segundo grupo a familiaridade, a formulaicidade, a co-construção de significados, o contexto, os processos inferenciais e os processos meta. Com base na atuação dessas variáveis nos dados analisados, sugerimos que algumas delas têm papel decisivo na interpretação de expressões metafóricas por pessoas com afasia e Doença de Alzheimer, ao passo que outras exercem menores níveis de interferência.

Destacamos as regularidades que atuam com maiores ênfases nos diferentes tipos de expressões metafóricas e no que concerne ao desempenho interpretativo dos participantes da pesquisa.

Regularidades quanto às expressões metafóricas que compõem o Protocolo

Explicitude/implicitude do tópico e veículo – Trata-se da regularidade relativa às expressões metafóricas que sofre menos variação. Os provérbios, idiomáticos e metáforas cujos tópicos e veículos envolvidos no mapeamento estão explícitos são interpretados com maior relevância por todos os grupos e em ambos os procedimentos. Essa característica cria condições mais favoráveis de interpretação, uma vez que expressões com tal configuração demandam menor esforço inferencial no decurso do mapeamento entre os domínios comparativamente às construções figurativas com tópicos e veículos implícitos, cujo cálculo metafórico requer também que seja feita a inferência obre a entidade da qual se fala no provérbio, metáfora ou idiomático. Os mecanismos de ocultação e destaque necessários à focalização e à seleção de informações no mapeamento metafórico (KOVECSES, 2005) recrutam necessariamente operações de gerenciamento linguístico-cognitivo, de forma que, tanto para afásicos quanto pessoas com Doença de Alzheimer, expressões metafóricas com tópico e veículo explícitos fornecem, em sua superfície linguística, pistas para que sejam interpretadas.

Ambiguidade/não-ambiguidade – De modo geral, a ausência de ambiguidade nas expressões tende a facilitar a interpretação metafórica, sendo importante para direcionar a saliência apropriada do significado figurativo (GIORA, 1997) e diminuir o esforço inferencial demandado pelo processamento sociocognitivo de provérbios e idiomáticos com sentidos "literais" plausíveis. Se a hipótese do déficit de supressão (PAPAGNO et. al., 2003; PAPAGNO et. al., 2004; RASSIGA et. al., 2009; CACCIARI et. al., 2006) estiver correta, a interpretação de expressões não-ambíguas deve ser menos difícil para afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer, tal qual nossos dados mostraram.

Grau de transparência – Os idiomáticos mais transparentes são interpretados de forma mais apropriada por todos os grupos comparativamente às expressões mais opacas. Na Doença de Alzheimer e nas afasias, essas pistas, que fazem parte da superfície linguística dos idiomáticos com maior grau de transparência, contribuem para reduzir os efeitos gerados pelos déficits metacognitivos relativos aos sistemas

mnêmicos e atencionais que dificultam a seletividade e o estabelecimento de relações no processamento metafórico, bem como pelas dificuldades metalinguísticas.

Grau de metaforicidade – Trata-se da regularidade que, em nossos dados, comporta-se de maneira menos uniforme. A emergência de diferentes padrões interpretativos entre os grupos e expressões pode ser uma evidência de que, em decorrência da maior complexidade envolvida na configuração do grau de metaforicidade, essa variável é mais suscetível à influência de outros fatores do que as demais regularidades identificadas. Assim, com relação aos provérbios, o nível de instabilidade semântico-pragmática, o número de mapeamentos figurativos e a frequência contribuem para tornar mais saliente a interpretação relevante das expressões menos metafóricas do que as que têm maior grau de metaforicidade nos três grupos. Quanto às metáforas, embora digam respeito a expressões convencionais, as que têm ativação mais proeminente da metaforicidade propiciam maior saliência interpretativa aos grupos Doença de Alzheimer leve e Afasia do que aquelas cuja figuratividade é pouco ativada, a exemplo do que ocorre com as metáforas adormecidas, o que, em parte, é induzido pelas próprias instruções aos participantes da pesquisa, os quais foram informados de que seriam expostos a construções metafóricas.

Grau de idiomaticidade – Ainda que não tenhamos realizado uma classificação do grau de idiomaticidade de cada provérbio, idiomático e metáfora que compõe o Protocolo, admitimos a variação dessa característica tanto entre os três tipos de expressões metafóricas quanto entre as construções figurativas tomadas isoladamente. Uma vez que, mesmo variando de expressão para expressão, em uma escala de idiomaticidade, os provérbios têm o mais alto grau (JESUS; MIRANDA, 2003), seguidos pelos idiomáticos e depois pelas metáforas, haja vista a sua forma de apresentação aos participantes, consideramos que esse fator constitui uma regularidade. Assim, maiores graus de idiomaticidade em provérbios geram dificuldades interpretativas para os afásicos, ao passo que facilitam a interpretação metafórica para pessoas com Doença de Alzheimer na fase leve. A forma idiomática pela qual as metáforas são apresentadas na aplicação do Protocolo torna a sua metaforicidade mais apreensível para os grupos Afasia e Doença de Alzheimer leve.

Regularidades relativas às respostas atribuídas pelos participantes

Familiaridade – Essa regularidade consiste em uma condição *sine qua non* para que os participantes interpretem as expressões metafóricas, embora, de forma isolada, tal variável não garanta a construção da significação apropriada. Assim, como verificamos nos nossos dados, o reconhecimento de uma construção figurativa indica que aquele que busca interpretá-la, de alguma forma, a identifica, mas, pode, naquele momento, não contar com o suporte necessário para fazer a sua trajetória interpretativa.

Co-construção de significados – Tal regularidade parece operar sobretudo a partir da atuação do interlocutor (a pesquisadora) na interação com os participantes já que, em nossos dados, esse movimento interferiu favoravelmente no processo interpretativo de todos os grupos clínicos para ambos os procedimentos dos três tipos de expressão metafórica. As estratégias de contextualização e indução atuaram diretamente no reenquadramento das construções dos sentidos metafóricos, principalmente por meio das pistas de contextualização, o que aponta a importância da elaboração compartilhada da significação para a interpretação figurativa, em especial nas afasias e na Doença de Alzheimer, que contam com um contingente de recursos linguístico-cognitivos que precisam ser constantemente estimulados ou redirecionados.

Contexto – O procedimento 2 do Protocolo e as estratégias de contextualização de que a pesquisadora lança mão no decurso interativo com os participantes tornam o contexto uma regularidade preponderante para a interpretação de expressões metafóricas. Enquanto o emprego de fatores contextualizadores, como os enquadramentos de contextos de uso e as pistas de contextualização, são importantes para a interpretação da metaforicidade pelos três grupos, a presença de um procedimento de natureza contextual no Protocolo mostra-se de especial relevância para a emergência de respostas apropriadas pelos afásicos.

Processos inferenciais – Ainda que opere em diferentes níveis, em geral dependentes de regularidades atinentes às expressões metafóricas, a inferenciação perfaz uma regularidade fundamental na interpretação da figuratividade das expressões em foco. Portanto, características como os déficits no mecanismos de supressão, associados às afasias e à Doença de Alzheimer, assim como alterações metalinguísticas *stricto sensu* e problemas de organização conceptual, creditados, respectivamente, a essas duas

patologias, por si só, não impossibilitam a emergência de processos inferenciais relevantes para a interpretação metafórica.

Processos meta – Trata-se de uma regularidade que se baseia na competência de realizar operações meta, as quais ocorrem, ainda que não em sua totalidade, em ambos os procedimentos do Protocolo e na interpretação de todos os tipos de expressão metafórica. Os participantes dos três grupos clínicos usam estratégias metaformulativas, modalizadoras e metaenunciativas com diferentes finalidades discursivas e interativas. A emergência dessas estratégias evidencia uma série de movimentos metacognitivos e metalinguísticos, como ações de proteção de face, o reconhecimento das próprias dificuldades e a identificação e reparo de falhas linguísticas, discursivas e pragmáticas, as quais, por seu turno, indicam posturas de reflexividade sobre a linguagem metafórica, a situação interativa e os obstáculos linguístico-cognitivos ocasionados por tais condições clínicas.

Passamos, na sequência, às considerações gerais sobre o presente estudo. As nossas análises dão subsídio à hipótese segundo a qual a natureza sociocognitivamente heterogênea da Doença de Alzheimer gera interferências na capacidade de agir de forma seletiva, relevante e perspectivada, ações que são essenciais para a identificação, o processamento e a interpretação da metaforicidade. No que se refere às afasias, os resultados que encontramos mostram a necessidade de reenquadramos a concepção estruturalista tradicionalmente veiculada nos estudos afasiológicos sobre metalinguagem e o próprio escopo do termo afasia (MORATO, 2010). Como pudemos observar nos dados obtidos, a metalinguagem "não se reduz à função metalinguística".

O *corpus* da presente pesquisa contribui para evidenciar que a interpretação metafórica das pessoas com Doença de Alzheimer e afasia foi possível não apenas pela apreensão dos conteúdos semânticos atinentes às expressões, mas também a partir de expectativas interpretativas que mantiveram, da construção conjunta de sentido que desenvolveram no decorrer da interação com a investigadora e das variadas formas de competência que demonstraram por meio do manejo de variados processos meta.

Ao admitirmos uma concepção sociocognitiva e discursiva da metáfora, os nossos dados indicam a necessidade de expandir a noção de cognição enquanto faculdade mental interna para a ideia de ação conjunta, cuja gênese e funcionamento não deixam de recrutar estruturas e processos biológicos, mas constituem-se por

requererem intersubjetividade e perspectivação, em um desdobramento da práxis sociocultural (TOMASELLO, 2003).

Considerando que os dados clínicos são ferramentas empíricas para o desenvolvimento do estudo da figuratividade e que esta constitui um aparato conceitual direcionado não apenas à explicação dos contextos clínicos, mas à sua superação, por meio de condutas terapêuticas e sociais mais inclusivas, a metáfora na vida cotidiana está muito longe de disposições simplificadoras, supostamente concretas e literais. A metaforicidade "amarra", no sentido de que estabiliza, língua e exterioridade cognitivo-discursiva.

Nessa perspectiva, a patologia que mais perturba a relação entre metáfora e experiência simbólica não parece ser a afasia. Não dependendo apenas dos processos de significação linguística, a condição que mais afetaria a relação aludida acima parece ser a Doença de Alzheimer, principalmente em sua fase moderada, que coloca em risco os sistemas conceptuais de uma forma abrangente. É, pois, a escassez da dimensão simbólica das experiências humanas, discursivas e sociocognitivas, e não apenas a escassez do significante, que estaria na base da alteração da compreensão dos processos metafóricos.

Como muitos autores têm observado, o processamento de expressões metafóricas se deve tanto a fatores internos quanto a fatores externos à língua, como certas regularidades linguísticas e o grau de idiomaticidade no primeiro caso, e como o grau de familiaridade, o enquadramento sociocognitivo e as pistas contextuais, no segundo caso.

Indivíduos que procedem a análises composicionais de expressões idiomáticas metafóricas podem tomar partes dela de forma independente, mas não literais (GIBBS; GONZALES, 1985). Do mesmo modo, podem se servir de partes da expressão proverbial que, tomadas de forma independente, tendem a contribuir de algum modo para o seu sentido global. Ou seja, esse tipo de interpretação nem sempre pode ser considerado necessariamente literal.

Tais aspectos e considerações são de grande importância para a compreensão do processamento de expressões metafóricas, seja no contexto patológico, seja no contexto não patológico: não apenas porque as expressões têm graus distintos de idiomaticidade e metaforicidade (ou seja, admitem mais e menos acréscimos ou supressões de sua estrutura, têm maior ou menor ambiguidade, convencionalidade ou composicionalidade, por exemplo), mas porque também as experiências psicossociais

dos indivíduos com elas é distinta (ou seja, são mais ou menos familiares, mais ou menos frequentes, por exemplo).

Além disso, o traço de formulaicidade das expressões (característica de estrutura pré-fabricada integrante do nosso repertório linguístico e sociocognitivo, do uso da linguagem e da tradição cultural) torna a sua interpretação analítica, tal como demandado no Protocolo de pesquisa e em situações de explicitação do sentido de uma forma geral, sendo mais complexa e diversa do ponto de vista linguístico-cognitivo. De todo modo, o uso e a compreensão dessas expressões têm a ver com uma competência não meramente linguística ou gramatical, e sim pragmático-discursiva. Isso se aplica tanto a indivíduos dos grupos clínicos, quanto a pessoas sem comprometimento neurocognitivo.

Os indivíduos com Doença de Alzheimer obtiveram melhor desempenho, diga-se de passagem, em relação às expressões cuja idiomaticidade era mais forte, com menor grau de variação. Afásicos e pessoas com Doença de Alzheimer na fase leve alcançaram melhor desempenho na interpretação de metáforas apresentadas idiomaticamente. Assim, apesar das regularidades linguísticas das expressões metafóricas (cujas estruturas variam, vale notar), e considerando que a metaforicidade, a idiomaticidade e a decomponibilidade constituem-se como traços variáveis na interpretação das expressões pelos participantes da pesquisa, os fatores ditos externos, como a familiaridade, o contexto (enunciativo, situacional, pragmático) e a co-construção do sentido no fluxo da interação, atuam de modo igualmente importante e por vezes decisivo nas respostas por eles – indivíduos – fornecidas. Vimos que esses traços operam ora de forma explícita, ora de forma mais implicita na construção do sentido metafórico; são essenciais para a resolução do "problema do reconhecimento" aludido por Stern (2000 *apud* BARRETO, 2017), relativo ao processo ou à maneira pela qual os falantes identificam que uma estrutura é ou não metafórica.

Os dados aqui analisados levam-nos a considerar que fatores internos e extermos são responsáveis e igualmente relevantes para a interpretação metafórica. As regularidades encontradas no *corpus*, tanto quanto as diferenças de interpretação pelos grupos que o constituem levam-nos a admitir que há um sentido de complementaridade nas teorias de cunho sociocognitivo que procuram explicar o processamento da metáfora.

Neste espírito, a principal contribuição desta pesquisa é, a partir de uma arbitragem interdisciplinar, tentar compreender as principais características que

concorrem para a interpretação da metaforicidade em expressões figurativas que são linguística e cognitivamente diferentes por pessoas com instabilidades linguísticas e sociocognitivas de naturezas distintas. Com o desenvolvimento deste estudo, buscamos entender como o fenômeno metafórico articula-se às diversas configurações dos provérbios, idiomáticos e metáforas e, então, ponderar sobre as demandas interpretativas específicas que essas construções figurativas geram nos quadros clínicos de interesse. Esse tipo de investigação é ainda exíguo na literatura linguística e neurolinguística, especialmente no cenário acadêmico brasileiro.

Acreditamos que esta pesquisa, ao procurar jogar luzes sobre regularidades estruturais e funcionais das expressões metafóricas, chama a atenção para os modos de estudá-las. Alguns dos desafios mais complexos do campo da Neurolinguística são o estudo sistemático da linguagem em situações variadas de uso e a constituição de *corpus* autêntico. Esta pesquisa se inscreve na tradição da Neurolinguística que procura estudar as relações entre linguagem e cognição em variadas situações humanas, de modo a compreender como se forja nosso sistema conceptual, nossa cognição social, nossa capacidade comunicativa.

Referências

AHLSÉN, E.. **Introduction to neurolinguistics.** Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2006.

AMANZIO, M.; GEMINIANI, G.; LEOTTA, D.; CAPPA, S. Metaphor comprehension in Alzheimer's disease: Novelty matters. **Brain and Language**, 107, 2008, p. 1-10.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders** - DSM-5. 5th.ed. Washington: American Psychiatric Association, 2013.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. **Stéréotypes et clichés***:* langue, discours, société. Paris: Nathan Université, 1997.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Antônio Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

ARRIVÉ, M. **Lingüística e Psicanálise**. São Paulo: Edusp, 1994.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

AZEVEDO, P. G.; LANDIM, M. E.; FÁVERO, G. P.; CHIAPPETTA, A. L. M. L. Linguagem e memória na doença de Alzheimer em fase moderada. **Rev. CEFAC**; 12(3), 2010, p. 393-399.

BADDELEY, A. **Working Memory.** Oxford: Clarendon Press, 1986.

BADDELEY, A. D.; DELLA SALA, S.; GRAY, C.; PAPAGNO, C.; SPINNLERS, H. Testing central executive function with a pencil-and-paper test. In P. Rabbitt (Ed.), **Methodology of frontal and executive function**. Hove: Psychology Press, 1997, p. 61-80.

BARCELONA, A. Ed. **Metaphor and Metonymy at the Crossroads**. A Cognitive Perspective. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

BARRETO, S. O. G. **Compreendemos "pintar o sete" e "pintar o quadro" da mesma forma? Um estudo experimental sobre o processamento de expressões idiomáticas no PB**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

BARRETO, S. O. G.; MARCILESE, M.; OLIVEIRA, A. J. A.. Idiomaticidade, familiaridade e informação prévia no processamento de expressões idiomáticas no PB. **Letras de Hoje**, v. 53, 2018, p. p. 119-129.

BAYLES, K. A. Language function in senile dementia. **Brain and Language**, Arizona, v. 16, n. 2, Jul. 1982, p. 265-280.

BAYLES, K. A.; KASNIAK, A. M. **Communication and cognition in normal aging and dementia**. Londres: Tylor and Francis, 1987.

BECKER, J. T. Working memory and secondary memory deficits in Alzheimer's disease. **Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology**, 10, 1988, p. 739-753.

BERTOLUCCI, P. H. F. **Doença de Alzheimer** – Histórico, quadro clínico e diagnóstico. In: CAIXETA, L. (Org). Demência. Abordagem Multidisciplinar. São Paulo/SP: Atheneu, 2009.

BILLIG, J. D.; VANIN, A. A.; WAGNER, G. P. A relação entre metáforas conceptuais e funções executivas: uma revisão da literatura. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre**, v. 11, n. esp. (supl. 1), setembro 2018, p. 100-112.

BLACK, M. **Metaphor**. In: Models and Metaphors Studies in Language and Philosphy. New York: Itaca, p. 25-47, 1968.

BLACK, M. **More about metaphor**. In: ORTONY, A. (Ed.). Metaphor and thought. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

BLASKO, D. G.; BRIHL, D. S. Reading and recall of metaphorical sentences: effects of familiarity and context. **Metaphor Symbol** 12, 1997, p. 261–285.

BOBROW, S. A.; BELL, S. M. On catching on to idiomatic expressions. **Memory and cognition**, n. 1, mar. 1973, p. 343-346.

BOLDRINI, M. **As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idiomatismos.** (Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica orientado por Edwiges Maria Morato – FAPESP), 2004.

BOTTINI, G.; CORCORAN, R.; STERZI, R.; PAULESU, E.; SCHENONE, P.; SCARPA, P. et al. The role of the right hemisphere in the interpretation of figurative aspects of language. A positron tomography activation study. **BRAIN** 117, 1994. p. 1241-1253.

BOWDLE, B.; GENTNER, D. The career of metaphor. **Psychological Review**, 112, 2005, p. 193-216.

BRANDÃO, L. **Discurso e contexto na neuropsicologia: implicações de uma abordagem sócio-cognitiva para o entendimento de distúrbios pragmáticos**. Manual de Neuropsicologia, São Paulo: Atheneu, 2012.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. M. P; Doença de Alzheimer e a aplicação de diferentes tarefas discursivas. **Psicol: Reflex Crit.** v. 24(1), 2011, p. 161-9.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M.A.M.P; PEÑA-CASANOVA, J. Estratégias Comunicativas de Pessoas com Doença de Alzheimer. **Psicol: Reflex Crit.** 23 (2), 2010, p. 308-316.

BRUNDAGE. Comparison of proverb interpretations provided by non-brain-damaged adults, aphasic adults, right-hemisphere-damaged adults, and adults with probable dementia. **Clin. Aphasiol.** 24, 1996, p. 215–231.

BURGESS, C.; CHIARELLO, C. Neurocognitive mechanisms underlying metaphor comprehension and other figurative language. **Metaphor Symbolic Activity**, 1986, 11, p. 67–84.

CACCIARI, C. Processing multiword idiomatic strings: Many words in one? **Mental Lexicon**, 9, 2014, p. 267–293.

CACCIARI, C.; PAPAGNO, C. **Neuropsychological correlates of idiom understanding: How many hemispheres are involved?** In M. Faust (Ed.) Neuropsychology of language: Advances in the neural substrates of language. Toward a synthesis of basic science and clinical research. Vol. 1. Chicester, UK: Wiley Blackwell, 2012, p. 368-384.

CACCIARI, C.; TABOSSI P. The comprehension of idioms. **Journal of Memory and Language**, 27(6), 1988, p. 668-683.

CACCIARI, C.; REATI, F.; COLOMBO, M. R.; PADOVANI, R.; RIZZO, S.; PAPAGNO, C. The comprehension of ambiguous idioms in aphasic patients. **Neuropsychologia**, 44(8), 2006, p. 1305-1314.

CAIXETA, L.; CARVALHO, K. C. N.; TAVEIRA, D. L.; VARGAS, C. Brain-language relationships. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria** (Impresso), 70, 2012, p. 647-647.

CAMERON, L. **Identifying and describing metaphor in spoken discourse data**. In: CAMERON, L.; LOW, G.. Researching and applying metaphor. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CAMERON, L. **Metaphor in educational discourse**. London: Continuum, 2003.

CAMERON, L. **Patterns of metaphor use in reconciliation talk**. Discourse and Society, 18(2), 2007, p. 197-222.

CAMERON, L. **Metaphor shifting in the dynamics of talk**. In: Zanotto, M. S. et al. Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach. Amsterdam: J. Benjamins, 2008.

CAMERON, L. **The discourse dynamics framework for metaphor.** In Cameron, L. and Maslen, R. (eds.) *Metaphor Analysis: Research Practice in Applied Linguistics, Social Sciences and the Humanities*, London: Equinox, 2010, p. 77–94.

CAMERON, L.; DEIGNAN, A. The Emergence of Metaphor in Discourse. **Applied Linguistics** 27(4), 2006, p. 671-690.

CAMERON, L.; MASLEN, R. (Orgs.). **Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities**. London: Equinox, 2010.

CAMERON, L.; MASLEN, R.; TODD, Z.; MAULE, J.; STRATTON, P.; STANLEY, N.. The discourse dynamics approach to metaphor and metaphor-led discourse analysis. **Metaphor and Symbol**, 24(2), 2009, p. 63–89.

CAMERON, L.; SEU, I. B.. Landscapes of empathy: Spatial scenarios, metaphors and metonymies in responses to distant suffering. **Text & Talk***, 32*(3), 2012, p. 281–305.

CAMPANHA, A. C.; LIRA, J. O.; DINIZ, A.; ORTIZ, K. Z.; BERTOLUCCI, P. H. F; MINETT, T. Performance comparison of Alzheimer disease and healthy subjects in interpretation of popular proverbs. **Alzheimer's & Dementia**, 4 (Suppl.), T 12, 2008. T12.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. (Trabalho original publicado em 1966)

CARAMELLI, P. et al., Structural correlates of cognitive deficits in a selected group of patients with Alzheimer's disease. Neuropsychiatry, **Neuropsychology, and Behavioral Neurology**, v. 11, 1998, p. 184-190.

CASTRO-CALDAS, A. **A Herança de Franz Joseph Gall** – O cérebro ao serviço do comportamento humano, McGraw Hill: Lisboa, 1999.

CAZELATO, S. O. **A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo.** Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

CAZELATO, S. O. **A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos**. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2008.

CHAPMAN, S. B; ZIENTZ, J.; WEINER, M. et. al. Discourse changes in early Alzheimer disease, mild cognitive impairment, and normal aging. **Alzheimer Dis Assoc Disord.** 16, 2002, p. 177-186.

CHAPMAN, S.B.; ULATOWSKA, H. K.; FRANKLIN, L. R.; SHOBEH, A.E.; THOMPSON, J.L.; MCINTIRE, D.D. Proverb interpretation in fluent aphasia and Alzheimer's disease: Implications beyond abstract thinking. **Aphasiology**, 11(4–5), 1997, p. 337–350.

CHARCHAT, H. et al. Investigação de Marcadores Clínicos dos Estágios Iniciais da Doença de Alzheimer com Testes Neuropsicológicos Computadorizados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**.14(2), 2001, p. 305-316.

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis**. Basingstoke: Palgrave-Macmillan, 2004.

CHARTERIS-BLACK, J.. **Politicians & Rhetoric**. Basingstoke: PalgraveMacmillan, 2005.

CHIAPPE, D.; KENNEDY, J. M.; CHIAPPE, P. Aptness is more important than comprehensibility in predicting recognition bias and preference for metaphors and similes. **Poetics**, 31, 2003, p. 51-68.

CIÉSLICKA, A. B.; RATAJ, K.; JAWORSKA, D. Figurative language impairment in aphasic patients. **Neuropsychiatry and Neuropsychology,** 6 (1), 1-10, 2011.

CODE, C.; LODGE, B. Language in dementia of recent referral. **Age Ageing** 16, 1987, p. 366–372.

COLLIE, A.; MARUFF, P. The neuropsychology of preclinical Alzheimer's disease and mild cognitive impairment. **Neuroscience and Biobehavioral Reviews**, 24, 2008, p. 365-374.

COUDRY, M. I. H.. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COULSON, S. **Electrifying Results: ERP Data and Cognitive Linguistics.** In: GONZALEZ MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. (Eds.). Methods in Cognitive Linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

COULSON, S. **Semantic leaps:** Frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

COULSON, S.; OAKLEY, T. Blending and coded meaning: Literal and figurative meaning in cognitive semantics. **Journal of Pragmatics** 37, 2005, p. 1510-1536.

CRUZ, F. M. **Linguagem, Interação e Cognição na Doença de Alzheimer.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

DAMASCENO, B. P. Trajetórias do envelhecimento cerebral: o normal e o patológico. In: NERI, A. L. **Desenvolvimento e Envelhecimento.** Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas/SP: Papirus, 2001.

DÉFONTAINES, B. **Les démences.** Paris: MED- Line Éditions, 2001.

DEIGNAN, A. **Metaphor and Corpus Linguistics.** Amsterdam: John Benjamins, 2005.

DEIGNAN, A.; CAMERON, L. A Re-examination of UNDERSTANDING IS SEEING. **Journal of Cognitive Semiotics** Vol. V No. 1-2 Conceptual Metaphor Theory: 2013.

DEIGNAN, A.; LITTLEMORE, J.; SEMINO, E.. **Figurative Language, Genre and Register**. Cambridge University Press, 2013.

DIAS, T. M. **Categorização social e concepção de Doença de Alzheimer: Implicações e perspectivas dos modelos biomédico e social.** Pesquisa de Iniciação Científica. Universidade Estadual de Campinas, 2012.

DIENSTBACH, D. Metaforicidade: um aspecto do gênero. **Fórum Linguístico**. v. 14, n. 1. 2017, p. 1767- 1778.

DRONKERS, N. F. **The role of syntax in automatic speech processing**. Paper presented at the 22nd Meeting of the Academy of Aphasia, Los Angeles, California, 1984.

ELMORE, C. M.; GORHAM, D. R. Measuring the impairment of the abstracting function with the proverbs test. **Journal of Clinical Psychology**, 13, 1957, p. 263–266.

FACHINI, S.R.V. A compreensão de metáforas por portadores de lesão no Hemisfério direito: uma investigação a ser (re)considerada. Linguagem em (Dis)curso – **LemD**, v.7, n. 3, set/dez, 2007, p. 405-416.

FAUST, M; MASHAL, N. RH advantage in processing novel metaphoric expressions: A DVF Study. **Neuropsychologia**. 45, 2007, p. 860–870.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FLAVELL, J.H. **Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry.** Em H. Parke (Orgs.), Contemporary readings in child psychology. New York: McGraw Hill, 1981, pp. 165-169.

FORCEVILLE, C. **Pictorial metaphor in advertising**. USA: Routledge, 1996.

FORCEVILLE, C. **Metaphor in pictures and multimodal representations**. In: GIBBS, R. (Ed.). The Cambridge Handbook of metaphor and thought. Oxford: University Press, 2008. p. 462-482.

FORCEVILLE, C. **Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research**. In: FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E.

(Eds.). Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 19-42.

GAGNON, L.; GOULET, P.; GIROUX, F.; JOANETTE, Y. Processing of metaphoric and non-metaphoric alternative meanings of words and right- and left- hemispheric lesion. **Brain and Language**, 87, 2003, 217-226.

GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R.; MANGUN, G. R. **Breve História da Neurociência Cognitiva**. In: GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R.; MANGUN, G. R. Neurociência cognitiva: a biologia da mente. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 20-37

GERALDI, J. W. **No espaço do trabalho discursivo, alternativas**. In: Portos de Passagem. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 115-217.

GIBBS, R. W. Spilling the beans on understanding and memory for idioms. **Memory & Cognition**, 8, 1980, p. 449–456.

GIBBS, R. W. **The poetics of mind: figurative thought, language and understanding.** Cambridge: University Press, 1994a.

GIBBS, R. W. **Figurative thought and figurative language.** In M. A. Gernsbacher (Ed.) Handbook of psycholinguisitics. San Diego: Academic Press, 1994b, p.411-446.

GIBBS, R. W. **Taking metaphor out of our heads and putting it in the cultural world**. In R. Gibbs and G. Steen (eds): Metaphor in Cognitive Linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GIBBS, R. W. A new look at literal meaning in understanding what is said and implicated. **Journal of Pragmatics**, v. 34, 2002, p. 457-486.

GIBBS, R. W. **Embodiment and Cognitive Science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

GIBBS, R. W. **Idioms and Formulaic Language.** In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 697-725.

GIBBS, R. W.; BEITEL, D. What proverb understanding reveals about how people think. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 118, Jul. 1995, p. 133-154.

GIBBS, R. W,; CAMERON, L. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. **Journal of Cognitive Systems Research***, 9*(1-2), 2008, p. 64-7.

GIBBS, R. W.; GONZALES, G.. Syntactic frozenness in processing and remembering idioms. **Cognition**, v. 20, set. 1985, p. 243-259.

GIBBS, R. W.; NAYAK, N. P., CUTTING, C. How to kick the bucket and not decompose: Analyzability and idiom processing. **Journal of Memory and Language**, 28, 1989, p. 576–593.

GIBBS, R. W; COLSTON, H.. **Interpreting figurative meaning.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

GIORA, R. **And Olmert is a responsible man -** On the priority of salience-based yet incompatible interpretations in non-literal language. In Kanai & Utsumi (Eds.). Special Issue on "The cognitive science of rhetoric". Cognitive Studies, 14/3, 2007, p. 1-14.

GIORA, R. On our mind. **Salience, context, and figurative Language**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

GIORA, R. Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis. **Cognitive Linguistics** 8, 1997, p. 183-206.

GLENK, E. Fórmulas de rotina: uma porta de entrada para padrões interacionais. **Revista de estudos germanísticos. Pandaemonium Germanicum** v. 11, 2007, p. 189-214.

GLUCKSBERG, S. The Psycholinguistics of metaphor. **Trends in Cognitive Sciences**, 7(2), 92-6, 2003.

GLUCKSBERG, S. **Understanding figurative language:** from metaphors to idioms. Oxford: Oxford Press, 2001.

GLUCKSBERG, S.; KEYSAR, B. Understanding metaphorical comparisons: Beyond similarity. **Psychological Review**, 97, 1990, p. 3 – 18.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: **Psychiatry**, vol 18, n. 3, 1955, p. 213-231.

GOFFMAN, E. **Footing**. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 70-97.

GOLDSTEIN, K. **La natureza humana a la luz de la Pasicopatologia.** Buenos Aires: Editorial Paidos, 1961.

GONZÁLEZ-FLORES, J. R. La predestinación del acto poético "Los heraldos negros" de César Vallejo. **Sincronia.** Primavera/ Spring 2004 Año 9 / Número 30 Marzo-Junio 2004.

GRADY, J. "Theories are buildings'' revisited. **Cognitive Linguistics** 8/3: 1997, p. 267–90.

GRADY, J. **A typology of motivation for conceptual metaphor:** Correlation vs. resemblance' in R. Gibbs and G. Steen (eds): Metaphor in Cognitive Linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GRICE, P. **Logic and conversation.** In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Eds). Syntax and semantics 3: Speech acts, p. 41-58. New York: Seminar Press, 1975.

GRIMES, A. Auditory Changes. In: LUBINSKI, R (Org). **Dementia and Comunication**. San Diego: Singular, 1995.

GROSS, M. Une classification des phrases "figées" du français. **Revue Québécoise de Linguistique**, Montréal: UQAM, v. 11, n. 2, 1982, p. p. 151-185.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HAMPE, B. (ed.) **From Perception to Meaning**. Image schemas in Cognitive Linguistics. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005.

HANKS, W. F. **O que é contexto.** In: BENTES, A.C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M.R. (Orgs.) Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169-203.

HEBLING, C. B. **Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não-afásicos**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP), 2009.

HERRERA, Jr. E. **Estudo epidemiológico populacional de demência na cidade de Catanduva,** *SP.* Tese de Doutorado. Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, 1998.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

JAKOBSON, R. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia.** In: Lingüística e Comunicação. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981. (Trabalho original publicado em 1954)

JESUS, I. T.; MIRANDA, N. S. Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva da questão da composicionalidade. **Veredas - Rev. Est. Ling,** Juiz de Fora, v.7, n.1 e n.2, jan./dez. 2003, p.263-277.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KEMPLER, D.; VAN LANCKER, D.; READ, S. Proverb and idiom comprehension in Alzheimer disease. **Alzheimer Disease and Associated Disorders**, 2(1), 1988, p. 38–49.

KEMPLER, D.; VAN LANCKER, D. **Familiar phrases, second-language learning and the brain.** Paper presented at the Conference on The Interaction of Linguistics, SecondLanguage Acquisition, and Speech/Language Pathology Milwaukee, Wisconsin, 1989.

KINTSCH, W. **Comprehension, a paradigm for cognition.** Cambridge University Press, 1998.

KINTSCH, W.; BOWLES, A.R. Metaphor comprehension: what makes a metaphor difficult to understand? **Met. Symb. Act.** 17, 2002, p. 249–262.

KLEIBER, G. **Sur les sens des proverbs.** Langages 139, p. 39-58, 2000.

KLEIBER, G.; CHARBONNEL, N. **La métaphore entre philosophie et rhétorique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

KOCH, I.V. **Introdução à linguística textual.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, I. V. **As tramas do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, I. V.; CUNHA-LIMA, M. L. **Do cognitivismo ao sociocognitivismo.** In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 251-300.

KOCH, I. V. TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência.** 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOLLER, V.. **Metaphor and Gender in Business Media Discourse**: A Critical Cognitive Study, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

KOVECSES, Z. **Metaphor: A Practical Introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2002.

KOVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KOVECSES, Z. **Language, Mind, and Culture.** A Practical Introduction. Oxford and New York: Oxford University Press, 2006.

KOVECSES, Z. The effect of context on the use of metaphor in discourse. **Ibérica (Journal of the European Association of Languages for Specific Purposes)**, Numero/Number 17, Primavera/Spring, 2009, p, 11–23.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction.** 2 ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Z. **Where metaphors come from**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold publishers, 2001.

KUHL, J.; KRASKA, K. **Self-regulation and metamotivation: Computational mechanisms, development, and assessment**. Em R. Kanfer, P. Ackerman & R. Cudeck (Orgs.), Abilities motivation methodology: The Minnesota symposium on learning and individual differences. N. J.: Erlbaum, 1989, P. 343-374.

LAKOFF, G. **Les universaux de la pensée métaphorique: variations dans l´expression linguistique.** In: FUCHS, C.; ROBERT, S. (Ed.). Diversité des langues et représentations cognitives. Paris: Ophrys, 1997.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind.** Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press: 1980.

LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor.** Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar.** New York: Oxford University Press, 2008.

LEBRUN, Y. **Tratado de afasia.** São Paulo: Panamed Editorial, 1983.

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais da neurociência.** São Paulo: Atheneu, 2001.

LOW, G.; TODD, Z.; DEIGNAN, A.; CAMERON, L. (eds.) **Researching and Applying Metaphor in the Real World**, Amsterdam: John Benjamins, 2010.

LURIA, A. R. **The working brain: an introduction to neuropsychology.** New York: Basic Books, 1976.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: Ed. USP, 1981. (Trabalho original publicado em 1949)

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** Capinas, S.P.: Pontes: Editora da UNICAMP, 1989.

MANCOPES, R; SCHULTZ, F. Processing of metaphors in transcortical motor aphasia. **Dementia & Neuropsychologia** 2(4), 2008, p, 339-348.

MANSUR, L. L.; CARTHERY, M.T.; CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Linguagem e Cognição na Doença de Alzheimer. **Psicologia: reflexão e crítica**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2005, p. 300-307.

MARCUSCHI, L. A. **Quando a referência é uma inferência.** Trabalho apresentado no "XLVIII Seminário do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo". Assis, 18 a 20 de maio, 2000.

MARCUSCHI, L. A. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, 2002, p. 43-62.

MASHAL, N; FAUST, M; HENDLER, T. Processing conventional vs. novel metaphors by the two cerebral hemispheres: Application of principle component analysis to fMRI data. **Neuropsychologia**. 2005; 43: p. 2084–2100.

MASHAL, N; FAUST, M; HENDLER, T.; JUNG-BEEMAN, M. An fMRI investigation of the neural correlates underlying the processing of novel metaphoric expressions. **Brain & Language.** 2007;100: p, 115–126.

MCCABE, A. Conceptual similarity and the quality of metaphor in isolated sentences vs. Extended contexts. **Journal of Psycholinguistic Research** 12, 1983, p. 41–68.

MCKHAAN G; DRACHMAN, D; FOLSTEIN, M; et al. Clinical diagnosis of Alzheimer's disease: report of the NINCDS-ADRDA work group under the auspices of department of health and human services task force on Alzheimer's disease. **Neurology** 34: 1984, p. 939-944.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. In: **Veredas - Revista de Estudos Lingüísticos**. Vol 5. nº 1, Janeiro/Junho. Juiz de Fora: Editora Ufjf., 2001 p.57-81.

MOGRABI, D.C.; MOGRABI, G.J.C.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. **Aspectos históricos da neuropsicologia e o problema mente-cérebro.** In: FUENTES, D; MALLOY-DINIZ, L.F.; CAMARGO, C.H.P.; COSENZA, R.M. (Org.) Neuropsicologia: Teoria e Prática. Artmed, 2ª ed. 2014.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. **Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação.** In: CAVALCANTI, M. M. et al. Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MORATO. E. M. **Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L. S. Vygotsky sobre a "função reguladora da linguagem" e algumas implicações lingüísticocognitivas para a Neurolingüística.** Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

MORATO, E. M. **Neurolingüística**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001a, p. 143-170. v. 2.

MORATO, E. M. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação antireferencialista dos processos enunciativos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 41, jul./dez. 2001b, p. 55-74.

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas)** – Campinas, SP: UNICAMP, 2002a.

MORATO, E. M. **O que ganham heuristicamente com a noção de referenciação os estudos neurolinguisticos?.** In: Saudades da língua. Eleonora Albano...[et al.] (orgs). Campinas: Mercado das Letras, 2003.

MORATO, E, M. **Metalinguagem e referenciação: a reflexidade enunciativa nas práticas referenciais.** In: Koch, Ingedore G.V.; Morato, E.M.; Bentes, A.C. (Orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto. 2005. p. 243-263.

MORATO, E. M. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **Rev. Est. Ling., Belo Horizonte,** v. 16, n. 1, jan./jun. 2008a, p. 157-177.

MORATO, E. M. **Da noção de competência no campo da Lingüística.** In: Inês SIGNORINI, I. (Org.) Situar a língua(gem). São Paulo: Parábola, 2008b, p. 39-66.

MORATO, E. M. **A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas.** São Paulo: Cortez, 2010.

MORATO, E. M. **O interacionismo no campo linguístico.** In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos. 5. ed., Vol. 3, São Paulo, Cortez, 2011, p. 311-351.

MORATO, E. M. **O estudo da metaforicidade no campo da Neurolinguística: velhas questões, novos desafios.** In: MOURA, H.M.; GABRIEL, R.. (Org.). Cognição na Linguagem. Florianópolis: Insular, 2012a.

MORATO, E. M. **Neurolinguística**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à Linguística – domínios e fronteiras. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 167-200, 2012b.

MORATO, E. M. Contribuições da Neurolinguística para a Linguística Aplicada - e vice-versa. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, 2014, p. 293-314.

MORATO, E. M. Das relações entre linguagem, cognição e interação – algumas implicações para o campo da saúde. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 16, n. 3, 2016, p. 575-590.

MORATO, E. M. Processos de (des)legitimação linguístico-cognitiva: notas sobre o campo das patologias. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 38, n. 105, p. 159-178, maio-ago, 2018, p. 159-178.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. Das intervenções de Bourdieu no campo da Lingüística: reflexões sobre competência e língua legítima. **Horizontes: Dossiê: Bourdieu**, vol. 20, jan./dez. 2002. p. 31-48.

MORATO, E. M; BENTES, A.C.; TUBERO, A.L.; MACEDO, H.O.; CAZELATO, S. O.; MIRA, C. C. R.; MARTINS, E. M. Processos implícitos, contextuais e multimodais na construção referencial em conversações entre afásicos e não afásicos: relato de pesquisa. **Linguagem em Dis(curso)**, 12(3), 2012, 711-742.

MORATO, E. M.; CRUZ, F. M. Os embates da memória. **Horizontes**, v.23, n.1,, jan.-jun. 2005, p.29-38.

MORATO, E.M.; RAJER, F.; TUBERO, A.L.; TAGLIAFERRE, R.C.S.; VISCARDI, J.; LIMA, S.S.P.; MACEDO, H.O.; VEZALI, P. **A semiologia das afasias - perspectivas linguísticas.** São Paulo: Cortez, 2010.

MORAWSKI, M. Idiom processing in aphasic patients. **Poznań Studies in Contemporary Linguistics** 45 (2), 2009, p. 245–260.

MORRIS, R. G.; BADDELEY, A. Primary and working memory func– tioning in Alzheimer-type dementia. **Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology,** 10, 1988, p. 279-296.

MOURA, H. M. M. Linguagem e cognição na interpretação de metáforas. **Veredas** 10, 2003, p. 153-161.

MOURA, H. M. M. Metáfora: das palavras aos conceitos. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 139, 2005, p. 20-50.

MOURA, H. M. M. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. **Linguagem em (Dis)curso** 7-3, 2007, p. 417-452.

MOURA, H. M. M. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora. **Rev. Est. Ling**., Belo Horizonte, v. 16, n. 1, jan./jun. 2008, p. 179-200.

MOURA, H.; VEREZA, S.; ESPÍNDOLA, L.. Metáfora e contexto: entre o estável e o instável. **Interdisciplinar**. v.17, 2013, p. 177-199.

MUELLER, R. A. G.; GIBBS, R. Processing idioms with multiple meanings. **Journal of psycholinguistic research**, v. 16, n. 1, jan. 1987, p. 63-81.

MULLER, C. **Metaphors dead and alive, sleeping and waking: A dynamic view**. Chicago, London: University Of Chicago Press, 2008.

MUSOLFF, A. **Metaphor and Political Discourse: Analogical Reasoning in Debates about Europe**, Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004.

MYERS, P. S.; LINEBAUGH, C. W. **Comprehension of idiomatic expressions by righthemisphere-damaged adults**. In "Clinical Aphasiology Proceedings". (Ed.) Brookshire, 1981.

NACEY, S. **Metaphors in learner English**. Hedmark University College, Norway: John Benjamins Publishing Compagny, 2013.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NICHOLAS, M.; OBLER, L. K.; ALBERT, M. L.; HELM-ESTABROOKS, N. Empty speech in Alzheimer's disease and fluent aphasia. **Journal of Speech and Hearing Research**, 28(3), 1985, p. 405-410.

NIPPOLD, M. A.; HAQ, F. S. Proverb comprehension in youth: The role of concreteness and familiarity. **Journal of Speech and Hearing Research**, 39, 1996, p. 166–176.

NOCENTINI, U; KAHLAOUI, K; ROBERTS, P; Processing of denotative and connotative alternative meaning of words after left- and right-hemispheric lesion. **Brain Lang**; 99: 2006, p. 100-101

NUNBERG, G.; SAG, I. A.; WASOW, T. Idioms. **Language***,* 70: 1994, p. 491-538.

ORTIZ, K. Z.; P. H. F. BERTOLUCCI. Alterações de linguagem nas fases iniciais da Demência de Alzheimer. **Arquivos de Neuropsiquiatria,** São Paulo, v. 63, n. 2, 2005, p. 311- 317.

PAPAGNO, C. Comprehension of metaphors and idioms in patients with Alzheimer's disease – A Longitudinal study. **Brain** 124, 2001, p. 1450-1460.

PAPAGNO, C.; CAPORALI, A. Testing idiom comprehension in aphasic patients: The effects of task and idiom type. **Brain and Language**, 100(2), 2007, p. 208–220.

PAPAGNO, C.; GENONI, A. The role of syntactic competence in idiom comprehension: a study on aphasic patients. **Journal of Neurolinguistics**, 2004, p. 1–12.

PAPAGNO, C.; LUCCHELLI, F.; MUGGIA, S; RIZZO, S. Idiom comprehension in Alzheimer's disease: The role of the central executive**. Brain**, 126, 2003, p. 2419–2430.

PAPAGNO, C.; OLIVERI, M.; ROMERO, L. Neural correlates of idiom comprehension. **Cortex**, 38, 2002, p. 895-898.

PAPAGNO, C.; L. ROMERO LAURO. The neural basis of idiom processing: Neuropsychological, neurophysiological and neuroimaging evidence. **Italian Journal of Linguistics/Rivista di Linguistica** 22, 2010 p. 21–40.

PAPAGNO, C.; TABOSSI; COLOMBO, M. R.; ZAMPETTI, P. Idiom comprehension in aphasic patients. **Brain and Language** 89. 226-234, 2004.

PENN, N. E.; JACOB, T. C.; BROWN, M. Familiarity with proverbs and performance of a black population on Gorham's Proverbs Test. **Perceptual and Motor Skills**, 66(3), 1988, p. 847–854.

PIRES DE OLIVEIRA, R. 'A Manhã é uma esponja': Um estudo sobre a engenhosidade semântica. **DELTA** (13) 2, 1997.

PYNTE, J.; BESSON, M.; ROBICHON; F.; POLI, J. The time-course of metaphor comprehension: An event-related potential study. **Brain & Language** 55, 1996, p. 293-316.

RAPP, A. M.; LEUBE, D. T.; ERB, M. Neural correlates of metaphor processing. **Brain Res Cogn Brain Res** 20: 2004, p. 395-402.

RAPP, A. M.; LEUBE, D. T.; ERB, M.; GROOD, W.; KIRCHER, T. T. J. Laterality in metaphor processing: lack of evidence from functional magnetic resonance imaging for the right hemisphere theory. **Brain & Language**. 100. 2007, p. 142–149.

RASSIGA, C.; LUCCHELLI, F.; CRIPPA, F.; PAPAGNO, C. Ambiguous idiom comprehension in Alzheimer's disease. **Journal of Clinical and Experimental Neuropsychology**, 31(4), 2009, p. 402–411.

RICHARDS, I. A. **The philosophy of rhetoric.** New York and London: Oxford University Press, 1936.

RINALDI, M. C.; MARANGOLO, P.; BALDASSARRI, F. Metaphor comprehension in right brain-damaged subjects with visuo-verbal and verbal material: a dissociation (re)considered. **Cortex**, v. 38, n. 5, 2002, p. 903-907.

RISSO, M. S. A emergência da atividade discursiva no texto falado: sinalização metadiscursiva da busca da denominação. **Estudos Linguísticos XXIX**. Assis, 2000, p. p. 103-111.

RISSO, M. S.; JUBRAN, C. C. A. S. O discurso autorreflexivo: processamento metadiscursivo do texto. **DELTA**, v. 14, especial, 1998, p. 227-242.

RITCHIE, D. 'Argument is war—Oris it a game of chess? Multiple meanings in the analysis of implicit metaphors,' **Metaphor and Symbol** 18/2, 2003, p. 125–46.

RIVA, H. C. **Dicionário Onomasiológico de Expressões Idiomáticas da Língua Portuguesa do Brasil**. São José do Rio Preto, 2009. Tese (Doutorado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

SALOMÃO, M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: **Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos**, no 4. Juiz de fora: Editora da UFJF. 1999, p. 61-79.

SALOMÃO, M. M. Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a Linguística Cognitiva e suas relações com outras ciências. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, n. 41, 2010, p. 15- 25.

SANTOS, M. T. F.; GUERRA ,G.; MENEZES, T. L.; CARVALHO, T. L.; ALCHIERI, J.C.; SOUGEY, E. B. Preliminary data on a mnemonic instrument with proverbs for tracking Alzheimer's disease. **Dementia & Neuropsychologia**, 2, 2008. P. 333–338.

SANTOS, M.T.F.; SOUGEY, E.B.; ALCHIERI, J.C. Validity and reliability of the Screening Test for Alzheimer's disease with Proverbs for the elderly. **Arquivos de Neuro-psiquiatria**, 67(3-B), 2009, p. 836–842.

SARDINHA, T. B. Metáforas de Lula e Alckmin nos debates de 2006 em uma perspectiva da Linguística de Corpus. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, São Paulo, v. 7, n. 2, 2007, p.139-164.

SCHMIDT, G. L.; DEBUSE, C. J.; SEGER, C. A. Right hemisphere metaphor processing? Characterizing the lateralization of semantic processes. **Brain & Language**. 100, 2007, p. 127–141.

SARDINHA, T. B. Metáforas e Linguística de Corpus: Metodologia de análise aplicada a um gênero de negócios. **D.E.L.T.A**., n. 27, v. 2011, p.1-20.

SÉ, E. V. G. **Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, 2011.

SEARLE, J. **Expression and Meaning**. Cambridge University Press, 1979.

SEMINO, E.. 'The metaphorical construction of complex domains: The case of speech activity in English', **Metaphor and Symbol**, 20, 1, 2005, p. 35–69.

SEMINO, E. **Metaphor in discourse.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SEMINO et al.. 'Methodological problems in the analysis of metaphors in a corpus of conversations about cancer'. **Journal of pragmatics** 36. 2004, p. 1271-1294.

SERENIKI, A.; VITAL, M. A. B. F. A doença de Alzheimer: aspectos fisiopatológicos e farmacológicos. **Rev. Psiquiatr**, Rio Grande do Sul, vol.30, n.1, p. 1-17, 2008.

SILVA, A. S.; CUENCA, M. J.; ROMANO, M. The **Conceptualisation of AUSTERITY in the Portuguese, Spanish and Irish Press**. In Farzad Sharifian (ed.) Advances in Cultural Linguistics. Singapore: Springer, 345-368, 2017.

SILVA, A. S.; LEITE, J. E. R. (Orgs.). 35 anos de Metáforas da Vida Cotidiana: **Edição Temática da Revista Investigações** – Linguística, Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Brasil: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SIMAN, J. H. **Os frames de Doença de Alzheimer.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. 2015.

SIQUEIRA, M.; MARQUES, D. F.; GIBBS, R. W. Metaphor-related figurative language comprehension in clinical populations: a critical review. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, 2º sem. 2016, p. 36-60.

SIQUEIRA, M; PEREIRA, L. B.; FERRARI, C. G.; LOPES, N. Mapeamentos metafóricos e metonímicos em provérbios do português brasileiro. **ReVEL**. 15(29), 2017a, p. 159-175.

SIQUEIRA, M.; JUNIOR, S. D.; PEREIRA, L. B.; FERRARI, C. G.; LOPES. N. Compreensão de expressões idiomáticas em período de aquisição da linguagem. **Let. Hoje**, v. 52, n. 3, jul.-set. 2017b, p. 391-400.

SPERBER, D.; WILSON, D.. **Relevance: Communication and cognition** (2nd ed.) Oxford: Blackwell. 1995.

SPERBER, D.; WILSON, D. **A deflationary account of metaphor**. In: GIBBS, R. The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought. Cambridge: Cambridge University Press. 2008.

STEEN, G. **Understanding metaphor in literature: an empirical approach**. London: Longman, 1994.

STEEN, G.. **A rhetoric of metaphor: linguistic and conceptual metaphor and the psychology of literature.** In D. H. SCHRAM & G. J. STEEN (Eds.), The Psychology and Sociology of Literature: In Honor of Elrud IbschM (Vol. 35, pp. 145-164). Amsterdam: John Benjamins, 2001.

STEEN, G. Metaphor in applied linguistics: four cognitive approaches. **D.E.L.T.A**, n. 22, 2006, p. 21-44.

STEEN, G. **Finding Metaphor in Grammar and Usage**, Amsterdam: John Benjamins, 2007.

STEEN, G. The paradox of metaphor: Why we need a three-dimensional model of metaphor. **Metaphor and Symbol**, 23 (4), 2008, p. 213-241.

STEEN, G.; DORST, A. G.; HERMANN, J. B.; KAAL, A. A.; KRENNMAYR, T.; PASMA, T.. **A Method for Linguistic Metaphor Identification**, Amsterdam: John Benjamins, 2010.

SCHRODER, U. A Metáfora Corporificada e sua Função Multimodal para o Jogo de Linguagem 'Duelo Verbal' no Hip Hop. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes,** 3(6), 2013, p. 62-74.

SHARIFIAN, F. **Cultural conceptualizations and language: Theoretical framework and applications.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

STEEN, G.; GIBBS, R.. **Introduction.** In GIBBS, R.; STEEN, G. (Eds.), Metaphor in Cognitive Linguistics (pp. 1-8). Amsterdam: John Benjamins, 1999.

STRINGARIS, A. K.; MEDFORD, N. C.; GIORA, R; GIAMPIETRO, C. V.; BRAMMER, J. M.; DAVID, S. A. How metaphors influence semantic relatedness judgments: The role of the right frontal cortex. **NeuroImage**. 2006; 33, p. 784–793.

STRINGARIS, A. K.; MEDFORD, N. C.; GIAMPIETRO, V. Deriving meaning: Distinct neural mechanisms for metaphoric, literal, and non-meaningful sentences. **Brain Lang** 2007; 100: p. 150-162.

SWINNEY, D. A.; CUTLER, A. The access and processing of idiomatic expressions. **Journal of verbal learning and verbal behavior***,* v. 18, out. 1979, p. 523-534.

TEIXEIRA, J. Mecanismos Metafóricos e Mecanismos Cognitivos: Provérbios e Publicidade. **Actas del VI Congreso de Lingüistica General**, Madrid: Arco Libros, 2007.

TEIXEIRA, J. **Provérbios, Metáfora e publicidade: a sedução pelos implícitos**. In: X. Sánchez Rei; M.A. Marques, org., As Ciências da Linguagem no Espaço Galego-Português—Divergência e Convergência. 1.ª ed. [PDF] Braga: Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, pp.209-242, 2016.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Trabalho original publicado em 1999)

THIBODEAU, P. H.; DURGIN, F. H. Metaphor aptness and conventionality: a processing fluency account. **Metaphor Symbol** 26, 2011, p. 206–226.

TREVES, T. A.; RAGOLSK; M.; GELERNTER, I.; KORCZYN, A. D. Evaluation of a short mental test for the diagnosis of dementia. **Dementia**, 1, 1990, p. 102–108.

TULVING, E. Organization of memory: Quo vadis? In: S. Gazzaniga (Org.), **The cognitive neurosciences**. Massachusetts: MIT, 1995, pp. 839-847.

UEKERMANN, J.; THOMA, P.; DAUM, I. Proverb interpretation changes in aging. **Brain and Cognition**, 67(1), 2008, p. 51–57.

ULATOWSKA, H.; SADOWSKA, M.; KADZIELAWA, D.; KORDYS, J.; RYMARCZYK, K. Linguistic and cognitive aspects of proverb processing in aphasia. **Aphasiology**, New York, v.14, n. 3, March 2000, p.227-250.

URBANO, H. **Dicionário Brasileiro de Expressões Idiomáticas e Ditos Populares.** São Paulo: Cortez, 2018.

VAN DIJK, T. **Cognitive context models and discourse**. In: Stamenov, M. (Ed.) Cognition and Consciousness, p.189-226.. Amsterdam: Benjamins, 1997.

VAN LANCKER, D.; KEMPLER, D. Comprehension offamiliar phrases by left- but not by right-hemisphere damaged patients. **Brain and Language**, 32, 1987, p. 265-277.

VEREZA, S. Mal comparando…: os efeitos argumentativos da metáfora e da analogia numa perspectiva cognitivo-discursiva. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, 2. sem., 2016, p. 18-35.

VEREZA, S. C. Metáfora é que nem...: cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, jul/dez, 2013, p. p. 2-21.

VEREZA, S. C. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 41, 2010, p. 199-212.

VEREZA, S. C. "Metáfora e argumentação: uma abordagem discursiva". **Linguagem e Discurso**. vol. 23, 2007. pp. 487-506.

VYGOTISKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. (Trabalho original publicado em 1934)

XATARA, C. **Dictionnaire d'expressions idiomatiques portugais du Brésil et du Portugal - français de la France, de la Belgique et du Canada.** 2013. Disponível em: www.deipf.ibilce.unesp.br

XATARA, C.M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas francês**. 1998. 254 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1998.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. **Veredas on-line**, v. 1, 2008, p. 33-48.

ZAIDEL, E.; KASHER, A.; SOROKER, N.; BATORI, G. Effects of right and left hemisphere damage on performance of the right hemisphere communication battery. **Brain Lang**. 80, 2002, p. 510–535.

ZANOTTO, M. S., MOURA; H. M. M; VEREZA, S. C. e NARDI, M. I. **Apresentação à Edição Brasileira**. In: LAKOFF, G. e JOHNSON, M. Metáforas da vida cotidiana. Trad. Maria Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

WEINERT, F. E. **Metacognition and motivation as determinants of effective learning and understanding**. In F. E. Weinert & R. Kluwe (Orgs.), Metacognition, motivation, and understanding, Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1987, p. 1-16.

WILSON, D.; SPERBER, D. Teoria da Relevância. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. esp., p. 2005, p. 221-268.

WINNER, E.; GARDNER, H. The comprehension of metaphor in brain-damaged patients. **Brain** 100, 1977, p. 719-727.

WRAY, A.; PERKINS, M.R. The functions of formulaic language: An integrated model. **Language & Communication**, 20, 2000, p. 1-28.

ANEXOS

Anexo 1: Ficha de coleta de dados sociodemográficas, atividades sociocognitivas e funcionais, assim como condições de saúde dos participantes

Informações sobre o participante

Data		**DA**		**Afasia**		**Controle**		**SIGLA**	
Identificação									
Nome									
Idade					**Sexo**				
Escolaridade					**Estado Civil**				
Naturalidade					**Telefone**				
Endereço									
Profissão					**Ocupação**				
Caracterização cotidiana									
Com quem mora?									
Tem filhos?									
É aposentado?									
O que costuma fazer ao longo do dia/semana?									
Desenvolve atividades físicas e/ou de lazer? Quais?									
Condições de saúde									
Há quanto tempo a condição clínica (DA/afasia) teve início?									
Quais características relativas à condição clínica o participante/familiar vem percebendo ao longo do tempo?									
O participante realiza algum tipo de tratamento? Qual?									
Existem comorbidades (outras condições clínicas) relativas à saúde do participante?									

Qualidade Interativa/Comunicacional	
Antes de ter a condição clínica (DA/afasia), como era a interação/comunicação do participante?	
Desde que a condição teve início, como e com que frequência tem sido a interação do participante com outras pessoas?	
O participante inicia diálogos espontaneamente?	
Quais diferenças são notadas entre a forma como o participante interagia e se comunicava antes e depois do advento da condição clínica?	
Quais as principais dificuldades interativas e comunicacionais que o participante costuma ter ou das quais se queixa?	
O participante e/ou os seus familiares buscam meios alternativos para contornar essas dificuldades? Quais?	
Outras observações do participante/familiar	
Observações do pesquisador	

Anexo 2: Primeira versão do Protocolo de Expressões Metafóricas

Protocolo de Expressões Metafóricas – Primeira Versão
Provérbios
Uma andorinha só não faz verão.
Amor com amor se paga.
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.
A união faz a força.
A vingança é um prato que se come frio.
Não dê o passo maior que a perna.
Não coloque o carro na frente dos bois.
Quem entra na chuva, é pra se molhar.
Quanto maior a altura, maior o tombo.
Nos menores frascos estão os melhores perfumes.
Vaso ruim não quebra.
O amor é cego.
As aparências enganam.
A pressa é inimiga da perfeição.
Quem semeia vento colhe tempestade.
Expressões Idiomáticas
Fazer tempestade em copo d'água.
Estar com a pulga atrás da orelha.
Descascar o abacaxi.
Fazer das tripas coração.
Por uma pedra sobre o assunto.
Estar na fossa.
Cair na real.
Cair do cavalo.
Entrar pelo cano.
Dar a volta por cima.
Cantar de galo.
Dar nó em pingo d´água.
Procurar chifre em cabeça de cavalo.

Lavar a roupa suja.
Não ser flor que se cheire.
Metáforas
A enciclopédia é uma mina de ouro.
Ele é o cabeça da quadrilha.
Aquele atleta é um touro.
As vendas estão a todo vapor.
A economia anda na corda bamba.
O homem saiu de si.
Vou subir na vida.
Ela é uma pessoa acima de toda suspeita.
Minha batata da perna dói.
Fiquei nas nuvens.
Estou um pouco enferrujado hoje.
A cortina de fumaça é grande.
Minha sogra é uma serpente.
Criei raízes nessa cidade.
A inflação corrói nosso dinheiro.

Anexo 3: Desempenho interpretativo de BN e RP na primeira versão do Protocolo de Expressões Metafóricas.

Legendas: CR - Centralmente relevante; MR - Marginalmente relevante.

Participantes	BN		RP	
Procedimentos	Pr. 1	Pr. 2	Pr. 1	Pr. 2
PROVÉRBIOS				
Uma andorinha só não faz verão.	CR	CR	CR	CR
Amor com amor se paga.	CR	CR	CR	CR
Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.	CR	CR	CR	CR
A união faz a força.	CR	CR	CR	CR
A vingança é um prato que se come frio.	CR	CR	CR	CR
Não dê o passo maior que a perna.	CR	CR	CR	CR
Não coloque o carro na frente dos bois.	CR	CR	CR	MR
Quem entra na chuva, é pra se molhar.	CR	CR	CR	CR
Quanto maior a altura, maior o tombo.	CR	CR	CR	CR
Nos menores frascos estão os melhores perfumes.	CR	CR	CR	CR
Vaso ruim não quebra.	CR	CR	CR	CR
O amor é cego.	CR	CR	CR	CR
As aparências enganam.	CR	CR	CR	CR

A pressa é inimiga da perfeição.	CR	CR	CR	CR
Quem semeia vento colhe tempestade	CR	CR	CR	CR
IDIOMÁTICOS				
Fazer tempestade em copo d'água.	CR	CR	CR	CR
Estar com a pulga atrás da orelha.	CR	CR	CR	MR
Descascar o abacaxi.	CR	CR	CR	CR
Fazer das tripas coração	CR	CR	CR	CR
Por uma pedra sobre o assunto.	CR	CR	CR	CR
Estar na fossa.	CR	CR	CR	CR
Cair na real.	CR	CR	CR	CR
Cair do cavalo.	CR	CR	CR	CR
Entrar pelo cano.	CR	CR	CR	CR
Dar a volta por cima.	CR	CR	CR	CR
Cantar de galo.	CR	CR	CR	CR
Dar nó em pingo d´água.	CR	CR	MR	CR
Procurar chifre em cabeça de cavalo.	CR	MR	MR	CR
Lavar roupa suja.	CR	CR	CR	CR
Não ser flor que se cheire.	CR	CR	CR	CR

METÁFORAS				
A enciclopédia é uma mina de ouro.	CR	CR	CR	CR
Ele é o cabeça da quadrilha.	CR	CR	CR	CR
Aquele atleta é um touro.	CR	CR	CR	CR
As vendas estão a todo vapor.	CR	CR	CR	CR
A economia anda na corda bamba.	CR	CR	MR	CR
O homem saiu de si	CR	CR	CR	CR
Vou subir na vida.	CR	CR	CR	CR
Ela é uma pessoa acima de toda suspeita.	CR	CR	CR	CR
Minha batata da perna dói.	CR	CR	CR	CR
Fiquei nas nuvens	CR	CR	CR	CR
Estou um pouco enferrujado hoje.	CR	CR	CR	CR
A cortina de fumaça é grande.	CR	CR	MR	MR
Minha sogra é uma serpente.	CR	CR	CR	CR
Criei raízes na cidade.	CR	CR	CR	CR
A inflação corrói nosso dinheiro.	CR	CR	CR	CR

Anexo 4: Expressões substituídas da primeira versão do Protocolo e suas respectivas substituições.

Expressões substituídas e respectivas substituições	
Expressão substituída	**Expressão inserida**
Provérbios	
Uma andorinha só não faz verão.	Quem não chora, não mama.
Expressões Idiomáticas	
Estar com a pulga atrás da orelha. Cantar de galo. Dar nó em pingo d´água Procurar chifre em cabeça de cavalo.	Achar pelo em ovo. A carne é fraca As paredes têm ouvido. Nem que a vaca tussa.
Metáforas	
Aquele atleta é um touro. A economia anda na corda bamba. O homem saiu de si. Ela é uma pessoa acima de toda suspeita. A cortina de fumaça é grande.	Cortei o dedo com a coroa do abacaxi. O Brasil está afundando. Ele saiu de si. Estou com a autoestima no teto. Maria é uma lesma.

Anexo 5: Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp

UNICAMP - FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNIVERSIDADE DE CAMPINAS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Regularidades linguísticas e conceptuais na interpretação de sintagmas metafóricos por indivíduos com afasia e Doença de Alzheimer

Pesquisador: NATHALIA LUIZ DE FREITAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61924216.8.0000.5404

Instituição Proponente: Instituto de Estudos da Linguagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.973.985

Apresentação do Projeto:

Inscrita em uma perspectiva teórico-metodológica sociocognitiva de cunho interacionista (TOMASELLO, 2003) e discursiva, esta pesquisa objetiva investigar de que formas atuam as regularidades linguísticas e estruturas conceptuais na interpretação de sintagmas metafóricos (expressões idiomáticas, provérbios e metáforas) por afásicos e pessoas com diagnóstico de Doença de Alzheimer em fase inicial, de modo a caracterizar a dimensão linguístico-cognitiva da linguagem figurada no contexto dessas patologias. A comparação entre ambas as entidades nosológicas se mostra importante tendo em vista serem as relações tangentes à linguagem nas patologias cerebrais ainda controversas, sobretudo quando observadas as definições dessas doenças pela literatura tradicional, baseadas em dicotomias de diversas ordens nos estudos tradicionais a elas dedicados. O corpus da pesquisa será constituído de respostas de dois participantes afásicos, dois participantes com Doença de Alzheimer e quatro participantes sem comprometimento neurológico (grupo controle) a um Protocolo de Sintagmas Metafóricos. Tal protocolo, elaborado para as finalidades da pesquisa, visa à obtenção de dados sobre regularidades linguísticas e conceptuais e de aspectos de ordem sociocognitiva, discursiva e pragmática do fenômeno metafórico. As análises quantitativas e qualitativas obtidas considerarão o grau de metaforicidade da expressão em foco, o índice de relevância semânticopragmática da

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

interpretação fornecida, a pertinência à situação de uso e a explicação metalinguística relativas aos sintagmas focalizados. Tal investigação tem potencial para contribuir com a compreensão do fenômeno metafórico e do envolvimento da linguagem e de outros processos cognitivos nas afasias e na Doença de Alzheimer.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar e investigar de que formas atuam as regularidades linguísticas e conceptuais mobilizadas no cálculo metafórico realizado para interpretar a metaforicidade em expressões idiomáticas, provérbios e metáforas por afásicos e pessoas com DA.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de pesquisa de doutorado, realizada no Instituto de Estudos da Linguagem-UNICAMP, junto ao CCA - Centro de Convivência de Afásicos e o LAFAPE – Laboratório de Fonética e Psicolinguística do IEL.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE foi ajustado e está adequado. Há também um TCLE para o responsável legal, caso a família entenda que o participante não possa dar o seu consentimento. Considero que as pendências aqui foram resolvidas a contento.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considero que as pendências apontadas no parecer anterior foram sanadas, tanto no que se refere ao TCLE quanto na questão da capacidade de consentir.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

-Lembramos que segundo a Resolução 466/2012 , item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_821687.pdf	07/03/2017 15:02:16		Aceito
Outros	CartaRespostaaoParecerConsubstanciadodoCORRIGIDOCEP.pdf	07/03/2017 14:57:12	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLENathaliaFreitasResponsavelDACORRIGIDOCEP.pdf	07/03/2017 14:56:48	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLENathaliaFreitasDAafasiasCORRIGIDOCEP.pdf	07/03/2017 14:55:26	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	10/11/2016 14:17:24	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	detalhadoprojetoComitedeEticaNathalia.pdf	10/11/2016 09:00:51	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito
Brochura Pesquisa	OKprojetoNathaliaModeloCEP.pdf	10/11/2016 09:00:16	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito
Outros	AtestadoMatriculadoutorado.pdf	09/11/2016 21:31:51	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	09/11/2016 21:30:21	NATHALIA LUIZ DE FREITAS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

CAMPINAS, 21 de Março de 2017

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador)

Anexo 6: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Este é um convite para participar voluntariamente de uma entrevista que compõe uma pesquisa de doutorado (Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp), desenvolvida pela pesquisadora Nathália Luiz de Freitas e orientada pela professora/pesquisadora Dra. Edwiges Maria Morato. Após as informações e os esclarecimentos que se seguem sobre o estudo, caso haja o aceite de fazer parte dele, este documento deve ser assinado em suas duas vias para confirmar o consentimento de participação.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa a assegurar os direitos do participante. Leia este documento com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, o senhor/a senhora poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Não haverá qualquer tipo de penalização ou prejuízo se o senhor/a senhora não aceitar permitir a participação ou retirar sua autorização em qualquer momento.

1. Título do Projeto:

Regularidades linguísticas e conceptuais na interpretação de sintagmas metafóricos por indivíduos com afasia e Doença de Alzheimer

2. Justificativa:

Tanto as afasias, quanto a Doença de Alzheimer podem comprometer a produção e a interpretação da linguagem, de diversas formas e por várias razões. É de interesse desta pesquisa compreender um aspecto particular da linguagem, o sentido figurado, característica de provérbios, metáforas ou expressões idiomáticas. Com este estudo, será possível compreender melhor as dificuldades de linguagem em ambas as patologias e estabelecer relações entre linguagem e outros sistemas cognitivos (como a memória) importantes para a interpretação do sentido figurado.

3. Objetivo:

Investigar processos linguísticos, cognitivos e culturais envolvidos na compreensão de expressões metafóricas por indivíduos com afasia e por pessoas diagnosticadas com provável doença de Alzheimer em fase inicial.

4. Procedimentos:

Os procedimentos gerais do estudo consistem em apresentar a cada participante individualmente, de forma oral e por escrito, 30 expressões metafóricas, uma de cada vez, perguntando "o que quer dizer" tal expressão; e, em seguida, pedir que o participante imagine uma situação na qual caberia o emprego de determinada expressão. A entrevista será registrada em formato audiovisual. A gravação em vídeo será realizada para que se possa fazer a transcrição de gestos ou expressões faciais que contribuam para os movimentos interpretativos realizados pelo participante. Os vídeos não serão divulgados, apenas sua transcrição, e sempre no contexto acadêmico e com o devido anonimato. Os dados coletados não serão descartados, mas, armazenados, por tempo indeterminado, no Laboratório de

Fonética e Psicolinguística da Unicamp, sob a responsabilidade da professora Dra. Edwiges Maria Morato e da pesquisadora Nathália Luiz de Freitas.

5. Desconfortos e riscos previsíveis:

A pesquisa não apresenta desconfortos e riscos previsíveis. O tempo estimado à coleta de dados é de 1 hora.

6. Benefícios:

O participante não terá benefícios diretos decorrentes da pesquisa. Sua participação trará benefícios indiretos, tal como a contribuição para uma maior compreensão dos processos de produção e compreensão da linguagem associados às afasias e à Doença de Alzheimer, principalmente de linguagem metafórica, desenvolvidos por pessoas com afasia e por pessoas diagnosticadas com provável Doença de Alzheimer.

7. Esclarecimentos, acompanhamento e assistência:

O participante terá todos os esclarecimentos de que necessitar antes, durante e depois da entrevista, podendo contactar a pesquisadora, a qualquer momento, através do endereço e telefone fornecidos ao final deste documento.

8. Garantia de Sigilo e Privacidade:

A identidade do participante será preservada tanto na manipulação dos dados coletados quanto na divulgação dos resultados do estudo. Apenas as iniciais do nome do participante serão utilizadas nas transcrições da entrevista e na redação de textos para a divulgação científica.

9. Garantia de Ressarcimento e de Indenização:

Quanto ao ressarcimento, não haverá qualquer forma de reembolso financeiro decorrente da participação, já que a pesquisadora se deslocará até o participante da pesquisa para realizar a coleta de dados. Ao participante é garantida a indenização diante de eventuais danos decorrentes da participação da pesquisa, como prevê o artigo IV. 3, letra “h”, da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

10. Contato da Pesquisadora

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, Caixa Postal 6045. CEP 13083-970. Cidade Universitária – Campinas/SP. Tel: (19) 35211532.

Para maiores esclarecimentos, o senhor/a senhora pode consultar também:
Comitê de Ética da UNICAMP. End: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Ciências Médicas (FCM), Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126, Distrito de Barão Geraldo Campinas (SP), CEP: 13083-887. Fone/Fax: (19) 3521-8936. Fone/Fax: (19) 3521-7187 e-mail: cep@fcm.unicamp.b

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu,....., abaixo assinado, declaro ter sido devidamente informado e esclarecido sobre os procedimentos e propósitos da pesquisa "Regularidades linguísticas e conceptuais na interpretação de sintagmas metafóricos por indivíduos com afasia e Doença de Alzheimer”. Concordo em

participar voluntariamente do estudo e autorizo a pesquisadora Nathália Luiz de Freitas, doutoranda em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, a gravar esta entrevista e a utilizar os dados obtidos através da transcrição para fins acadêmicos. Meus dados transcritos poderão ser utilizados também pelos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa COGITES (Cognição, Interação e Significação), coordenado pela Profa. Dra. Edwiges Maria Morato, para fins acadêmicos. Nesses termos, sem que tenha havido qualquer tipo de constrangimento ou de coação para a minha participação como voluntário e sendo conhecedor da total liberdade de me recusar a participar ou de me retirar do estudo, dou meu pleno consentimento, livre e esclarecido, para a utilização das informações que oferecerei ao estudo a ser desenvolvido.

....., ... de ..... de .....

_____

Assinatura do Responsável Legal pelo Participante

Responsabilidade do Pesquisador

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades acadêmicas previstas ou conforme o consentimento dado pelo participante.

....., ... de ..... de .....

_____

Assinatura da Pesquisadora

Anexo 7: Sistema de transcrição utilizado pelo COGITES

As iniciais do nome e do sobrenome são utilizadas para a identificação dos participantes; a transcrição é apresentada em formato lista; o segmento sublinhado marca uma ênfase particular dada à palavra sublinhada ou parte dela; letras MAIÚSCULAS marcam um alto volume da voz; os símbolos ° ° marcam um volume baixo, ou murmúrio de voz

Fenômenos sequenciais:

[: inicio de *overlap* (sobreposição de vozes)

= : *latching* (simultaneidade de vozes)

& : continuação do turno de fala pelo mesmo locutor, para além da interrupção de linha da transcrição provocada pela introdução de overlap de outro locutor.

Pausas

. (micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas)

(x,x s) pausas medidas com ajuda do Felt Tip Sound Studio 2.1.1

Fenômenos segmentais

: alongamento silábico

h marca uma aspiração do locutor

H marca uma expiração do locutor.

Prosódia

/ e \ marcam as entonações crescentes e decrescentes

// e \\ marcam as entonações crescentes e decrescentes fortemente pronunciadas

Descrições e comentários

((risos)), entre parênteses, marcam os comentários do transcritor ou os fenômenos não transcritos

<> delimita o segmento ao qual se refere a descrição entre parênteses

Incertezas do transcritor

SI –segmento ininteligível

(hipótese) um segmento ouvido pelo transcritor, mas incerto

(hipótese 1 e 2) marcam duas possíveis variáveis (multitranscrição)

Descrição de ações (gestos, movimentos, olhares, posturas)

* * delimitam as ações descritas (na linha que se segue) e a relação à temporalidade da fala (outros símbolos, como + + , podem ser utilizados quando tratar-se de diversos fenômenos ou locutores)

------indica a sequência da ação

---->indica que a ação descrita continua na linha seguinte ou várias linhas seguintes

--->* indica o fim da ação descrita que continua em várias linhas